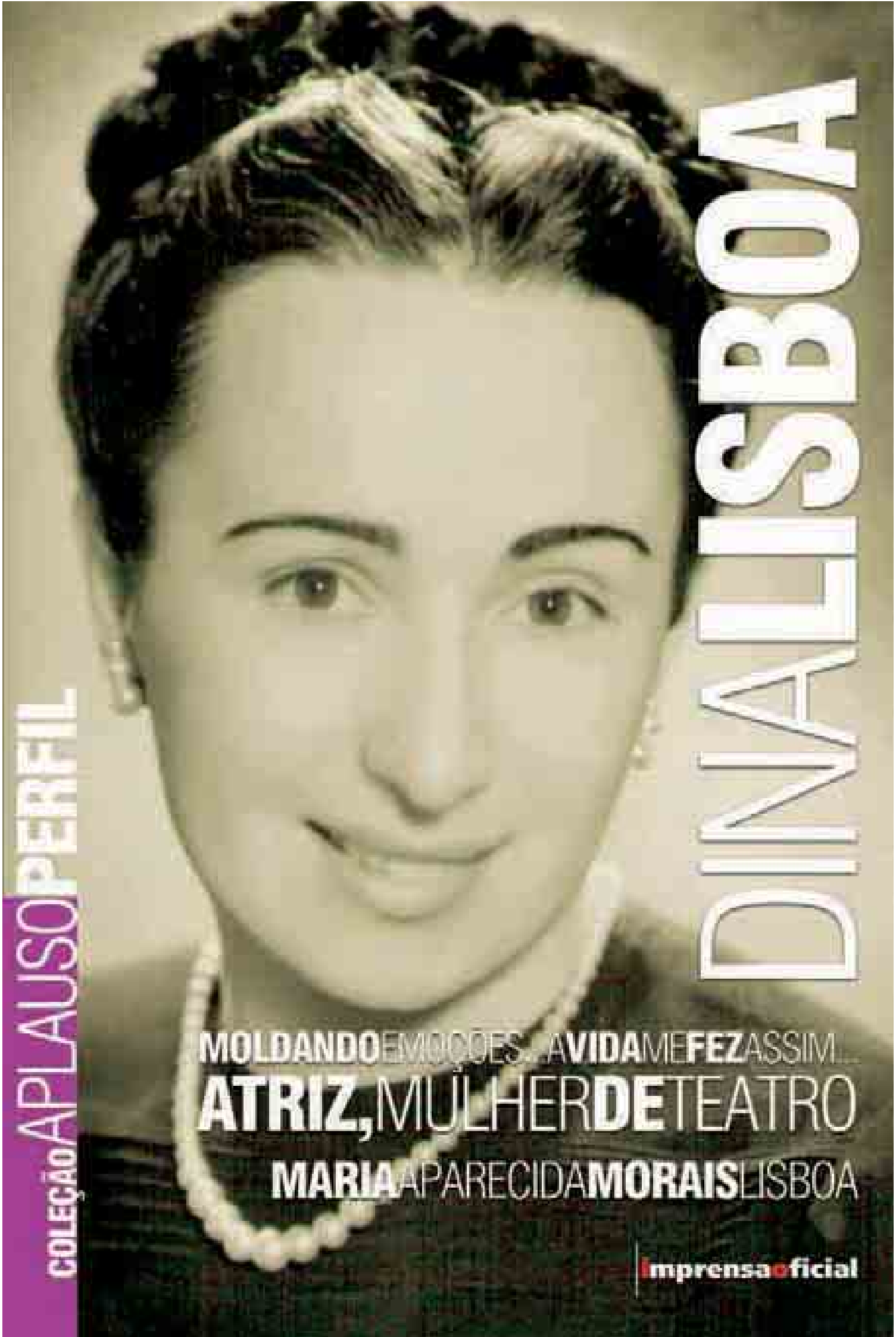


COLEÇÃO APLAUSO PERFIL

DINA LISBOA

MOLDANDO EMOÇÕES... A VIDA ME FEZ ASSIM... ATRIZ, MULHER DE TEATRO

MARIA APARECIDA MORAIS LISBOA

Imprensa Oficial

Dina Lisboa

Moldando emoções... A Vida me Fez Assim... Atriz, Mulher de Teatro

Dina Lisboa

Moldando emoções... A Vida me Fez Assim... Atriz, Mulher de Teatro

Maria Aparecida Lisboa

imprensaoficial

São Paulo, 2010

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador Alberto Goldman

imprensaoficial **Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

No Passado Está a História do Futuro

A Imprensa Oficial muito tem contribuído com a sociedade no papel que lhe cabe: a democratização de conhecimento por meio da leitura.

A Coleção Aplauso, lançada em 2004, é um exemplo bem-sucedido desse intento. Os temas nela abordados, como biografias de atores, diretores e dramaturgos, são garantia de que um fragmento da memória cultural do país será preservado. Por meio de conversas informais com jornalistas, a história dos artistas é transcrita em primeira pessoa, o que confere grande fluidez ao texto, conquistando mais e mais leitores.

Assim, muitas dessas figuras que tiveram importância fundamental para as artes cênicas brasileiras têm sido resgatadas do esquecimento. Mesmo o nome daqueles que já partiram são frequentemente evocados pela voz de seus companheiros de palco ou de seus biógrafos. Ou seja, nessas histórias que se cruzam, verdadeiros mitos são redescobertos e imortalizados.

E não só o público tem reconhecido a importância e a qualidade da Aplauso. Em 2008, a Coleção foi laureada com o mais importante prêmio da área editorial do Brasil: o Jabuti. Concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), a edição especial sobre Raul Cortez ganhou na categoria biografia.

Mas o que começou modestamente tomou vulto e novos temas passaram a integrar a Coleção ao longo desses anos. Hoje, a Aplauso inclui inúmeros outros temas correlatos como a história das pioneiras TVs brasileiras, companhias de dança, roteiros de filmes, peças de teatro e uma parte dedicada à música, com biografias de compositores, cantores, maestros, etc.

Para o final deste ano de 2010, está previsto o lançamento de 80 títulos, que se juntarão aos 220 já lançados até aqui. Destes, a maioria foi disponibilizada em acervo digital que pode ser acessado pela internet gratuitamente. Sem dúvida, essa ação constitui grande passo para difusão da nossa cultura entre estudantes, pesquisadores e leitores simplesmente interessados nas histórias.

Com tudo isso, a Coleção Aplauso passa a fazer parte ela própria de uma história na qual personagens ficcionais se misturam à daqueles que os criaram, e que por sua vez compõe algumas páginas de outra muito maior: a história do Brasil.

Boa leitura.

Alberto Goldman
Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se reconstitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –,

é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres
Diretor-presidente
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Dedicatória

À memória de Antônio Lisboa, o Vovô da Banda e à Maria Domênica Benedetti a Vovó Marica.

Sem os quais Dina não teria vindo à luz e podido transportar consigo o acervo artístico que adquiriu no seio familiar, fortemente evolutivo no tempo.

À família Lisboa, que também é Rodrigues dos Santos.

Pelo conjunto de valores a que se reporta, sensibilizaram seus membros para eternizarem o amor, o respeito e a admiração pela nossa querida tia Dina.

À Senhora Ilídia Floriza Maciel Manfredini

Querida Floriza, de cuja verdadeira amizade Dina desfrutou intensamente. Não era a atriz, mas a velha amiga que retorna para brindarem, juntas, a vida, apaziguarem as emoções e Dina, consolar o vazio do anonimato.

À atriz Etty Fraser

Amiga inseparável de Dina nos momentos áureos do teatro e sua companhia devotada no refúgio em Angatuba. O carinho e atenção de Etty mitigaram os percalços do ocaso da brilhante existência de Dina Lisboa. A ela a eterna gratidão dos familiares e amigos angatubenses.

Prefácio

Dina Lisboa...

Todos temos um mundo imenso de nós. Um mundo de coisas que acreditamos e utilizamos poucas vezes dentro da sociedade em que vivemos.

Mas, o ser atriz, que sempre nos mostrou Dina Lisboa, mostra momentos de vida interior e exterior como um desabrochar retórico dizendo sempre que não há nada seguro, mas temos de seguir, sem medo algum, de existirmos dentro de nossa profissão, mesmo que o chão pareça estar sumindo sob os nossos pés e que o globo esteja fora da órbita de onde estamos.

Ser atriz é uma obra de arte em si mesma. E os leitores deste livro verão a beleza que existe numa vida tão cheia de personalidade que me leva a creditar que somos frutos atualíssimos de nossa particular duração.

Trabalhando com Dina, percebia a grandeza de sua alma e sua seriedade diante das coisas que amava. O palco de um teatro a levava a perceber que era indispensável ter uma fidelidade absoluta para aquelas tábuas que, se cairmos nelas, não são elas, mas um abismo imenso que só nos salvaremos se tivermos asas.

Terminava cada cena, enriquecendo as palavras do diretor e mostrava sua destreza de viver um papel numa serenidade de integração apaixonante.

Amava a sua cozinha.

Todos nós sabíamos disso.

E a entrada em sua casa, primeiro era preciso ver a cozinha que ela mostrava com um desembarco, experiência, descaramento e ninguém deixava de sorrir apaixonadamente diante de sua forma.

Levou nas costas muitos anos, tudo o que se fazia na Televisão Tupi e engrandeceu as personagens mais fantásticas da literatura mundial. Vocês lerão tudo isso e ficarão dominados pela violência da sinceridade.

De amor, falava do seu pelo poeta Cassiano Ricardo, e as palavras sobre esse amor se recusavam a serem dominadas e eram fortemente invejáveis.

Nosso olhar sobre ela era receber a inteligência iluminante, com uma visão crítica do mundo e sempre apaixonada por todos os colegas, de todos os diretores que passaram pelo Teatro Brasileiro de Comédia até aos figurantes da Televisão Tupi.

Com ela ao nosso lado, não podíamos mais ter medo da vida. Dina Lisboa ficou em nossas mentes, como um rio de emoção.

Antônio Abujamra

Introdução

(...)
Faze-te sem limites no tempo.
Vê a tua vida em todas as origens.
Em todas as existências.
Em todas as mortes.
E saber que será assim para sempre.
Não queiras marcar a tua passagem.
Ela prossegue.
É a passagem que se continua.
É a tua eternidade.
És tu.

(Cecília Meireles, Cântico II)

Só a magia da arte nos faz lembrar o que existe lá no fundo e com ela vem a estranha sensação de estarmos ligados à alguma pessoa, a algum lugar, com gosto de saudade. Coisas presentes que nos abrem o mundo das ausências... saudade não seria isto?

Quando as coisas despertam e fazem brotar no coração, surgem a mágica, os fios das lembranças, os fios invisíveis da saudade e da esperança e, a partir dali, no lugar presente, temos nos olhos, a marca da esperança.

Como deve ser com qualquer um que ame e esteja longe e nada tenha nas mãos, a não serem palavras, memórias...

O mergulho nestas experiências do passado, nestas lembranças, transforma a redação deste livro num grande desafio: reelaborar o caminho da atriz Dina Lisboa pelas veredas das artes cênicas. Como recriou formas de agir, de pensar e as incorporou no campo artístico.

A partir da década de 1930, como mulher interiorana, Dina desenvolveu estratégias que lhe permitiram um ajustamento às circunstâncias do mundo das artes, como revelam *Coisas Minhas* dentre tantos muitos *guardados* que, certamente, gostaria de que existissem para sempre.

Num exercício laborioso, fecundo, construiu nas artes cênicas um modo exclusivamente seu de se viver, moldou emoções e impressões pertinentes a tudo a seu derredor.

Uma figura de mulher obstinada, convicta, altruísta, de espírito generoso, com muita propriedade inclinou-se para o ofício da teatralidade.

Representar. Representar sempre! Numa imensa capacidade de doação de si mesma, conseguiu ultrapassar os próprios limites.

Na Escola de Arte Dramática de São Paulo – EAD, constatou-se o avanço na aprendizagem de uma arte que possibilitou à Dina um reencontro com sua plenitude e realização pessoal e, o Teatro Brasileiro de Comédia – TBC, se constituiu então, como uma oportunidade a mais para se colocar em dia consigo mesma, enfatizando a relação do seu papel de atriz com compromisso social e cultural de cidadania.

Autores, diretores, companhias teatrais, colegas... com eles, por eles e por intermédio deles, Dina lapidou a sua arte e demonstrou uma postura de luta dentro da história, sabendo que por meio do seu trabalho imprimia sua marca, seu estilo, rompendo às vezes com as normas vigentes.

Críticas, prêmios... Dina marcou o protagonismo feminino no campo das artes cênicas com seus traços fortes e modernos. Tornou-se uma figura de vanguarda na Comissão Estadual de Teatro, na defesa da sua classe artística e, importante personalidade na construção e desenvolvimento do Teatro Infantil, culminando com a realização do I Festival Paulista de Teatro Infantil.

Muita arte se produziu no seu tempo. Muitos outros atores e atrizes também se celebrizaram, a maioria registrada na *Coleção Aplauso*, con-

firmando que *o expressionismo artístico* foi um importante veículo condutor de um processo evolutivo, o qual eliminou paulatinamente em todos os segmentos sociais as desigualdades determinadas pela diferença de gênero.

Na complexidade do universo socioeconômico político e cultural foi possível fazer das artes cênicas a atuação construtiva do ser humano, isso possibilitou a Dina interferir nela, construindo e desconstruindo, enfim, refazendo o sentido da vida, de pujança e de produção.

Nesse criar e recriar que a vida artística lhe proporcionou, Dina se sobrepôs às vaidades, às intrigas, aos egoísmos e ao esquecimento... tornando o seu *refúgio* em Angatuba, a condição ímpar de continuar a viver. A vontade, no entanto, muda de rumo.

Portanto, escavando um vasto acervo de relíquias familiares guardadas num antigo baú, driblando o pó do tempo é que vamos reconstruir o tempo da atriz Dina Lisboa.

Maria Aparecida Morais Lisboa

Capítulo I

Começo de uma História, num Mundo Cheio de Artes

Quero ser violeta, mas nasci para ser girassol!

Enedina Lisboa, *Dina*, nasceu em Angatuba/SP, no dia 12 de setembro de 1912. Seu pai, Antonio Lisboa (Lisboa e não Rodrigues dos Santos, porque nasceu no dia de Santo Antonio, de Lisboa, em 13 de junho de 1887), além de secretário da prefeitura municipal, era professor de música e maestro da Banda *Lira Angatubense*. Sua mãe, Maria Domênica Benedetti, era filha e neta dos primeiros italianos, toscanos que chegaram a Angatuba, em 1881.

Os bisavós paternos de Dina foram os fundadores de Angatuba/SP: Salvador Rodrigues dos Santos e Theodoro José Rodrigues, portanto, uma família ligada à terra, ao pioneirismo da região sudoeste do Estado de São Paulo.

A música é a *marca registrada* da família Lisboa que por meio das gerações ganhou sentido e significado próprios.

Seu pai, Antônio Lisboa, iniciou na arte musical com Mestre Adão, escravo liberto e regente da

A menina Dina Lisboa, Angatuba-SP

O casal Antônio Lisboa, Maria Domênica Benedetti e o 2º filho, Edil LisboaAngatuba-SP, 1908

À esquerda, os senhores Nicodemo, e Giuseppe Basile, o Sr. Antônio Lisboa, proprietário do Hotel Lisboa e entre os hóspedes do hotel, estão os vendedores dos calçados "Spina". A menina Dina Lisboa está abraçada ao 2º pilar, à direita. Angatuba-SP, 1915

1ª Banda de Música local (1888). Com o passar do tempo, revelando-se bom instrumentista, sentiu a necessidade de maiores aperfeiçoamentos, extrapola o universo familiar, indo estudar com um professor de música, italiano, em Itapetininga/SP.

Aos 17 anos tornou-se regente da banda de música *União e Progresso* de Angatuba/SP, substituindo o Maestre Manoel Athanásio (Manoel Amaral).

Do primeiro casamento com Maria Domênica Benedetti (30 de abril de 1904), o casal gerou quatro filhos que também se tornaram músicos: João Herondines (tocava vários instrumentos musicais, além de ser um grande violinista), Edil (tocava todos os instrumentos da banda de música, sendo maestro e regente da Orquestra Pan-América, de Itapetininga/SP), Levy (tocava flauta transversal, clarinete e violão), Enedina (tocava violino, violão, piano e era intérprete de canto lírico).

Em 3 de Dezembro de 1920, Antônio Lisboa, então viúvo, casa com Florismilia de Almeida, da família dos Gomes, de Sarapuí/SP (também, uma das famílias pioneiras da Campina do Monte Alegre/SP). Desse enlace nasceram Névio (professor de música e regente das bandas Militar e do

Antônio Lisboa e seus filhos músicos na sala do "Hotel Lisboa". À esquerda, Dina Lisboa, Levy Lisboa, sentado; Antonio Lisboa, Edil Lisboa e João Herondines Lisboa, Angatuba-SP, 1930

Sesi, de Brasília), Lysis (monja Beneditina, tocava violão e órgão, além de ter sido grande intérprete de canto gregoriano e também regente de coral), Deny (grande saxofonista, tocava todos os instrumentos da banda de música e regeu uma das bandas *Maestro Antônio Lisboa*) e os gêmeos Élcio e Haroldo (o primeiro tocava violão, baixo e bumbo; o segundo, bateria e caixa clara).

Viúvo, novamente, Antônio Lisboa se casa, pela terceira vez, com a filha do maestro Manoel Athanásio, Inocência Amaral, no dia 24 de dezembro de 1933. Desse casamento nasceu Antonia (musicista, tocava caixa clara) e Maria Mércia (formada em canto pelo Conservatório Municipal de Tatuí/SP, tocava caixa).

Todos os filhos do *velho maestro* cantavam e eram portadores de *vozes privilegiadas*. A grande maioria de seus netos são instrumentistas, cantores e estudiosos de música. Dina, partícipe dessas raízes familiares, apropriou-se também da italianidade do lado materno, um vasto universo de signos, de símbolos que contribuíram significativamente para acumular o capital cultural que possibilitou o desenvolvimento da sua futura carreira artística.

(...) *minha mãe, Maria Domênica Benedetti, muito inteligente, também como boa italiana,*

era cozinheira de mão-cheia *diziam. Perdi minha mãe ainda criança, mas minha carreira artística deve ter começado no ventre dela, pois desde menina já atuava nos espetáculos levados em Angatuba*.

Antes de ingressar no curso primário, estreei no palco, fazendo o papel de bebê. Fiquei dormindo numa caminha. Na hora que devia dizer a minha fala*, fui acordada por um bom beliscão. Mas me saí bem, muito bem, apesar dos pesares.*

(...) *Angatuba tinha uma elite social, dois clubes recreativos, dois cinemas, festas, recepções e espetáculos praticamente mensais, com duas partes: uma de drama ou comédia, outra de ato variado, o show de hoje. Minha participação era obrigatória. Cantava, dançava, recitava. Eu não gostava muito de teatro, achava muito chato. Como Lisboa, gostava mesmo da música, do canto, da dança, da declamação e como boa Benedetti, também gostava de estudos, de literatura, das línguas neolatinas e de filosofia. Reforçou o canto também por esse lado italiano, enfim, as Artes.*

(...) *Fiz meus estudos primários no Grupo escolar* Dr. Fortunato de Camargo*, de Angatuba e terminei o primeiro grau no Colégio* Imaculada Conceição*, das Irmãs Beneditinas, de Itapetininga*.

Sobre essa fase de aluna interna num Colégio de freiras, Dina deixou algumas páginas rascunhadas.

Colégio de Itapetininga, 1926!

Junho. Férias!

(...) Ótimo... e eu conquisto Madre Wulfilde. Conquisto às férias, seria a nossa distração nessas férias que não pudemos sair a fim de preparar-mo-nos para os próximos exames de admissão à Escola Normal.

Éramos 15 mais ou menos que ficamos pelo amor forçado aos estudos. O colégio dava sempre às 1as alunas.

Saly conquistaria Madre Cecília, Lourdes Madre Magela, Martinha Madre Columba, e assim por diante.

Madre Wulfilde era a mais esquisita e a mais grã-fina *do convento. Não dava confiança, embora a* nobre*, segundo o boato, dedicava-me mais atenção, bem como Madre Cecília.*

Madre Seráfica era fácil demais, muito bonita, mas muito pequena e antipática, era professora de piano.

(...) Tardes solitárias. Havia intenções brotadas tão de repente, por artes diabólicas de meninas que querem enganar-se para não dar tempo à saudade de seus lares.

(...) Naquele tempo eu ignorava a força do pensamento. Não compreendia bem que ele transpunha distâncias e seria recebido além por aqueles em quem pensássemos. O rádio ainda não nos era bem explicado. Uma vez, o professor de matemática disse: Haverá tempo em que, se a senhora aqui, pensar num livro lá da Europa, ele não tardará a vir às suas mãos, caso o seu pensamento seja pronunciado e constante, nesse desejo. Não penso num livro lá da Europa, mas todos os dias penso naquele desgraçado *que mora aqui mesmo, tão perto de mim, e o raio do pensamento não mo traz nem a muque... De certo que o pensamento atua só a grandes distâncias e sobre os livros.*

Ah! porque o meu amor não é um livro!

(...) É bom notar que eu era a aluna modelo na aplicação, no comportamento e na religião. Era natural o meu acanhamento e minha timidez (...).

(...) Tinha vontade de chorar, eu tinha muita vontade de chorar. A tarde entrando tão fresca

e tão cor-de-rosa pelas duas janelas guardadas pelas árvores de flor roxa, me fez pensar no dia em que minha mãe falecera. Era de manhã, mas uma manhã parecida com aquela tarde, fresca e cor-de-rosa. Desde então acreditei nos irmãos gêmeos com destinos diferentes. O crepúsculo matutino e o crepúsculo vespertino ficaram sendo para mim como irmãos gêmeos... de destinos diferentes (...).

(...) E os dias passavam assim. De manhã... missa.

Acabou-se a minha preguiça de levantar tão cedo. Apesar de modelo*, a minha comodidade sempre foi um fato. Até a missa era adorável. Deus que me perdoe sobre o pecado venial da preguiça.*

Há males que vêm para bem. E na minha vida como é justo esse provérbio. Dez horas: almoço – Duas horas: café – Cinco horas: jantar – Sete horas: terço – Oito horas: estudo e depois dormir.

Sempre fui a última a deitar-me. A higiene bucal despertou-se em mim de maneira espantosa. Escovava os dentes, gargarejava, tornava a escovar os dentes... cuspia... isso tudo era numa pia do corredor, onde as madres teriam de passar para irem acomodar-se também.

Tornei-me de uma gentileza excessiva para com as colegas. A pia era uma só para servir um dormitório com 30 moças mais ou menos. Cedia o meu lugar a cada uma delas. E oh! Muito obrigada. Quanta bondade!

Como é bom ser aluna modelo nos colégios. Eu era respeitada! (...)

Nesse Colégio das Irmãs Beneditinas, Dina representou a peça *A Choupana Bretã*. Tinha 14 ou 15 anos e foi escolhida para fazer uma velha de 60 anos, embora houvesse no colégio meninas muito mais velhas. E afirmou:

– Veja que engraçado! A platéia chorava perdidamente. E muitos empolgados com a representação, diziam: – Esta menina vai longe!

(...) Entrei para a Escola Normal Peixoto Gomide*, de Itapetininga, onde estudei por três anos, completando o curso na Escola Normal Oficial de Botucatu para onde me transferi, permanecendo no Colégio dos Anjos das Irmãs Marcelinas, em 1930.*

Em 1935, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, em seu segundo ano de existência, deu uma bolsa de estudos aos professores das diversas Delegacias Regionais de Ensino de

Dina formanda no Magistério da Escola Normal Oficial, de Botucatu-SP, 1930

Itapetininga. Tive a honra de ser a contemplada. Nesse meio termo saíra minha nomeação como professora para a Capital e eu precisei optar pelo Magistério.

Mudei-me para São Paulo e a primeira coisa que fiz foi matricular-me no Conservatório Dramático e Musical do Estado, para estudar piano e canto. Mais tarde, aperfeiçoei o canto com Vera Janacópolus, a dança com Chinita Ullmann e a declamação com Helena de Magalhães Castro e Margarida Lopes de Almeida.

Como professora, colaborei com vários artigos sobre a Escola Ativa, na sessão Educação e Ensino *do Diário de São Paulo, dirigida pelo Prof. Damasceno Pena. Entrosei-me no movimento Escolanovista, aprofundei minhas leituras em Montessori, Decroly, Cousinet, Ferrière e outros. As obras eram em espanhol e francês, como dominava bem essas línguas fiz várias traduções, interpretações, enviava muitas delas a alguns colegas de Angatuba e região, a fim de que despertassem para essas modernas pedagogias.*

Em 1939, deixei o Magistério para ingressar no funcionalismo público, tendo sido nomeada Secretária da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito da USP. Como funcionária, fiz estágio na seção de Filosofia da USP.

Dina, 1935

Na Faculdade de Direito da USP, 1939

Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, década de 1930

Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, década de 1930

Tudo corria bem, a intelectualidade me fascinava, a música e a dança também.

Eu nascera mesmo para a coisa, mas de repente eu me perguntava: pra que aquilo tudo? *Foi quando, declamando para a poetisa chilena Gabriela Mistral, ela demonstrou tanto interesse, me convidando até para acompanhá-la em suas viagens pelas Américas, que eu comecei a me despertar para uma coisa que ainda não sabia bem o que era. Assistia a todas as conferências literárias e artísticas...*

Em 23 de novembro de 1945, no Auditório da Gazeta, realizou com sucesso uma audição de alunas de canto e de piano das professoras Iracema Bastos Ribeiro e Maria Oliveira Rocha. No dia seguinte, o jornal *A Gazeta* noticiou o evento.

Florami Pinheiro, atriz e grande amiga de Dina complementa sua biografia, num rascunho sem data.

(...) *Deu vários recitais de declamação em clubes e teatros desta Capital e do interior. Com o pseudônimo de Tayá Piranga, atuou com muito sucesso no microfone da Rádio Excelsior, fazendo um programa semanal, ainda de declamação*.

Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, década de 1930

A maior emoção de sua vida: arrancar lágrimas de um preto que se encontrava no auditório, quando ela declamou A Morte do Zumbi.

Fez o curso pré-jurídico. É poetisa e declamadora brilhante. As poesias são inéditas em sua maioria. Algumas foram publicadas em jornais e revistas desta capital (...).

Dina ilustrava sua poesia com desenhos que pareciam evidenciar seu estado de alma e a linguagem figurativa de suas estrofes, como no caso do *Poema Geométrico*, de 12 de novembro de 1938.

Poemas de Dina

sábado, 12 - 11 - 1938

POEMA GEOMETRICO

Dina Lisbôa

Sou a humana expressão da geometria.

Pra conquistar, um dia,
o homem que eu amei,
fui linha reta e me entretive a estudar.
Não fui feliz, pois nada resultou.

Mudei-me então em moderna linha curva
e tomei parte muito tempo em sua vida.

Depois...

Andei em paralelas. Formei todos os angulos
para encerrar-me, emfim, na ponta de um triangulo.
O ciume sugeriu a linha mista.
Mas esta não foi muito comigo
por ser o que se chama... o meio termo.
Apesar de sofrer não me cansei.
Ziguezaguiei e fiz o acrobacias
e num dos meus encantos... pas...
arredondei-me em pedacinhos.
Mas continuei girando,
girando pela vida
até me enroldilhar numa espiral
me parecendo muito a um velho caramujo.
Procurei então viver soltando gargalhadas...
encerrando assim, minha vida entre parentisis.
Não me habituei entretanto entre dois arcos
que me parecem situação infinfinida.

Tentei a simples curva novamente.

Mas a dor que fizera centro em minha vida,
uniu esta curva à outra curva
e eu fiquei sendo a real circumferencia
que simboliza o nada,
o zero na existencia.

POR QUE ELLE NÃO VEIO

(Inédito, para a "Folha da Manhã") DINA LISBOA

Elle não veio e a hora da espera
morreu em mim como uma grande flôr de primavera
que fechasse a corola na sombra.

Hora defunta,
cadaver sem forma
diluido no vasio deste quarto.

Sozinha eu velo pela grande morta.

Hora de ausencias.
Apalpo-me para sentir se vivo tão inerte.
Sou um fantasma andejo que distrãe este silencio. ~~[illegible]~~.
Tenho no pensamento aquelle cirio que accende a esperança
da que morreu.
Nem um presentimento de estrellas
se interpõe entre mim e este cheiro de velas
que desce do relogio.
Estamos a sós, eu e a hora da espera
que morreu.
Parece que tudo está parado
como se o tempo, de repente
se condensasse nas minhas mãos vasias.
Dialogar com a morta? Talvez...
Tenho a cumplicidade deste silencio poroso
que já vae humidecendo a minha angustia.
Mas ella não responde.
Está immovel. E os écos da minha magua
talvez se assustem com aquella pallidez que estas sombras protegem.
~~[illegible]~~

Mas se elle ainda vier
~~[illegible]~~
Quero ter auroras nos braços para dansar.

~~[illegible]~~

Cerro os olhos — tranquilla —
porque uma flôr verde e longe
está nascendo dentro de mim.

Folha da Manhã, domingo
5 de maio de 1940.

EX LIBRIS

p'ra mim
a vida é assim.

Eu não devera nascer
p'ra ignorar o sofrer
de ser flor entre os espinhos
numa beira de caminhos.

Lina Lisboa

Capítulo II
Na Partilha dos Sentimentos, a Acuidade das Mestras Amigas

O final da década de 1930, os anos 1940 e 1950 constituíram um período fértil para os pendores literários de Dina. Há, também, uma reelaboração de mais uma parte da sua história de vida, um ressignificar de situações para a sua existência como mulher, amante, amada... Entretanto, como seria o amanhã? Teria mais desafios? Novas descobertas? Novas conquistas?

O que realmente importava para Dina como mulher apaixonada não estava nas entrelinhas das suas crônicas, dos seus poemas publicados, mas, certamente, os guardava na alma, no âmago do seu coração, aquilo que fosse eterno, seus amores, mas o maior de todos: o amor pelo *poeta*, o amor do *poeta*; revelado sutilmente nos seus rascunhos. É *no vazio da distância que vive a saudade*. Isso permitiu a Dina externar seus sentimentos.

Para Dina há o momento da doação, da sinceridade, da sofreguidão, do amor revelado, como também da insensatez e da incompreensão do *outro*. E o desencontro? A paixão desfeita? A ruptura? Dina parece estar magoada, ferida

Bem amado,

Ainda há luar, e da noite clara vem um sopro morno acariciar-me os sentidos. Não estou alegre nem triste. Estou quieta. Com saudade sim. Muita saudade de ti bem amado, que a todo instante eu espero. ~~[illegible]~~. Sempre eu te esperei – sempre eu te espero – sempre que estou em casa. Não sei porque. Mas foi sempre assim. Só mesmo depois que as horas por se cansaram de se repetir é que adormeço! Aguardando sempre a hora linda em que aparecerás. Já me surpreendeste de manhã, e também ao pôr do sol. Será que virás à noite? Virás também com o sol quente?

Pedi à ~~madrinha~~ lua que te fizesse a pergunta: pensarás em mim? E olhei uma estrela para que começasse a tremer. Não. Não pensavas em mim. Namoravas a estrela ou brilhavas com ela.

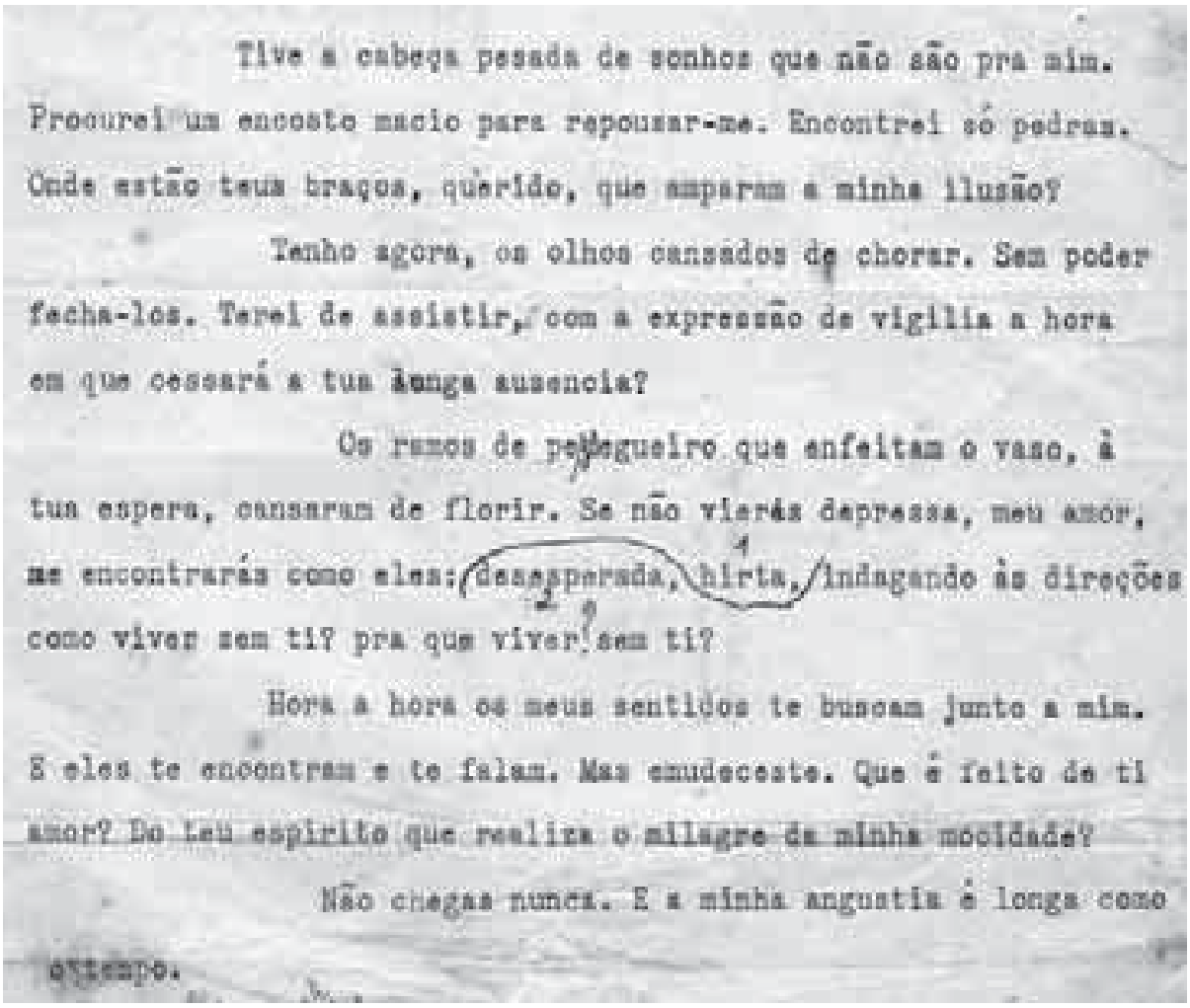
A solidão me chama para entrar. Já é tão tarde! E não vieste! E aqui eu estou, nem alegre e nem triste. Quieta. Muito quieta. Fazendo sinal de silêncio à minha imaginação fecunda.

Beijo teu retrato e o teu sorriso ficou nos meus lábios.

Mas eu continuo pensando... pensando. Pensando em que, bem amado? Não sei. Pensando... Que te amo tanto. Que és a minha vida. Que estás no meu ser – dentro de mim, na minha carne, no meu sangue, nos meus ossos... e eu me aperto. Quero pegar-te, sentir-te. Onde estás bem amado? E a ilusão espremida, me salta pelos vãos dos dedos.

Ausência. Só ausência. Inquietante constância do nada.

Quando serás meu, meu só, ó bem amado?



Tive a cabeça pesada de sonhos que não são pra mim. Procurei um encosto macio para repousar-me. Encontrei só pedras. Onde estão teus braços, querido, que amparam a minha ilusão?

Tenho agora, os olhos cansados de chorar. Sem poder fecha-los. Terei de assistir, com a expressão de vigilia a hora em que cessará a tua longa ausencia?

Os ramos de pessegueiro que enfeitam o vaso, à tua espera, cansaram de florir. Se não vieres depressa, meu amor, me encontrarás como elas: desesperada, hirta, indagando às direções como viver sem ti? pra que viver sem ti?

Hora a hora os meus sentidos te buscam junto a mim. E eles te encontram e te falam. Mas emudeceste. Que é feito de ti amor? Do teu espirito que realiza o milagre da minha mocidade?

Não chegas nunca. E a minha angustia é longa como o tempo.

Poemas de Dina

~~Compreendo que~~ Vasco! humilde. É o complexo de humildade tanto mais se acentúa em mim quanto mais compreendo a inutilidade de ambicionar realizações de que as conhecidas circunstâncias me privam - quanto mais me é presente a moral do " Sapo e a estrela" ou o "El buen consejo" de Ibarbourou.

É preciso, porém, reconhecer-se que sou ~~EXCELENTE~~ DIGNA. Digna pelos meus atos. Digna pela minha sinceridade. Digna pela minha fidelidade espontânea. Digna pela minha grande compreensão de tudo. Digna pela grandeza do meu amor.

Livre e só, fechei-me na solidão para que nada, nada pudesse macular êsse meu sentimento pelo qual - Oh! contrasenso! - eu deliciosamente me esmaraviso.

Por certo que nem mesmo os homens de 6º sentido sabem de quanto é capaz uma mulher que ama. Se umas dão para o escândalo, outras para o recato. Não sei onde Você quis me colocar. O certo é que eu , que burilei a minha sensibilidade para o encanto dos seus dias; que aperfeiçoei a minha compreensão para o mistério dos seus sentidos; que transformo o fel de anciedades sem êco em vinho suave para a delícia do seu paladar de escol, eu, eu senti a punhalada da sua censura severa e irritada!

~~Oh! Deus!~~ Não é incrível tudo isso? Não é horrível precisar sair do meu recato, do meu silêncio discreto por causa de um excesso da sua vaidade?

Se tudo isso não bastar para a sua confiança pense ainda na severa policia que sou dos meus atos e na terrível compreensão que tenho de mim mesma e da nossa situação.

24 de maio de 1943
2ª feira 16,30

no seu amor próprio. Isso tudo faz sentido no poema ***Em resposta***:

Suas mestras na arte da declamação, Helena de Magalhães Castro e Margarida Lopes de Almeida, foram presenças constantes em sua vida para ouvir seus clamores, elogiar seu crescimento declamatório e consolá-la quanto às *coisas do coração*.

Para assimilar ainda mais a experiência da declamadora e colher dos seus frutos, Dina não teve dúvidas, buscou-os, também, no *quartel general* de Helena de Magalhães Castro.

Meu pai tinha um grande sonho: que eu fosse pianista. Na família são todos músicos natos, mas acabei saindo do Conservatório. Foi quando fiquei trabalhando como secretária de Helena de Magalhães Castro, na IAB (Instrução Artística do Brasil). Nessa ocasião gravei dois discos com poesias. Também tocava violão e substituía de vez em quando Helena nas suas aulas.

Minha querida Dina:

quis telegrafar-lhe felicitando-a pela sua grande alegria, que também foi minha, mas não houve meio de descobrir o seu endereço! Nos preparativos de uma longa viagem tenho a minha vida

"Quem semeia ventos... colhe tempestades..."

— Em resposta —

Senhor prezado colega
Dos versos da "vida alheia",
Dina diz que não renega
O "dom" que se lhe pranteia.

Pra "pôr a cara" é preciso
Mut'arte e sabedoria.
Isto é certo e bem conciso:
Burros... só na estrebaria.

"O macaco nunca senta
No longo rabo que tem."
É um elogio,... me tenta —
Que pena! Vai-lhe tão bem!

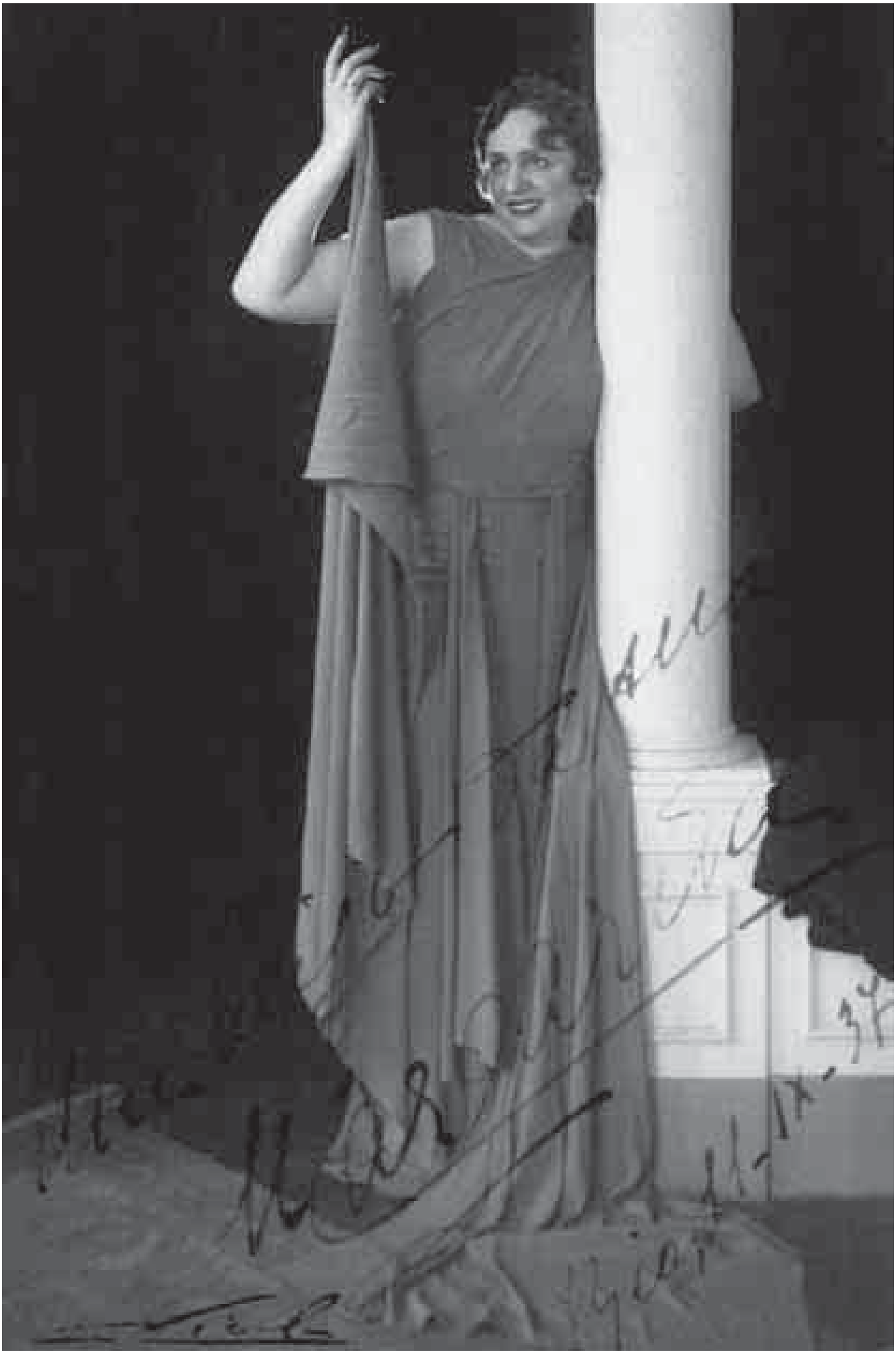
Com "Minerva!" me pareço!
(meu Édipo, eu te agradeço)
De acordo com outro artigo.
Melhor ente não mereço.
Qu. Venha, pois, ~~amado~~ ó inimigo.

Dina Lisboa

S. Paulo, junho de 1949.

Poemas de Dina

À Enedina amistosamente a Helena de Magalhães Castro.
São Paulo, 12-9-1937



Margarida Lopes de Almeida

um pouco alterada e não disponho de tempo para fazer as coisas como devo. Não recebi o cartão de que me fala, não mo entregaram... Fiquei muito contente com o resultado da festa embora tivesse nela vários amigos.

Um beijo da sua

Margarida

Rio, 11-IX-37

Querida Dina

Salvador, 6-2-1938

Só hoje, aqui na Bahia, vim receber seus gentis cartões de 5 e 15 de Dezembro, pois com estágio incerto em cada cidade e medo do extravio, mandei que me enviassem toda correspondência retida em casa para cá. Tenho recitado o nosso poeta em todos os meus recitais sempre aplaudidíssimo. É querido e admirado de Norte a Sul do País. Lamento não assistir a sua posse na Academia. Você foi? Tenho interesse em ler os dois discursos da noite e espero chegar a casa para isso. Que o ano que vivemos seja o continuador da sua felicidade, são os meus votos sinceros.

Margarida

Minhas mãos levam-lhe

as minhas saudades. Margarida

A carta transcrita, abaixo, constitui-se plena de significados, pois nela se instrumentaliza também pelo seu teor de amizade, confiança e consideração, prerrogativas das quais as próprias correspondentes eram detentoras.

Rio, 16 de agosto de 1938

Minha querida Dina

Apresso-me em responder à sua carta de 8 recebida ontem no final da tarde. Achei muito acertada a sua ida por algum tempo para o interior, aonde poderá refazer um pouco as suas energias, fogosamente abaladas pelos últimos acontecimentos. Estou convencida de que muito mais rapidamente do que imagina o seu coração, ressuscitará para a vida, vigoroso e estuante, revestido da couraça que só o sofrimento sabe tecer. Convença-se de que o seu amor e a sua mocidade cobriram com um manto demasiadamente puro e diáfano uns ombros humanos habituados ao uso devidamente menos frágil. A um gesto mais brusco e menos refletido – o manto rompeu-se... O tempo, e só ele, lhe dirá que não há mal que não se cure.

Vejo com satisfação que já é capaz de desejar alguma coisa. Isso já é muito. Não queira, po-

rém, vingar-se*. Se de fato você o fizesse, com que mágoa sofreria depois o remorso? Queira alguma coisa por si mesma, porque todos devemos sempre querer. Não julgue, porém, que o ser bem colocado por outrem feriria o amor-próprio do* seu poeta*. Se ele é seu amigo sincero não sofreria, ao contrário, teria prazer em vê-la satisfeita. Os homens, mesmo os poetas, não têm seu amor-próprio igual ao nosso. Todas nós somos mais ou menos piegas e pensamos que o coração masculino bate igual ao nosso. Engano.*

Se você ainda representar para ele alguma coisa *de superior, de puro, de nobre, ele só poderá exultar com tudo que lhe acontecer de bom e, então, não será uma vingança a sua vitória, e ainda um presente de bem-querer que você lhe com ela lhe ofertará. Se, o que me parece impossível, você já nada representar na sua sensibilidade, vitória ou fracasso lhe serão indiferentes.*

Vi-o no meu recital. Eu sabia que ele estava no Rio acompanhado mas, como se o ignorasse, mandei-lhe um só convite.

Não lhe remeti os programas dos 2 recitais que dei a 9 e 21 por falta de tempo. Não imagina como são cheios os meus dias. Tenho uma vida muito ocupada e sou sozinha para tudo.

Não pense que se enlouquece por desgostos do amor. Essa suposição já não é própria da sua idade. Somente quem tem uma predisposição definida para essa doença, perde a razão devido a perda de um afeto. Muito mais grave, muito mais sério, muito mais trágico, é perder-se irremediavelmente um ente amado que a morte nos rouba. E não se enlouquece.

Só o trabalho ajuda o tempo a lavar um coração. E o bom-senso também. Não há qualidade maior no indivíduo, do que essa virtude.

Faz bem em procurar o Guilherme [Guilherme de Almeida, também poeta]*. A sua colaboração nos seus concertos poderá ser muito interessante, com a condição de não ser muito exclusivista nos autores recitados.*

Se fosse eu não começaria nem talvez recitasse pelo seu autor preferido. Em todo o caso o que positivamente não faria, seria dar-lhe o gosto de o declamar nas minhas primeiras audições. Somente quando ele não imaginasse que iria ser lembrado é que, naturalmente, o incluiria num ou noutro programa espaçado. Se começar a aparecer em público a dizer os seus versos ele terá a vaidosa impressão de que só para isso é que se iniciou na vida artística. Há tantos poetas! e tantas poesias lindas!

Não conheço o Francisto Pati, ou pelo menos não me recordo de o conhecer. É possível que, vendo-o, me lembre dele, mas com prazer a recomendo ao Guilherme a quem tenho dado provas de admiração recitando-o sempre, tendo no meu repertório umas trinta poesias suas. Ele é que nunca me deu mais pequenina demonstração nem de simpatia nem de admiração. Admito sem nenhuma espécie de rancor que não as tenha por mim e tanto é verdade o que afirmo, que nunca o deixei de incluir nos meus programas apesar da minha convicção de que não sou para ele persona grata*. Isso não é razão para que não a recomende, pois admito a possibilidade de estar equivocada. Eu admiro-o imensamente. Justo remeto o bilhetinho que, se levar em mão, pode entregar-lho com cumprimentos cordialíssimos. Ponha-me ao corrente do que for conseguindo.*

E receba um abraço de sua

Margarida

Ainda, tratando-se de reciprocidades típicas do universo feminino, a declamadora Margarida Lopes de Almeida, numa outra carta, no seu teor discursivo ressalta a preocupação pela amiga Dina no reencontro com o seu poeta.

Rio, 29 de março de 1940

22 horas

Minha Dina

Recebi há uma semana um amável telegrama seu que aguardava uns momentos de tranquilidade para ser agradecido e hoje, bem cedo, aquele que você me passou ontem à noitinha e em cujas palavras estão bem patentes sua alegria e seu receio. E também a revelação de sua vaidade feminina satisfeita.

Que palavras quer você que lhe diga?! Se lhe desse conselhos (não trema que não o farei...) e eles fossem de molde a incitá-la a evitar uma situação que já da primeira vez lhe trouxe tanto amargor, você, se ama, não me ouviria...

Não me lembro bem do que lhe escrevi quando do primeiro ato do seu drama, mas creio lhe ter dito que desse tempo ao tempo, não foi?

Nenhuma mulher verdadeiramente sincera adquire prática de lidar com os homens; essa, deixa-se sempre levar pelo coração.

O seu poeta voltou. Conhecendo a elevação do amor que você lhe dedicou, se o fez é porque a ama. E você?

Em certa carta que me escreveu, mostrava-se bem consolada... mas eu não acreditei muito... não nas suas palavras que vi que eram sinceras, mas na veracidade do seu sentimento perante você mesma. Quantas vezes nos iludimos conosco!

Escreva-me. Mesmo sem me contar nada eu saberei se você está feliz. Lembra-se de quando me veio visitar uma manhã de cor-de-rosa com um chapéu de fitas, nos braços um ramo de flores? Não foi preciso que me contasse nada para que eu soubesse tudo! Você tem alma transparente.

O seu telegrama não me surpreendeu; também não posso dizer-lhe que o esperasse.

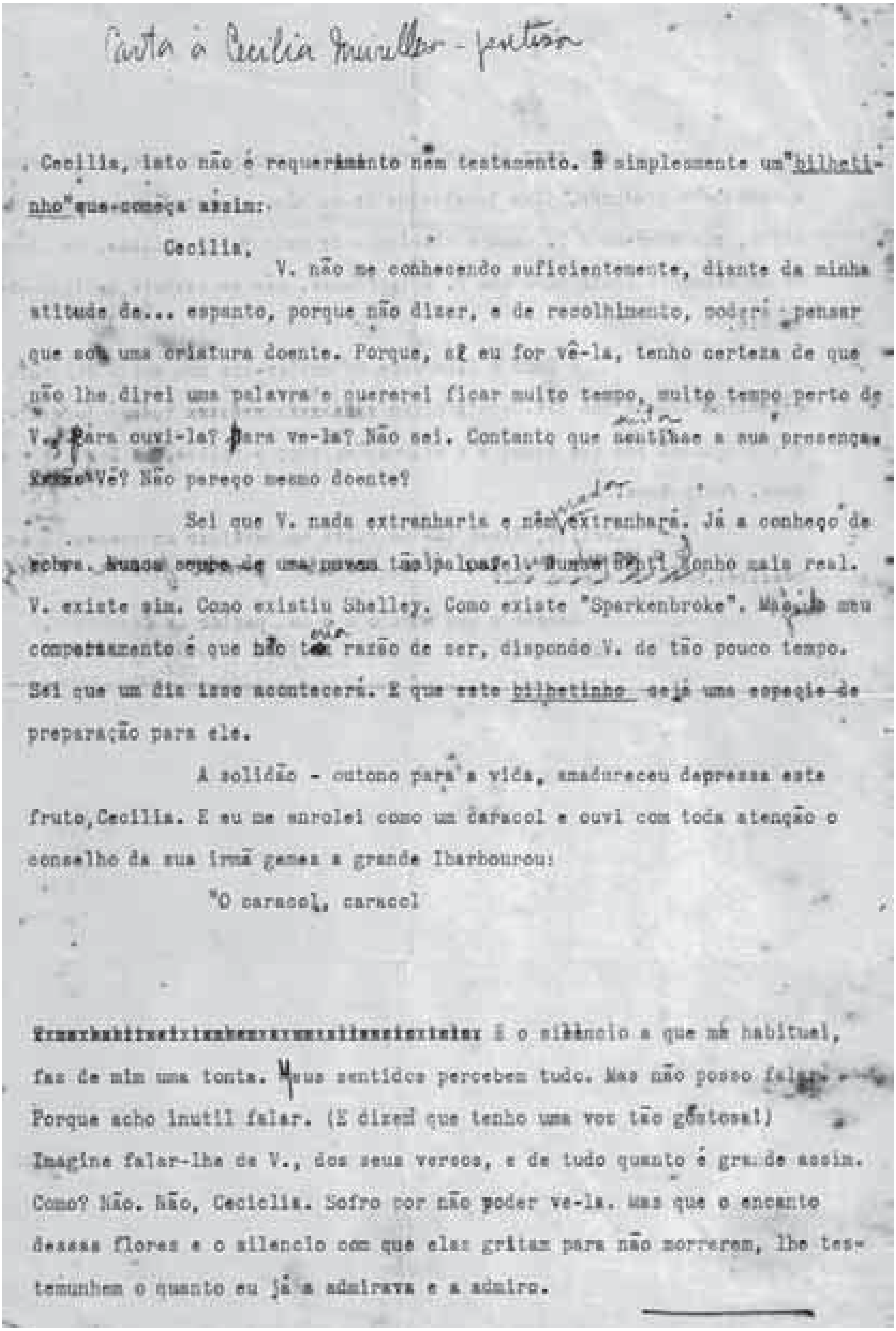
Estará mesmo mudada? Tem certeza disso? eu não tenho...

Seja como for – seja feliz!

Um abraço da sua

Margarida

Entre as formas de burilar ainda mais o seu saber cultural, Dina buscou significativos meios de aproximação com a poetisa Cecília Meirelles. Sem dúvida, ela registrou nos rascunhos das


Carta à Cecília Meirelles - frente

Cecília, isto não é requerimento nem testamento. É simplesmente um "bilhetinho" que começa assim:

Cecília,

V. não me conhecendo suficientemente, diante da minha atitude de... espanto, porque não dizer, e de recolhimento, poderá pensar que sou uma criatura doente. Porque, se eu for vê-la, tenho certeza de que não lhe direi uma palavra e quererei ficar muito tempo, muito tempo perto de V. Para ouvi-la? Para vê-la? Não sei. Contanto que sentisse a sua presença. Vê? Não pareço mesmo doente?

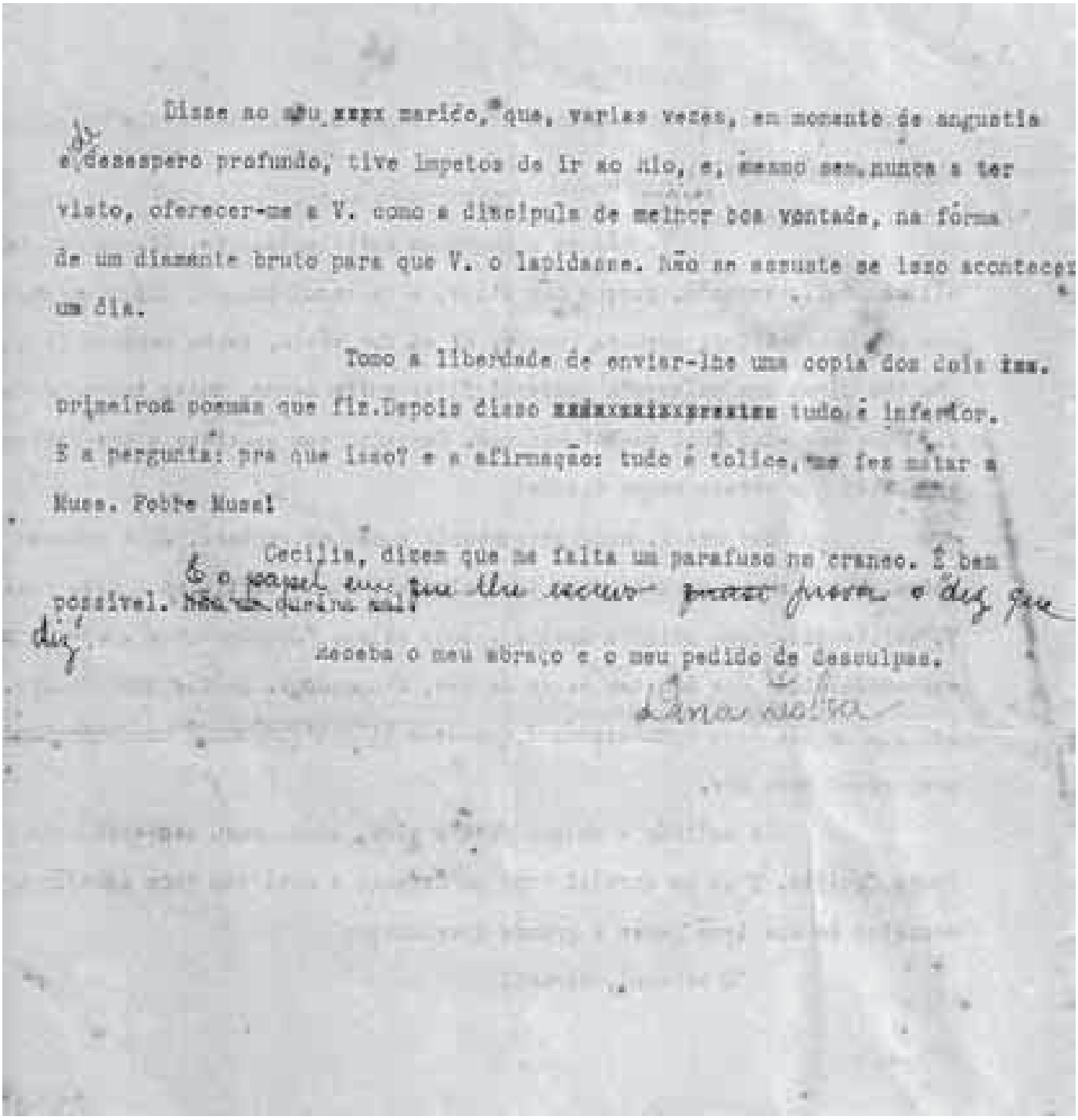
Sei que V. nada extranharia e nem extranhará. Já a conheço de sobra. Nunca ouvira de uma pessoa tão palpável. Nunca senti sonho mais real. V. existe sim. Como existiu Shelley. Como existe "Sparkenbroke". Mas o meu comportamento é que não tem razão de ser, dispondo V. de tão pouco tempo. Sei que um dia isso acontecerá. E que este bilhetinho seja uma espécie de preparação para ele.

A solidão - outono para a vida, amadureceu depressa este fruto, Cecília. E eu me enrolei como um caracol e ouvi com toda atenção o conselho da sua irmã gemea a grande Ibarbourou:

"O caracol, caracol

É o silêncio a que me habituei, faz de mim uma tonta. Meus sentidos percebem tudo. Mas não posso falar. Porque acho inutil falar. (E dizem que tenho uma voz tão gostosa!) Imagine falar-lhe de V., dos seus versos, e de tudo quanto é grande assim. Como? Não. Não, Cecília. Sofro por não poder vê-la. Mas que o encanto dessas flores e o silencio com que elas gritam para não morrerem, lhe testemunhem o quanto eu já a admirava e a admiro.

Carta a Cecília Meirelles (frente)



Disse ao meu xxxx marido, que, varias vezes, em momento de angustia e desespero profundo, tive impetos de ir ao rio, e, mesmo sem nunca a ter visto, oferecer-me a V. como a discipula de melhor boa vontade, na forma de um diamante bruto para que V. o lapidasse. Não se assuste se isso acontecer um dia.

Tomo a liberdade de enviar-lhe uma copia dos dois meus primeiros poemas que fiz. Depois disso xxxxxxxxxxxxxxxx tudo é inferior. E a pergunta: pra que isso? e a afirmação: tudo é tolice, me fez matar a Musa. Pobre Musa!

Cecilia, dizem que me falta um parafuso no craneo. É bem possivel. Não durma mal!

Receba o meu abraço e o meu pedido de desculpas.

Carta a Cecília Meirelles (verso)

correspondências as dimensões da amizade, da cortesia, do ensinamento.

De outro modo, Cecília Meirelles mostrou-se em sua carta a equivalência entre os valores sociais, culturais cultivados por elas: aluna e mestra.

Prosseguindo nas suas missivas, Dina continua manifestando um grande apreço pela figura da poetisa.

Cecília Meirelles, além das cartas endereçadas à Dina, contou também com bilhetes para as suas reciprocidades.

Rio, agosto de 1942

Dona Lisboa: creio que V. vai ser a última pessoa a receber carta minha do Rio, — embora desde São Paulo tivesse procurado dizer-lhe uma palavra, antes de partir. É que V., cumulando-me de gentilezas, esqueceu-se de dar-me uma coisa de que eu precisava: o seu endereço.

Agora, não lhe posso dizer logo quanto me encantaram as suas flores. Eu, que vinha namorando os azuis-perfeitos paulistas, tão paulistas, tão perfeitos e tão azuis. Tive uma boa emoção, certa noite, ao encontrar no quarto do hotel a sua cestinha, que me fez pensar em balões do século 18 — e na ternura do seu coração.

Li também os seus versos, e pergunto-me por onde terão eles andado que

eu mesma só agora os vinha a enxergar.

Suas palavras, faladas e escritas, me deixaram aturdida com a sua gentileza. Ao mesmo tempo, notei em V. uma inquietação que não consegui explicar bem. Não é, como me diz em sua carta, que se possa pensar em nervosismo: creio que V. está com uma carga de lirismo contido. Certo, isso produz nervosidade, — mas o que eu queria dizer é que não se trata de nada mórbido. A não ser para os que teimam em confundir arte com doença, etc. Na verdade, também não sou especialista, mas a experiência que a vida me oferece leva-me a crer que V. precisava escrever mais, publicar mais, trabalhar bastante no que escreve, pois não lhe faltam nem sensibilidade nem emoção nem inteligência.

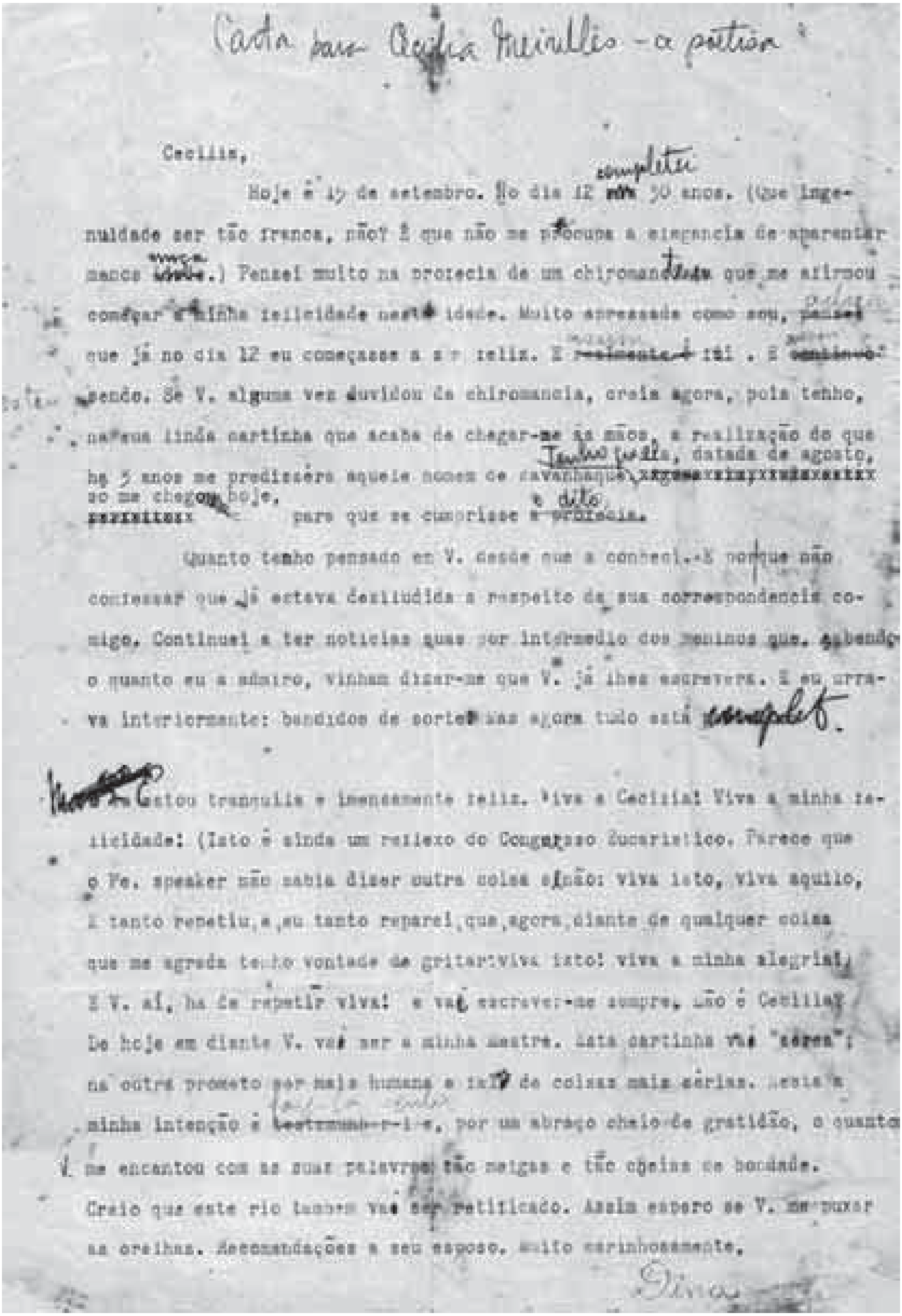
Mas para que lhe estou dizendo coisas que V. sabe melhor do que eu?

Um abraço agradecido
e carinhoso de

Cecília Meireles

R. 58, pr. de Botafogo
ap. 33.

Resposta de Cecília Meirelles (verso)



Carta para Cecília Meirelles – a poetisa

Cecilia,

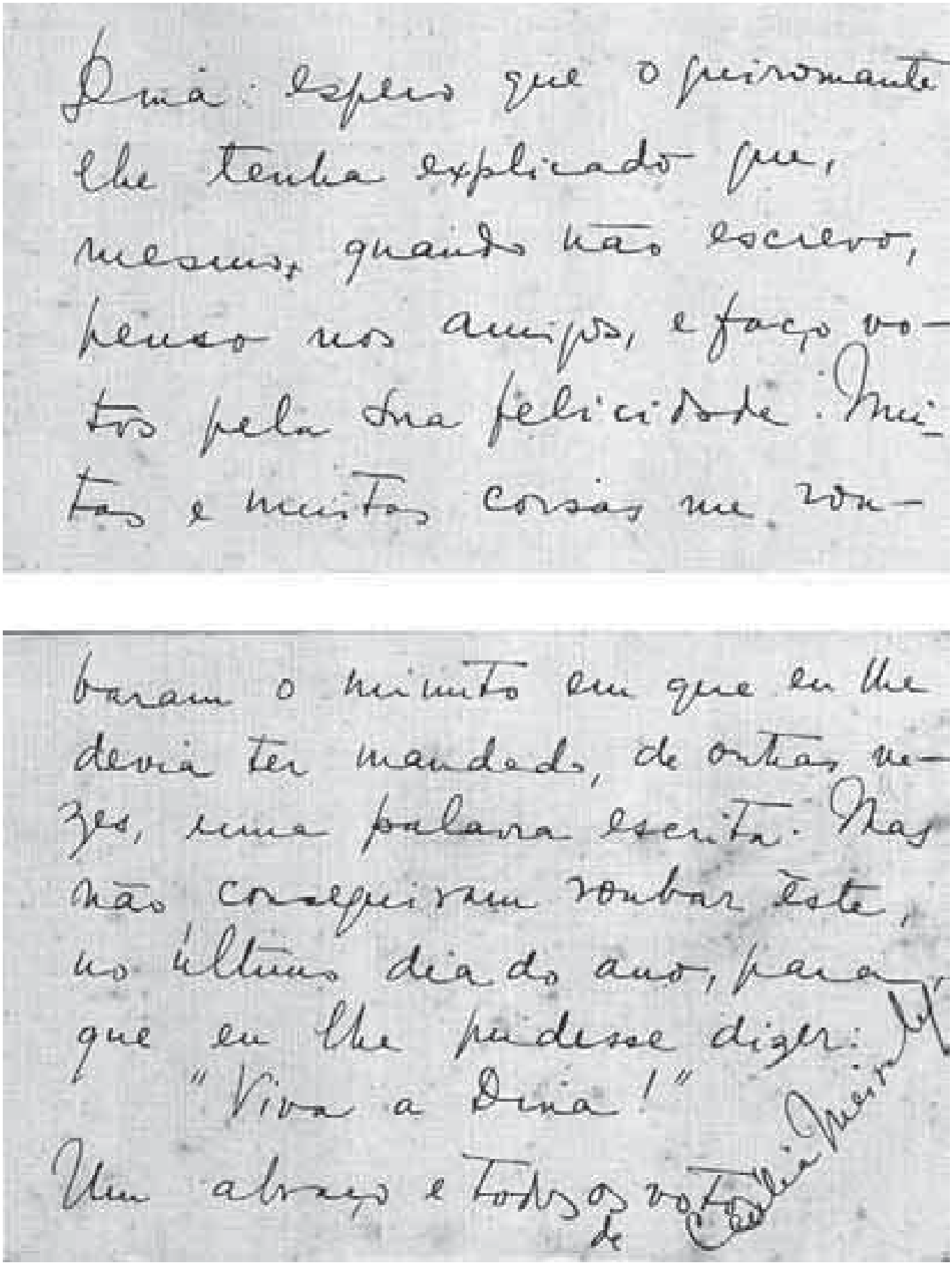
Hoje é 15 de setembro. No dia 12 completei 30 anos. (Que ingenuidade ser tão franca, não? É que não me preocupa a elegancia de aparentar menos idade.) Pensei muito na profecia de um chiromante que me afirmou começar a minha felicidade nesta idade. Muito apressada como sou, pensei que já no dia 12 eu começasse a ser feliz. E fui. E continuo sendo. Se V. alguma vez duvidou da chiromancia, creia agora, pois tenho, na sua linda cartinha que acaba de chegar-me às mãos, a realização do que ha 5 anos me predissera aquele homem de cavanhaque. Tenho junto, datada de agosto, só me chegou hoje, para que se cumprisse o dito.

Quanto tenho pensado em V. desde que a conheci. E porque não confessar que já estava desiludida a respeito da sua correspondencia comigo. Continuei a ter noticias suas por intermedio dos meninos que, sabendo o quanto eu a admiro, vinham dizer-me que V. já lhes escrevera. E eu urrava interiormente: bandidos de sorte! Mas agora tudo está completo.

Estou tranquila e imensamente feliz. Viva a Cecilia! Viva a minha felicidade! (Isto é ainda um reflexo do Congresso Eucaristico. Parece que o Pe. speaker não sabia dizer outra coisa senão: viva isto, viva aquilo, e tanto repetiu, e eu tanto reparei, que, agora, diante de qualquer coisa que me agrada tenho vontade de gritar: viva isto! viva a minha alegria! E V. aí, ha de repetir viva! e vai escrever-me sempre, não é Cecilia? De hoje em diante V. vai ser a minha mestra. Esta cartinha vai "sêca"; na outra prometo ser mais humana e falar de coisas mais sérias. Nesta a minha intenção é testemunhar-lhe, por um abraço cheio de gratidão, o quanto V. me encantou com as suas palavras tão meigas e tão cheias de bondade. Creio que este rio tambem vai ser retificado. Assim espero se V. me puxar as orelhas. Recomendações a seu esposo. Muito carinhosamente,

Dina

Nova carta a Cecília Meirelles



Dina: espero que o quiromante
lhe tenha explicado que,
mesmo, quando não escrevo,
penso nos amigos, e faço vo-
tos pela sua felicidade. Mui-
tas e muitas coisas me rou-

baram o minuto em que eu lhe
devia ter mandado, de outras ve-
zes, uma palavra escrita. Mas
não conseguiram roubar êste,
no último dia do ano, para
que eu lhe pudesse dizer:
"Viva a Dina!"
Um abraço e todos os votos
de Cecília Meirelles

Bilhete de resposta de Cecília Meirelles

São Paulo, Agosto, 1942. Saudade e gratidão de Cecília Meirelles. A poetisa é a terceira, sentada, à esquerda. Dina Lisboa é a terceira, em pé, à direita

Capítulo III

A Escola de Arte Dramática de São Paulo – EAD: *o Canteiro está Preparado, Esperando a Germinação*

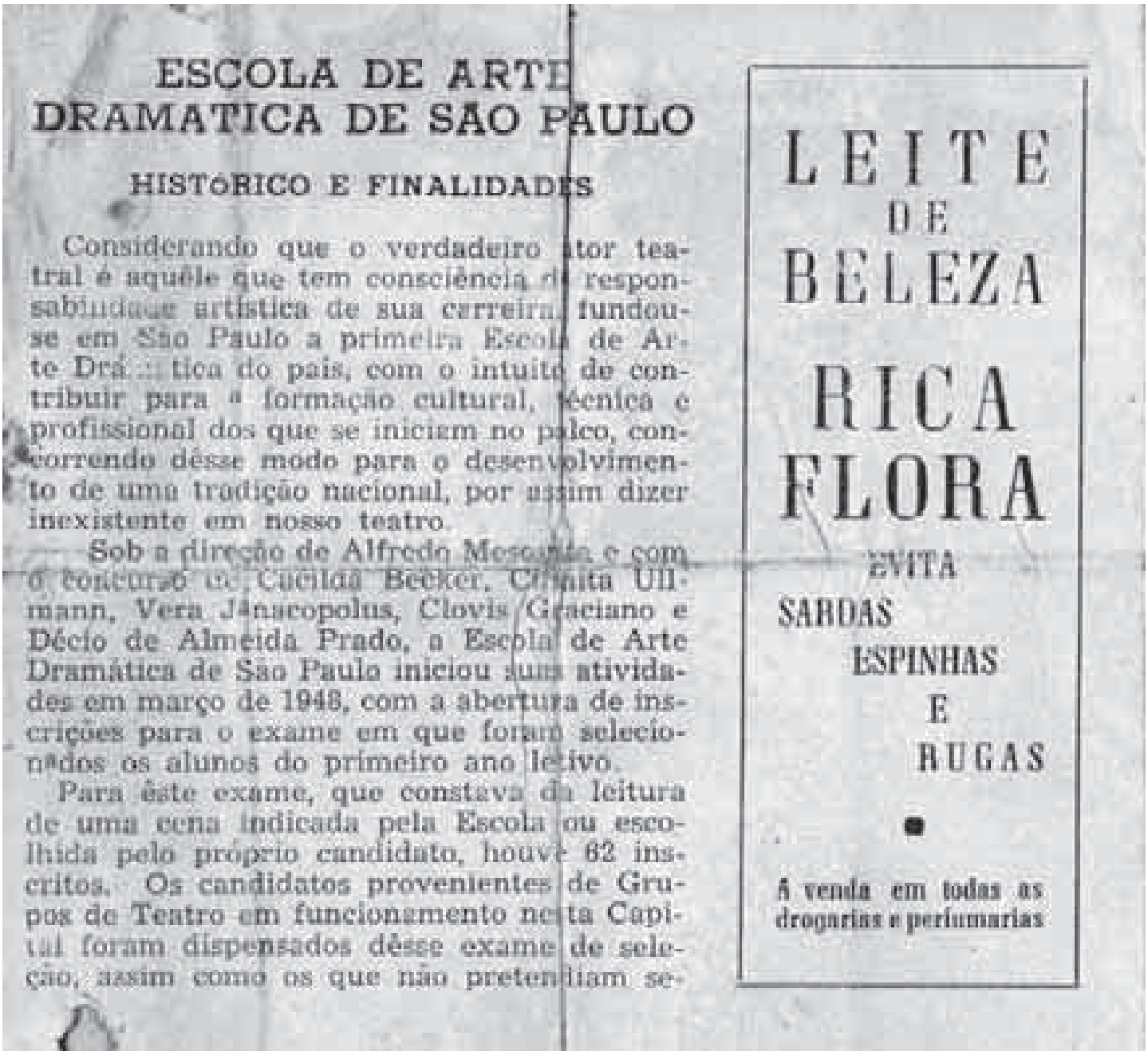
Dina soube que um dia Vera Janacopoulus estava realizando um concurso de canto:

Preparei correndo A canção da guitarra*, cheguei atrasada, fora do prazo, mas acabei fazendo o concurso e tirando o primeiro lugar. Depois ainda fui aprender dança com Chinita Ullmann.*

(...) Então, li no Estadão *que a Escola de Arte Dramática estava promovendo testes para novos alunos. Prometia, entre outras vantagens, uma bolsa de estudos na Europa ao aluno que mais se distinguisse no curso.*

Não tive dúvidas, telefonei para lá perguntando se uma poesia servia para o teste. Disseram que sim. Se respondessem que exigiriam uma cena, eu teria desistido...

Depois, quase morri de vergonha quando me perguntaram, no teste, que peça eu havia visto. Eu tinha visto apenas Deus lhe Pague*, e assim mesmo há muito anos. E só. Somente bem mais tarde me lembrei que também vi o Jouvet.*



ESCOLA DE ARTE DRAMATICA DE SÃO PAULO

HISTÓRICO E FINALIDADES

Considerando que o verdadeiro ator teatral é aquêle que tem consciência de responsabilidade artística de sua carreira, fundou-se em São Paulo a primeira Escola de Arte Dramática do país, com o intuito de contribuir para a formação cultural, técnica e profissional dos que se iniciam no palco, concorrendo dêsse modo para o desenvolvimento de uma tradição nacional, por assim dizer inexistente em nosso teatro.

Sob a direção de Alfredo Mesquita e com o concurso de Cacilda Becker, Cleusa Ullmann, Vera Janacopolus, Clovis Graciano e Décio de Almeida Prado, a Escola de Arte Dramática de São Paulo iniciou suas atividades em março de 1948, com a abertura de inscrições para o exame em que foram selecionados os alunos do primeiro ano letivo.

Para êste exame, que constava da leitura de uma cena indicada pela Escola ou escolhida pelo próprio candidato, houve 62 inscritos. Os candidatos provenientes de Grupos de Teatro em funcionamento nesta Capital foram dispensados dêsse exame de seleção, assim como os que não pretendiam se-

LEITE DE BELEZA

RICA FLORA

EVITA

SARDAS
ESPINHAS
E
RUGAS

A venda em todas as drogarias e perfumarias

Matéria sobre o curso

guir curso regular ativo. Julgados pela banca examinadora, constituída pelos professores Cacilda Becker, Alfredo Mesquita, Décio de Almeida Prado e presidida por Clovis Graciano, dez dos candidatos não foram considerados aptos para frequentar o curso.

ESTRUTURA

DAS AULAS

O curso completo da Escola, para alunos de ambos os sexos, constará de 3 anos de aprendizagem, sendo cada ano letivo de 6 meses de aula, mais 2 meses para o preparo dos espetáculos que serão representados no fim do ano e no qual tomarão parte todos os alunos do curso. Os períodos de aula irão de março a setembro, com um mês de férias em junho. As aulas serão noturnas, das 20 às 22 horas e 20, das segundas às sextas-feiras.

DAS MATÉRIAS

São matérias do 1.o ano: História do Teatro, Dicção e empostação de voz, Mímica, Comédia e Drama, além de um curso de Francês de frequência livre.

Serão matérias do 2.o e 3.o ano: História do Teatro, Ginástica rítmica, Comédia, Drama, Cenografia, Crítica teatral e Direção, além de cursos facultativos de Francês, Inglês e Português.

DOS ALUNOS

Para entrar na Escola de Arte Dramática, o candidato deverá preencher um pequeno questionário indicando seu nível nível cultural e o motivo de seu interêsse pelo teatro.

Haverá alunos regulares e alunos ouvintes. Para seguir o curso regular, o candidato deverá submeter-se a um exame de interpretação perante um juri composto de 2 ou 3 professores, tendo préviamente estu-

Logotipo da EAD

Fiz os testes, passei lindamente, fiz um curso brilhante, com prêmios e tudo, durante três anos puxados. Daí ao profissionalismo não foi fácil, mas cheguei lá.

Estudei na EAD de 1949 a 1951. Meus colegas de turmas foram: Benedicto Corsi, Geraldo Mateus, Luiz Geraldo (que deixou o teatro), Liana Duval (que está fazendo cinema), Maria Lucia (que também fez teatro e depois deixou).

Não entrei na Escola de Arte Dramática por amor ao teatro, entrei porque havia um prêmio para a Europa ao primeiro aluno e eu queria ganhar. Por isso me considero um produto autêntico da Escola. Eu declamava, dançava, cantava... Estudei com os melhores mestres nessas artes, mas me considerava irrealizada e sempre procurava mais alguma coisa; e encontrei no teatro: foi onde consegui realizar-me.

(...) Se não tiver tendência artística, jamais fará o curso na EAD, que é muito sério, realmente muito puxado e todo de sacrifício e dedicação. Em geral, 40 alunos que entram, apenas 4 ou 5, às vezes, um chega ao final.

A EAD não faz atores, há cursos de Direção, Dramaturgia, Cenografia, Crítica e outros. E, se o aluno não der prá nada disso, será pelo menos,

Dina e seus colegas da EAD. São Paulo, 6 de setembro de 1949

Escola de Are Dramática. Dina Lisboa, segunda à direita, em pé. São Paulo, 8 de outubro de 1949

um bom espectador, o que também é muito importante para o teatro.

O primeiro contato de Dina com a Escola de Arte Dramática, suas impressões foram descritas numa carta à sua prima e amiga Philomena Turelli que estudava línguas clássicas na Universidade de São Paulo.

O jornal *O Estado de S. Paulo* acompanhou o desenvolvimento da Escola de Arte Dramática, bom como o crescimento dos seus alunos. O êxito de Dina, no 1º ano é destaque nas notícias sobre a EAD.

No segundo ano, em 1950, Dina, na qualidade de aluna, trabalhou na peça ***Lilion*** ou ***O Malandro***, de Ferenc Molnar. Tradução de Paulo Barrabás e José Formaneck. Cenário, figurino e direção de Alfredo Mesquita. Os cenários e vestimentas foram produzidos pelos próprios alunos da EAD e teve como primeira apresentação no Teatro Cultura Artística, em 19 de abril de 1950, no Pequeno Auditório.

Lilion ou ***O Malandro***, de Ferenc Molnár

Lucila Curban e ***Dina Lisboa***, ótimas tia Muskst, têm como atrizes, qualidades

Impressões sobre o meu 1º contacto com a "ESCOLA DE ARTE DRAMÁTICA DE SÃO PAULO".

S. Paulo, 5 de março de 1949.

Prima,

tenho já, dois dias de Escola de Arte Dramática. Pode mandar replicar à Aleluia todos os sinos do seu bairro. Estou ressuscitando. A tenue luz que se escoa pelas frestas destas portas e janelas fechadas há tanto tempo, e que, desta vez, quero abri-las devagarinho, já me faz inquieto o coração e põe em função a minha sempre fecunda imaginação.

Já começo a sofrer a angústia dos sonhos...

Arte! Sonho! - Pleonasmo.

Desta vez, porém, há uma razão mais forte para a minha constancia. O canto, a dança, a harmônica, eram para mim, para a minha vaidade. O teatro, porém, conforme o plano traçado pela Escola despertou-me a consciência e me faz meditar. Não posso mais viver indiferente e inerte. A obra de Alfredo Mesquita é impressionante e contagia.

ALFREDO MESQUITA - que escrevo com letras maiúsculas e a quem rendo minha sincera admiração, é um HERÓI. Se o seu trabalho se coadunasse com o de religião eu diria: Alfredo Mesquita é um SANTO. Nunca vi tanto amor, tanta dedicação, tanto desprendimento. É realmente incrível que esse moço extraordinário realize o que está fazendo, graciosamente, sem nem mesmo o interesse da vaidade pessoal. ~~XX~~ Em verdade, Deus lhe deu o dom artístico para glória da nossa Pátria. Pois se diz ~~autor~~ por ser ~~artista~~ fracassado. Diz que não sofre e já não se angustia. Por certo que esse

jovem moreno, corado como o jambo maduro, de olhos azuis mansos, simples e de uma sinceridade maravilhosa, já se cansara de muito sonhar. É calmo, se policia e sabe o que quer. Respeita a opinião alheia e conversa sem discutir. Sua cultura é francesa, por isso mesmo, é 100% adepto do teatro francês. É diretor, é aluno, é amigo. Entra-se na Escola e logo, dois faróis azuis se projetam sobre a gente num cumprimento orgulhoso como a dizer: esta é uma aluna!

Somos cinquenta pessoas, mais ou menos, em toda a Escola, entre mestres e alunos. (Alunos de toda classe social). Só se distingue o diretor, não o conhecendo, quando ele toma a palavra e começa a discorrer (em brasileiro! minha prima) sobre a finalidade e o programa da Escola. Suas palavras para o nosso exame de consciência ("há outros que também desejam cursar a Escola e se estiverem aqui só por curiosidade tomam os lugares, às vezes de ótimos elementos", etc., etc.; "devemos traçar um programa e chegar até o fim, mesmo que tudo colabore para o esmorecimento", etc. , etc..) sobretudo estas, caíram em cheio sobre a minha consciência atormentada. Fiz o propósito de levar avante este estudo, já agora como missão, não para mim, mas para colaborar com Alfredo Mesquita para o êxito da sua grandiosa obra que já se alicerçou. Toda esta vibração artística que sinto em mim hei de empregá-la, aperfeiçoá-la, não para mim, mas para orgulho da "Escola de Arte Dramática de São Paulo" - selva apaixonada de Alfredo Mesquita. Que todos os valores compreendam o seu trabalho, ajudem-no e não deturpem suas intenções.

Está vendo? Pelo geito, creio que me encontrarei agora. Não se admire deste arroubo à primeira vista. É assim mesmo. Venha ver-me, um dia, na Escola e V. terá a confirmação de tudo isto. Tomaremos juntas a sopa com pão e sobremesa que

dr. Alfredo nos oferece diariamente, vinda de sua casa. Até isto ele faz! E houve alguém, que, por piada, talvez, dissesse: só sopa? Deus do céu! que falta de espírito!

Nosso horario é de 8 às 10 e meia da noite. Vou rever dona Vera e Chinita que lecionam respectivamente dicção e emposta̧ção de voz e mímica. Conheci dr. Decio de Almeida Prado e o prof. Contier, moços de valor e dedicados colaboradores do dr. Alfredo. Quanto ao que se vai estudar sei que o forte é a História. Representar mesmo, só daqui a um ano. Prepare, pois seus livros para m'os pôr à disposição. (A Escola conta também com uma pequena biblioteca especializada). Agora V. terá mais uma oportunidade de semear um pouco da sua sabedoria. O canteiro está preparado. Esperemos a germinação.

Até breve. Abraça a prima,

Dina

Carta a Philomena Turelli

Escola de Arte Dramatica de São Paulo

Os resultados dos exames de drama e comedia dos alunos do 2 o ano da Escola de Arte Dramatica de São Paulo, em cuja banca examinadora tomaram parte as snas Vera Janacopulos e Cacilda Becker e os srs Aldo Calvo, Ruggero Jacobbi, Adolfo Celi e Decio de Almeida Prado, foram os seguintes:

Plenamente em Drama: Leo Villar, Monã Delacy, Celeste Jardim, Leandro Navarro, Odilon Nogueira, Francisco Arisa e Xandó Batista

Simplesmente em Drama: — José Renato e Marcos Jourdan

Plenamente em Comedia. — Marcos Jourdan José Renato, Leandro Navarro, Monã Delacy Odilon Nogueira, Celeste Jardim, Xandó Batista, Francisco Arisa e Leo Villar.

—Não houve reprovações

O ano letivo da escola de Arte Dramatica de São Paulo encerrou-se no dia 20 do corrente Nessa ocasião foram distribuidos os seguintes premios aos melhores alunos do ano:

Segundo ano: Premio "Fundação Carolina Motta e Silva": Odilon Nogueira. Premio "Franco Zampari": Celeste Jardim

Primeiro ano: Premio "Fundação Carolina Motta e Silva": Dina Lisboa Premio "Franco Zampari: Benedicto Corsi.

As inscrições para o proximo ano estarão abertas a partir de 1o de fevereiro na sede da Escola, á rua Major Diogo n 311 — 2o andar, devendo os exames de seleção serem realizados em principios de março. Os cursos serão reabertos no dia 1.º de abril de 1950.

Notas sobre a EAD

Escola de Arte Dramatica de São Paulo

Continuarão nos dias 5 e 12 de dezembro os exames publicos de drama e comedia dos alunos do primeiro ano da Escola de Arte Dramatica de S. Paulo.

Fizeram ontem exame de drama os seguintes alunos: Dinah Lisboa e Carlos Augusto de Araujo Brito, em "Neblina", de Alfredo Mesquita; Sergio Sampaio e Flavio Gonçalves, em "Ana Christie", de O'Neill; Benedito Corsi e Orlando Marcucci, em "Os caprichos de Mariana", de Musset; Marcelo Ribeiro em "A Sombra do Mal", de H. Lenormand, e Luis Furquim em "Lorenzaccio", de Musset.

Prestaram concurso de comedia nesse mesmo dia os alunos: Marina Briquet, em "Dois Destinos", de Noel Coward; Duilio de Fabricius, em "Os caprichos de Mariana", de Musset; Maria Lucia Costa, em "Dias Felizes", de Claude Puget; Honorio Martinez, Mario Basile, Maria de Lourdes Almeida e Henrique Becker em cenas de "O Avarento", de Molière.

Os convites para os proximos exames estão sendo distribuidos gratuitamente aos interessados na sede da Escola, á rua Major Diogo, 311, 3.o andar e na Livraria Jaraguá, á rua Marconi, 54.

Escola de Arte Dramatica de São Paulo

Como vem sendo noticiado realizar-se-ão amanhã, a 3 e a 12 de dezembro, os exames publicos de drama e comedia dos alunos do primeiro ano da Escola de Arte Dramatica de São Paulo.

Farão exame de drama amanhã os seguintes alunos: Dina Lisboa e Carlos Augusto de Araujo Britto em "Neblina" de Alfredo Mesquita; Sergio Sampaio e Flavio Gonçalves em "Ana Christie" de O'Neill; Benedicto Corsi e Orlando Marcucci em "Os Caprichos de Mariana" de Musset; Marcello Ribeiro em "A Sobra do Mal" de H. Leusmand e Luis Furquim em "Lorenzaccio" de Musset.

Prestarão concurso de comedia nesse mesmo dia os alunos: Marina Briquet, "Dois Destinos" de Noel Coward; Duilio de Fabriciis, "Os Caprichos de Mariana" de de Musset; Maria Lucia Costa, "Dias Felizes" de Claude Puget; Honorio Martinez, Mario Basile, Maria de Lourdes Almeida e Henrique Becker em cenas de "O Avarento" de Molière.

Os convites para esses exames estão sendo distribuidos gratuitamente aos interessados na sede da Escola, á rua Major Diogo, 311, 2.o andar e na Livraria Jaraguá, á rua Marconi, 54.

Escola de Arte Dramatica de São Paulo

Dando prosseguimento aos concursos publicos dos alunos do primeiro ano, realizar-se-ão no proximo dia 5 os seguintes exames:

Comedia: — Dina Lisboa e Rosires Rodrigues em "Fora da Barra", de Sutton Vane; Marcelo Ribeiro, em "A' Sombra do Mal", de Lenormand; Maria de Lourdes Antunes em "Dias Felizes", de Claude Puget; Agostinho Manchon, em "O Avarento", de Molière; Benedito Corsi, em "Os Caprichos de Mariana", de Musset; Niliza Paranhos., em "Vermelho" de Henri Duvernois; Sergio Ningst, em "O Avarento" de Molière.

Drama: — Marina Briquet, Maria Lucia e Rosires Rodrigues, em "Asmodeu", de François Mauriac; Lucila Curban, em "Ana Christie", de O'Neill; Luis Geraldo, em "Uma Carreira Brilhante", de Henri Clerc; Sergio Hingst, em "Os Mal queridos", de Mauriac; Mario Basile, em "Tavola Redonda", de Jean Cocteau.

Escola de Arte Dramatica de São Paulo

COMUNICA-NOS A SECRETARIA DA ESCOLA DRAMATICA DE S. PAULO

"Os resultados dos exames de drama e comedia dos alunos do 2.o ano em cuja banca examinadora tomaram parte as sras. Vera Janacopulos e Cacilda Becker e os srs. A. do Calvo, Ruggero Jacobbi, Adolfo Celli e Decio de Almeida Prado foram os seguintes:

Plenamente em Drama — Léo Vilar, Moná Delacy, Celeste Jardim, Leandro Navarro, Odilon Nogueira, Francisco Arisa e Xandó Batista.

Simplesmente em Drama — José Renato e Marcos Jourdan.

Plenamente em Comedia — Marcos Jourdan, José Renato, Leandro Navarro, Moná Delacy, Odilon Nogueira, Celeste Jardim, Xandó Batista, Francisco Arisa e Léo Vilar.

Não houve reprovações.

Encerrou-se anteontem o ano letivo da Escola de Arte Dramatica de São Paulo. Nessa ocasião foram distribuidos os seguintes premios aos melhores alunos do ano.

Segundo ano: — Premio "Fundação Carolino Mota e Silva" — Odilon Nogueira. Premio "Franco Zampari" — Celeste Jardim.

Primeiro ano: — Premio "Fundação Carolino Mota e Silva" — Dina Lisboa. Premio "Franco Zampari" — Benedito [illegible]

As inscrições para o proximo ano estarão abertas a partir de 1.o de fevereiro na séde da escola, á rua Major Diogo 311, 2.o andar, sendo que os exames de seleção serão realizados em principios de março e os cursos serão reabertos no dia 1.o de abril de 1950".

Notas sobre a EAD

diferentes e mesmo opostas. A primeira é direta, realística, simples. A segunda tem mais imaginação e mais gosto poético, recorreu por isso mesmo, com mais habilidades ao sentimento de nostalgia na cena de sedução de Lilion e deu mais profundidade psicológica à tentativa de reconciliação com *Julia*.

O Estado de S. Paulo, **abril de 1950.**

Os alunos do 2º ano da Escola de Arte Dramática, também em 1950, representaram a peça teatral ***O Casamento Forçado***, de Molière, tradução de Esther Mesquita, música de Lulli e Mozart e sob a direção de Alfredo Mesquita.

No dia 13 de novembro de 1950, também foi apresentada no Teatro Brasileiro de Comédia – TBC. ***Quadrilha***, pantomima em um ato de Alfredo Mesquita baseada na poesia do mesmo nome, de Carlos Drummond de Andrade.

O elenco era formado por:

Iracema Bastos Ribeiro: A Cantora

Henrique Becker: João, o aventuroso

Rosires Rodrigues: Teresa, a mística

TEATRO CULTURA ARTISTICA
PEQUENO AUDITÓRIO
SARAU — POLTRONA
Q
1914/1950
Nº 24

JOALHERIA PREFERIDA DE TRES GERAÇÕES
BENTO LOEB
DE 15 DE NOVEMBRO, 231 — SÃO PAULO
JOIAS - RELÓGIOS
OBJETOS DE ARTES

São Paulo, 11 de Abril de 1950 — às 21 horas

Os Alunos da
ESCOLA DE ARTE DRAMATICA DE S. PAULO
em
"O MALANDRO"
(LILIOM)

4 atos e 8 quadros de Ferenc Molnar

Produção — Direção — Cenarios e Vestimentas de Alfredo Mesquita

Distribuição por ordem de entrada:

O Palhaço	Orlando Marcucci	2º anista
O Hércules	Luis Furquim	2º anista
Liliom	Francisco Arias	2º anista ou
	Xandó Batista	3º anista
Maria	Celeste Jardim	3º anista
Julia	Mona Delacy	3º anista
Tia Muscat	Olga Lisboa	2º anista ou
	Lucila Gorban	3º anista
O Delegado de Policia	Geraldo Mateus	3º anista
O Secretário do Delegado	Henrique Becker	2º anista
Tia Hollunder	Rosires Rodrigues	2º anista
Dandi	Odilon Nogueira	3º anista
O Agente de Policia	Luiz Furquim	2º anista
Hollunder Filho	Marcos Jourdan	3º anista
Wladimir Constantinovich	Leandro Navarro	3º anista
Linzmann	José Renato	3º anista
1º Policia	Henrique Becker	2º anista
2º Policia	Francisco Arias	2º anista ou
	Xandó Batista	3º anista
O Turqueiro	Orlando Marcucci	2º anista
O Medico	Duilio de Fredericiss	3º anista
1º Policia Celeste	Luiz Geraldo	2º anista
2º Policia Celeste	Benedito Coral	2º anista
O homem bem vestido	Flavio Gonçalves	2º anista
O homem mal vestido	Sergio Skorpio	2º anista
O Secretario Celeste	Léo Villar	3º anista
Luisa	Maria de L. Antunes	2º anista

Tradução de Paulo Barrabas e José Formaneck

Os cenarios e vestimentas foram executados pelos alunos da Escola de Arte Dramatica de S. Paulo

As cortinas de cena do Auditorio Pequeno foram gentilmente oferecidas à Escola pela Fabrica de Lonas Sta. Maria.

A seguir: **Os Alunos da Escola de Arte Dramatica** em
"DIAS FELIZES"
de Claude Andre Puget

KOPENHAGEN
Fabricação de especialidade em
CHOCOLATES
Loja Matriz: Rua Dr. Miguel Couto, 41 — Fone 3-3409
Filiais: R. Dr. Miguel Couto, 28 - Fone 3-3686 ★ Barão de Itapetininga, 99 - Fone 4-3948 ★ São Bento, 82 - Fone 3-4733
Nova Filial à Av. Ipiranga, 736 - Fone 3-4527
Filiais no RIO — SANTOS — BELO HORIZONTE
— PORTO ALEGRE — CURITIBA

O MALANDRO, de Ferenc Molnar. Dir.: Alfredo Mesquita, 1950. Odilon Nogueira; Dina Lisboa; Francisco Arisa e Rosires Rodrigues. Foto Fredi Kleemann/Arq. IDART-Multimeios — C.C.S.P

Matérias sobre as montagens da EAD

Cinema - Radio - Sociais

DUAS ESTRÉIAS, HOJE, NO TEATRO CULTURA ARTISTICA

No palco, os alunos da Escola de Arte Dramatica — Primeira representação de "Liliom", de Ferenc Molnar, tradazida sob o titulo de "O Malandro"

Duas fisionomias dos alunos de "O Malandro"

O publico paulistano assistirá hoje, às 21 horas, no auditorio pequeno do Teatro de Cultura Artistica, na rua Nestor Pestana, a duas estréias teatrais.

Os alunos da Escola de Arte Dramatica de São Paulo, sob a direção do diretor do estabelecimento, sr. Alfredo Mesquita, levarão à cena, pela primeira vez no Brasil, a peça humana "Liliom", de Ferenc Molnar. Como se não bastasse o fato de uma obra ser apresentada pela primeira vez no Brasil, os atores e atrizes que tomarão parte do espetaculo tambem pela primeira vez enfrentarão as luzes da ribalta, após completar o seu terceiro ano de estudos da arte teatral. Todos eles, num total de 21 elementos, integrarão o elenco de "O Malandro", titulo que foi dado à versão da peça.

O ENREDO DA PEÇA

Conversando durante os ensaios de "O Malandro" com o diretor da Escola de Arte Dramatica de São Paulo, o sr. Alfredo Mesquita, pede a reportagem integrar-se do enredo da peça. Um rapaz dado à malandragem apaixonou-se por uma empregada domestica e resolveu casar-se com ela. Acontece, entretanto, que, após o casamento, vê-se a braços com dificuldades varias para atender à manutenção do lar. Disso resulta tornar-se ladrão. Pelo inedítismo da peça em nossa capital, deixamos de resumir os episodios seguintes, a fim de que os espectadores não tenham prejudicada a sua curiosidade.

A MONTAGEM

Um fato interessante na montagem da peça: os cenarios, os vestimentas e acessorios foram feitos pelos proprios alunos da Escola de Arte Dramatica de São Paulo. Durante muito que tempo no Teatro, ali se encontraram diversas alunas e alunos do estabelecimento entregues ao afã de confeccionar petrechos destinados à representação. Dirigiu os trabalhos de feitura dessas peças o sr. Ramano Vaccarini, do Teatro Brasileiro de Comedia.

FANTASIA POETICA DE FUNDO POPULAR

Ao descrever-nos as diferentes fases de "O Malandro", o sr. Alfredo Mesquita informou-nos tratar-se de uma fantasia poetica, de fundo popular e inocente.

"O MALANDRO"

No auditorio pequeno do Teatro Cultura Artistica, na rua Nestor Pestana, sera estreada hoje, às 21 horas, a peça "Liliom", do autor hungaro Ferenc Molnar, traduzida sob o titulo de "O Malandro". A representação estará a cargo dos alunos do 2o e do 3o anos da Escola de Arte Dramatica, que se encarregaram tambem da confecção dos vestimentas e dos cenarios. A direção geral está confiada a Alfredo Mesquita, diretor da Escola de Arte Dramatica.

As entradas poderão ser procuradas no Teatro Cultura Artistica e na Livraria Jaraguá, rua Marconi, 54.

TEATRO — VIDIGAL PONTES

O MALANDRO

No que se refere à interpretação, Xandó Batista, Celeste Jardim, Mona Delacy e Marcos Jourdan merecem ser citados em primeiro lugar. Odilon Nagueira e Leandro Navarro, logo a seguir.

Não gostamos da interpretação de Dina Lisboa (Xia Mucai) nas primeiras cenas em que tomou parte, tendo melhorado um pouco no decorrer da peça. Os demais, em papéis secundários, não tiveram oportunidade de aparecer.

De um modo geral, a interpretação alcançou alto nível artístico, principalmente em se tratando de estreantes.

No início do espetáculo, Alfredo Mesquita, visivelmente emocionado, dirigiu algumas palavras ao público, lembrando que a peça seria representada por alunos ainda não formados e não por artistas consumados; que o público levasse em conta esse importante pormenor, na apreciação do espetáculo.

Os aplausos, que por inúmeras vezes se fizeram ouvir, deram ter mostrado a Alfredo Mesquita que os elementos da Escola de Arte Dramática não estão errados, que um público amante de teatro está sempre ansioso por demonstrar a todos, professores e alunos, sua admiração e confiança.

Matérias sobre as montagens da EAD

Aula de História do Teatro, com o professor Décio de Almeida Prado, com os alunos do 2º Ano da EAD. Dina está sentada à esquerda, junto à parede. 1950

Surpreendendo artistas em floração

Entre os alunos da Escola de Arte Dramatica — Um sopro de renovação pelo teatro — Na deliciosa confusão dos bastidores

RESULTADO DOS EXAMES

Realizaram-se ontem os exames finais da Escola de Arte Dramatica. A banca examinadora, integrada de criticos e artistas consagrados, submeteu os candidatos a severo julgamento, chegando ao seguinte resultado:

Aprovados no exame de drama, os alunos Benedito Corsi, Luiz Furquim, Luiz Geraldo, Sergio Hingst, Sergio Sampaio, Henrique Becker, Duilio de Fabricius, Orlando Marcucci.

Aprovados, com o grau plenamente: Maria Lucia de Almeida Costa, Flavio Gonçalves, Lucila Vilela Curban, Dina Lisboa, Maria de Lourdes Antunes e Rosires Rodrigues.

Em comedia: Sergio Hingst, Duilio de Fabricius, Marcello Ribeiro, Marina Flavia Briquet, Henrique Becker, Rosires Rodrigues, Orlando Marcucci, Luiz Furquim, Luiz Geraldo e Lucila Curban.

Plenamente: Flavio Gonçalves, Dina Lisboa, Maria de Lourdes Antunes, Honorio Martinez e Sergio Sampaio.

Distinções em comedia: Maria Lucia de Almeida Costa e Benedito Corsi.

Louvor em ambas as materias: Flavio Gonçalves, Dina Lisboa e Maria de Lourdes Antunes.

Nos exames de drama houve 8 reprovações, e em comedia, quatro.

Matérias sobre as montagens da EAD

Dina Lisboa, a quarta à direita, e o elenco da peça O casamento forçado*. T.B.C., 13 de novembro de 1950*

Geraldo Mateos: Raymundo, o esportista

Dina Lisboa: Maria, a hesitante

Duílio De Fabricius: Joaquim, o romântico

Maria Lúcia: Lili, a indiferente

Benedito Corsi: J. Pinto Fernandes, que não tinha nada com a história

Nesse mesmo ano a Escola de Arte Dramática de São Paulo excursionando em Salvador (Bahia) é recebida pelo governador Octávio Mangabeira, no Palácio da Aclamação.

Ao concluir o 2º ano letivo, Dina pensou em deixar a EAD e expôs seus motivos ao diretor e professor, Alfredo Mesquita.

Certamente, foram passageiros os motivos que levaram Dina a abandonar a Escola de Arte Dramática, pois em meados do ano seguinte, numa carta endereçada ao amigo professor Soares Amora, mostrou-se firme, resoluta nos seus propósitos de levar adiante suas coisas de teatro.

Em 1951, como aluna do 3º ano, Dina também tem aulas com o mímico Marcel Marceau.

19-12-50

Dr. Alfredo,

Torno a escrever-lhe, porém, agora, para um agradecimento e um adeus.

Não seria justo que eu me afastasse da escola deixando-lhe uma impressão mais desagradável do que a que talvez já lhe tenha causado. Quero, apenas, justificar essa minha resolução, para que o snr. e os professores a quem muito prezo e admiro não pensem que não sei perder.

Acontece que a minha exigência não é somente para com o próximo; dou-me comigo mesma.

O julgamento da banca, este ano, fez-me despertar da deliciosa ilusão que alimentei nesta querida Escola durante dois esplendidos anos.

Sempre pensei que a minha angústia espiritual e que a minha "sensibilidade finissima" no dizer de Guilherme de Almeida, fossem o prenúncio de uma grande capacidade artistica incubada. (Em criança chamava-me de menina prodígio). Recitei, cantei, dansei, mas faltava sempre alguma coisa. Foi quando descobri esta Escola. O teatro! É aí, aí que está o que procuro: viver tôdas as emoções que sentimos e as que desejariamos sentir! Satisfação completa!

Dito e feito: Lydia, Jocasta, Dolly, Mme. Banks, Marcela, Tia Muscat(tenho saudade dela), Lady Macbeth (principalmente esta), Alice, Catarina, tôdas elas me apaixonaram e eu tive impressão de que, como estudo rapido para principiante, elas não foram sofrivelmente vividas. Não havia dúvida, eu devia ter mesmo jeito para a coisa.

Vive, porém, de viver Tereza. Ela custou aparecer, mas no dia do meu exame, ao dirigir-me a Le Ménil, senti que não era eu que andava. Uma coisa estranha se apossou de mim e eu senti que era Tereza quem falava. Bem ou mal foi ela quem falou, juro, dr. Alfredo. Depois da representação senti uma alegria tão intensa, uma paz tão boa, uma tranquilidade tão grande de consciência (pois eu tenia aquela cena por ser adaptação de romance), que o julgamento fosse qual fosse, não me assustaria. Podiam me dar zero, não tinha importancia. Eu estava radiante comigo. O que eu sentira fora maravilhoso! (bonito, não?) - (Isoladamente o julgamento podia ser um; comparando, a conclusão devia ser outra. Nossa cena, por pior que fosse representada não podia estar inferior a muitas outras) -.

Mas a realidade surgiu: um pimplesmente do tamanho de um bonde me sacudiu de tal forma que despertei. E estou bem acordada dr. Alfredo, bem acordada.

Hélas! Il n'était pas qu'un rêve!

Se a minha Tereza(amiga da onça!) não teve nenhuma qualidade para a banca que aprovou e distribuiu"plenamente" com a prodigalidade de mãe coruja, é porque não sou, nem serei nunca, nem sombra de atriz. Esse resultado chocante (sempre em comparação, é claro), foi para mim um atestado de incompetência artistica.

Profundamente decepcionada comigo e por isso mesmo triste, muito triste, deponho as armas. Tereza me ensinou muito, sobretudo a ser digna. Dignamente, pois, e sem ironia, enxergo a minha nulidade.

Foi tudo, apenas uma linda ilusão!

Abençoo os dois anos que passei Escola - os melhores de minha - porque os vivi à minha moda, loucamente, sofrendo e gozando - totalmente - sem complexo, sem restrição - cegamente - existencialisticamente (no bom sentido da palavra).

Já era, decerto, tempo de tudo se acabar. A realidade é a Moira que me persegue. Dois anos de felicidade! Era muito!

Fica, pois, esclarecido que não é por despeito que me retiro.
Consciência - dolorosa,- mas sincera - de falta de valor.
Não é justo tomar o seu precioso tempo nem a sua paciencia de santo..
Voltarei ao meu túmulo; para o meu automatismo.. (não é para comove-lo).
Quem sabe se no céu ou no inferno encontrarei minha satisfação espiritual? Esperemos, esperemos, esperemos. Desfaço também o pedido do "Sonho de Amor" de Liszt.
Deixo meu lugar aos mais capacitados. Minha ausência lhes fará muito bem pode crer.
Beijo-lhe as mãos pela alegria que me proporcionou.
Esqueço-me de alguns aborrecimentos sofridos. Peço desculpas aos que também se iludiram comigo. Como viu, não sou culpada. Foi o destino. Adeus.

Cristina (Lima)

Carta a Alfredo Mesquita

S. Paulo, 27 de junho de 1951.

Muito estimado Amora,

estou ainda sob o encanto da magnífica surpresa que você me proporcionou, citando-me, no Programa da "Radio S. Paulo", como sua "aluna inesquecível". Até parece que estávamos combinados, pois tenho tido muitas oportunidades de fazer jús ao alto valor do inesquecível Mestre.

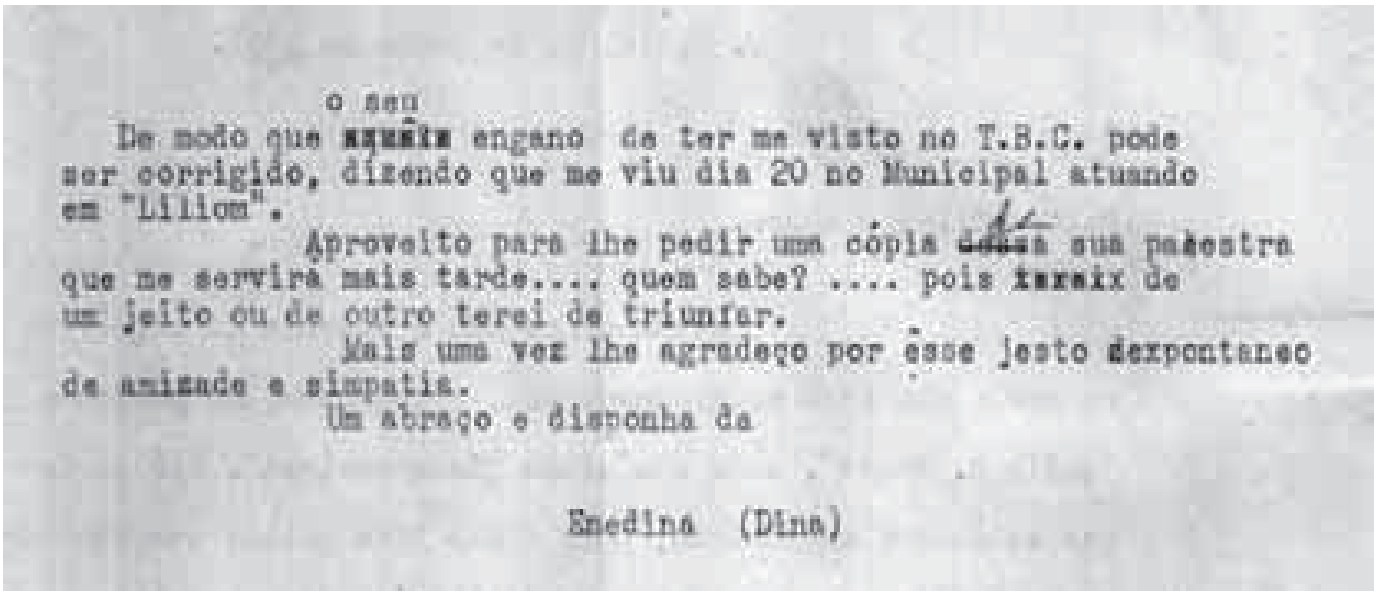
Na Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito onde trabalho, recebo sempre a visita de várias amigas estudantes de Direito e de Filosofia, com quem me demoro conversando sôbre você e o bom dr. Higino.

Segui de perto sua vertiginosa ascenção na intelectualidade brasileira e muito me orgulho de ter privado com você.

Sua carinhosa lembrança é mais uma dívida para os meus compromissos. Ao lado da minha vocação e prazer pelo estudo em geral, principalmente pelas coisas de teatro, tenho o estímulo dos amigos que esperam alguma coisa de mim.

Em 1949 entrei na Escola de Arte Dramática, - creada e dirigida pelo Alfredo Mesquita - por sinal que êle é um herói - e até agora, não desapontei os novos mestres. Tenho sido contemplada com o 1º prêmio de aproveitamento geral, bem como de História do Teatro. Minha atuação em "LILIOM" de Ferenc Molnar, como "Tia Muscat", me fez merecer a honra de ser convidada pelo diretor artístico Ruggero Jacobbi para atuar no cinema nacional. E foi assim que desempenhei o papel de Augusta em "Presença de Anita" e de "dona Olga" em "Susana e o Presidente, da Cia. Cinematográfica Maristela.

Enquanto alunos, não podemos atuar em nenhuma companhia teatral, mas a Escola tem uma companhia própria da qual fazemos parte. Já representamos em S. Paulo e Bahia; vamos agora a Campinas e Curitiba. Nossos exames de drama e de comédia são públicos e, este ano, faço questão que você assista aos meus.



o seu

De modo que ~~aquêle~~ engano de ter me visto no T.B.C. pode ser corrigido, dizendo que me viu dia 20 no Municipal atuando em "Lilion".

Aproveito para lhe pedir uma cópia ~~desta~~ sua palestra que me servirá mais tarde.... quem sabe? .... pois ~~tarde~~ de um jeito ou de outro terei de triunfar.

Mais uma vez lhe agradeço por êsse gesto ~~de~~espontaneo de amizade e simpatia.

Um abraço e disponha da

Emedina (Dina)

Carta ao professor Soares Amora

Excursão a Salvador

O professor Marcel Marceau com os alunos terceiroanistas da Escola de Arte Dramática. Dina está em pé, no meio dos colegas. 1951

Nesse mesmo ano, trabalhou na peça ***Palavras trocadas***, de Alfredo Mesquita, também dirigida por ele. Teve como elenco:

Esposa: Dina Lisboa, Maria do Carmo Bauer, Cecília Carneiro

Criada: Rosires Rodrigues, Maria Magdalena Diogo, Maria José Campos Lima

Amiga: Moná Delacy, Sara Perissinoto

Marido: Duílio De Fabricius, Odilon Nogueira, Paulo Aloise, Francisco Cuoco

A primeira apresentação foi em 22 de outubro de 1951, no Teatro Brasileiro de Comédia – TBC.

> ***Palavras Trocadas***, de Alfredo Mesquita
>
> ***Dina Lisboa***, Mona Delacy e Duílio De Fabricius – todos os três merecem menção especial, principalmente a primeira, que representou como se fora uma comediante consumada.
>
> *Estado de São Paulo*, *1951*.

A peça ***Demorado Adeus***, de Tennessee Williams, também foi encenada. A tradução e os efeitos

PALAVRAS TROCADAS, de Alfredo Mesquita. Dir.: Alfredo Mesquita, 1951. Dina Lisboa. Foto: A. Paschoal/Arq. EAD.

Dina em Palavras Trocadas

PALAVRAS TROCADAS, de Alfredo Mesquita. Dir.: Alfredo Mesquita, 1951. Maná Delacy, Odilon Nogueira, Dina Lisboa e Celeste Jardim. Foto: A. Paschoal / Arq.: Odilon Nogueira.

Em Palavras Trocadas *com Monah Delacy, Odilon Nogueira e Celeste Jardi8m*

diversões no mundo

TEATRO DE SEGUNDA-FEIRA

(Conclusão)

Entre "O imbecil", de Pirandello, e "A exceção e a regra", de Bertoldo Brecht, preferimos "Palavras cruzadas" de Alfredo Mesquita. Dou, pois, a mão à palmatoria por ter escrito que o espetaculo, possivelmente, se constituiria de dois altos vôos e, de permeio, uma aterrissagem. O que aconteceu deitou por terra o vaticinio. Tivemos, antes, duas aterrissagens e um alto vôo...

"Palavras cruzadas" foi a maior surpresa da noite. O publico que se decepcionou terrivelmente com a encenação de Pirandello e Brecht, perdoará o diretor por ter escrito essa divertidissima malugueira em um ato.

Hesito em classificá-la de peça, ainda que, na França, o "louffoque", como é conhecido esse genero de teatro, seja bastante praticado. Talvez, possamos antes aceitá-la como uma serie de disparates mais ou menos ordenados no arcabouço de uma peça, de feição caricatural. Mas, caricatura do que? Das palavras, talvez.

A apresentação do diretor, antes do espetaculo, já é, por si, hilariante: houve em principios do seculo, num lugar x, uma estranha epidemia, cujo sintoma levava o docente a trocar o sentido das frases que pronunciava. Como todos os moradores do lugar sofressem o efeito da doença, o resultado foi uma algaravia geral. O mais esquisito, porem, é que continuavam a se entender, apesar do rebolico linguistico. Assim aconteceu num bar, cuja historia ia ser vista...

O exito foi completo. O publico ria e nem um "psiu" impertinentes conseguiram dar um fim às gargalhadas continuas. Um espetaculo desopilante, enfim.

A direção, do proprio autor, não poderia ter sido melhor. Imprimiu ao espetaculo um ritmo vivo, "esperneante", devez que sacodem os artistas e se tem a impressão que invadem a propria platéia, envolvendo-a com sua agilidade e tornando-a participante da ação.

O trabalho dos atores, sem exceção, foi magnifico. Dina Lisboa, já provoca um fremito de riso logo na abertura das cortinas. Ficou com as honras do espetaculo. Tem esse direito, não só pela maneira engraçada como se apresentou como tambem pela importancia da personagem, que soube encarnar com o devido espirito de caricatura. Mona de Lacy e Duilio de Fabriciis tambem impagaveis e imprescindiveis nesse concerto absoluto de humor.

ORLANDO MARCUCCI

Crítica de Palavras Trocadas

de luz foram de autoria de Sérgio Sampaio, a sonoplastia de Xandó Batista, dirigida por José Renato e no elenco:

Joe: Geraldo Mateos

Silva: Armando Paschoal

Mira: Moná Delacy

Mãe: Dina Lisboa / Lucila Curban

Bill: Eduardo Bueno

Carregadores: José Renato e Sérgio Hingst

A primeira apresentação foi em junho de 1951 na sede da EAD, no segundo andar do TBC. E a primeira apresentação em teatro de arena no Brasil.

Floramy Pinheiro, ex-aluna afirmou que anteriormente a essa apresentação houve uma experiência em arena, um conto de Steinbeck, *Noites sem lua*, dirigida por Luiz Furquim e interpretada por ela e Sérgio Hingst (EAD 48-68. Alfredo Mesquita, 1985, p. 124).

Demorado Adeus, de Tenneesse Williams

No teatro de Arena que tanto agradou e que teve por local o salão de festas do

Instituto Cultural Ítalo-brasileiro, na noite de sexta-feira da semana transata, pode-se observar o valor e destacada atuação de Armando Paschoal, Geraldo Mateos, ***Dina Lisboa***, Luiz Geraldo e Mona Delacy, sendo que ***Dina Lisboa*** impressionou vivamente a todos.

Alaor Malta Guimarães

Correio Popular. *Campinas/SP*
29 de julho de 1951

Nesse mesmo período, Dina participou em outras peças teatrais, como: *O Inglês Maquinista*, de Martins Pena e o *Urso* de Tchecov, que juntamente como os anteriores foram muito elogiados pelas críticas de São Paulo, Paraná e Campinas.

O Urso, de Tchecov

Entre os alunos examinados desde segunda-feira até quarta-feira, queremos salientar, por ordem da qualidade de interpretação, ***Dina Lisboa***, que no papel de D. Clemência, em *O Inglês Maquinista*, onde apenas dava a réplica, nos deu uma interpretação trabalhada em todas as minúcias, compondo com sobriedade e graça

Teatro Curitiba, 8-8-51

"Um demorado adeus"

Realisou a Escola de Arte Dramatica de São Paulo, ontem no Clube Curitibano a anunciada novidade para o público de Curitiba: o «Teatro de Arena».

E' uma modalidade de teatro onde os cenários são dispensados e os atores trabalham no meio do público.

Estão de parabens os alunos da Escola de Arte Dramatica, pois a iniciativa dojte espetaculo partiu deles e não dos diretores da Escola.

A peça escolhida foi «Um demorado adeus» de Tenessee Williams. Considerado o melhor autor teatral dos Estados Unidos, sua nova peça em um ato é uma das melhores que já escreveu. Suas personagens são muito humanas. Podemos dizer que «Um demorado adeus» é superior à «Uma rua chamada pecado».

A interpretação esteve impecavel. Foi o dono do espetaculo o jovem Geraldo Mateus, que já tinha dominado o espetaculo na peça anterior «Dina Felizes». Não creou o seu papel, viveu o com muita emoção.

Maná Delacy tambem esteve muito bem. Foi a sua melhor atuação em Curitiba. Dina Lisbôa numa ponta foi a mesma da estreia. uma grande artista.

Não poderia terminar estes ligeiros comentarios, sem fazer uma alusão ao idealisador do «Teatro de Arena» no Brasil, seu jovem diretor José Renato. A ele devemos tudo de bonito que tem na representação.

Mostrou-se um otimo diretor. As suas musicas foram escolhidas com um dedo de mestre.

Na arte de dirigir, José Renato pode considerar-se [illegible].

Iniciativa vitoriosa a dos alunos da Escola de Arte Dramatica de São Paulo, com seu «Teatro de Arena».

Acho que o espetaculo é digno de uma reprise, para que todos aqueles que não compareceram ontem ao Clube Curitibano, possam assistir «Um demorado adeus».

Crítica de Um Demorado Adeus

aquela personagem numa demonstração de equilíbrio e bom gosto, movimentando-se e usando a voz e gestos com a mestria de uma profissional experimentada.

Seus dotes de boa comediante confirmaram-se plenamente no seu exame de Comédia realizado quarta-feira, interpretando Popova de *O Urso*, de Tchecov, confirmando que as qualidades acima não eram frutos do acaso, mas resultado de longo e sério esforço, onde o talento, o trabalho e o estudo estiveram sempre presentes.

O Estado de São Paulo, dezembro de 1951.

Os inúmeros rascunhos, os manuscritos contidos em pastas selecionadas por Dina, como, por exemplo: ***Estudos – Teatro: EAD*** mostram também o êxito nos exames do curso de teatro, confirmando, portanto, o seu talento, o seu crescimento intelectual e a máxima seriedade no trato com a sua futura profissão.

– Obteve distinção em Comédia, em 1951 e plenamente contemplada com menção honrosa nos demais exames de Dramaturgia e Comédia durante o curso na EAD.

Exames na Escola de Arte Dramatica

I

No pequeno auditorio do Teatro Cultura Artistica estão-se realizando, de 2.a a 5.a-feira, os exames da Escola de Arte Dramatica dirigida por Alfredo Mesquita.

O simples fato de aquela sala não comportar o grande publico que, transborda pelas escadas e corredores no desejo de presenciar as provas, demonstra o prestigio e a autoridade que a Escola adquiriu no conceito publico em seus poucos anos de existencia.

*

Entre os alunos examinados desde segunda até quarta-feira, queremos salientar, por ordem da qualidade de interpretação, Dina Lisboa, que no papel de d. Clemencia em "O Inglês Maquinista" — onde apenas deva a replica — nos deu uma interpretação trabalhada em todas as minucias, compondo com sobriedade e graça aquela personagem, numa demonstração de equilibrio e bom gosto, movimentando-se e usando da voz e gestos com a mestria de uma profissional experimentada. Seus dotes de boa comediante confirmaram-se plenamente no seu exame de comedia realizado quarta-feira interpretando Popova do "Urso" de Tchecov, confirmando que as qualidades acima não são frutos do acaso mas resultado de longo e serio esforço, onde o talento, o trabalho e o estudo estiveram sempre presentes.

Benedito Coral, examinado em comedia no papel de "Gayner", do "Inglês Maquinista", foi outro ponto alto dos exames, conseguindo mesmo ser aplaudido em cena aberta. O caso deste jovem e já otimo ator é justamente o oposto de Dina Lisboa: possuindo uma figura de grande força comica, tem um tal poder de presença que suas simples entradas e saidas de cena provocam o riso do publico, mas a jovialidade por vezes insegura de sua voz, uma certa exuberancia de gestos e movimentos impedem-no, muitas vezes, de atingir esse maximo que é conseguido pelos bons atores, o mais das vezes por uma economia de meios, onde apenas o simples matiz e o gesto discreto e medido, mas oportuno, sublinham e completam a originalidade e o valor de uma criação. Não vai aqui uma censura nem uma depreciação a esse talentoso artista, mas apenas um aviso para alertá-lo contra os efeitos faceis que atingem sempre em cheio o gosto e a simpatia do publico comum, mas não elevam nem realizam plenamente uma otima interpretação, antes pelo contrario, e iam certos modismos e "tics" dificeis de perder uma vez adquiridos.

Crítica de Um Demorado Adeus

RONDA

PACHECO

ENCERROU-SE anteontem o ano letivo da Escola de Arte Dramatica. Com a presença dos professores e alunos, realizou-se o seminário, que constou de entrega de prêmios e distribuição dos diplomas. Houve também a representação de uma peça em um ato, de autoria de Jorge Andrade, aluno do primeiro ano.

*

Alfredo Mesquita, nas cerimonias de anteontem, entregou aos alunos que se formaram este ano (apenas quatro), os seus diplomas. Na mesma ocasião e com o atraso de um ano, os alunos da primeira turma formada tambem receberam os seus certificados de conclusão do curso. (O diploma é um belo trabalho do desenhista Italo Bianchi).

Apenas Geraldo Mateus, Benedito Corsi, Dinà Lisboa e Eduardo Bueno receberam diploma, na segunda turma da escola. Houve dois reprovados e duas alunas deixaram de prestar um dos exames.

*

Terceiro ano: Geraldo Mateus, 8,7; Dinà Lisboa e Eduardo Bueno, 7,8; Benedito Corsi, 7,25.

*

O Premio "Fundação Carolino Motta e Silva", para o melhor aluno de cada ano, foi distribuido a Jorge Andrade (1.o ano), Fleramy Pinheiro (2.o) e Geraldo Mateus (3.o). Consta de dois mil cruzeiros, foi entregue a Marietta Ribeiro de Azevedo (1.o) e a Dinà Lisboa e Eduardo Bueno, do (3.o ano).

*

O Premio "Chinita Ullman", instituido este ano, para a melhor interpretação durante todo o ano letivo, foi dado à aluna Dina Lisboa, pela sua interpretação em "Os dous ou o Inglês maquinista", de Martins Pena.

*

NASCE UMA NOVA VIDA PARA A ARTE ENTRE O TRICÔ E AS DISCUSSÕES

Divorciou-se da poesia, da música, do canto e da dança para fazer vida comum com o teatro — A história de uma carreira que começou há duas semanas — O sonambulismo, o transe e o espalhafatoso . . .

DINA LISBOA, no papel da ... — ... aplausos ...

Matéria sobre Dina

Dina afirmou que:

Havia uma lenda a meu respeito na Escola. Dizem que eu brigava muito e me chamavam de complicada*. Na verdade eu apenas queria saber. Era muito curiosa.*

Por isso fazia muitas perguntas, queria saber tudo a respeito de um assunto.

O meu sistema de trabalho era: estudar tudo o que se relacionava com o objeto em foco. Confundiam o meu desejo de aprender com complicação.

Em 1952, como parte do elenco da Companhia da Escola de Arte Dramática de São Paulo, Dina inicia no profissionalismo teatral com as peças: ***Heffemann***, de Alfredo Mesquita; ***À Margem da Vida***, de Tennesse William; ***Mr. Boble***, de Georges Shehade e ***Pedacinho de Gente***, de Dario Nicodemi.

Com personagens tão complexos, Dina, em ***À margem da vida***, interpreta a personagem Amanda.

À Margem da Vida

Dina Lisboa no papel de Amanda Wingfield realiza um trabalho excelente. Todos os

Diploma da EAD

"Ultima Hora"

★ São Paulo, Sabado, 29 de Março de 1952

DINA LISBOA CHORA DIANTE DE UMA FLOR

Entusiasmou a banca nos exames finais — Uma aluna da Escola de Arte Dramatica — Ruggero Jacobbi deu-lhe a primeira oportunidade — Contratada pelo SESC

A escola de Arte Dramatica ainda não tem quatro anos. E já contribuiu com alguns bons atores para o teatro de São Paulo. O T.B.C. tem Maria Lucia e Benedito Corsi, dois jovens talentos que passaram pelos bancos escolares da E. A. D. A S.P.T. deu uma oportunidade ao Xandó Batista, um nome que se impôs desde os primeiros tempos escolares. O SESC utilizou toda uma turma de alunos formados para organizar o seu "Teatro do Comerciario". E é justamente neste elenco que se fixou, depois de estudar varias proopstas, Dina Lisboa, um dos mais positivos valores saídos do curso teatral da rua Major Diogo.

Dina Lisboa, formada na ultima turma, entusiasmou o publico e até os atores profissionais que assistiram a seus exames, no pequeno auditorio do TCA.

DINA LISBOA

Durante três anos, cursou a EAD, tendo oportunidade de representar "Lilion", e o "sketch" "Palavras Trocadas". Com a EAD, foi ao Paraná e à Bahia.

COMO PROFISSIONAL

No fim do ano, seus exames publicos, com "O Urso", "Medeia" e "O Ingles Maquinista", valeram por uma consagração. Despertou o imediato interesse de Jaime Costa, da TV Paulista, de Ruggero Jacobbi e de outros elencos profissionais.

Estreou como profissional, numa emergencia, em "Pedacinho de Gente", ao lado de Verinha Nunes e Leo Villar, outro aluno da EAD.

Terminada a temporada organizada por Ruggero Jacobbi — por quem ela tem grande admiração — aceitou o convite de Alfredo Mesquita para ingressar no elenco profissional do SESC, inteiramente constituido por ex-alunos da E.A.D. Terá seu primeiro grande papel, em "A Margem da Vida", peça de Teennessee Williams.

COISAS

Dina Lisboa confessa ser "capaz de chorar diante de uma flor". Gosta de agua, mar, chuva. Quando morrer, quer que todos os seus amigos ouçam uma pagina de Liszt "Sonho de Amor". Seu "hobby": ler biografias de atrizes celebres.

Apesar de tudo, não resta duvida de que Dina Lisboa é uma grande esperança para o nosso teatro. Tem qualidades, grandes qualidades.

Matéria sobre Dina

São Paulo, 11 de setembro de 1952 — às 16 horas

A Cia. da Escola de Arte Dramática de São Paulo

apresenta:

HEFFEMANN

3 atos de

ALFREDO MESQUITA

PERSONAGENS: (por ordem de entrada)

D. Alzira	CELESTE JARDIM
D. Etelvina	N. N.
Nair	ROSIRES RODRIGUES
Moacyr	EDUARDO BUENO
Antonio Augusto	EMILIO FONTANA
Ismênia	DINA LISBÓA
Isabel	MONA DELACY
Heffmann	GERALDO MATHEUS
A Estrangeira	FLORAMY PINHEIRO

Direção, Cenarios e Vestimentas de **Alfredo Mesquita**

Heffemann: ficha técnica

"HEFFEMAN" HOJE

DINA LISBOA, um dos bons elementos formados pela Escola de Arte Dramatica e aproveitados em seu elenco profissional, tem uma das boas "chances" de sua carreira, em "Heffeman", peça de autoria de Alfredo Mesquita, que hoje será representada no pequeno auditorio do Teatro de Cultura Artistica.

PALCOS

"HEFFEMANN"

A Cia. da Escola de Arte Dramatica de São Paulo está apresentando no pequeno auditorio do Teatro Cultura Artistica a peça «Heffemann», de autoria, direção e cenarios de Alfredo Mesquita.

Nunca é demais louvar o trabalho paciente e idealista que Alfredo Mesquita vem desenvolvendo ha varios anos em favor do teatro brasileiro, primeiro criando o «Grupo de Teatro Experimental», que formou alguns artistas de reconhecido valor e, posteriormente, organizando e dirigindo a Escola de Arte Dramatica de São Paulo, onde, pela primeira vez no Brasil, podem os que desejam seguir a carreira teatral, adquirir conhecimentos exatos e necessarios para uma profissão onde a cultura e o bom gosto desempenham papel preponderante. Tais «emprendimentos», por si sós, bastam para colocar Alfredo Mesquita numa logar à parte no movimento renovador do teatro em nossa terra.

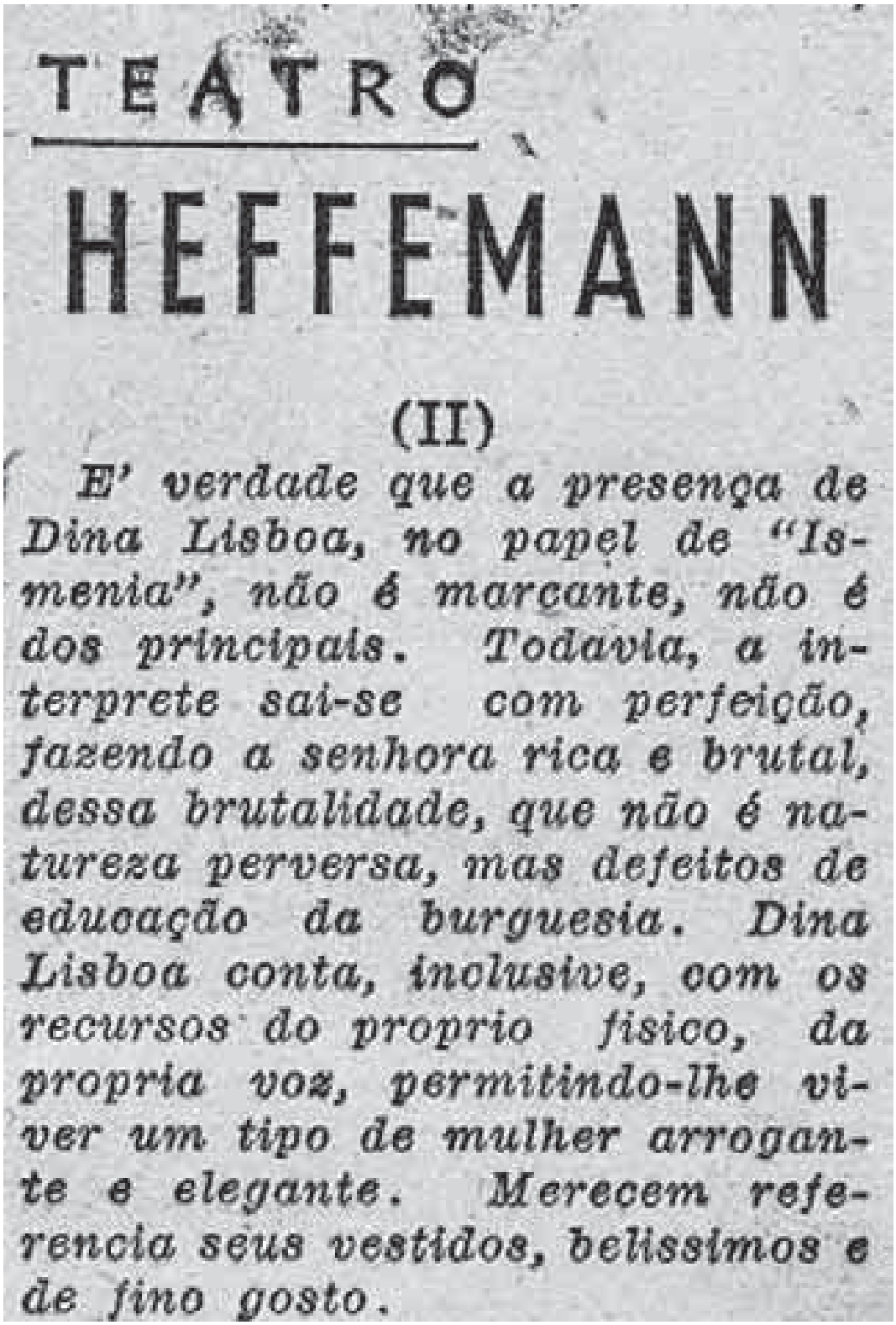
«Heffemann» é uma peça que já tem mais de dez anos e foi apresentada quando o «GTE» iniciava suas atividades, numa epoca em que o mundo enfrentava uma guerra aparentemente ideologica e com o termino da qual a sociedade de todos os paises esperava o surgimento de um mundo melhor e mais justo. Destes anseios o texto nos dá conta e esta é uma das razões por que envelheceu tanto.

A peça, até o final do primeiro ato, apresentando uma familia da classe media, com seus habitos e seus problemas, onde um grupo de jovens luta por se libertar da mediocridade do meio, possui bastante veracidade e está bem observada, tendo o autor conseguido tornar vivos os seus personagens. Mas quando surge Heffemann tudo muda e os adolescentes passam a ouvir ininterruptos discursos por onde perpassam um idealismo difuso e uma filosofia simplista que não chegam a definir a posição da personagem, ficando esta entre uma vaga ideologia politica e uma atitude messianica com relação à mocidade que a rodeia. Trata-se de um personagem-simbolo e, portanto, inconsistente e antiteatral. Não é uma criatura viva, nada sabemos dele, quem é, de onde veio e o que pretende. Vai-se misteriosamente como chegou e sua função revolucionadora não parece ter sido eficiente porquanto, ao partir, deixou aqueles moços tão indecisos e confusos como estavam antes de ter agido sobre eles com suas idéias. Trabalhando o personagem mais literariamente do que em profundidade e querendo através dele transmitir-nos sua posição na epoca com relação aos moços, o autor sacrificou todos os elementos da peça esquematizando e deixando de desenvolver os tipos tão bem apresentados no primeiro ato.

Sendo uma peça que requer encenação naturalista, não achamos acertado certos efeitos de luz usados para ressaltar as atitudes do personagem-titulo nem a aparição misteriosa de «estrangeiros» que destoaram da marcação e direção dadas ao resto da peça. O cenario, bem imaginado, foi um dos pontos altos do espetaculo.

Quanto à interpretação, sobressaem-se Geraldo Mateus que fez o possivel para tornar real e vivo Heffemann, Mona Delaty, em constante progresso, Dina Lisboa bastante convincente no papel da grã-fina, Florency Pinheiro sobria e segura como sempre e Heitres Rodrigues, que está começando a se firmar como atriz.

D. G.



TEATRO

HEFFEMANN

(II)

E' verdade que a presença de Dina Lisboa, no papel de "Ismenia", não é marcante, não é dos principais. Todavia, a interprete sai-se com perfeição, fazendo a senhora rica e brutal, dessa brutalidade, que não é natureza perversa, mas defeitos de educação da burguesia. Dina Lisboa conta, inclusive, com os recursos do proprio fisico, da propria voz, permitindo-lhe viver um tipo de mulher arrogante e elegante. Merecem referencia seus vestidos, belissimos e de fino gosto.

Críticas Heffemann

pequeninos estados de ânimo da personagem, a atriz soube vivê-los com uma graça especial. É uma artista de real sensibilidade! Nota-se-lhe nos papéis que vive, uma busca incessante de composição, que não poderia atingir, não fosse ela uma artista, com estabilizações gratuitas.

Porém, como Amanda, seu esforço, traduziu-se em emoção e interpretativamente é a primeira figura da peça.

Orlando Marcucci, Jornal A Época*, 15 de junho de 1952.*

À Margem da Vida, de Tennesse William.

Dina Lisboa, talvez a melhor artista saída da Escola, esteve esplêndida, vivendo o difícil papel de Amanda.

Clóvis Garcia – **O Cruzeiro***, 1952.*

Em primeiro lugar colocaremos ***Dina Lisboa***, que consegue fundir em perfeita harmonia de estilo o aspecto grotesco e o dramático do papel.

Ruggero Jacobbi – **Última Hora***, 1952.*

Palcos

À MARGEM DA VIDA

No grande auditorio do Teatro Cultura Artistica, o SESC apresenta o Teatro do Comerciario em colaboração com a Companhia da Escola de Arte Dramatica, em «À margem da vida» (The glass menagerie), de Tennessee Williams, tradução de Ester Mesquita.

Embora a peça pareça dar maior importancia a Laura, com todo aquele segundo ato a ela dedicado, é Tom, a nosso ver, a personagem mais significativa da obra. Em meio à marginalidade geral, Amanda sonhando com as Montanhas Azuis, Laura com seu complexo de inferioridade, fragil e timida, é Tom o grande problema de toda uma juventude sacrificada em lojas, fabricas e escritorios. Uma juventude que só vê o sol e o ceu aos domingos, e o domingo é um dia por demais disputado para ser aproveitavel. Em Tom está a angustia dos dias não vividos, do tempo que se vai, num constante vazio; do mundo que existe, nas ilhas, em terras distantes, e não se pode conhecer por precisar ficar o dia todo encerrado numa loja em troca de 65 dolares mensais, quando o destino verdadeiro seria a viagem. O cinema é o que resta para anestesiar essa consciencia da vida perdida. Mas quando um dia ele se resolve a partir, abandonando a monotonia pela aventura, surge a lembrança da irmã, acompanha-o a lembrança da irmã, a resignada Laura, a passar o tempo com discos velhos e bichinhos de vidro.

Jim O' Connor é o americano medio, superficial e otimista, sem nenhum drama interior, personagem acessorio, cuja presença se justifica na acentuação do problema Laura.

A direção, bastante boa, de Alfredo Mesquita, infelizmente, apesar da relativa homogeneidade do grupo, nem sempre contou com suficiente tecnica e desenvolvimento artistico dos interpretes, para uma peça assim cheia de dificuldades.

Salientamos, no entanto, o trabalho muito bom de Dina Lisboa, alguns momentos ótimos de Geraldo Mateus, entre os quais alguns da narração no primeiro ato, principalmente pela composição de atitudes. Não conseguiu ele, entretanto, atingir uma linha de equilibrio saindo muitas vezes da psicologia do papel. Outra coisa que deveria trabalhar com mais cuidado, é sua voz, a fim de enriquecê-la de colorido, pois às vezes, e sobretudo nos tons medios, é bastante expressiva.

Rosires Rodrigues revelou-se bastante sensivel, faltando a Armando Pascoal maior integração em seu papel.

MARIA JOSE'

Crítica à Margem da Vida

A atriz Dina Lisboa em À margem da vida*, de Tennesse William, representando a personagem "Amanda", 1952*

À margem da vida*, de Tennesse William, maio, 1952*

Cenas de À margem da vida*, de Tennesse William, maio, 1952*

Cenas de À margem da vida*, de Tennesse William, maio, 1952*

Dina Lisboa deteve as honras da noite, num tipo completamente diverso daquele que lhe coube em ***Lilion***. Os seus recursos de gestos e inflexões são muito vastos e ela os utiliza com bastante propriedade, dando-nos boas transições.

Waldemar de Oliveira. **Jornal do Comércio***, Recife, 1952*

Dina Lisboa, por outro lado, sabe empregar o patético e o cômico com muita propriedade, nunca forçando a nota das situações e com isso consegue atingir o nível exato da representação sem exageros, coisa que nós, latinos, não estamos acostumados.

Hermilo Borba Filho, Recife, 1952

Pedacinho de gente de Dario Nicodemi

Dina Lisboa, com apenas três ou quatro dias de ensaio, demonstrou mais uma vez que dentro em breve poderá figurar entre os maiorais do teatro paulista. Foi aplaudida em cena aberta... ***Dina Lisboa*** foi elogiada por Bibi, que assistiu ontem a ***Pedacinho de gente***. Bibi gostou de todos. Cumprimentou Vera Nunes, Liana Duval

e Dina Lisboa, cuja saída, no 3º ato, Bibi considerou notável.

Diário da Noite, 1952

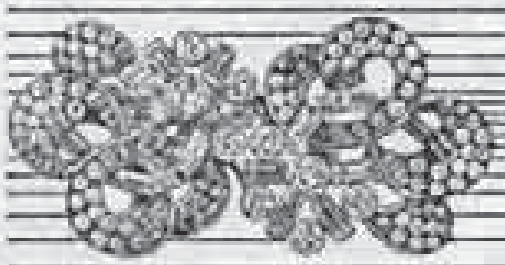
O jornal *Fanfulla*, de grande circulação entre italianos e seus descendentes radicados em São Paulo (capital), também comentou sobre a peça ***Pedacinho de Gente***, destacando a atuação de Dina Lisboa.

Lo stesso applauso spontaneo che, più avanti, accolce la furiosa uscita della eccellente Dina Lisboa.

Il personnaggio di *Franca* presenta molte difficultà, ma la dinamica ex-declamatrice che recentemente trionfò durante i saggi finali della *Escola de Teatro di Alfredo Mesquita*, ha saputo vincerle facilmente pur a vendo imparato la parte in appena tre giorni.

Carlo Prina. **Fanfulla.** *San Paolo, 1952*.

E a Cia. Profissional dirigida por Alfredo Mesquita conseguiu valorizar de maneira significativa alguns alunos da Escola de Arte Dramática, entre eles, ***Dina Lisboa***. O grupo teatral apresentou



CASA BENTO LOEB

Servindo a Sociedade Paulista há mais de 50 anos

SÃO PAULO - Rua 15 de Novembro, 331 - Fone 32-1167

São Paulo, 24 de Fevereiro de 1952 — às 21 horas

PEDACINHO DE GENTE

3 atos de DARIO NICODEMI

Tradução de GASTÃO PEREIRA DA SILVA

Produtor: CARLOS ALBERTO DE OLIVEIRA

Personagens:

Pedacinho de gente	VERA NUNES
Emília Bernini	LIANA DUVAL
França	DINA LISBOA
Tito Sacchi	LEO VILAR
Júlio Bernini	JACKSON DE SOUZA
Sr. Cesar	RICARDO CAMPOS
Egisto	DANIEL AZEVEDO
O desconhecido	HONORIO MARTINEZ

Direção de RUGGERO JACOBBI

Maquilagem: BARRY

Móveis e objetos do 2.o e 3.o ato:
Casas AMBIENTE — ARTEC — TEPPERMANN

O diretor RUGGERO JACOBBI e os atores VERA NUNES, LIANA DUVAL, JACKSON DE SOUZA e RICARDO CAMPOS pertencem ao "cast" permanente da RÁDIO TELEVISÃO PAULISTA — **Canal 5.**

KOPENHAGEN FABRICAÇÃO DE ESPECIALIDADES EM CHOCOLATES

LOJA MATRIZ: Rua Dr. Miguel Couto, 41 - Fone, 33-3406
FILIAIS: R. Dr. Miguel Couto, 28 - Fone: 33-3406 ● R. Barão de Itapetininga, 98 - Fone: 34-3946 ● R. S. Bento 82 - Fone: 32-6733 ● Av. Ipiranga, 750 - Fone: 33-4527 ● Praça do Patriarca, 100 - Fone: 33-3607 ● Praça João Mendes, 11 ● FILIAIS NO RIO — SANTOS — BELO HORIZONTE — PORTO ALEGRE — CURITIBA.

Matéria sobre Pedacinho de Gente

Dina comemorando com os colegas a estréia da peça
Pedacinho de Gente

a peça *Seu Boble*, do poeta libanês Georges Shehadé, em 20 de outubro de 1952, inaugurando o Teatrinho da Escola, em sua sede, à Rua Maranhão, nº 491.

Tradução: Esther Mesquita

Música: Souza Castro

Dir. cena: José Renato

Exec., cen. e ilum.: Geraldo Mateos

Guarda-roupa: Odilon Nogueira

Acessórios: Armando Paschoal

Assist. dir.: Emílio Fontana

Cen., fig. e direção: Alfredo Mesquita

Elenco:

Arnoldo: Armando Pedro

Fifina: Celeste Jardim

Seu Boble: J. Henrique de Carli

Artur: Odilon Nogueira

O Ferreiro: Geraldo Mateos

Frederico: José Renato

O Carteiro: Francisco Arisa

Tia Alexandrina: Dina Lisboa

Miguel: Eduardo Bueno

Corea: Floramy Pinheiro

Filigrana: Rosires Rodrigues

João: Jorge Ficher Jr.

Constantino: Armando Paschoal

Nicolau: Jorge Andrade

Modesto/Lucas: Celeste Jardim

Petróleo: Moná Delacy

Nifão: Durval de Souza

José Marco: Emílio Fontana

Alexandre: Eduardo Bueno

Soubisse: Durval de Souza

O Médico: Francisco Arisa

Comandante Crawl: Geraldo Mateos

Do amadorismo ao profissionalismo, Dina enfrentou na Escola de Arte Dramática a dureza da rotina propedêutica, a severa disciplina, os desafios e a tenacidade em matéria de arte teatral; continuava, porém, desejar aprender com muita força e aprender muito.

O desânimo passageiro de abandonar tudo, não destruiu o dom que possuía, sobrepujava a

PALCOS

"SEU BOB'LE"

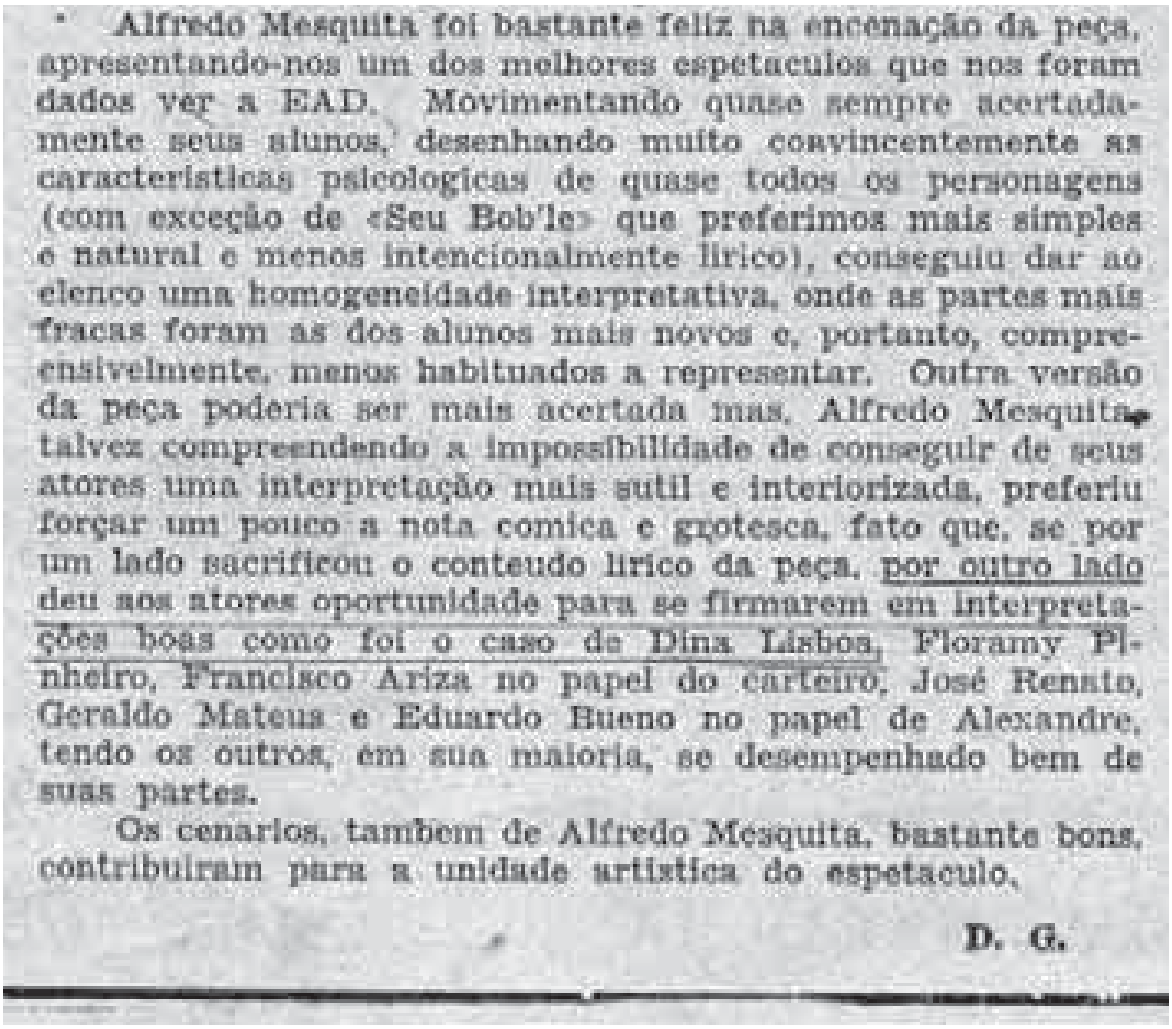
A Escola de Arte Dramatica inaugurou segunda-feira seu pequeno teatro, apresentando a peça «Seu Bob'le», do poeta libanês Schéhadé, em tradução de d. Esther Mesquita.

Obra muito mais poetica do que teatral, de uma poesia o mais das vezes surrealista, onde o enredo se perde constantemente nas divagações liricas das personagens, parece ter sido escrita para ser apreciada através de leituras repetidas e não para enfrentar as vicissitudes de uma interpretação cenica.

Confessamos humildemente que não nos sentimos atingidos pelas qualidades poeticas da peça, nem compreendemos muito bem as razões que levaram poetas e criticos franceses a se digladiarem na louvação e no combate aos valores da obra de Schéhadé. Quer nos parecer que em tudo isso vai um pouco de snobismo e que, verdadeiramente, a peça, se contem algumas cenas muito boas, como a primeira metade do terceiro ato ou a historia do nascimento do amor entre Filigrana e Constantino e a cena que antecede a esta, não chega a se realizar plenamente como obra teatral, dando-nos, quase sempre, a impressão de estarmos ouvindo a declamação de pequenos poemas, ligados entre si por um tenue e não muito feliz fio de enredo. A cidadezinha que encontrou a perfeita felicidade através dos conselhos de um estrangeiro, a sabedoria de «Trèmendeur», bastante fragil ao nosso ver, a atitude ligeiramente messianica de «Seu Bob'le», não são coisas muito originais e, conforme observou um encenador durante os debates havidos depois do espetaculo, já foram demasiado usadas no teatro para poderem ainda nos comover.

Quanto às qualidades poeticas da peça — se encaradas apenas como poesia e não pelo seu valor cenico, como é o caso presente, — preferimos não nos externar, por dois motivos: primeiro, porque achamos ser este um assunto mais da alçada do critico literario do que do teatral e, segundo, porque acreditamos terem aquelas qualidades perdido muito de seu valor lirico com a tradução.

Matéria sobre Seu Bob'Le



Alfredo Mesquita foi bastante feliz na encenação da peça, apresentando-nos um dos melhores espetaculos que nos foram dados ver a EAD. Movimentando quase sempre acertadamente seus alunos, desenhando muito convincentemente as caracteristicas psicologicas de quase todos os personagens (com exceção de «Seu Bob'le» que preferimos mais simples e natural e menos intencionalmente lirico), conseguiu dar ao elenco uma homogeneidade interpretativa, onde as partes mais fracas foram as dos alunos mais novos e, portanto, compreensivelmente, menos habituados a representar. Outra versão da peça poderia ser mais acertada mas, Alfredo Mesquita talvez compreendendo a impossibilidade de conseguir de seus atores uma interpretação mais sutil e interiorizada, preferiu forçar um pouco a nota comica e grotesca, fato que, se por um lado sacrificou o conteudo lirico da peça, por outro lado deu aos atores oportunidade para se firmarem em interpretações boas como foi o caso de Dina Lisboa, Floramy Pinheiro, Francisco Ariza no papel do carteiro, José Renato, Geraldo Mateus e Eduardo Bueno no papel de Alexandre, tendo os outros, em sua maioria, se desempenhado bem de suas partes.

Os cenarios, tambem de Alfredo Mesquita, bastante bons, contribuiram para a unidade artistica do espetaculo.

D. G.

Matéria sobre Seu Bob'Le

tudo isso enfrentando com a máxima seriedade a sua futura profissão, a dedicação necessária e o desenvolvimento da carreira de atriz.

E, Dina, confirmou em plenitude o artigo jornalístico abaixo: ***Vale a pena cursar a EAD?***

Entretanto, chegou a hora que Dina sairia do melhor aparelhamento profissional, educativo, de elevado padrão cultural em matéria de teatro que era a Escola de Arte Dramática de São Paulo, do querido Mestre Alfredo Mesquita e seu destacado corpo docente, disposta a fazer do palco do Teatro Brasileiro de Comédia – TBC, de Franco Zampari, a continuidade do teatro como arte e realização plena, enfim, o sentido de sua existência.

Ronda

Mattos ★ Pacheco

VALE A PENA CURSAR A EAD?

ATÉ O DIA 19 estão abertas as matrículas para o curso da Escola de Arte Dramatica, dirigida por Alfredo Mesquita. Este ano, contrariando todas as expectativas, parece que não está havendo muito interesse nas inscrições. No entanto, a EAD já provou sua eficiencia, sua capacidade, sua utilidade, mesmo. Poderiamos desfilar aqui, uma porção de argumentos. Mas vamos ao mais simples. Quatro turmas de alunos já foram formadas pela EAD. E uma absoluta maioria já encontrou lugar no teatro paulista, está em atividade, como profissionais do teatro.

Vejamos o que fazem os alunos da primeira turma, os primeiros diplomados. Armando Pachoal está no TBC, como assistente de direção, trabalhando tambem como ator. Já fez cinema e tem atuado na TV. Leo Villar brilhou nos palcos cariocas e, na "Dramatica Nacional" ganhou o premio de revelação, da ABCT. Atuou com Bibi Ferreira, com Sergio Cardoso e agora, enquanto espera a inauguração do "Esperia", foi reclamado pelo TBC, para papeis de categoria. José Renato é produtor da TV, ator, autor e diretor do "Teatro de Arena". Monã Delarq, depois de rapidas incursões ao TBC e ao "Teatro de Arena", fixou-se agora, no "TMDC". Celeste Jardim atuou ao lado de Madalena Nicol, fez cinema e TV. Marcos Jourdan, o mais disputado da turma, já se apresentou como diretor, autor e ator. Xandó trocou o teatro pela TV, onde é figura importante e popular. Francisco Arias integrou o elenco de Procopio, excursionou pelo Norte do país, faz parte, agora, do "Teatro Popular". Odilon Nogueira teve "chance" no cinema, fez parte do ultimo elenco de Sergio Cardoso, tem aparecido tambem como figurinista e costureiro de teatro. Praticamente, apenas com exceção de Celeste Jardim, todos estão vivendo de teatro, da arte de representação, em atividade ligada ao teatro, cinema, TV.

Dina Lisboa é da segunda turma da EAD. Já atuou no elenco de Vera Nunes, Bibi Ferreira, Sergio Cardoso, Delmira Gonçalves, na "A Filha de Iorio" montada por Ruggero Jacobbi onde, na opinião de muita gente, foi a principal figura do elenco. Fez quatro filme. Está no TBC e tem compromisso com Sergio, para integrar a sua futura companhia. Liana Duval é "estrela" de cinema e "vedette" de revista. Eduardo Bueno fez teatro infantil e é um dos administradores do "Teatro de Arena". Corsi é figura importante, dentro do TBC. Geraldo Mateus tem uma atividade multipla, dentro e fora da EAD.

Floramy Pinheiro, da terceira turma, foi recentemente contrada pelo TMDC. Rolires Rodrigues já atuou no TBC e agora pertence ao elenco do "Tertulia". Armando Pedro é advogado, não quis fazer teatro profissional, mas é um dos principais elementos do "Teatro Universitario". Emilio Fontana fundou o "Pequeno Teatro Popular". De Carli faz parte do elenco deste ultimo conjunto mencionado.

A quarta turma saiu da EAD ainda recentemente. Mas Jorge Fischer já tem contrato com o "Teatro de Arena". Jorge Andrade vai ser lançado como autor, pelo TMC. Maria Madalena, Sara Feitosinho, Maria do Carmo, Diona Isabel, Flora Bassaglia, todas terão oportunidade, no "Pequeno Teatro Popular".

Isto sem contar os que não concluiram o curso e que estão atuando profissionalmente, em varios elencos, nas radios, nas estações de TV.

Não há prova maior da eficiencia da EAD, que esta que apresentamos.

Matéria sobre a EAD

Capítulo IV

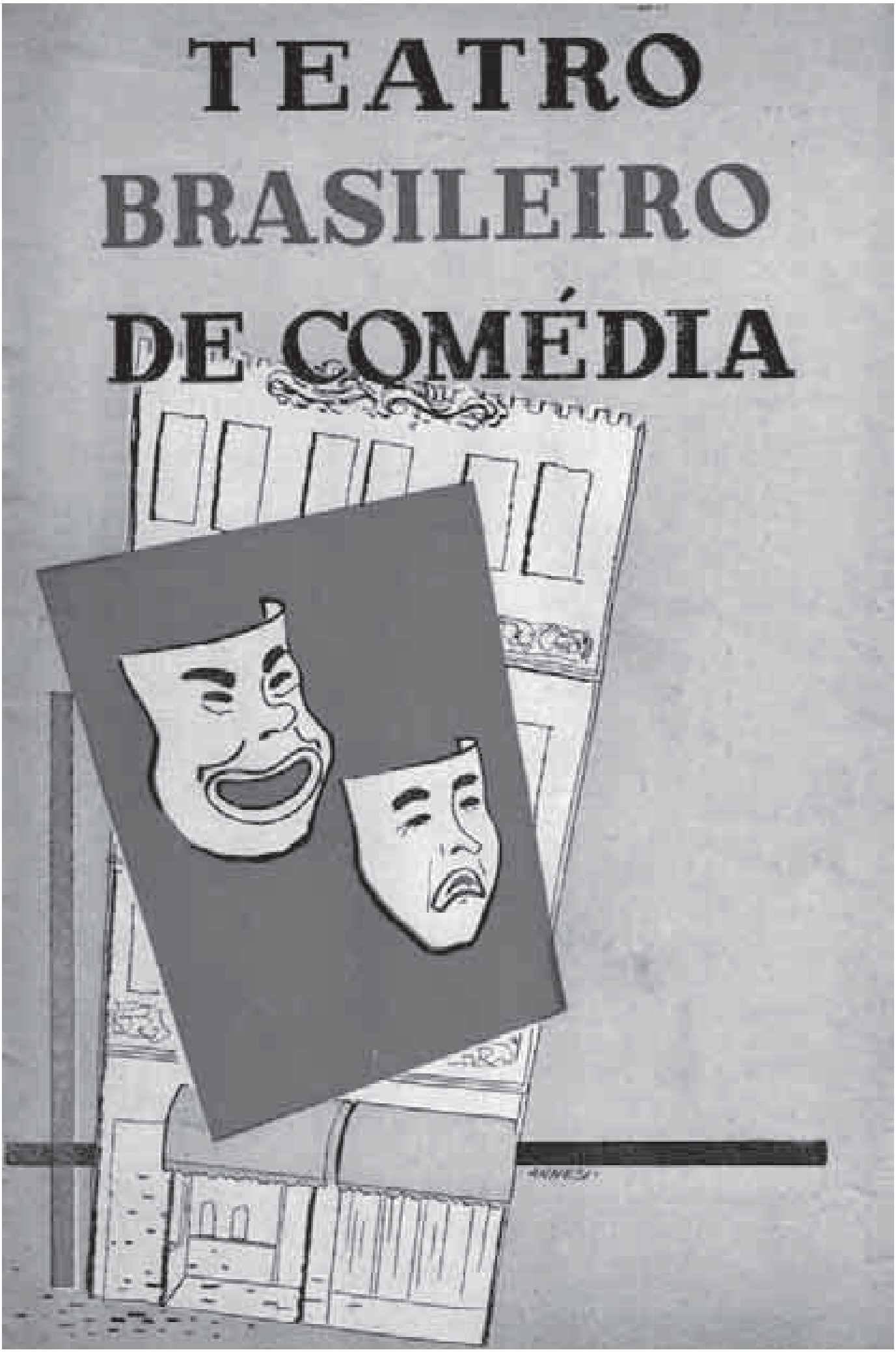
Teatro Brasileiro de Comédia – TBC:
A minha Casa

O saudoso TBC foi a minha casa!

1953 a 1965: as cortinas do TBC se abrem para Dina Lisboa. É o despertar da vida profissional da atriz que se afigura brilhante a fim de honrar com talento e vocação os espetáculos que ora se iniciam.

1953 – Temporadas Cênicas: O TBC mostrou duas peças teatrais: ***Uma mulher do outro mundo***, de Noel Coward e ***Assim é se lhe parece***, de Luigi Pirandello. E no Teatro Cultura Artística, da Cia. Delmiro Gonçalves, apresentou-se ***A Ilha das Cabras***, de Ugo Betti.

> ***Uma mulher do outro mundo***, de Noel Coward
>
> Quanto à interpretação, esteve o conjunto equilibradíssimo... *Dina Lisboa* muito equilibrada, com momentos esplêndidos.
>
> **O Tempo.** *Maria José*.



Programa do TBC

TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

apresenta

"UMA MULHER DO OUTRO MUNDO"

(Blithe Spirit)

Comedia em 3 atos e 7 quadros de Noel Coward,
Tradução de Carlos Lage.

ELENCO

(por ordem de entrada em cena)

Ruth Condomine	CELIA BIAR
Edith	CARLA NELL
Carlos Condomine	PAULO AUTRAN
Dr. Bradman	WALDEMAR WEY
Snra. Bradman	DINA LISBOA
Madame Arcati	MARINA FREIRE
Elvira	TONIA CARRERO

Sala de estar da casa de Carlos Condomine em Kent, Inglaterra.

Direção de ADOLFO CELI

Assistente de direção:	Direção de cena:	Cenario de
Benedito Corsi	Pedro Petersen	Mauro Francini

Cenario executado por Arquimedes Ribeiro. Figurino do vestido de Tonia Carrero por Clara Hetenyi, executado por Rina Fogliotti. Toilettes de Celia Biar desenhados e executados por Beatriz Biar. Maquilagem e cabeleiras por Leontij Tymoszczenko e Erik Rzepecki (cabeleireiro de Tonia). Efeitos de luz executados por Aparecido André.
Contra-regra de Sebastião Ribeiro.

Uma Mulher do Outro Mundo: *ficha técnica*

Uma Mulher do Outro Mundo: *ensaio, com Célia Biar, Waldemar Wey, Marina Freire, Paulo Autran e DIna Lisboa*

Dina Lisboa, uma excelente atriz que não se sabe por que não é mais bem aproveitada, faz com classe um pequeno papel.

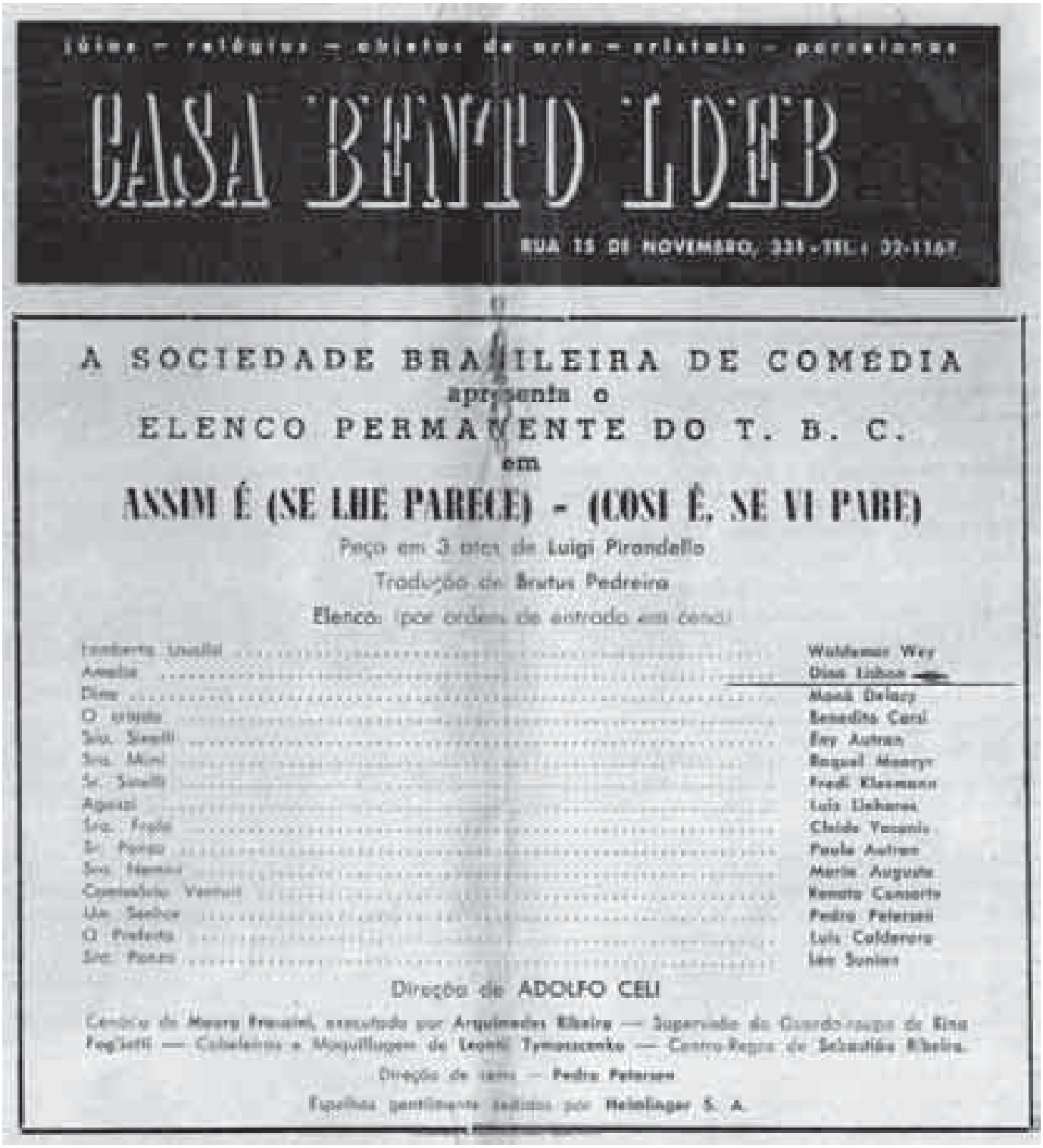
O Cruzeiro. *Clóvis Garcia*

E a peça ***Assim é se lhe parece***, de Luigi Pirandello.

Assim é (se lhe parece)

Que poderemos dizer de um espetáculo como este?

(...) Da Sra. ***Dina Lisboa***, só poderemos dizer que ela não é uma atriz, mas uma artista. Em cada papel que representa despe-se de sua personalidade de tal forma, que cada vez que a vemos, achamos ser essa – a última – sua melhor criação. Nunca a vimos tão sóbria e discreta. Percebendo o mínimo que exigia o seu papel na participação da peça, em vez de querer roubá-la (o que seria impossível), pôs os pingos nos *is* e os deixou ficar onde devia. Sumiu por assim dizer em sua personagem ou melhor, deixou que sua personagem



jóias — relógios — objetos de arte — cristais — porcelanas

CASA BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 331 - TEL.: 32-1167

A SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMÉDIA

apresenta o

ELENCO PERMANENTE DO T. B. C.

em

ASSIM É (SE LHE PARECE) - (COSÌ È, SE VI PARE)

Peça em 3 atos de Luigi Pirandello

Tradução de Brutus Pedreira

Elenco (por ordem de entrada em cena)

Lamberto Laudisi	Waldemar Wey
Amalia	Dina Lisboa
Dina	Maria Delacy
O criado	Benedito Corsi
Sra. Sirelli	Eva Autran
Sra. Mimi	Raquel Moreyra
Sr. Sirelli	Fredi Kleemann
Agazzi	Luiz Linhares
Sra. Frola	Cleide Yaconis
Sr. Ponza	Paulo Autran
Sra. Nenni	Maria Augusta
Comendador Venturi	Renato Consorte
Um Senhor	Pedro Petersen
O Prefeito	Luis Calderaro
Sra. Ponza	Léo Suniaw

Direção de ADOLFO CELI

Cenário de Maury Francini, executado por Arquimedes Ribeiro — Supervisão do Guarda-roupa de Eva Foglietti — Caracterização e Maquillagem de Leonid Tymoszenko — Contra-Regra de Sebastião Ribeiro

Direção de cena — Pedro Petersen

Espelhos gentilmente cedidos por Heinzinger S. A.

Assim é... Se lhe parece: *ficha técnica*

O elenco da peça Assim é... Se lhe parece*. Dina é a 4ª à direita. Fotógrafo Fredi Kleeman, 1953*

O elenco da peça Assim é... Se lhe parece*. Dina é a 4ª à direita. Fotógrafo Fredi Kleeman, 1953*

sumisse. E, fazendo isto, fez com que ele aparecesse ao máximo – Devido à sua humildade e discrição – própria somente de grandes artistas conseguiu uma vitória perante os outros.

Suplemento do **Correio Paulistano***. São Paulo, 27 de setembro de 1953, p. 13***.**

A Cia. Delmiro Gonçalves, no Teatro Cultura Artística, em seu pequeno auditório apresentou ***A Ilha das Cabras***, de Ugo Betti, uma obra prima do Teatro Moderno e no elenco contou com o *métier* e a força de Dina Lisboa.

O Suplemente do *Correio Paulistano*, de 29 de novembro de 1953, na página 13, no artigo ***Os melhores de 1953 nos palcos paulistas***, coloca Dina Lisboa como a melhor coadjuvante feminina.

Num papel secundário em *Assim é se lhe parece*, Dina conseguiu mostrar toda a sua classe, além de sua interpretação em *A Ilha das Cabras*.

O mesmo jornal, no artigo intitulado ***O Teatro e o Cinema se reunem***, página 13, Marcos Jourdan escreve:

CASA BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 331 - TEL.: 33-1187

São Paulo, 10 de Julho de 1953 — às 21 horas

A COMPANHIA DELMIRO GONÇALVES

APRESENTA

"A ILHA DAS CABRAS"

3 atos de Ugo Betti

Trad. Ricardo Werneck de Aguiar

(por ordem de entrada)

Eduardo ..... ODILON NOGUEIRA

Pia ..... DINA LISBOA

Angelo ..... JAIME BARCELLOS

Ágata ..... MARGARIDA REY

Silvia ..... SYLVIA ORTHOF

Encenação: RUBENS PETRILLI DE ARAGÃO

Assistente: ODILON NOGUEIRA

Cenário: BASSANO VACCARINI

Roupas executadas por Hombrata e Lunalba Nogueira

Contra Regra: Daniel Monet

Eletricista: José Loleggio

A Ilha das Cabras: *ficha técnica*

Matéria sobre A Ilha das Cabras

TEATRO EM SÃO PAULO

CLÓVIS GARCIA

CENAS de "A Ilha das cabras", no Teatro de Cultura Artística de São Paulo — Margarida Rei, Dina Lisboa, Sílvio Ortho, Jaime Barcelos, e [illegible]

Atualmente, em São Paulo, as artes e os artistas estão cada vez mais de mãos dadas.

O rádio, o teatro, a televisão e o cinema cada vez mais solidificam os laços que os unem (...).

Este ano, porém, serviu para fazer notar três pessoas – para dar a três artistas um posto de destaque.

Vejamos: Tônia Carrero, ***Dina Lisboa*** e Mario Sergio. Os três, finalmente, tiveram neste ano, o reconhecimento, que desde lá muito lhes pertencia (...).

Dina Lisboa – Caso muito mais complicado.

Dina é uma atriz. Mas uma atriz nata.

Pessoa que está à espera apenas de uma coisa: que a contratem e lhe deem papéis.

Mas, papéis que signifiquem algo. Em ***Assim é se lhe parece*** já demonstrou o que será capaz de fazer. Contracenando num papel simples e modesto com o elenco permanente do TBC, que já há cinco anos trabalha sob as melhores direções possíveis, mal tendo ela começado sua carreira, conseguiu

impor-se à sua qualidade, entre os melhores do espetáculo. E, com precisão, fazendo parecer bem menores certos grandes atores do elenco.

Mas, ***Dina***, continua sozinha.

Em todo o meio teatral, corre que será contratada pelo TBC. De positivo nada.

Chamamos a atenção do Sr. Adolfo Celi para este caso, este senhor por quem temos a maior das admirações: – Qual a artista que tenha principiado e vencido como a senhora ***Dina Lisboa*** no TBC? Com as qualidades e segurança e seu pouco tempo de teatro? Somente, creio, a primeira atriz do elenco permanente. E assim mesmo...

Em todo caso, este ano também lhe foi feliz. Valeu para demonstrar do que é capaz, mas ainda merece mais (...).

Oscar Nimtzovitch em sua coluna no jornal Correio Paulistano, no dia 3 de janeiro de 1954, relata os bons espetáculos num ano que passou, dos Diretores e intérpretes mais os cenógrafos, opinando sobre fatos passados, citando os que se destacaram nas várias ocupações teatrais. Sobre a atuação das coadjuvantes femininas afirma:

> Não se pode negar a ***Dina Lisboa, o merecido lugar de melhor coadjuvante feminina***. Interpretando com segurança e perfeição duas das mais difíceis peças da temporada cênica, ***A Ilha das Cabras*** e ***Assim é (se lhe parece)***, deu mostras de seu talento, enriqueceu com seu valor as personagens que viria. Uma ótima atriz, realmente.

1955 – 2 de março! Estréia ***Santa Marta Fabril S.A***., peça de Abílio Pereira de Almeida, montada pelo TBC e começa a causar grande êxito e grande discussão em São Paulo.

A peça ***Santa Marta Fabril S.A***. recebe críticas de Nicanor Miranda.

Coube, também, ao governador do Estado de São Paulo, Sr. Jânio Quadros opinar sobre as críticas à peça ***Santa Marta Fabril S.A.***

Dina conta que quando foi representada **Santa Marta Fabril S.A.** no Rio de Janeiro, ela era a *ilustre desconhecida* no Rio.

> *Não tinha um amigo, um conhecido. Pois, quando, erguendo a bengala, disse a frase:*
> E trate de rapar essa barba*, o público veio abaixo, muitas palmas... muitas palmas.*

Joias

Casa Bento Loeb

Rua 15 de Novembro, 331 — Tel. : 32-1167

TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

apresenta

"SANTA MARTA FABRIL S. A."

Comédia em três átos de JÚLIO PEREIRA DE ALMEIDA

A ação se desenrola em três épocas:

1.o Ato 1.926
1.o Ato 1.933
3.o Ato 1.948

Personagens (por ordem de entrada em cena)

Marta	CLEYDE YACONIS
Julia	MARGARIDA REY
Vera	CÉLIA BIAR
Tonico	FREDI KLEEMANN
D. Marta	DINA LISBOA
Clovis	LEONARDO VILAR
Claudio	WALMOR CHAGAS
Martuxa (aos 6 anos)	VERA LUCIA ALCAZAR
Acrisio	WALDEMAR WEY
Nenê Paraiso	ODETE LARA
Martuxa (aos 21 anos)	ELIZABETH HENREID

Direção de ADOLFO CELI

Cenários de MAURO FRANCINI

Ass. de Direção Armando Parceal — Cenários executados por Arquimedes Ribeiro — Figurinos de Darcy Penteado, executados por Maria Penteado (femininos) e por Odilon Nogueira (masculinos) — Maquilagem e cabeleiras de Leontij Tymoszczenko

Eletricista: Aparecido André

Direção de cena de SEBASTIÃO RIBEIRO

Os móveis do 3.o Ato foram gentilmente cedidos por «AMBIENTE» Rua Martins Fonte, 223

Abat-Jours e objetos de adorno cedidos por «VIOLETA», rua Vieira de Carvalho, 184

Santa Marta Fabril S.A.: *ficha técnica*

A FAMILIA "de 400 anos" posa para o álbum de recordações, nos trajes típicos de 1926, poucos anos antes da crise de 29 que iria levar o pânico à grã-finagem abastada.

Santa Marta Fabril S.A.: *fotos de cena*

"SÃO PAULO NÃO ESQUECE, não transige e não perdoa", mas os "donos da vida" logo esquecem, transigem e perdoam.

MARTA E ACRISIO (agente da ditadura), após uns drinques, concordam que o amor é mais importante que a fábrica.

Folha Manhã 8/3/5

Artes — Teatro —

"SANTA MARTA FABRIL S.A."

Louve-se o TBC, inicialmente, pelo fato de encenar um autor brasileiro. Nada mais importante para a consolidação do nosso teatro do que a apresentação de novos textos nacionais, sejam eles maus, regulares ou bons, pois é desse contacto com o publico que surgem e se firmam os autores autenticos.

Abilio Pereira de Almeida já tem mais três outras peças representadas: "Pif-Paf", "A Mulher do Proximo" e "Paiol Velho". As duas primeiras são comedias amenas, destinadas a fazer rir, focalizando a superficialidade e a inconsistencia pensante da grã-finagem; "Paiol Velho", drama de certo modo bem construido, tem um tema essencialmente reacionario, ao passo que em "Santa Marta Fabril" Abilio Pereira de Almeida já demonstra progressos de ordem filosofica, pois faz desta vez uma como que apologia da doutrina do SESI — pacificação social, o patrão resolvendo o problema dos operarios pelo simples fato de recebê-los em comissão e de permitir-lhes a existencia, no local do trabalho, de uma cantina e assistencia medica... Pelo menos, é a conclusão a que se chega após ouvir a dissertação de "Mariana", personagem que, a julgar pela qualidade de sua cultura filosofica, tal como a Marta Escandalosa "na escola só aprendeu o que não era da lição"...

Contudo, "Santa Marta Fabril S.A.", tem qualidades como peça. O tema é interessante, fazendo gerações se sucederem em função de mãe, filha e neta, cada qual procurando afirmar-se em oposição aos erros anteriores, e caindo, finalmente, nos mesmos erros. Tão interessante é o tema que, mal foi a peça representada no Brasil, já encontrou extraordinaria repercussão no estrangeiro: dois célebres autores, um inglês e outro francês, Somerset Maugham e André Maurois, impressionados com o relato do autor patricio resolveram escrever e publicar "The Circle" e "Le Cercle de Famille", abordando situações inteiramente identicas. André Maurois, então, vai mais longe, e copia quase que de pormenor a pormenor a evolução da personagem Marta: num primeiro tempo, ela surpreende os amores ilicitos da propria mãe, revolta-se e faz um juramento de pureza; num segundo tempo, a mãe casa-se com o antigo amante, estabilizando-se, ao passo que a filha, após correr de mão em mão, tem que reconhecer ter agido em uma vida pior do que aquela que tanto criticara. Nessa cena, aliás, de rememoração doce e amarga de fatos sentimentais, outro célebre autor norte-americano, William Inge, foi buscar inspiração para um dos momentos de "Come Back, little Sheba". E assim, mais uma vez, curvou-se o mundo diante do Brasil!

Temendo enfrentar diretamente o vergonhoso do tema, Adolfo Celi, tal como já fizera com "Entre Quatro Paredes" e "Seis Personagens", subverteu todos os valores a fim de confundir um julgamento exato, tonteando o publico. E' uma direção brilhante, sem duvida, mas pouco honesta, disfarçando a linha condutora do tema, primeiro ato, debaixo de uma avalanche de minucias falsamente satiricas (imitadas de filmes norte-americanos); sublinhando a tudo com tal exagero de caricatura que, no segundo ato, já não reconhecemos os personagens mais atingidos pela esperteza direcional, especialmente Vera e Tonico (Celia Biar e Freddi Kleemann), que passam, então, a representar dos tons abaixo...

Cleide Iaconis tem um desempenho excelente, seguida de perto por Valmor Chagas, Odete Lara, Margarida Rei, Dina Lisboa e Waldemar Wei. [illegible], o conjunto não tem pontos fracos, situando-se a representação num nivel muito bom, mesmo para o TBC, que já nos acostumou a um padrão elevado. Os cenarios de Mauro Francini deixam muito a desejar, principalmente quanto à veracidade das epocas: o ultimo, especialmente, situa a peça em 1955, e nunca em 1949, com seu mobiliario ultra moderno. Tambem os figurinos de Darci Penteado não estão à altura do magnifico talento de seu criador.

Para quem encara a peça de Abilio Pereira de Almeida de um ponto de vista socialista, é animador verificar os proprios elementos da aristocracia, como o autor, timbrarem em revelar ao publico as mazelas de uma classe decadente, fazendo-lhe um auto-de-fé espetacular. Para os amigos e membros do clã social a que pertence o autor, deverá ser tremendo verificar que abrigaram em seu seio a propria onça, pois de tantas figuras que passam pela peça, vivida num ambiente de paulistas de 400 anos, ele não salvou nenhuma que fosse decente ou digna, nenhuma que (como a lembrança nos ensina que foi) tivesse sabido manter a honra paulista e o ideal da Constituição...

Para a classe pobre, a que sofreu realmente, na propria carne, os perigos e as dores da revolução, na qual acreditou com a fé ingenua e forte que só o povo sabe ter, deve ser um [illegible] verificar que tanta luta se afogou para os milionarios, num mar de interesses industriais, adulteria e champanha. — MIROEL SILVEIRA

Santa Marta Fabril S.A.: *crítica*

TEATRO

"SANTA MARTA FABRIL S. A."

(2)

A história de uma família da alta sociedade de São Paulo, retratada em três épocas, 1926, 1933, 1946, constitui o enredo da peça.

Proprietária de uma fábrica de tecidos, a família possui tradição quadricentenária. O primeiro ato mostra, no estilo do cinema mudo dos tempos de Mary Pickford, a vida cotidiana da família, seus hábitos, costumes, um noivado e um adultério. O segundo ato se passa um ano após a Revolução de 32, ainda fresca na memória e quente no coração de todos. Mal decorreram doze meses e já a família da alta sociedade paulista recebia em sua casa um agente da ditadura, do qual Maria se torna amante. A princípio, uma pequena reação de um membro da família contra a atitude do casal hospedeiro. Mas diante da derrocada iminente da fábrica e da possibilidade de um empréstimo avalizado pelo govêrno federal, todos cedem. "Sentimento paulista, revolução de 32, tudo isso é muito bonito, mas pouco prático", diz uma das personagens (Clóvis). Essa fala parece ser o paradigma moral da peça, pois tudo descamba para a venalidade e até a prostituição de uma das senhoras da família, a qual se torna, como disse, concubina do delegado da ditadura. No terceiro ato surge, em forma primária e superficial, pequena discussão sôbre idéias socialistas e, no final, a neta, jovem da atualidade, foge com o filho do contramestre da fábrica, realizando assim o ideal da moça moderna de ser livre e dona de seus atos (? !). A família está, pois, inteiramente dominada pela sêde de luxo e de prazer. Qualquer sentimento superior ou nobre lhe é fenômeno completamente estranho, inadmissível. Para a satisfação de seus deleites, renega tudo que tresande à dignidade ou honra. O único personagem que revela idealismo (Tonico) é ridicularizado e posto fora da peça no final do segundo ato.

Que conclusão se pode tirar da peça, se é que realmente ela conclui? A mais dolorosa possível, se se aceitar o que o autor supõe ou pretende apresentar ao público. Que, terminada a Revolução Constitucionalista, que na peça foi um movimento sem significação, os paulistas tradicionais inclusive as senhoras, se entregaram, estas últimas até de corpo, aos donos da ditadura.

Acredito que espectadoras que nasceram na Itália, na Síria ou no Líbano, na Alemanha, em Israel ou na Pantagonia, acham tudo isso muito divertido e até aplaudam com entusiasmo a peça. Como querer que um estrangeiro na Itália de 1937 aceitasse ou compreendesse o sentimento anti-britânico dos italianos? Ou que os brasileiros sintam a animosidade anti-germânica para com os franceses ou vice-versa?

Mas o que dirão da peça as famílias tradicionais paulistas que viveram com "sangue, suor e lágrimas" a tragédia de 32 e que jamais se venderam ou se prostituiram à ditadura? Pensar ou afirmar que isso aconteceu, é negar a realidade de fatos do conhecimento de todos, que aí estão para comprovar exatamente o contrário. Se isto não fosse verdade, não se veriam ainda hoje comemorações de 9 de julho, às quais, se a população estrangeira ou descendente de estrangeira pode permanecer alheia, delas participam todos os paulistas da Capital e do Interior que mantêm vivo o sentimento paulista.

"Santa Marta Fabril S/A" pretende ser "uma sátira contra certa sociedade paulista". Ainda aqui me recuso a aceitar a peça. Então existe "uma certa sociedade paulista" que abdicou dos seus sentimentos de paulistismo, de dignidade, que negociou com a ditadura, que se vendeu e se prostituiu aos inimigos de São Paulo?

Confesso a minha incapacidade para descobrir ou apontar não "uma certa sociedade paulista", mas tão somente uma família (paulista há quatrocentos anos, bem entendido) que tivesse procedido de tal maneira. Não estou procurando conquistar leitores, nem incensar os meus genuínos conterrâneos. Estou tentando descobrir se, pelo menos, existe "o verdadeiro" na peça. (Horácio enunciou, há séculos, um dos preceitos da sátira brincalhona, humorística: "Ridentem dicere verum quid vetat?"!) Porque "o belo" e "o bom" não consegui infelizmente descobrir.

NICANOR MIRANDA

O AUTOR DE "SANTA MARTA FABRIL S. A." RESPONDE:

"NÃO CULPEM O ESPELHO"

Um critico teatral de São Paulo publicou sua apreciação sobre a peça "Santa Marta Fabril S.A.", no vespertino onde assina sua rubrica. E' o sr. Nicanor Miranda. Em certo trecho assim se exprimiu:

"Santa Marta Fabril S.A." não é um escrito maldizente ou uma censura jocosa. E', para empregar um termo plebeu, o unico que nos ocorre no instante em que escrevemos, uma esculhambação do sentimento paulista e da Revolução Constitucionalista."

Por julgarmos importante ouvir de Abilio Pereira de Almeida, o autor da peça, seu ponto de vista sobre o assunto, aproveitamos, domingo ultimo, a oportunidade, no saguão do T.B.C., onde se encontrava o conhecido teatrologo. Abilio relutou em focalizar a questão. Não fosse a insistencia dos cronistas, guardaria um silencio que poderia ser interpretado diferentemente. Mas Abilio acabou declarando o seguinte:

— "O critico Nicanor Miranda, afirmando que minha peça é "uma esculhambação de espirito da revolução de 1932", cometeu um erro por assim dizer cronologico, porque esse espirito de 32 há muito tempo que está "esculhambado" por aqueles que a propria peça retrata. O sentimento paulista e da Revolução Constitucionalista já estavam "esculhambados" antes da peça: eu

Abilio Pereira de Almeida

retratei exatamente os que o "esculhambaram". Há poucos dias o poeta Carlos Drummond de Andrade escreveu um artigo no qual faz a defesa dos cronistas sociais, que espelham uma sociedade que existe de fato. O poeta mineiro parafraseia um proverbio russo que Gogol colocou no portico de sua peça famosa "Um Inspetor": "Não culpe o espelho quem tem a cara torta". Drummond pediu que "não culpem o espelho que reflete uma cara feia".

"Alem disso — prossegue Abilio P. de Almeida — minha peça é agressiva, pode ser considerada assim, mas é um grito de alerta a São Paulo contra o movimento de adesão que se processou após 1932, que se consolidou após 1937 e que paira ainda no ar, à espera de outras oportunidades. Há uma gente que está sempre pronta a aderir."

&

Sem fazer confrontos (talvez intempestivos) ocorre hoje com Abilio o que ocorreu com Bernard Shaw na Inglaterra. O autor de "Candida" retratava as verdades de que os aristocratas ingleses não gostavam. O cronista já ouviu de alguem a seguinte referencia: "O Abilio assume em São Paulo o papel de Bernard Shaw, porque satiriza a minoria aristocratica que não gosta de ouvir verdades a seu respeito."

Para finalizar nossa conversa, indagamos ao autor suas impressões da reação já provocada por sua peça. Respondeu:

— "Sinto que uma minoria inexpressiva reage nesse sentido a que se referiu o aludido critico. A grande parte do publico aprecia a peça, não só pelo testemunho de uma frequencia numerosissima, mas tambem pelos aplausos no final de cada ato. A minoria que se irrita talvez o faça pela triste verdade que vem espelhada na peça. Muita gente tem comentado que eu não escrevi nada de novo, que tudo aquilo é sabido demais."

Santa Marta Fabril S.A.: *resposta do autor*

Depois, no agradecimento, os cariocas gritavam: – Dona Marta, vovó, Dina!

– Foi uma coisa inesquecível! Quando avancei, novamente uma tempestade de aplausos.

E Dina brinca sorrindo:

– Já posso morrer tranquila, depois desse momento.

A Gazeta, **17 de dezembro de 1958.**

A autoritária Dona Marta, cada dia mais se impõe na cena paulista, mormente graças à sua dicção exemplarmente clara e às suas inflexões sempre justas.

Correio Paulistano*. Carlo Prima, 1955*.

1956!

Augurando, assim, uma bela trajetória, a carreira de Dina Lisboa vai-se projetando no TBC, cuja companhia de teatro buscava cada vez mais qualidade em todos os seus espetáculos.

E, nesse mesmo ano, com a estréia de ***Gata em teto de zinco quente***, de Tennessee Willians, em

DEPÕE JANIO QUADROS NO RUMOROSO CASO DA PEÇA "SANTA MARTA FABRIL S.A."

O governador Janio Quadros, convidado pêlos cronistas a depor sobre a mais discutida peça teatral do momento, "Santa Marta Fabril S.A.", que ele viu no ultimo sabado, redigiu de proprio punho as seguintes declarações:

"Não vi a satira, porque não vi a familia media ou a familia comum. O trabalho parece, antes, o estudo biografico de uma só familia, o que dificulta, senão impede a generalização.

"É um ensaio de teatro novo, aspero, contundente; teatro de costumes e, por isso, de polemica.

"Pessoalmente, não gostei, exceto da experiencia, em si, e da coragem do autor.

"Registre-se, porem, o amadurecimento da nossa platéia que, em passo algum se escandaliza ou ofende com a peça, sobrepondo-a, na ousada tentativa que encerra e nos debates que enseja, aos exageros do bairrismo doentio."

8-3-55 (a.) J. Quadros

Depoimento de Jânio Quadros

TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

apresenta

"GATA EM TETO DE ZINCO QUENTE"

de

TENNESSEE WILLIAMS

Tradução de

R. MAGALHÃES JR.

Cenário de

MAURO FRANCINI

Direção de

MAURICE VENEAU

Cenários executados nas oficinas do T. B. C. —

Assistente de Direção: ★ **Armando Paschoal**

"Piano Brasil" — expoente máximo

Gata em Teto de Zinco Quente: *ficha técnica*

(Personagens por ordem de entrada em cena)

Maggie ★ Carilda Becker
Brick ★ Walmor Chagas
Mae ★ Célia Biar
Mãe ★ Dina Lisboa

Papaizão ★ Ziembinski
Gooper ★ Leonardo Villar
Padre Tooker ★ Sadi Cabral
Dr. Baugh ★ Jorge Chaia
Soockey ★ Samuel dos Santos
Trixie ★ Nicolina Biliochas
Poly ★ Maria Nuzzo
Dixie ★ Niki Biliochas
Sunny ★ Mario Nuzzo

Execução de figurinos femininos: Odilon Nogueira
Execução de figurinos masculinos: ★ A. Soares de Oliveira
Maquinista chefe: Arquimedes Ribeiro — *Eletricista chefe:* Aparecido André — *Carpintaria:* Carmine Pássaro e Helio Ferraz da Silva — *Direção de Cena:* Sebastião Ribeiro

e orgulho da indústria brasileira!

Teatro

ESTRÉIA "EURYDICE" NO T.B.C.

Estréia hoje, ás 21 horas, no Teatro Brasileiro de Comedia, a peça "Eurydice", de Jean Anouilh, em tradução de Guilherme de Almeida.

Está é a primeira direção de Gianni Ratto para o elenco, tendo o espetaculo cenarios seus e figurinos de Luciana Petrucelli.

Os papéis principais, de Eurydice e Orfeu, estão confiados a Cleyde Yaconis e Walmor Chagas. Compõem ainda o conjunto Fredi Kleeman, Dina Lisboa, Sadi Cabral, Leonardo Villar, Jorge Chaia, Fernando Torres, Elizabeth Henreid, Elisio de Albuquerque, Elida Morelli, Fernanda Montenegro, Francisco Negrão, Isahias Raw, Raul Cortez e Rubens Teixeira.

Dina Lisboa, do elenco de "Eurydice", que estréia hoje no TBC

Dina em Santa Marta Fabril S.A.

São Paulo, o TBC, atinge 4.655 representações dadas pelo elenco permanente e 360 espetáculos de companhias convidadas, incluindo recitais de poesia, canto e pantomimas.

1957 – 1958: do ressentimento aos prêmios

E a atriz Dina Lisboa... ***um valor que se afirma de espetáculo para espetáculo***, disse Carlo Prima, crítico teatral.

Embora os ventos resultantes de público e de crítica estivessem soprando a seu favor, Dina apresentou em 1957 pontos sensíveis da sua carreira artística, como um pedido de demissão aos dirigentes do TBC, motivado por um ajuste de contas referente a uma rescisão de contrato trabalhista.

Diante das profundas queixas, o senhor Francisco Zampari desconsiderou tal pedido, admitindo que ela registrou o fato num momento de nervosismo e irreflexão, afirmando, sobretudo, a grande estima e admiração que sempre teve por ela.

Suplantaram-se os ressentimentos e as mágoas, como que num processo de amadurecimento afetivo, culminando com o êxito da sua apre-

O TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

apresenta

"A RAINHA E OS REBELDES"

de

UGO BETTI

Tradução

RUGGERO JACOBBI

Cenário

MAURO FRANCINI

Direção

MAURICE VANEAU

Cenários executados nas oficinas do T. B. C. —

Assistente de Direção: ★ **Armando Paschoal**

A Rainha e os Rebeldes: *ficha técnica*

(Personagens por ordem de entrada em cena)

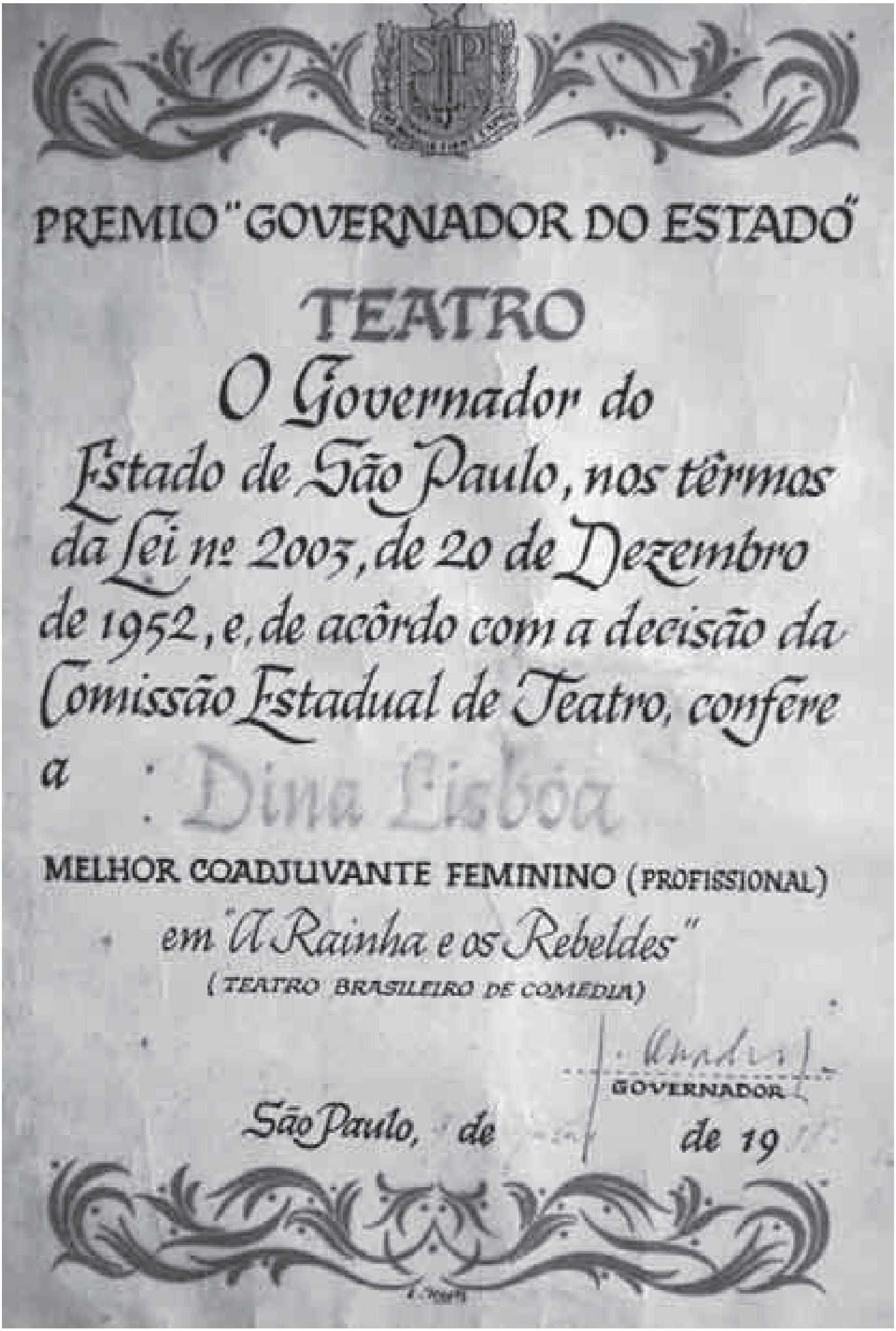
Continuo	★	Leonardo Vilar
Engenheiro	★	Fredi Kleeman
Elisa	★	Ceyde Yaconis
Amos	★	Ziembinski
Elizabeta	★	Dina Lisboa
Viajantes:	★	Raul Cortez
		Vicente Zirpolo
		Arquimedes Ribeiro
		Atilio Del Fiore
Ray	★	Walmor Chagas
Biante	★	Eugênio Kusnet
Maupa	★	Zeluiz Pinho
Camponesa	★	Sylnéia Rossi
Soldado	★	Teotônio P. da Silva
Menino	★	Costaki Christoforo

Maquinista chefe: Arquimedes Ribeiro — *Eletricista chefe:* Aparecido André — *Carpintaria:* Carmine Pássaro e Helio Ferraz da Silva — *Direção de Cena:* Sebastião Ribeiro

Eletro acustica de Kurt Taterka

O governador do Estado quando entregava á atriz Dina Lisboa o premio de melhor coadjuvante de 1957, por seu trabalho em "A rainha e os rebeldes".

Dina e o governador Jânio Quadros



PREMIO "GOVERNADOR DO ESTADO"

TEATRO

O Governador do Estado de São Paulo, nos têrmos da Lei nº 2003, de 20 de Dezembro de 1952, e, de acôrdo com a decisão da Comissão Estadual de Teatro, confere a Dina Lisboa

MELHOR COADJUVANTE FEMININO (PROFISSIONAL)

em "A Rainha e os Rebeldes"

(TEATRO BRASILEIRO DE COMEDIA)

GOVERNADOR

São Paulo, de de 19

O prêmio Governador do Estado de São Paulo

sentação na peça ***A rainha e os rebeldes***, de Ugo Betti.

Iniciando o ano de 1958, Dina participou, no Pequeno Teatro de Comédia, na Cia. Antunes Filho, apresentando a peça ***O Diário de Anne Frank***. Gostou muito do novo elenco, gente muito simpática, muito honesta, bons colegas.

Depois desse espetáculo, Dina voltou para o TBC, encenando ***Pedreira das Almas***, de Jorge Andrade, o qual fez questão de seu trabalho, representando a personagem ***Dona Urbana***.

Ao encenar *Dona Urbana*, Dina afirmou que:

Houve um crítico que, embora tivesse gostado do meu papel, preferia que eu não tivesse insistido, numa nota de antipatia. Sempre tive momentos de dúvida nos personagens que interpretei, até hoje. Mas, em Dona Urbana*, não. Ela é assim por que é! Ela não se afasta do seu cantinho e não se preocupa em ser simpática. É o que a sua linha manda que ela seja.*

Pedreira das Almas *é o meu trabalho mais completo, mais realizado até agora.*

– Pedreira é um marco na minha vida. Porque eu me anulei, porque despersonalizei para atender

“À Dina, com todo carinho do repórter e fã, Paulo de Tarso”. São Paulo, 1958

O TEATRO BRASILEIRO DE COMEDIA

comemorando o seu 10.º aniversário apresenta:

"PEDREIRA DAS ALMAS"

de Jorge Andrade

Músicas e direção musical de
DIOGO PACHECO

Direção do côro falado
MARIA JOSE' DE CARVALHO

Figurinos de
DARCY PENTEADO

Cenário de
MAURO FRANCINI

Direção Geral de
ALBERTO D'AVERSA

Execução do guarda roupa feminino: Odilon Nogueira —

Masculinos: A. Soares de Oliveira

Cabeleiras e maquilagem de Leontj Tymoszenko

Cenarios executados nas oficinas do TBC — Maquinista chefe: Arquimedes Ribeiro

Eletricista chefe: Aparecido André

Direção de cena: Sebastião Ribeiro

Diretor-Assistente: Fernando Tôrres

Pedreira das Almas: *ficha técnica*

PERSONAGENS

Mariana	Fernanda Montenegro
Gabriel	Leonardo Villar
Urbana	Dina Lisboa
Padre Gonçalo	Sergio Britto
Vasconcelos	Italo Rossi
Martiniano	Oscar Felipe

Côro de mulheres

Nathalia Timberg
Carminha Brandão
Berta Zemel
Cecília Carneiro
Glody Marise
Léa Barnet
Mylene Pacheco
Vera Barbosa Ferraz

Soldados

Fernando Tôrres
Francisco Cuoco
Raul Cortez
Altamiro Martins
Vinicius Salvadori
Alberto Nuzzo
William Ricardi

Povo de Pedreira das Almas

Erika Falken
Yola Maia
Gustavo Pinheiro
Luiz Braz
N. P. Lux
Victor Jamil
Supriano - José Egydio
Escravo - Virgilio Carlos

— Claudia Deserti
— Adauto Lopes
— Paulo Pinheiro
— Dante Augusto

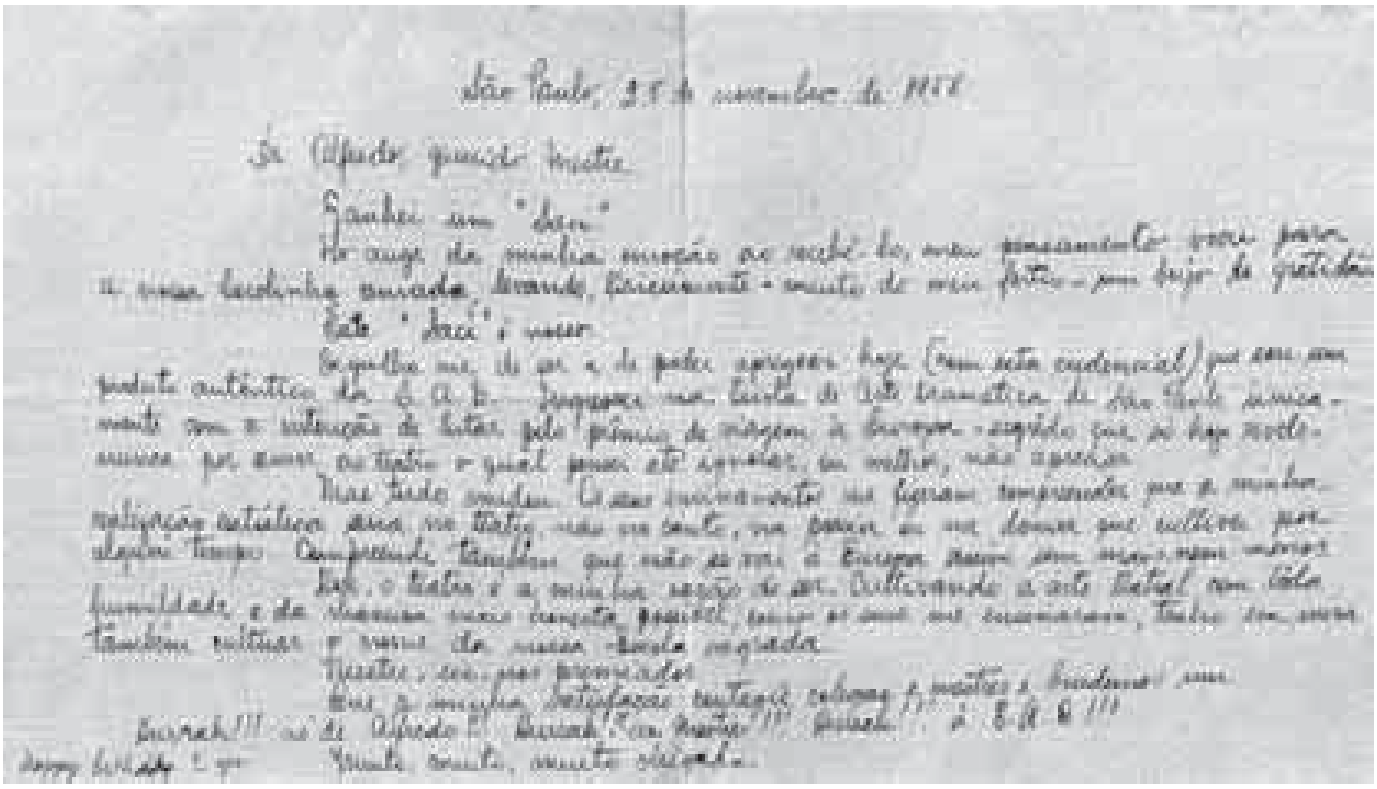
1.o Acólito - Francisco Ferro
2.o Acólito - Roberto Ferro

Dina Lisboa como "Urbana" e Sérgio Brito como Padre Gonçalo – Pedreira das Almas*, 1958*

a tudo o que DAversa e Jorge Andrade quiseram. Até agora, porém, acho que nenhum dos papéis que me foram dados eram papéis para mim. Eu quero uma coisa mais lírica, mais clássica.

O resultado das apresentações foi o melhor possível, tanto que o jornal A Gazeta registrou o sucesso de Dina nessa temporada.

> ***Dina Lisboa*** *é considerada a melhor atriz coadjuvante central do Brasil todo. Vem agora mesmo receber o Prêmio Sacy, pelo seu desempenho em* A Rainha e os Rebeldes*. E com esse mesmo papel venceu também o Prêmio Governador do Estado. A sua extraordinária naturalidade nos papéis, talvez seja recebida como coisa que já se esperava, coisa que ela consegue quase sem esforço. Nós sabemos, no entanto, que não é assim. Cada papel é estudado por* ***Dina Lisboa*** *com dedicação e cuidados extremos.*
>
> *– Meu sistema de trabalho é este, explica-nos a atriz. Quando recebo a notícia de que representaremos uma peça, procuro recolher todo o material possível sobre o autor. Leio sobre ele e sobre a peça, sobre os seus personagens, e tudo que encontro. Estudo conscienciosamente. É assim que eu me preparo.*



São Paulo, 25 de novembro de 1924

Sr. Alfredo querido Mestre

Saudades sua "Dona"

No auge da minha emoção ao receber, meu pensamento correu para a minha cadeirinha querida, lembrando, fielmente - muito de mim feita - para hoje da gratidão

Esta "Jací" é você

Engraçado, de ser a de pedir exigindo hoje. Como esta credencial / que será um produto autêntico da E. A. B. Imaginem uma Escola de Arte Dramática de São Paulo funcionando com a inteligência de Artur, pela primeira vez na América - exigindo que se haja revelação nacional no Teatro e qual penso eu aparecer, ou melhor, não aparecer.

Mas tenho saudades. Os meus sentimentos são figuras temporárias para a minha realização artística mas os Artistas, não os Santos, os homens ou as damas que cultivam por algum Tempo. Compreende Senhor que não se vive a Europa mesmo sem nada mesmo morrendo de fome. O Teatro é a minha razão de ser. Cultivando a arte Teatral com toda humildade e da maneira mais completa possível talvez eu possa dar testemunho, Teatro com outras Artes e muito da minha Terra querida.

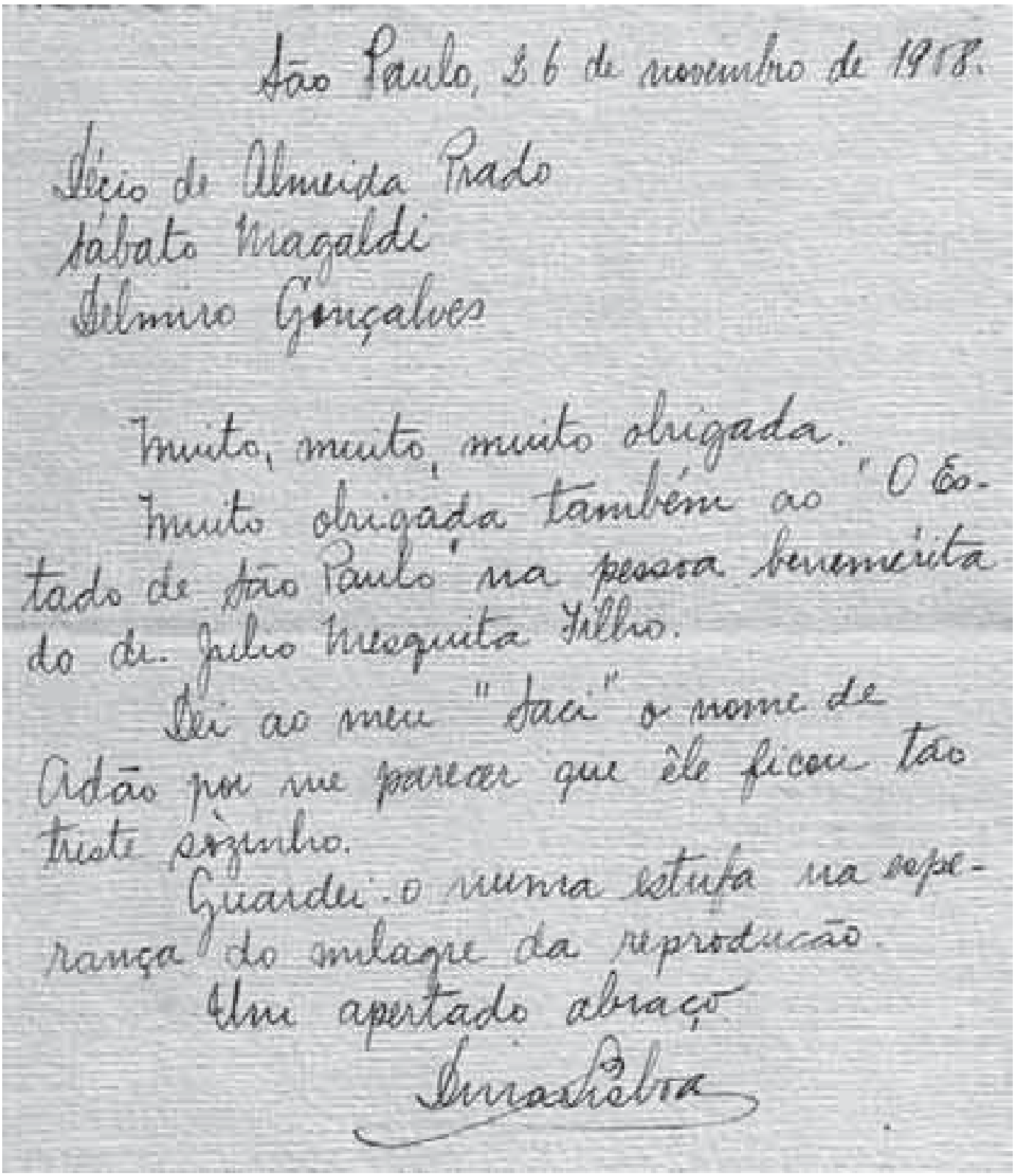
Tristes, sós, mas prevenidos

Vou à minha Satisfação contando [illegible] e muitos a Brasileira[illegible]

Escreva!!! ao Sr. Alfredo P. Mesquita? com muitos!!! Abraços. a S. M. B. !!!

Sempre Saudades de V. qm Muito, muito obrigada.

Carta a Alfredo Mesquita



São Paulo, 26 de novembro de 1958.

Décio de Almeida Prado
Sábato Magaldi
Delmiro Gonçalves

Muito, muito, muito obrigada.
Muito obrigada também ao "O Estado de São Paulo" na pessoa benemérita do dr. Julio Mesquita Filho.
Dei ao meu "filho" o nome de Adão por me parecer que êle ficou tão triste sòzinho.
Guardei-o numa estufa na esperança do milagre da reprodução.
Um apertado abraço
Nelson Rodrigues

Carta aos críticos

Queridos amigos promotores desta linda festa,
Queridos diretores do nosso Piratininga,
Queridos parceiros que gentilmente fizeram uma pausa
na "outra arte" e aqui estão,
Queridos amigos, amigas
Queridas amigas.
Sinto queridos.

Pelo prêmio Saci

Não é fácil agradecer uma homenagem, principalmente uma homenagem como esta, tão afetiva - tão íntima, prestada mesmo de coração.

Nós artistas que temos a sensibilidade à flor da pele isto nos toca de maneira tão especial, com tal força, que, falar, seria o nosso último desejo.

Aqui está o meu "Saci". O nosso "Saci". Porque foram Vs., com a admiração e a confiança depositadas na minha capacidade artística que me levaram a conquistá-lo.

Quando estudo um papel não penso na vaidade natural que podemos ter ao desempenhá-lo, mas na responsabilidade séria, muito séria, que tenho perante Vs. que acreditam em mim. É é isso que me faz dispender um esforço ainda maior.

Não é profundamente repugnante pedir

Carta aos amigos do Clube Piratininga

apresentar-lhes depois, um prêmio do dever bem cumprido.

Aceito, pois esta homenagem nestas condições: de sermos todos nós os premiados.

Devo aqui um agradecimento muito especial ao querido Hélio que foi quem me deu a mão para entrar no teatro, [illegible] na E.A.D.S.P. Amigo e companheiro de Alfredo Mesquita, solicitou dêste uma exceção para o meu ingresso na E.A.D. uma vez que já havia sido esgotado o prazo de inscrição afirmando-lhe que não se arrependeria dêsse gesto. (Olho clínico, hein, Hélio). Pois, afirmo-lhe, Hélio, que o Dr. Alfredo, o Mestre apreciado como nós o chamamos está bastante orgulhoso de sua ex-aluna.

Meus queridos amigos, queridos mesmo, e mais queridos agora, mesmo aquêles que se enfureceram quando pus a cumbuca recheiada (hein Major? mas não levei a mal, era inveja preta), meus queridos amigos, muito, muito, muito obrigada. Continuem a prestigiar o teatro e me apoiem sempre com a sua confiança. Esta é para mim o maior prêmio.

Vocês são todos uns amores.

Um beijo para vocês. Um beijo especial ao Simão pelas lindas palavras tão carinhosas.

Gilberto Deserti

Brasil (São Paulo)

Cara Dina,

devo scusarmi per non averLe espresso subito -la notte della "prima"- i miei complimenti, la mia ammirazione e applauso per la Sua interpretazione al personaggio di D.Urbana.-

La traduzione da Lei fatta al personaggio di Andrade, è stata una delle poche che hanno dato il senso della figura da Lei portata sulla scena, con luminosità, chiarezza ed equilibrio.-

Posto che l'interpretazione a Lei affidata è certo una delle più scabrose e difficoltose -trattandosi di rappresentare un complesso di sentimenti che battono con estrema violenza contro i loro stessi principi- la Sua riuscita dev'esser considerata con ancor più attenzione e profondamente elogiata.-

Ricevi il più caldo voto affinchè il pubblico comprenda la Sua creazione artistica.-

Gilberto Deserti

corrispondente artistico per il "Times" inglese.-

S.Paulo - 21 Novembre del 1958 -

RUA AGUIAR DE BARROS, 149
APT.º 92 - SÃO PAULO

Carta recebida de Gilberto Deserti, correspondente do Times

No auge da sua emoção, Dina agradece o prêmio Sacy, pelo êxito da sua representação em *A rainha e os Rebeldes*, de Ugo Betti.

Outras pessoas ligadas à classe teatral merecem, também, o seu agradecimento.

Seus amigos do Clube Piratininga prestam-lhe sinceras homenagens e têm dela os sinceros agradecimentos.

Gilberto Deserti, correspondente do *Times*, também elogia o trabalho da atriz Dina Lisboa.

1959 – 1960:

No dia 11 de março de 1959, Dina estreia no TBC a peça *A Senhoria*, de Jacques Audiberti.

Em 1960, Dina participou em *O Anjo de Pedra*, de Tennessee Williams.

1962: *YERMA* E O PRÊMIO *GOVERNADOR DO ESTADO* À ATRIZ DINA LISBOA

A partir de 31 de março de 1962, o TBC iniciou a apresentação da peça ***Yerma***, de Federico García Lorca.

Cartaz de A Senhoria

Dina Lisboa e Francisco Cuoco em A Senhoria*. T.B.C.. 1959*

O TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

apresenta

"O ANJO DE PEDRA"

(SUMMER AND SMOKE)

de TENNESSEE WILLIAMS

Trad. de **R. Magalhães Jr.**

Cenário de **Belá Paes Leme** Figurinos de **Kalma Murtinho**

Dir. de **BENEDITO CORSI**

personagens (Por ordem de entrada em cena)

Alma (criança)	*	VERA LÚCIA
John (criança)	*	HENRIQUE OGALLA
Rev. Winemiller	*	ELISIO DE ALBUQUERQUE
Sra. Winemiller	*	DINA LISBOA
John Buchanan Jr.	*	LEONARDO VILAR
Dusty	*	FRANCISCO MARTINS
Pearl	*	ERICKA FALKEN
Dr. John Buchanan	*	MOACYR MARCHESI
Alma Winemiller	*	NATHALIA TIMBERG
Rosa Gonzales	*	ALZIRA CUNHA
Nellie Ewell	*	ELIZABETH HENREID
Roger Doremus	*	ODAVLAS PETTI
Sra. Basset	*	CECILIA CARNEIRO
Rosemary	*	CANDIDA TEIXEIRA
Papa Gonzales	*	JORGE CHAIA
Archie Kraemer	*	SÉRGIO ALBERTINI

A ação da peça passa-se em Glorius Hill, nos princípios do século.

Penteados e produtos de beleza do Inst. Dr. N. G. PAYOT

Anjo de Pedra: *ficha técnica*

O sucesso da atriz Dina Lisboa ao receber o prêmio de melhor Coadjuvante Feminino em *Yerma* parecia normal, pois tudo isso continuava sendo resultado de muito trabalho, muita persistência e o carinho do público nas apresentações.

1963:

A dramaturgia de Jorge Andrade, com os textos nacionais, representou um grande avanço para a segunda fase do TBC. A peça ***Os Ossos do Barão***, retrata um universo de uma aristocracia paulista, cafeicultora, decadente. A peça permaneceu no TBC por mais de um ano e apesar de o teatro ter quase sucumbido ao fogo, suas matinês ficaram lotadas.

1964:

O crítico Mattos Pacheco afirma que:

> *o TBC vencendo mais uma crise, inaugurou mais uma etapa de sua existência, encenando uma comédia policial sem pretensões:* Gog e Magog*, em três atos, de Roger Mac Dougall e Ted Allan, que Alberto DAversa dirigiu. É um texto interessante, bem urdido e que, principalmente, possibilita brilhante interpretação do protagonista,*

TBC

tradução
música
coreografia
cenário e figs.
direção

YERMA
MARIA
VELHA PAGA
DOLORES
1.a LAVADEIRA
2.a LAVADEIRA
3.a LAVADEIRA
4.a LAVADEIRA
5.a LAVADEIRA
6.a LAVADEIRA
1.a RAPARIGA
2.a RAPARIGA
MACHO
FÊMEA
1.a CUNHADA
2.a CUNHADA
1.a MULHER
2.a MULHER
1.o MENINO
2.o MENINO
3.o MENINO
JUAN
VICTOR
1.o HOMEM
2.o HOMEM
3.o HOMEM

MULHERES DO POVO

HOMENS DO POVO

GUITARRISTA

assistente da direção
direção da produção
montagem
eletricista
assistente de figurinos
execução de figurinos
produtos de beleza
fotografias

Yerma: *ficha técnica*

Cecilia Meirelles
Diogo Pacheco
Paula Martins
Maria Bonomi
Antunes Filho

YERMA

Federico Garcia Lorca

Cleyde Iaconis
Berta Zemel
Dina Lisboa

Lelia Abramo
Maria Celia Camargo
Raquel Forner
Hedy Toledo
Yvonette Vieira
Cecilia Valente
Suzana Barreto
Maria Celia Camargo
Riva Nimitz
Laerte Morrone
Nilda Maria
Wilma Duarte
Nilda Maria
Carmen Silva
Yola Maia
Miriam
Luis Alberto
Fernando
Raul Cortez
Althair de Lima
Laercio Laurelli
Stenio Garcia
Osmano Cardoso

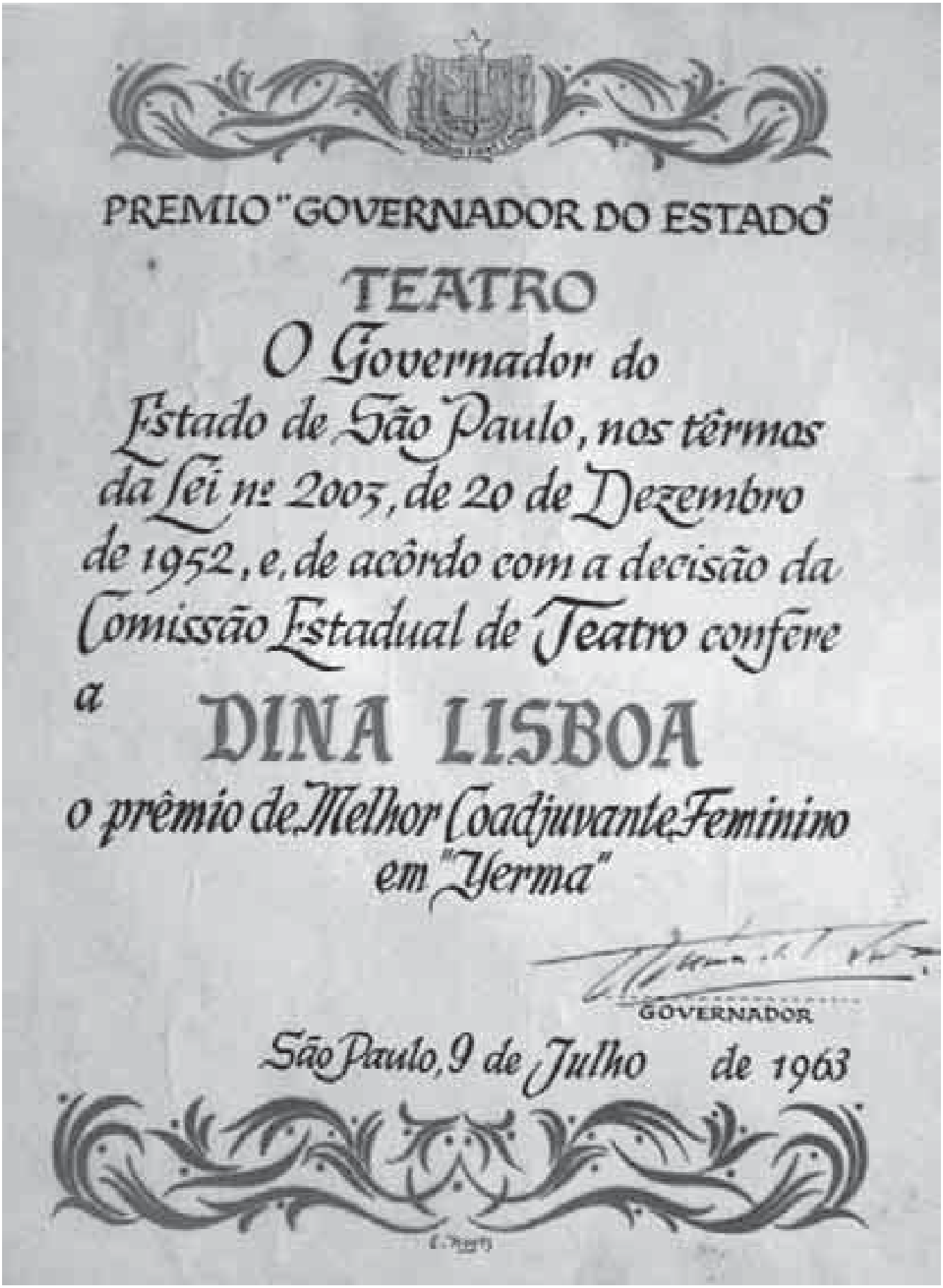
Esther Vera
Miriam
Christina Martins

Gilberto Spina
José Pupe

Paquito

Stenio Garcia
Maria Celia Camargo
José Gomes Pupe
Aparecido André
Jean Laffont
Pierina e Josefina
dr. N. G. Payot
Hejo

Dina Lisboa (sentada) e Cleyde Yáconis (em pé) Yerma*, TBC, 1962*


PREMIO "GOVERNADOR DO ESTADO"

TEATRO

O Governador do Estado de São Paulo, nos têrmos da Lei nº 2003, de 20 de Dezembro de 1952, e, de acôrdo com a decisão da Comissão Estadual de Teatro confere a

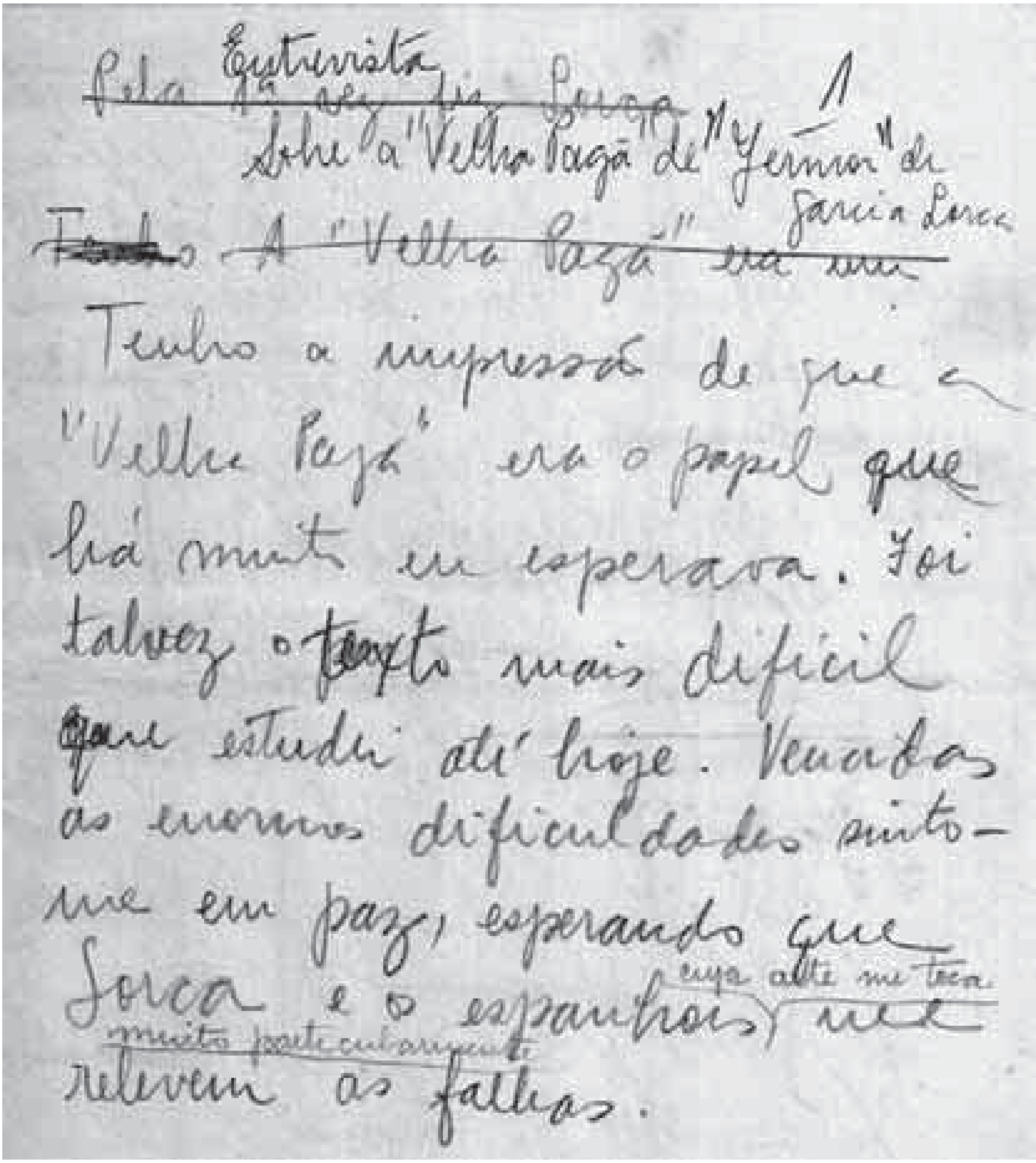
DINA LISBOA

o prêmio de Melhor Coadjuvante Feminino em "Yerma"

GOVERNADOR

São Paulo, 9 de Julho de 1963

O prêmio Governador do Estado de São Paulo



~~Pela 1ª vez fiz Lorca~~ Entrevista 1

Sobre a "Velha Pagã" de "Yerma" de García Lorca

~~Foi A "Velha Pagã" era um~~

Tenho a impressão de que a "Velha Pagã" era o papel que há muito eu esperava. Foi talvez o ~~texto~~ texto mais difícil que estudei até hoje. Vencidas as enormes dificuldades sinto-me em paz, esperando que Lorca e os espanhóis, cuja arte me toca muito particularmente, me relevem as falhas.

Rascunho de entrevista

em papel duplo, que exige um grande ator. Sérgio Cardoso foi o escolhido para ser Gog e Magog*, no Brasil.*

O texto é bom pelo que pretende ser, apenas uma comédia. E o espetáculo tem Sérgio Cardoso e Dina Lisboa, em atuações que merecem os vivos aplausos com que têm sido saudados pelo público, todas as noites.

Sobre a atriz Dina Lisboa, Décio de Almeida Prado, crítico teatral, disse:

Dina Lisboa foi aplaudidíssima – e com razão. A personagem que lhe coube é bastante convencional, não constituindo propriamente novidade no seu repertório, mas ela a interpreta com muita graça, apurando e aperfeiçoando os seus desempenhos anteriores do mesmo gênero.

O Estado de São Paulo*. Teatro. 1964*

1965:

O jornal *A Gazeta*, no dia 6 de julho de 1965, noticiou a peça *Esses Fantasmas*, de Edoardo De Filippo e o autor da notícia, Oliveira Ribeiro Neto, ao retratar o elenco, destaca também a atriz Dina Lisboa.

«OS OSSOS DO BARÃO»

comédia em três atos de

JORGE ANDRADE

cenários e figurinos de:

MARIE CLAIRE VANEAU

direção de:

MAURICE VANEAU

Egisto Ghirotto ★ Otello Zeloni
Bianca Ghirotto ★ Lelia Abramo
Martino Ghirotto ★ Maurício Nabuco
Miguel Camargo ★ Sylvio Rocha
Verônica ★ Léa Surian
Izabel ★ Maria Isabel de Lisandra
Elisa ★ Aurea Campos
Copeira ★ Hedy Toledo
Ismália ★ Dina Lisboa

Clélia ★ Ruthnéa de Morais
Lucrécia ★ Rosires Rodrigues
Alfredo ★ Olindo Dias

Diretor de Cena: SEBASTIÃO RIBEIRO

Cenário executado nas oficinas do T.B.C., sob a direção do Maquinista Chefe: ARQUIMEDES RIBEIRO

Eletricista Chefe: APARECIDO ANDRÉ

Cabeleiras: LEONTIJ TYMOSZCZENKO

Marie Claire Vaneau escolheu os modelos de «LE DIX» da Seleção Rhodia Textil

Os Ossos do Barão: *ficha técnica*

Dia em Os Ossos do Barão

SUCESSO — O Teatro Brasileiro de Comedia, com Zeloni à frente do elenco, tem obtendo exito com a reapresentação de "Os Ossos do Barão". No clichê, Dina Lisboa, Lea Suriani, Silvio Rocha e Lelia Abramo numa cena da peça.

Dia em Os Ossos do Barão

DINA LISBOA — uma das mais destacadas figuras da cena brasileira — está no elenco de "Os Ossos do Barão", de Jorge Andrade em "reprise" no TBC. Com as credenciais acumuladas em tantos espetáculos, Dina é uma das "forças" na montagem dessa grande peça do laureado escritor de Barretos.

GOG E MAGOG

comédia policial em 3 atos de
Roger Mac Dougall e Ted Allan

tradução
Zilda Daier

figurinos
Célia Biar

cenários
Carlos Sobrinho

direção
ALBERTO D'AVERSA

Julio Fanshaw .....)	**SERGIO CARDOSO**
David Fanshaw .....)	
Edith	**Dina Lisboa**
Elsa	**Aracy Balabanian**
Gordon	**Renato Restier**
Tio Ernesto	**Sylvio Rocha**
Thwaites	**Alvim Barbosa**

DIRETOR DE CENA — **SEBASTIAO RIBEIRO**

Cenários executados nas oficinas do TBC sob a direção do

MAQUINISTA CHEFE	**ARQUIMEDES RIBEIRO**
ELETRICISTA CHEFE ...	**APARECIDO ANDRÉ**
CABELEIREIRAS	**LEONTIJ TYMOSZCZENKO**

Célia Biar escolheu os figurinos na coleção de verão de "LE DIX" — Os atores de "Gog e Magog" são vestidos pela "GARBO"

Gog e Magog: *ficha técnica*

"Êsses fantasmas"

6-7-65

OLIVEIRA RIBEIRO NETO

A estrutura e o genero de "Esses Fantasmas", peça em três atos, de Edoardo De Filippo, que em tradução de Mario da Silva e Renato Alvim está sendo levada no Teatro Brasileiro de Comedia, encontra raizes nas comedias da primeira fase do mesmo autor, quando Edoardo De Filippo fazia e apresentava peças quase que improvisadas, aproveitando-se das qualidades do seu talento especial para maior aproximação do publico. A melhor prova de como na Italia é considerado o genero teatral desse De Filippo, está no fato da sua indicação pelo governo do seu país, há cerca de dois anos, para representar a Italia numa turnê pela Russia, país em que o teatro é estritamente popular, simplista e facilmente comunicativo para que as grandes massas o compreendam.

Talvez por esse motivo e porque a peça dá grandes oportunidades de improvisar, é que o TBC escolheu essa peça para encenar e convidou Otelo Zeloni a nela representar, com a sua verve natural, o seu jeito de aproveitar-se de todos os detalhes e mesmo de fatos furtivos ocorridos na hora para acrescentar mais um motivo hilariante ao seu desempenho.

"Esses Fantasmas" é uma comedia divertida, que a direção de Alberto d'Aversa movimenta ainda mais, criando momentos de grande comicidade não apenas durante as aparições de Zeloni e a farsa dos fantasmas, mas principalmente no final do segundo ato quando surge a alma triste de Armida e seus gozadissimos acompanhantes.

Zeloni, no papel de Pascoal, à vontade como sempre, divertindo os outros e divertindo-se a si proprio, ou pelo menos dando essa impressão de alegria que torna mais convincente a sua comicidade. Dina Lisboa, como Armida, impagavel e absolutamente inesperada. Silvio Rocha, representando sempre com muita naturalidade, cria um bom tipo na figura de Rafael, o porteiro do casarão mal-assombrado. Beatriz Segal faz o papel de Maria, a esposa infiel e inconformada, e tem uma boa e longa fala ao comentar a malandragem do marido.

O cenario de Aldo Calvo ,apesar de não corresponder ao seculo referido no texto, é realmente muito bom e sugestivo, com a sua exuberante arquitetura barroca e as suas sacadas abertas para o publico, cujas janelas projetam a luz na cena e são como que pontos de referencia do que se passa no interior do velho palacio assombrado.

Esses Fantasmas: *critica*

Capítulo V

Pequeno Teatro de Comédia no Teatro Maria Della Costa

1958: *o DIÁRIO DE ANNE FRANK*, DE GOODRICH E HACKETT

Convidada pelo *Pequeno Teatro de Comédia*, confiaram à atriz Dina Lisboa o papel de *Senhora Van Daan*, em *O Diário de Anne Frank*, cuja estreia ocorreu em abril de 1958.

1960 – 1961: *as feiticeiras de salém*, de arthur miller.

Como podem produzir loucuras coletivas, capazes de cegar totalmente uma comunidade? Ao explicar esse fenômeno, ao desmontar peça por peça do mecanismo desse absurdo exemplo de loucura coletiva que foi o processo das *Feiticeiras de Salém*, Arthur Miller ajuda-nos a evitar sua repetição. E Dina representou Rebecca Nurse, uma velha de 72 anos, mulher de Francis Nurse, um desses homens a quem por todos os títulos, gregos e troianos acatam.

A peça estreou em 11 de outubro de 1960.

"O DIARIO DE ANNE FRANK"

Dramatizado por
GOODRICH e HACKETT

Tradução de
GERT MEYER

Cenário de
TULIO COSTA

Direção de
ANTUNES FILHO

Ass. Direção
NELSON DUARTE

(personagens por ordem de entrada em cena)

Otto Frank	*	**Felipe Carone**
Miep	*	**Haydée Bettencourt**
Snra. Van Daan	*	**Dina Lisboa**
Snr. Van Daan	*	**Elias Gleizer**
Peter Van Daan	*	**Walter Avancini**
Kraler	*	**Raul Cortez**
Margot Frank	*	**Maria Dilnah**
Snra. Frank	*	**Lea Surien**
Anne Frank	*	**Dalia Palma**
Dussel	*	**Luiz Eugenio Barcellos**

Figurinos desenhados por Malgary COSTA

Execução dos figurinos por HELENA SANTINI

Cabeleiras de Victor MERINOV

Contra-regras de RUBENS SILVA

Sonoplastia: CARLOS GARCIA — Direção de Cena: RUBENS SILVA

Contra Regra: MALHADO e DONATO

Agradecemos ao "Livro do Mês" S/A. a cessão dos originais fotograficos de "ANNE FRANK"

Banco do Estado do Paraná S/A. — Rua Alvares Penteado 75-83 — Fone: 37-6526

Capa deste programa de Darcy PENTEADO

———o———

Editores deste programa:
RIBEIRO — PUBLICIDADE E EDITORA LTDA. — TEL.: 37-4841

O Diário de Anne Frank: *ficha técnica*

A atriz Dalia Palma encena a figura de Anne Frank. O Diário de Anne Frank*. Pequeno Teatro de Comédia, 1958*

felipe carone .....
rosa maria munari .....
jacyra sampaio .....
gloria menezes (por gentileza da TV-Tupi) .....
arabela bloch .....
etty fraser .....
maria celia camargo .....
norman roit .....
miriam mehler .....
mauro mendonça .....
dina lisboa .....
elias gleyzer .....
marcus vinicius .....
lea surian .....
francisco martins .....
roque rodrigues .....
sergio marques .....
sergio albertini .....
paul hatheyer .....
ilema de castro .....
paulo barreto .....
rubens josué .....

AS FEITICEIR

de ARTHUR MILLER
tradução de BRUTUS PEDREIRA
direção de ANTUNES FILHO
cenários e fig. de MARIA BONOMI
assis. direção de ANTONIO CARLOS NED
iluminação de GUIVALDO BONOMI
musicas e efeitos de CLAUDIO PETRAGLIA

As Feiticeiras de Salem: *ficha técnica*

reverendo parris	
betty parris	
tituba	
abigail williams	
suzana walcott	
mercy	
ann putnam	
thomas putnam	
mary warren	
proctor	
rebecca nurse	
giles corey	
reverendo hale	
elizabeth proctor	
francis nurse	
ezekiel cheever	
herrick, ouvidor	
juiz hathorne	
delegado danforth	
sarah good	
hopkins	
funcionário	

AS DE SALEM

direção de produção de	SERGIO MARQUES
montagem do cenario de	FRANCISCO GIACCHIERI
confecções de	AGENOR
maquiagem e cabeleiras de	LEONTJ TYMONSZCENKO
direção de cena de	JOSÉ DE MATOS
chefia dos maquinistas de	FLORIVAL JOIA

As Feiticeiras de Salem: as esposas

1961: *O BEZERRO DE OURO*, DE ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA, NO TEATRO *LEOPOLDO FRÓES*.

Certamente, houve um incidente ameaçando a estreia da peça *O Bezerro de Ouro*. Uma situação que pareceu constrangedora para a atriz Dina Lisboa, que acima da sensibilidade, da emocionalidade, do modelo de equilíbrio, da sensatez, da racionalidade... atributos pertinentes a uma atriz; ela deixa registrado numa entrevista, a solidariedade, o seu posicionamento em defesa do seu grupo no teatro.

As declarações emitidas em vários momentos da vida de Dina mostraram o quanto era além da atriz, uma mulher combativa, que tomava posições e as defendia, custando-lhe, às vezes, inimizades pessoais.

Reportagem sobre *Bezerro de Ouro*

– Vocês vão mesmo levar o *Bezerro de Ouro*?

– Vamos. É agora um compromisso de honra para nós, do elenco. O Pequeno Teatro de Comédia, por motivos já bastante divulgados, desistiu da montagem. Digamos que com essa desistência *os interessados* em que a peça não fosse levada, tenham alcançado um certo triunfo. Mas o que

direção	egidio êccio
cenários	paulo bandeira
assistente de direção	luciano gregory
diretor de produção	romano domingues
diretor de cena	josé de mattos
montagem	florival joia
iluminação	eteocles carlos alberto

AVE CESAR, MORITURI TE SALUTANT

ratã	osmano cardoso
barão mario mastrorosso	dionisio azevedo
comendador vittório	eliza gleiser
comendador beppo	luciano gregory
marquesa di pontevechio	irina greco
dr. paulo sergio	raul cortez
engenheiro carlo	mario tadeluca
baroneza di mastrorosso	célia biar
gaby	annik malvil
novo	laerte morrone
condessa di mastrorosso	dina lisboa
médico	paulo hatheyer
enfermeira	jane hegenberg
bruno	fulvio stefanini

decoração de cena por «Beauty Decorações»

★

Mme. Castillo veste as atrizes, Irina Greco e Annik Malvil

O Bezerro de Ouro

de

ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

em 2 atos

O Bezerro de Ouro: *ficha técnica*

eles não sabem é que nós, atores e intelectuais, somos uma cabeça de medusa: quanto mais se corta, mais aumenta.

– Mas, a peça é muito forte?

– De maneira alguma. Creio mesmo ser uma das mais leves sátiras do Abílio.

Ele é que arrasou a família paulista de 400 aos, em *Santa Marta Fabril*; que já desmascarou a sociedade paulista, criticou a burguesia paulista em *Alô... 36...* em *Moeda Corrente do País*.

Todos se lembram de *Santa Marta Fabril*, da *Rua São Luís*, de *Alô... 36...* de *Em Moeda Corrente do País* e outras peças de Abílio...

Nessa peça ele esculhamba, para usar de expressão bem popular, arrasa, desmascara, ataca sem piedade a família e a sociedade paulista.

No *Bezerro de Ouro*, ele critica, satiriza, e baseado em fatos públicos, a futilidade dos costumes e atitudes de magnatas industriais que vieram ao Brasil como imigrantes e, ao mesmo tempo, dignifica essa família.

Como se poderá ver pelo comportamento e pelas palavras da *Nonna* que é a personagem que eu representarei.

O Abílio é hoje um autor de tanta popularidade, que até deveria ser motivo de vaidade ser visado por ele nas suas peças.

Para quem se sentir atingido e não gostar existe os trâmites legais para o acerto de contas.

O Bezerro de Ouro, por exemplo, que já nasceu tão popular mesmo antes de ser estreado, chegou ao conhecimento de certos encarapuçados que desejaram ver a peça e o fizeram, achando até muita graça. Pensaram que *fosse outra coisa*, diz que eles disseram. E, no entanto, cometeram a barbaridade de mandar capangas espancarem, num gesto de covardia e fraqueza.

Quem mandou fazer isso, nós o sabemos, tem tanto ouro que pode até comprar consciências. E diante disso, eu concluo que é só ouro que eles têm. Porque se tivessem dignidade humana usariam a palavra, que é a nossa única arma, para uma luta digna e igual.

Você, desculpe se me excedi, mas isso que falei precisava ser dito, assim francamente e sem ódio. E, também, porque se a moda pega, minha filha, estamos perdidos.

Eu que sempre fugi às entrevistas, não pude deixar de comparecer a esta, não só por pertencer

ao elenco e como solidariedade ao colega atingido, como para deixar bem patente o protesto contra o boicote à mão armada da liberdade de expressão.

Dina Lisboa

Capítulo VI

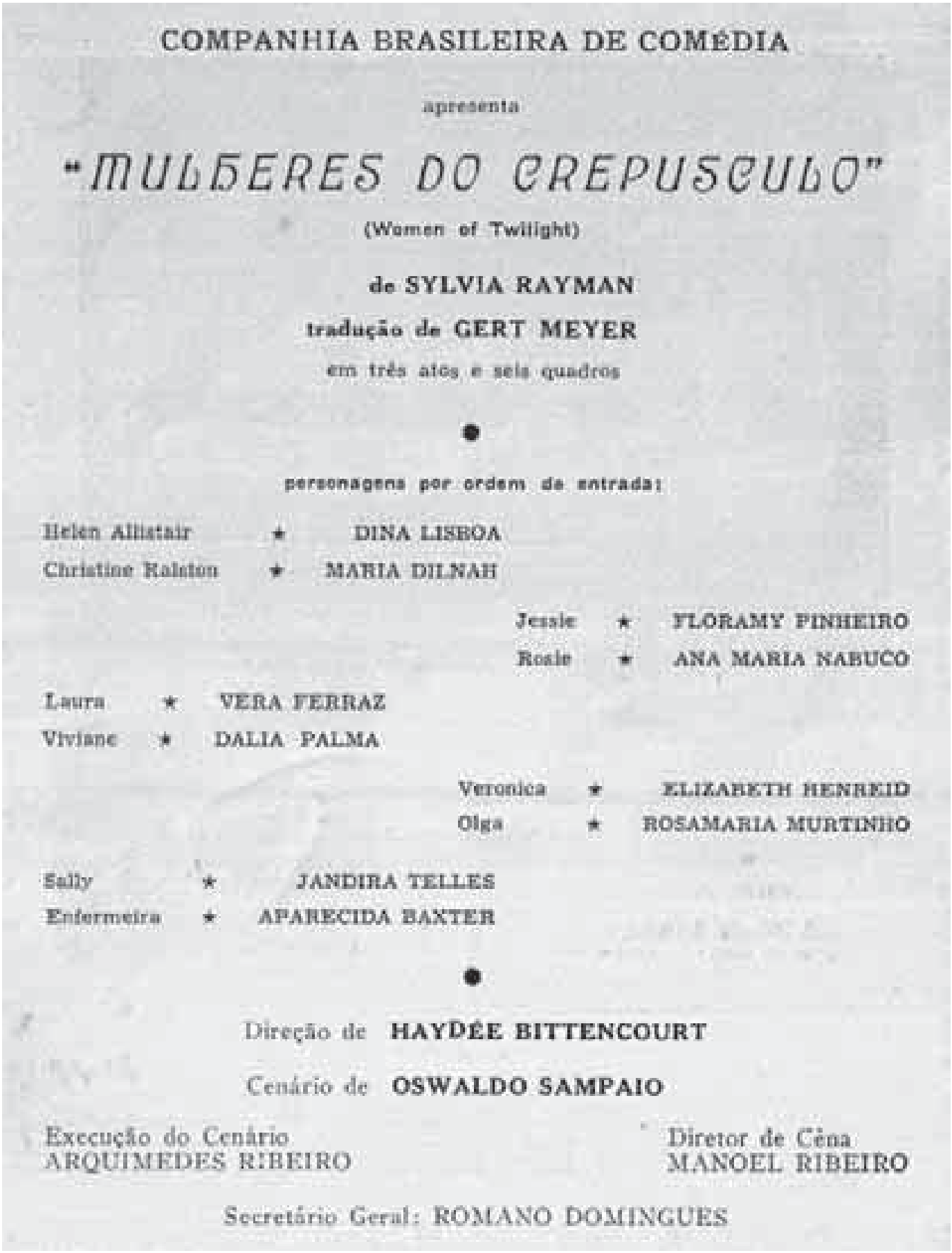
Cia. Brasileira de Comédia

1959:

O Teatro Cultura Artística encenou nesse ano, pela Cia. Brasileira de Comédia, a peça ***A Folha de Parreira***, de Jean Bernard Luc e ***Mulheres do Crepúsculo***, de Sylvia Rayman, que tiveram nos seus respectivos elencos a participação de Dina Lisboa.

1960:

A Cia. Brasileira de Comédia apresenta, no Teatro Federação, a peça ***Exercício Para Cinco Dedos***, de Peter Shaffer, a qual manteve grande sucesso em Londres e Nova York nesse tempo e aqui, Dina fez parte do elenco.



COMPANHIA BRASILEIRA DE COMÉDIA

apresenta

"MULHERES DO CREPUSCULO"

(Women of Twilight)

de SYLVIA RAYMAN

tradução de GERT MEYER

em três atos e seis quadros

●

personagens por ordem de entrada:

Helen Allistair ★ DINA LISBOA

Christine Ralston ★ MARIA DILNAH

Jessie ★ FLORAMY PINHEIRO

Rosie ★ ANA MARIA NABUCO

Laura ★ VERA FERRAZ

Viviane ★ DALIA PALMA

Veronica ★ ELIZABETH HENREID

Olga ★ ROSAMARIA MURTINHO

Sally ★ JANDIRA TELLES

Enfermeira ★ APARECIDA BAXTER

●

Direção de HAYDÉE BITTENCOURT

Cenário de OSWALDO SAMPAIO

Execução do Cenário
ARQUIMEDES RIBEIRO

Diretor de Cena
MANOEL RIBEIRO

Secretário Geral: ROMANO DOMINGUES

Mulheres do Crepúsculo: *ficha técnica*

A COMPANHIA BRASILEIRA DE COMÉDIA

Apresenta

EXERCICIO PARA CINCO DEDOS

2 ATOS: 4 QUADROS

de PETER SHAFFER — Trad. GERT MEYER

Direção de:
ZIEMBINSKI

Cenários de:
MARIANA PERRETI

Diretor de Cena
FRANCISCO SPINDOLA

Execução dos Cenários
JOSE' TAVARES
Eletricista: GIANCARLO BORTOLOTTI

personagens por ordem de entrada em cena:

Clive ★ Rubens de Falco

Louise ★ Dina Lisboa

Stanley ★ Ziembinski

Pamela ★ Dalia Palma

Walter ★ Raul Cortez

Exercício para Cinco Dedos: *ficha técnica*

Dina em Exercício para Cinco Dedos

Capítulo VII

Teatro de Arena: DINA: a Força do Talento em *Os Fuzis da Senhora Carrar*

Em comemoração ao 10º aniversário, o Teatro de Arena de São Paulo, realizou, no dia 23 de fevereiro de 1962, a estreia da peça ***Os Fuzis da Sra. Carrar***, de Bertold Brecht. Dina Lisboa foi a atriz convidada para representar a personagem *Teresa Carrar*.

Os Fuzis da Sra. Carrar: *anúncio*

SRA. CARRAR
com
DINA LISBOA
LIMA DUARTE
PAULO JOSE
ARNALDO WEISS
DIARIAMENTE
21 HS.
SABADOS
20 e 22
DOMINGO
16 e 21

tereza carrar	dina lisboa (atriz convidada)
josé	paulo josé
pedro jáguerra	lima duarte
paulo	ary toledo
manuela	yvonete vieira
padre francisco	arnaldo weiss
senhora perez	eukaris morais
pescador	roberto negretti
vizinhas	yeda maia e edith mondego

os fuzis da mãe carrar, bertolt brecht — tradução de antônio bulhões, pela edição suhrkamp verlag, berlin e frankfurt/main, 1957, vol. VII — direção: josé renato — cenografia e figurinos: flávio império — assist. técnica: nelson de carvalho — elenco: arnaldo weiss, ângelo del matti, lima duarte, milton gonçalves e paulo josé de souza — direção artística: josé renato — administração: mário zilbermann.

Os Fuzis da Sra. Carrar: *ficha técnica*

Na peça que o Arena apresenta, "Os Fuzis...", não se elimina o recurso da dramaturgia aristotélica a que o autor recorre, mas é a dramática dialética que funciona. Tudo é perfeitamente lógico. Os acontecimentos vão se sucedendo e nasce uma consciência. Sabemos que em tôdas as atitudes humanas a ação quase sempre difere da consciência. Mas aqui a conquista de um saber útil e concreto é transmissivel, por isso em Mãe Carrar a consciência se transforma em ação.

Brecht quer a crítica social. E, nessa peça, a união do matemático e do poeta explode maravilhosamente contra as fôrças do fascismo, sem heroismo. Tereza Carrar não é heroina. Sua decisão não é excepcional. Herói, em Brecht, não é o ser alienado, é simplesmente ser o que se é — situação difícil no mundo em que vivemos. E' o sujeito e o objeto de uma dialética.

O realismo épico em Mãe Carrar mostra o homem contra o terror. Com a decisão de fazer conscientemente a história, ela liberta-se da passividade das vitimas e não importa, momentâneamente, se sua causa triunfe. A impossibilidade do neutralismo lembra Piscator, quando diz: "Todo collie chinês para ganhar seu pão tem que fazer politica internacional". Brecht é um estudo constante. A Europa o admite como o autor mais significativo do século XX e no Brasil, apesar de ser pouco conhecido, já foi catalogado, com certa graça, de "homem terrivel".

Não se esgota uma obra escrevendo-se num programa. Para nós, a análise de uma peça nunca é completa em um artigo, mas sim no espetáculo.

Antônio Abujamra

Carta de Antônio Abujamra

Gente de teatro ovaciona "Os Fuzis da Sra. Carrar"

José Renato

Dina Lisboa, a admirável intérprete da sra. Carrar

A exemplo do que o público vem fazendo todas as noites, componentes do elenco do TBC, TCB, TMDC, da Oficina e da Companhia Nydia Lícia, em sessão especial realizada à meia-noite de sexta feira, dia 23, tributaram vigorosíssima ovação ao diretor (José Renato) e aos intérpretes (Dina Lisboa, Lima Duarte, Arnaldo Weiss, Paulo José, Ary Toledo e Ivonete Vieira) de "Os fuzis da sra. Carrar".

Encenando a peça do genial dramaturgo alemão Bertolt Brecht, o Teatro de Arena comemora o seu 10.o aniversário. Dez anos marcados por fecundas atividades, pela revelação de tantos valores, por uma perfeita dignidade artística e profissional.

Vivendo admiravelmente o papel da sra. Carrar, Dina Lisboa apresenta-se desde já como séria candidata ao prêmio de melhor atriz de 1962.

Por todos os motivos, "Os Fuzis da sra. Carrar" é um espetáculo que se impõe à admiração, aos aplausos dos espectadores. Um grande espetáculo a assinalar os dez anos de existência de um pequeno grande teatro: o Arena. — (Texto de CHRISTINA — Fotos de ARNALDO).

Matéria sobre Os Fuzis da Sra. Carrar

Dina Lisboa como "Teresa Carrar"

Lima Duarte como Pedro Jáqueros e Dina Lisboa, a Teresa Carrar

Lima Duarte, Dina Lisboa e Paulo José na peça Os Fuzis da Sra. Carrar

TEATRO

"A Senhora Carrar" do Arena

Carlos von SCHMIDT

DESDE a apresentação de «Santa Marta Fabril S.A.» (1955 TBC) esperavamos rever Dina Lisboa em peça em que a atriz pudesse desempenhar papel de importancia, emprestando ao mesmo toda força do talento que possui. Finalmente, com «Os Fuzis da Senhora Carrar», fomos recompensados pela longa espera. Encontramos a atriz no papel-titulo e tivemos a oportunidade de assistir à melhor criação que até hoje apresentou. Outras houve, como em «Euridice», «Gata em Teto de Zinco Quente», «As Feiticeiras de Salem», mas nenhuma delas pode ser comparada à atual. Não nos lembramos nunca de ter visto um seu desempenho atingir as alturas a que chega com a presente atuação, em que realiza personagem das mais complexas e difíceis. Teresa Carrar não é apenas a mulher de um humilde pescador da Andaluzia, mas uma mulher que traz em si um conflito latente, vulcão aparentemente adormecido mas em ebulição, tempestade prestes a estourar, diques quase a romper. Há na sua personalidade um tumulto que se avoluma à medida que cresce a ação e que encontra no desempenho da atriz as mais variadas gradações emocionais, das mais sutis às mais vibrantes. Emprestando à personagem interpretação contida, equilibrada, sobria, intensa, interiorizada, a Teresa Carrar que a atriz apresentou nos fez lembrar de muitas outras Teresas Carrar que vimos no filme de Malraux, «L'Espoir», duras, secas, talhadas como que em granito.

A força que a atriz imprime à personagem reveste-se de multiplos significados, pois nos dá a conhecer um tipo caracteristico e proprio a todo e qualquer movimento revolucionario: aquele que se deixa dominar pelas circunstancias e cujas convicções, ou melhor, a falta de convicções está sujeita a explosões momentaneas e a problemas domesticos. A obstinação de Teresa Carrar, a deliberada recusa, a não participação demonstram de maneira cabal quão insignificante era o significado da revolução para aquela mãe, que precisava chorar a morte de um filho para decidir-se. Este é um aspecto que a peça de Brecht não esconde, ao contrario, realça. A luta intima que domina a personagem, todo o seu conflito, o seu drama podemos encontrar na interpretação comedida e equilibrada, apresentada pela interprete. Imprimindo ao desempenho uma gama dramatica cujos valores revelam-se numa escala ascensional ilimitada, Dina Lisboa alcançou com a sua personagem posição definitiva entre os maiores nomes do teatro brasileiro. Mais uma vez repetimos, valeu a pena a longa espera, pois nos vemos plenamente compensados. Lamentamos, apenas, que tenhamos que esperar tanto para ver atrizes como a interprete de Teresa Carrar ter oportunidades de comprovar o talento que possui e que nem sempre é reconhecido.

Matéria sobre Os Fuzis da Sra. Carrar

Mais uma vez Dina tinha consciência de sua importância no papel que exercia. É a mesma Dina Lisboa que diz, quando lhe perguntaram: Você se sente realizada?...

[redacted] Você se sente realizada? 2

Plenamente realizada.
Vivi os dois ~~papeis~~ lados da vida numa oportunidade rara para o ator: fazer Brecht! e Lorca!, um em seguida ao outro, em papéis tão importantes como expressão dramática, inteiramente opostos, ambos se completando como força emocional, e o que é mais curioso, em personagens da mesma raça.

Capítulo VIII

Cia. Ruth Escobar: *um Elenco de Primeira Grandeza*

Um ano antes de participar na Cia. Ruth Escobar, Dina atuou no Teatro ***SAJE*** (*Sociedade Auxílio à Juventude Estudantil*), em 1965, na peça ***Calígula***, de Albert Camus, como *Cesônia*.

Em 21 de março de 1966, após vários meses de ensaio, estreou, no Teatro Ruth Escobar, a peça ***As Fúrias***, do poeta espanhol Rafael Alberti.

> É a primeira vez que o conterrâneo de García Lorca é representado no Brasil.
>
> Talvez poucos empresários tivessem coragem de encenar um texto tão violento, como ***As Fúrias***. Isso não foi o que aconteceu com a atriz e empresária Ruth Escobar, e o diretor Antonio Abujamra. Para interpretá-lo foi contratado um elenco de primeira grandeza: Cleyde Yaconis, vivendo *Gorgo*, o personagem central, além de Ruth Escobar, Riva Nimitz, ***Dina Lisboa***, Maria Isabel de Lisandra, Stênio Garcia e outros.
>
> *Diário da Noite*, **21 de março de 1966. 3º Caderno, p.7.**

Dois anos após o sucesso de *As Fúrias*, no mesmo teatro, em 5 de janeiro de 1968, encena a peça *Lisístrata*, de Aristófanes e coube à atriz Dina Lisboa representar o papel da personagem Cleonice.

teatro
ruth escobar

apresenta

AS FÚRIAS

de rafael alberti
tradução: walmir ayala

elenco por ordem de entrada

Uva	Riva Nimitz
Aulaga	Ruth Escobar
Bion	Sienia Garcia
Gorgo	Cleide Yaconis
Animas	Dina Lisboa
Altea	Maria Isabel de Lizandra
Castor	Enio Carvalho
Mendigos	Abel Maro
	Carlos Arena
	José Luiz Rodi
	José Martins
	Januario Di Sessa
	Gentil Garcia
	André Cernoscenco
	Arcilio C. de Oliveira
	Eny Costa
Homem	Arnaldo Moscardini

Direção	Antonio Abujamra
Ass. Direção	Silvio de Abreu
Cenários e Figurinos	Wladimir Pereira Cardoso
Iluminação	Jean Carlo Bertoloti
	Antonio Santiago
Maquiagem e Barbas	Leontij Tymoszczenko
Fotografias	João Batista Perillo
Música	Damiano Cozzella
Contra Regra	Cicero
Sonoplastia	Betinho
Cenotécnico	Heitor Pastorin

PRODUÇÃO:
RUTH ESCOBAR e WLADMIR PEREIRA CARDOSO

As Fúrias: *ficha técnica*

O TEATRO SAGE

apresenta

CALÍGULA

Peça, em quatro atos, de **ALBERT CAMUS**
Tradução de **MARIA DA SAUDADE CORTESÃO**

DISTRI
(por ordem de ent

OTAVIO ..
SENECTO ..
LÚCIO ..
MÚCIO ..
HÉLICON ..
KERÉA ..
SCIPIÃO ..
O GUARDA ..
CALÍGULA ..
CESÔNIA ..
O INTENDENTE ..
CÁSSIO ..
LÉPIDO ..
O OUTRO GUARDA ..
A MULHER DE MÚCIO ..
PRIMEIRO SERVO ..
SEGUNDO SERVO ..
MERÉA ..
METELO ..
PRIMEIRO POETA ..
SEGUNDO POETA ..
TERCEIRO POETA ..
QUARTO POETA ..
QUINTO POETA ..
SEXTO POETA ..

A ação passa-se no palácio de Calígula ..
correm 3 anos — Haverá intervalo apenas

Calígula: *ficha técnica*

IBUIÇÃO
rada em cena)

WALTER FERRARI
CORRÊA DE CASTRO
MOIB EID
MATTOS BARRETTO
SÍLVIO ZILBER
TARCISIO MEIRA
GILBERTO SAVIO
PAULO AFFONSO
SÉRGIO CARDOSO
DINA LISBOA
WALTER COLLI
LUIZ CARLOS
PERRI CAMARGO
ANTONIO XANTHOS
MARIA ANITA DE MESQUITA
LUCIANO DE SOUZA
EXPEDITO GURGEL
WALID SAAB
EDUARDO MENNITI
DORGIVAL OLIVEIRA
MÁRIO MAUDSLAY
PEDRO BANDEIRA
ERALDO RIZZO
ROBERTO VIGNATI
JOVELITY ARCHANGELO

— Entre o 1º ato e os atos seguintes, de-
entre o 1º e o 2º e entre o 3º e 4º atos

Cenário e figurinos de IRÊNIO MAIA — Cenário executado sob direção de Jarbas Lotto, em "Duratex" — Figurinos executados por Hélena Campos, com tecidos do Lanifício Anglo-Brasileiro e da Cia. Gaspar Gasparian Industrial — Cabeleiras de Leontij Timoshenko — Calçados da "Casa Pagé" — Adereços de Germana — Flôres e frutos, gentileza de "Atma" — Fios e cordoalhas, gentileza de "Ficôr" — Gravação da trilha sonora: Studio R G E — Sonoplastia, Mario Maudslay — Fotos de Daniele Riva — Composição de Pedro Ernesto de Luna — Maquinista, Roque — Eletricista, Antonio Manso — Contra-regra, José de Matos — Direção de SÉRGIO CARDOSO — Assistente, Mario Maudslay.

PEÇA DE ALBERTI

"Furias" vão abalar teatro Ruth Escobar

As Fúrias: *matéria de jornal*

As Fúrias: *Stênio Garcia e Dina*

LISISTRATA

de ARISTÓFANES

tradução MILLÔR FERNANDES

Elenco

Lisistrata	RUTH ESCOBAR
Cleonice	DINA LISBOA
Mirrina	IZABEL CRISTINA
Lampito	ELISABETH HARTMANN
Corintiana	VIVIEN MAHR
Beocianas	ARABELA BLOCH
	WANDA TOSCA
Sargento	LUIZ CARLOS ANSELMO
Peloponesa	EDY TOLEDO
Côro de velhos	CAZARRÉ — Corifeu
	CARLOS EUGÊNIO DE MOURA
	GILBERTO BAROLLI
	ELOY DE ARAÚJO
	CARLOS AUGUSTO STRAZZER
	OSMIRO CAMPOS
	GRELCIANO MARCELLO
Côro de mulheres	ASSUNTA PEREZ — Corifeu
	DOROTHY LERNER
	LOURDES DE MORAES
	HELENA ZAMARA
	PATRICIA MAIO
	MARLENE DE ALMEIDA
	CARMEN MONTERO
Comissário	ROBERT SROUR
Arqueiros	CLÁUDIO MAMBERTI
	ADOLFO MACHADO
	JONAS RODRIGUES DE MELLO
	SEME LUTFI
1.a mulher	ARABELA BLOCH
2.a mulher	EDY TOLEDO
3.a mulher	VIVIEN MAHR
Cindsias Peonidas	JONAS RODRIGUES DE MELLO
Manes	LUIZ CARLOS ANSELMO
Arauto Espartano	SEME LUTFI
Magistrado Ateniense	ADOLFO MACHADO
Embaixador Espartano	CLÁUDIO MAMBERTI
Paz	ELISABETH HARTMANN
Direção	MAURICE VANEAU
Música	JÚLIO MEDAGLIA
Cenários	WLADIMIR P. CARDOSO
Figurinos	NINETTE VAN VUCHELEN
Assistente de direção	CLÁUDIO MAMBERTI
Preparador vocal	CARLOS EUGÊNIO DE MOURA
Equipe técnica	WALDEMARINO G. LOPES
	Diretor de Cena
	DÉCIO LOPES
	Eletricista
	FLORIVAL SOARES
	Cenotécnico

Lisístrata: *ficha técnica*

Lisístrata: *Dina, entre Izabel Cristina e Ruth Escobar*

Lisístrata: *elenco completo*

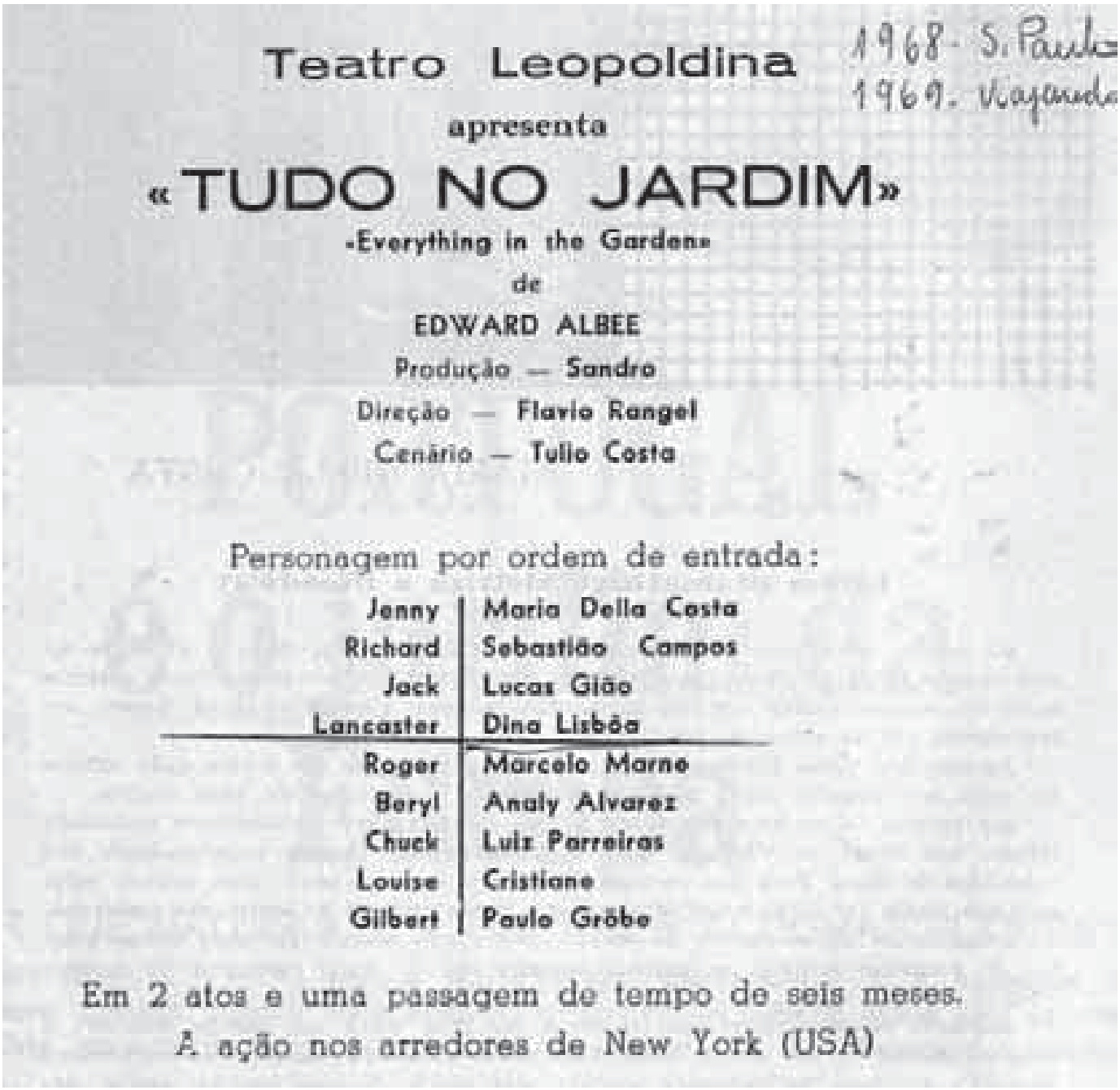
Capítulo IX

Cia. Maria Della Costa: *Um Ninho Acolhedor dos Novos Atores*

Tudo no Jardim, peça de Edward Albee, que a Companhia de Sandro e Maria Della Costa apresentou em 1968, na capital – São Paulo sob a direção de Flávio Rangel, é a penúltima das peças do autor.

Seus personagens inspiram angústia, terror, piedade e, às vezes, hilaridade. O diálogo é franco. É nesse universo de situações fantásticas que a atriz Dina Lisboa compartilha com todo o elenco.

No ano seguinte, a Companhia de Sandro e Maria Della Costa percorreu o País com um elenco acrescido de novos atores. Dina permanecia na Companhia, nessa *tournée.*



Teatro Leopoldina

1968 - S. Paulo
1969 - Viagunda

apresenta

«TUDO NO JARDIM»

«Everything in the Garden»

de

EDWARD ALBEE

Produção — Sandro

Direção — Flavio Rangel

Cenário — Tullo Costa

Personagem por ordem de entrada:

Jenny	Maria Della Costa
Richard	Sebastião Campos
Jack	Lucas Gião
Lancaster	Dina Lisbôa
Roger	Marcelo Marne
Beryl	Analy Alvarez
Chuck	Luiz Parreiras
Louise	Cristiane
Gilbert	Paulo Gröbe

Em 2 atos e uma passagem de tempo de seis meses.

A ação nos arredores de New York (USA)

Tudo no Jardim: *ficha técnica*

Tudo no Jardim: *As atrizes Maria Della Costa e Dina Lisboa. Dina Lisboa (sentada):* Tudo no Jardim*. São Paulo, 1968*

SANDRO

7 de janeiro de 1969

apresenta

«TUDO NO JARDIM»

«Everything in the Garden»

de

EDWARD ALBEE

Produção — **Sandro**

Direção — **Flavio Rangel**

Cenário — **Tulio Costa**

Personagem por ordem de entrada:

Jenny	Maria Della Costa
Richard	Sebastião Campos
Jack	Sérgio Viotti
Lancaster	Dina Lisbôa
Roger	Marcelo Marne
Beryl	Marilu Martinelli
Chuck	Lucas Gião
Louise	Marilda Pedrosa
Gilbert	Paulo Gröbe
Cynthia	Luiza de Franco
Perry	Luiz América

Em 2 atos e uma passagem de tempo de seis meses.
A ação nos arredores de New York (USA)
Figurino e execução por: **Jason Bueno**
Rua Consolação, 2.270 — 4º — s/403
Em tecidos **SCALA D'ORO**

Trajes masculinos do 2º ato desta peça são criação exclusiva da **Ducal**

Fotografia de Eliseu Ricardo
Penteado por (La Femme) Rua Augusta, 2.985
Maquilage produtos Coty

Sapatos criações de IVANI. Rua Augusta, 2.173
Arandelas e lustres NATALE. Rua Manoel da Nobrega, 125 — Fone: 71-7506
Cristais da Casa Prado — Rua Augusta, 2.487 — Fone: 80-3695
Móveis de cena de Paschoal Bianco S/A decorações — Av. Rangel Pestana, 1646 — Fone: 93-9106 — Rua Frederico Abranches, 219 — Av. Paulista, 1021 — Fone: 93-3447 — Alameda Lorena, 1611 — 93-9107
Papel de parede do cenário — CASA BRUNELLO —

Rua Barão de Itapetininga, 255 — 6.o andar — Conj. 601 — Fone: 32-1904
Agradecimento a INTERNACIONAL ADUERTISING SERVICE e SYDNEY

BOSS CO. — Avenida Vieira de Carvalho, 40 — 2.o Andar — Fone: 36-4298
Assistente: Vicente Arcedo — Contra regra: Waldemar Garcia — Camareira: Enôr Fonseca — Eletricista: Antonio Silva — Assistência Médica: Dr. João Pedro Mafia — Rua Santa Teresa 20 — 16.o Andar — S/14 — Fone: 34-8310
Assistência Jurídica: Dr. Geraldo Ulhoa Cintra — Rua Cons. Crispiniano, 244 — 6.o Andar — Telefone: 35-6589

Tudo no Jardim: *ficha técnica da tourneé*

Tudo no Jardim: *Dina Lisboa e Maria Della Costa em* Tudo no Jardim*, cartaz do TMDC. "O Estado de S. Paulo", 08/03/1969*

Capítulo X

Grupo Teatral de Comédia – GTC: um Trabalho com Sucesso em *A Ratoeira*

O Grupo Teatral de Comédia – GTC apresentou a peça ***A Ratoeira***, de Agatha Christie, no Teatro Gazeta, no período de 28 de abril de 1971 a fevereiro de 1972. Dina Lisboa representou a personagem *Sra. Boyle*. Dina *viveu um papel que parece ter sido escrito para ela*.

28/4/71 a 2 de 72

apresenta

TEATRO GAZETA

Emprêsa Titular:
Grupo Teatral de Comédias
Sócios:
Moracy do Val
Egydio Eccio

A RATOEIRA

de Agatha Christie

Tradutor:
Pedro Veiga
Direção de cena e som:
Antônio P. Lima
Luz:
Ricardo Rodrigues
Montagem:
Geraldo dos Santos
Assistente de Produção:
De Mauro

Personagens por ordem de entrada

JULIA MIRANDA
Mollie Ralston
TONY FERREIRA
Giles Ralston
IVAN LIMA
Christopher Wren
DINA LISBOA
Sra. Boyle
OSMANO CARDOSO
Major Metcalf
GILKA TANGANELLI
Srta. Casewell
FRANCISCO CURCIO
Sr. Paravicini
RENATO MASTER
Sargento - Detetive Trotter

Direção de Produção:
Ciro Bassini
Moracy do Val

CENÁRIO E DIREÇÃO:
EGYDIO ECCIO

1.º Ato

1.ª cena
O grande hall de
Monkswell Manor

2.ª cena
O mesmo:
no dia seguinte

2.º Ato
O mesmo:
15 minutos depois

Móveis e Objetos de Cena da **Galeria de Artes ITHAMAR.** As malhas usadas são de **HERING Malhas** - S. Paulo. As atrizes vestem modelos exclusivos de **BERTA Confecções.** Penteados de Airton, de **TALUHAMA.** Perucas de **ARNALDO.**

NÃO REVELE O FINAL A NINGUÉM!
ass.) Agatha Christie

A Ratoeira*: ficha técnica*

"A Ratoeira" é a nova peça do Teatro Gazeta

"Esta é a primeira produção paulista de **A Ratoeira**, peça de Agatha Christie, que já foi encenada pelo Teatro do Rio. Acho que a montagem é importante, porque a texto tem uma construção perfeita e eu diria, guardadas as proporções, que apresenta a técnica de um Ibsen. E há também um motivo prático: em virtude dos dissabores da última temporada, é legítimo partir para um teatro comercial de qualidade". — Assim o diretor Egydio Eccio explica porque a escolheu **A Ratoeira**, que estréia hoje, às 21 horas, no Teatro Gazeta.

Egydio afirma que foi feita uma produção de grande qualidade, de caráter eminentemente profissional. "O espetáculo é tradicional, mas de acabamento perfeito. Pode ser impressão minha, mas penso que o público se ressente da ausência de espetáculos de alto gabarito artesanal".

"Antes da fidelidade geográfica, reconstituindo costumes e cenários ingleses — esclarece Egydio — procurei uma fidelidade dramática à obra de Agatha Christie. E, para obter essa fidelidade, procurei fazer que o público entrasse na trama pelos seus elementos próprios, como se pudesse passar-se em qualquer parte do mundo. E' evidente que os costumes são ingleses e não fiz uma adaptação, encenada a peça como ela foi idealizada pela autora".

Egydio diz que adotou a linha realista, a única que o espetáculo comporta: "As vezes, a iluminação admite efeitos não realistas, mas posso justificá-los. Como a peça está cheia de imprevistos, achei possível também criar efeitos que os provocam. Há uma unidade de propósitos que leva a armadilha para o espetáculo".

"Conto com um elenco excelente — prossegue Egydio. — O desempenho exige técnica aprimorada dos atôres e julgo ter conseguido uma unidade da representação. São oito intérpretes em cena, todos alcançando um ótimo rendimento: Joana Fomm, Neri Vitor, Ivan Lima, Dina Lisboa, Graça Mello, Irene Ravache, Francisco Curcio e Renato Master, pela ordem de entrada".

Informa ainda Egydio que em suas direções anteriores também idealizava o cenário: "Agora eu fiz um cenário na razão direta das necessidades da direção. O cenário forma com ela um todo. Achei que êste cenário eu poderia resolver, em têrmos plásticos, e por isso acabei também essa incumbência".

A Ratoeira é uma produção do Grupo Teatral de Comédia, cujos empresários são Moracy do Val, Cyro Bassini e Egydio. Grupos de estudantes assistirão à estréia de hoje, mas já estará aberta a bilheteria. A récita do dia 4 é para a sociedade israelita "Bnai Brith" e a do dia 6 se destina à crítica e a convidados. O espetáculo será levado de terças a sextas, às 21 horas; aos sábados, às 20 e 22 horas; e aos domingos, às 18 e 21 horas. O ingresso custa 15 cruzeiros em tôdas as sessões, salvo aos sábados, quando custará 20 cruzeiros. Proibido para menores de 14 anos.

Matéria sobre A Ratoeira

Capítulo XI

Cia. Nydia Lícia – Sérgio Cardoso: a Homenagem pelo IV Centenário da Cidade de São Paulo

Raul Guastini, produtor, representando a colônia italiana, por intermédio de um grande espetáculo, homenageou a cidade de São Paulo, pelo seu IV Centenário, em 1954. Para o evento, escolheu a peça ***A Filha de Iório***, de Gabrielli D'Annunzio, por ser a maior obra de poesia trágica da língua italiana e também pelo primeiro cinquentenário da criação da peça, em 1904, em Milão.

A Filha de Iório, de Gabrielli D'Annunzio

A grande interpretação da noite foi devida a ***Dina Lisboa***, em especial, no 3º ato, em que essa artista, já reconhecida como uma de nossas boas intérpretes, atinge um nível excelente, talvez a única inteiramente integrada no senso trágico da peça.

O Cruzeiro – *Clóvis Garcia*

A surpresa foi a interpretação de ***Dina Lisboa***, como Cândida Della Leonessam,

São Paulo, 4 de Setembro de 1954 — às 16 horas

RAUL GUASTINI apresenta

"A FILHA DE IORIO"

Tragedia Pastoral em 3 atos de GABRIELE D'ANNUNZIO

Tradução de Maria Jacintha

ELENCO (por ordem de entrada em cena):

Ornella	**NIDIA LICIA**
Faveta	MARLY BUENO
Esplendor	DANY DARCEL
Candia della Leonessa	DINA LISBOA
Aligi	**SERGIO CARDOSO**
Vienda di Giave	PAULA LEIA
Teódula de Cinzio	ARACY CARDOSO
Mónica da Cunha	WANDA KOSMO
Maria Cora	RAQUEL FORNER
Cinerela	MARIA CELIA
Ana de Bova	LABIBY MADI
Felávia Césura	EDITH LORENA
A Catalana	SIDNEIA ROSSI
Maria de Giave	JULIETA SUT
Mila de Codra	**CACILDA BECKER**
Primeiro Ceifador	CARLOS ZARA
Segundo Ceifador	LUIZ PINHO
Terceiro Ceifador	IBANEZ FILHO
Quarto Ceifedor	TARAN DACH
Quinto Ceifador	JOSÉ VITIELLO
Lázaro de Roio	JORGE CHAIA
Cosma	LEONARDO VILAR
Ana Ona	WANDA KOSMO
Malde	JOSÉ LIMA
Primeiro Pastor	TARAN DACH
Segundo Pastor	RAIMUNDO DUPRAT
O Endemoninhado	JOSÉ VITIELLO
Femo de Nerta	IBANEZ FILHO
Ienne dell'Eta	LUIZ PINHO
Primeira Carpideira	SIDNEIA ROSSI
Segunda Carpideira	HELENA VIAL
Terceira Carpideira	FLAVIA SANTOS
Quarta Carpideira	IRIS BOVINO
Iona de Midia	CARLOS ZARA
Homens do Povo	JOAMAR JAQUETTI
	JOSÉ LIMA
	TALES DE OLIVEIRA
	MANUEL CARDOSO
	VIRGILIO ISOLDI
	CARLOS JAQUETTI
Mulheres do Povo	NIETA JUNQUEIRA
	NAGIBE MEDEIROS
	ROSALINA GRANJA
	ILSE AULER
	VERA BOVINO
Os Companheiros da Morte	N. N.
Portador da Cruz	JAIME CAETANO

A Filha de Iório: ficha técnica

TEATRO

CLAUDE VINCENT

"A FILHA DE IORIO"

(ARACY A. AMARAL, da Sucursal)

COMO homenagem ao povo de S. Paulo e ao IV Centenário, a colônia italiana patrocinou alguns espetáculos grátis da tragédia poética de D'Annunzio, "A filha de Iorio", que traí sua inspiração grega e comemora em 1954 seu cinquentenário.

Lembremos o enrêdo: Aligi, jovem pastor, tem uma estranha aparição: inundado de misticismo, crê que a popular Mila de Codra, filha do feiticeiro Iorio, e que se refugiara em sua casa, é mais a espôsa enviada que a companheira que desposara no mesmo dia. Vive com Mila nas montanhas; esta lhe dedica o primeiro amor puro de sua vida. Sob sua inspiração, Aligi esculpe a visão do anjo que se lhe revelara e que pretendem levar a Roma. Seu pai, que cobiça Mila, vem arrebatá-la, e Aligi, enfurecido, mata-o. Sua irmã Ornela, que tudo presenciou, vem buscá-lo, convencendo-o a voltar à família; e Aligi é condenado pelo crime. Para salvá-lo, Mila declara publicamente que êste agira sob a sua feitiçaria, sendo ela culpável da morte do velho que odiava. Aligi crê-se amargamente enganado por um amor que pensava verdadeiro. Só Ornela compreende o sacrifício de Mila, que é condenada a morrer na fogueira.

Sérgio Cardoso e Cacilda Becker foram "Aligi" e "Mila de Codra". Êle, apaixonado e sensível. Ela, principalmente no segundo ato, fazendo com ardor a figura da feiticeira, a que imprimiu grande unidade. Nídia Lícia fêz-nos ouvir sua bela voz, na devotada Ornela. O Coral Paulistano, sob a direção do maestro Arquerons, colaborou. Leonardo Vilar foi o profeta Cosma. Jorge Chaia, do Rio, o Velho Pai. Dina Lisboa, no último ato, foi uma expressiva "Candia della Leonesa", numa das mais fiéis caracterizações da peça. Cêrca de 40 atores completarem o elenco.

Ruggero Jacobbi conseguiu dar-nos um grande espetáculo, lutando, porém, contra um primeiro ato longo e lento. Uma certa ausência de naturalidade e movimentação foi observada nos momentos de multidão. A tradução de Maria Jacinta revelou pontos altos e baixos, provocando, às vêzes, o riso do público. Merecem grande destaque os cenários de Aldo Calvo, assim como os seus figurinos de trajes regionais. A direção de cena foi de Mario Locatelli e, a música, de Cláudio Santoro.

A Filha de Iório: crítica

Sérgio Cardoso e Dina Lisboa em A Filha de Iório

sobretudo no 3º ato. Que ela é boa atriz todos sabem. Assim mesmo, atingiu um nível interpretativo mais alto ainda do que esperávamos. Roubou o 3º ato.

Diário da Noite – *9/9/1954.*

Dina teve um trabalho excelente, auxiliado por uma voz clara e bonita e uma dicção perfeita.

O Tempo*. Maria José. 5/9/1954.*

Além dos elogios recebidos pelos críticos de teatro, Dina foi escolhida também entre *Os Melhores da Semana*, a melhor atriz do elenco de *A Filha de Iório*.

Nesse mesmo ano, a Cia Nydia Lícia – Sérgio Cardoso, no Teatro Leopoldo Fróes, estreou a peça *Sinhá Moça Chorou*, de Ernani Fornari.

Até o momento, a maior oportunidade para a atriz Dina Lisboa foi o papel de *Cândida Della Leonessa*, em *A Filha de Iório*, quando superou todas as expectativas. Como Santa, em *Sinhá Moça Chorou, terá ensejo de demonstrar novamente toda a pujança do seu talento.*

JAMES STEWART (Cinema) — Pela sua atuação em "Musica e Lágrimas", ora em exibição nas salas de nossa Cinelandia.

DINA LISBOA (Teatro) — Uma extraordinária "Candida della Leonessa". Um dos pontos altos do elenco de "A Filha de Iorio".

WILSON ROBERTO — (Rádio — Apontado como o melhor vocalista da semana pelas suas ultimas atuações ao microfone da Tupi.

OS MELHORES DA SEMANA

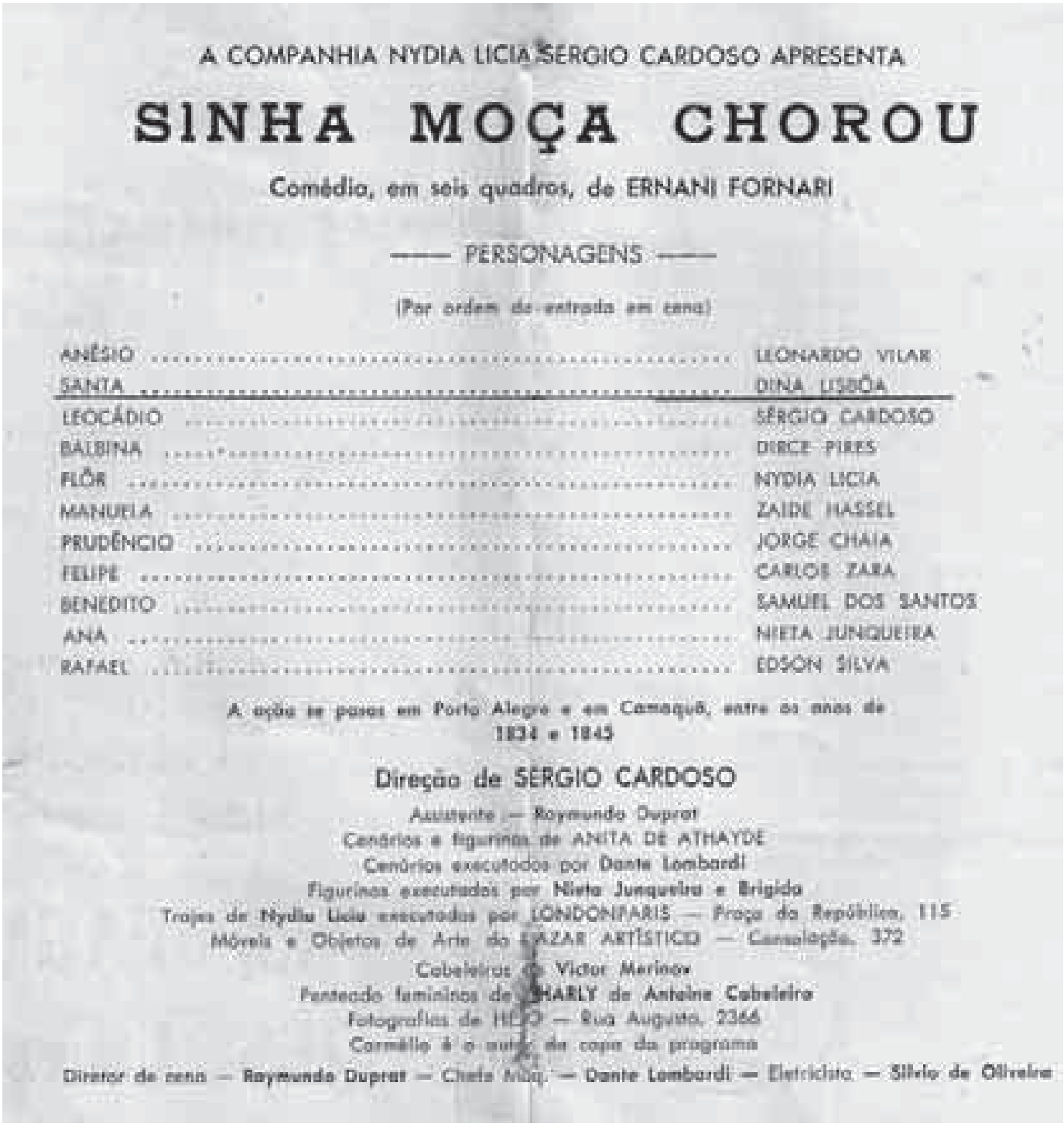
OSVALDO CALFAT (Rádio) — Pela sua atuação em "Maré Baixa, que a São Paulo transmite todos os dias pares, às 19 horas.

MARY DUARTE (Rádio) — A melhor vocalista em face da sua "rentrée" auspiciosa, na Bandeirantes, após longa licença.

TURIBIO RUIZ (Televisão) — Pela sua perfeita caracterização de Don Quixote, vivendo o célebre personagem de Cervantes.

Com exceção dos dois primeiros, os demais artistas estarão participando, hoje, a partir das 17 horas, do programa "Os melhores da semana", transmitido pela Radio Tupi diretamente de seu palco-auditório, no Sumaré.

Dina eleita uma dos Melhores da Semana



A COMPANHIA NYDIA LICIA SERGIO CARDOSO APRESENTA

SINHA MOÇA CHOROU

Comédia, em seis quadros, de ERNANI FORNARI

PERSONAGENS

(Por ordem de entrada em cena)

ANÉSIO	LEONARDO VILAR
SANTA	DINA LISBÔA
LEOCÁDIO	SÉRGIO CARDOSO
BALBINA	DIRCE PIRES
FLÔR	NYDIA LICIA
MANUELA	ZAIDE HASSEL
PRUDÊNCIO	JORGE CHAIA
FELIPE	CARLOS ZARA
BENEDITO	SAMUEL DOS SANTOS
ANA	NIETA JUNQUEIRA
RAFAEL	EDSON SILVA

A ação se passa em Porto Alegre e em Camaquã, entre os anos de 1834 e 1845

Direção de SERGIO CARDOSO

Assistente — Raymundo Duprat
Cenários e figurinos de ANITA DE ATHAYDE
Cenários executados por Dante Lombardi
Figurinos executados por Nieta Junqueira e Brigida
Trajes de Nydia Licia executados por LONDONPARIS — Praça da República, 115
Móveis e Objetos de Arte do BAZAR ARTÍSTICO — Consolação, 372
Cabeleiras de Victor Merinow
Penteados femininos de CHARLY de Antoine Cabeleiro
Fotografias de HELO — Rua Augusto, 2366
Carmélio é o autor da capa do programa

Diretor de cena — Raymundo Duprat — Chefe Maq. — Dante Lombardi — Eletricista — Silvio de Oliveira

Sinhá Moça Chorou*: ficha técnica*

SABADO, 20 DE NOVEMBRO DE 1954

TEATRO

"SINHA' MOÇA CHOROU", NO L. F.

Dado o periodo de tempo que decorreu desde a primeira apresentação do esplendido original de Ernani Fornari, revê-lo agora tem quase que o sentido de um teatro evocativo.

Isso, entretanto, em nada desmerece o trabalho do escritor gaucho que soube, com pinceladas seguras, traçar o retrato da gente dos pampas e com uma linguagem das mais expressivas, objetivando ódio, movimento dos mais intensos, uma das paginas mais bonitas da terra das coxilhas.

O Rio Grande é dos Estados brasileiros que possui uma historia que engrandece seu povo e que deu origem a tipos os mais interessantes e que permanecem.

Os que foram criados por Ernani Fornari nos fazem lembrar muitos daqueles que possuem tanta vida, tanto entusiasmo, tanta energia que dão a impressão que vão sair das paginas de "O Tempo e o Vento" de Erico Verissimo, outro autor que sabe cultivar a grandeza da gente gaucha que no passado existia, apenas, em função das guerras que se sucediam e que hoje constroi o progresso e colabora para o desenvolvimento, em todos os setores, do Estado sulino.

Dispondo de um material humano de primeira qualidade, sabendo dosar as arremetidas e o espirito de luta com a sensibilidade, o carinho e a amizade, pôde Ernani Fornari nos oferecer um dos mais brilhantes originais de nossa literatura teatral.

O entusiasmo com que foi recebido, isso em 1940, "Sinhá moça chorou", apresentado pela primeira vez nos palcos brasileiros pelo conjunto de Dulcina e Odilon, justificava, perfeitamente, a iniciativa de Sergio Cardoso, em oferecê-lo, novamente, ao publico paulista de vez que se trata de um original que fala muito de perto à nossa emotividade.

"Sinhá moça chorou" é desses originais que embora conhecidos, quando interpretados, faz com que a gente sinta quando chega ao fim, quando a cortina desce pela ultima vez, encerrando o espetaculo da noite.

Mas, se podemos, se aplaudimos a realização da companhia Nydia Licia-Sergio Cardoso, com a mesma sinceridade vemo-nos na contingencia de fazer restrições à direção dada por Sergio Cardoso.

A impressão que tivemos e isso se acentuou particularmente com Nydia Licia, foi que Sergio Cardoso tolheu, em demasia, os artistas, mecanizando-os, despersonalizando-os. Em certos instantes percebiam-se verdadeiros [illegible] com a uma vinda de bem longe e que de tanto repetir as mesmas frases torna-se monótona, cansativa, sem alterar a inflexão, qualquer que fosse o sentimento que deveria exteriorizar.

Desconhecemos Nydia Licia que não foi, em nenhum instante, a "Flor" imaginada por Ernani Fornari. Não foi nem a descendente dos "Cardosos" e muito menos a dos "Corrêa".

Pessima a marcação dada a Jorge Chaia, que mais parecia um preto velho andando curvado, sob o peso da idade e com uma tonalidade de voz inteiramente inadequada.

A mesma falha se notou em Nieta Junqueira que declamou o tempo todo.

Carlos Zara, muito inexpressivo, embora seja um artista que já dispõe de recursos e caminha para um lugar ao sol, pela dedicação e entusiasmo à carreira que abraçou.

Zaida Hessel é uma bela promessa. Empostando melhor a voz e deixando de declarar, o que fez algumas vezes, atingirá, dentro de muito pouco tempo, a uma posição de destaque. Teve momentos falsos, principalmente quando se tornou a criatura que amava. Movimenta-se com graça e bastante segurança.

Samuel dos Santos e Dirce Pires, embora um pouco exagerados, foram daqueles que se saíram inteiramente a contento.

Dina Lisboa titubeou um pouco no inicio do primeiro ato, porém, à medida que a ação se intensificava, caminhou para a libertação das restrições que lhe foram impostas, passando a ser a esplendida artista com a qual já nos acostumamos. Não sufocou sua personalidade. Procurou isso sim, viver a criatura que estava interpretando. Foi um dos pontos altos do espetaculo de ontem à noite. Dina Lisboa vai muito longe. [illegible] qualidades não lhe faltam. Será um dos valores do conjunto permanente do futuro teatro Esperia.

O melhor papel e a melhor interpretação, não resta duvida alguma, couberam a Leonardo Villar. Se em qualquer uma de suas falas houvesse referencia a uma banda de pinos, lenço e mel, diriamos que ele estava vivendo, não o "Anesio" de Ernani Fornari, mas aquele fabuloso "Capitão Rodrigo" de Erico Verissimo, e dizendo isso externamos todo nosso entusiasmo por um dos tipos mais interessantes da literatura brasileira.

Pequeno foi o papel de Sergio Cardoso e assim mesmo muito mal decorado.

Cenarios de acordo, executados por Dante Lombardi que, como os figurinos, são de Anita de Athayde.

O. C.

Sinhá Moça Chorou: crítica

Sinhá Moça Chorou: foto de cena

Peça: "Sinha moça chorou", de Ernani Fornari.

Cia.: Sergio Cardoso-Nidia Licia, no Teatro Leopoldo Froes.

COMENTARIOS: Louve-se, antes de tudo, o fato de uma Cia. nacional levar uma peça nacional, nos dias que correm. De tão raro, isso já ia constituindo um milagre. No entanto, autores nossos, modernos, como Pedro Bloch e Guilherme Figueiredo, continuam sendo representados na Europa e até em Israel com absoluto exito.

Quem foi que disse que santo de casa não faz milagre? Mas vamos à peça: Sergio Cardoso, num rasgo de modestia, contentou-se com um pequeno papel, onde só atua no 1.o ato. E' um exemplo aos nossos atores valdosos, que só querem fazer primeiros papéis. Nidia Licia podia ter tirado um partido enorme daquela significativa cena com que ela e Dina Lisboa fecham o 1.o ato:

— Chore, minha neta, que isso faz bem ao coração...

— Mas eu não sei chorar, vovó. Eu não sei chorar!

Por falar em Dina Lisboa, esta ameaçou roubar todo o sucesso da peça, na velha avó resmungona. E a mulatinha Dirce Pires precisa ser lembrada como uma possivel revelação de 1954. Pisando o palco pela primeira vez, manifestou-se leve, inteligente, espirituosa. Zaide Hasael, dona de voz quente e personalissima, foi uma presença marcante em cena.

AS Críticas!

PAULO FABIO

Equipe artística - 30-11-54

Já notaram que todos os meses surgem bons valores na cena brasileira, vindos não se sabe de onde, mas todos eles aproveitaveis?

EM RESUMO: E' peça nacional e boa. O publico deve prestigiar a Cia. Sergio Cardoso.

Sinhá Moça Chorou*: crítica*

Sinhá Moça Chorou*: foto promocional*

Capítulo XII

A Televisão e os Trabalhos de Dina Lisboa em suas Novelas

Sobre sua entrada nas novelas da televisão, Dina comentou:

No início da televisão, ela contava com seus atores, que não eram os de teatro.

Mas, depois, quando compreenderam que com a nossa colaboração seria mais eficiente, resolveu nos empregar e, assim, eu também fui incluída.

Quanto a fazer teatro ou televisão, as técnicas são tão diferentes, que não se pode comparar, nem dizer se é melhor ou pior, mais fácil ou mais difícil.

No teatro, o ator tem de se dar por inteiro, corpo e alma, representando como se estivesse diante de uma lente de aumento. Na televisão é o inverso: o ator dá o corpo e a câmera, como que reproduz a alma tal é a sua capacidade receptora. Ela capta o próprio pensamento.

Por isso, o ator tem que ser muito comedido nos seus gestos, movimentação, postura, mímica facial, senão empastela tudo.

Há artistas que trabalham em teatro e televisão ao mesmo tempo, uma coisa não atrapalha a outra, propriamente. Emocional ou tecnicamente, o ator se desliga com facilidade, dos personagens de que está representando. Só que é muito cansativo, pela preocupação e correria de se chegar em tempo ao teatro. Tive esta experiência e não apreciei. É uma loucura proceder assim, enquanto não houver um horário certo para o trabalho na televisão.

Com exceção da TV Gazeta, trabalhei em todos os canais, mas na Tupi – Canal 4 foi meu estágio mais longo; atuei nas novelas:

1964: Os Fuzis da Senhora Carrar – Teleteatro

1967: As novelas: Yoshico, Estrelas no Chão, Éramos Seis, O Pequeno Lord, A Ponte de Waterloo

1967: Teatro do Terror

1969 – 1970: Nino, o Italianinho

1971 – 1972: A Fábrica

1972 – 1973: Victória Bonelli

1973: É Proibido Pisar na Grama – Teleteatro

1975: Meu Rico Português

1976: Os Apóstolos de Judas

No **Canal 5** – antiga Televisão Paulista, trabalhei em: *Rebeca* – Teleteatro, na inauguração do canal e na novela *O Santo Mestiço*.

No **Canal 7**, em *Somos Todos Irmãos*.

No **Canal 9**, participei das novelas: *As Minas de Prata* e o *Grande Segredo* e nos teleteatros: *A Mãe* e *Santa Marta Fabril*.

No **Canal 13**, trabalhei na novela *Ricardinho* e no teleteatro *A Mãe*.

Embora avessa às entrevistas, como que num deslize, positivo, é claro, Dina foi surpreendida por um repórter que obteve dela passagens importantes na televisão:

Engraçado, hoje, por coincidência, lá nos estúdios da televisão, eu estive na berlinda e concluíram que se eu não existisse, deveria ser inventada com urgência. Qualificaram-me *sui generis*. Você vê? *Je suis ça*. Um misto de imagens simples que me fazem complicada. Dará pra entender? Mas eu falei, hein? E tenho pavor de microfone (imagine se não tivesse). E, também, fujo das entrevistas. Você me pegou direitinho.

Pois bem, *Dona Dulce* é uma experiência nova pra mim. O oposto de todas as mulheres que

tenho interpretado. Humilde, cheia de fé, modesta, pobre, tímida, ela é, na novela – ***A Mãe*** – O amor coração. Ama, adora a filha ingrata e má, em quem não vê nenhum defeito.

Não é um papel grande, mas sim um grande papel, que requer do intérprete, força incomum para despir-se de toda e qualquer sofisticação, a fim de atingir com autenticidade, a beleza da simplicidade do personagem.

Também não é um papel secundário, como já se ouviu dizer. Aliás, nesta novela não há papel secundário. É tal a força intrínseca de cada personagem, que faz de cada ator um... solista, por assim dizer. Pra mim, ***Apóstolos de Judas*** é uma explosão de amor em todos os seus tons, manifestado por uma espécie de orquestra, em que cada personagem o executa na sua totalidade; como por exemplo:

- Amor Possessivo (Fátima da Conceição)

- Amor Pureza (Judas)

- Amor Dedicação (Berenice) Renúncia

- Amor Compreensão (Sr. Tomé)

- Amor Egoísta (Evelyn)

- Amor Frustrado (Cristiano)

- Amor Coração (Dona Dulce); a própria, na sua autolatria, Marina, que deixa de ser amor e assim por diante, o que faz a novela original, atualíssima e tão do agrado de todos. E para isso, louve-se o valor e a dedicação dos colegas e de toda equipe, que sob a batuta do *Mestre Vietri* – maestro e poeta – dão ao máximo de si, para que o êxito seja total.

A telenovela *Rebeca*, apresentada no Canal 5, por ocasião da inauguração desse canal, teve a participação da atriz Dina Lisboa, que também foi notícia de jornal.

Mais notinhas: Fernando de Barros está fazendo as últimas cenas de *Appassionata*, no Teatro Municipal.

Dina Lisboa abafou em *Rebeca*, que Ruggero Jacobbi dirigiu na TV, com Maria Della Costa.

Sandro e Maria Della Costa apresentaram anteontem, na Tupi, *Rebeca*, sob a direção de Ruggero Jacobbi. Leo Villar, Xandó Batista, Rubens Costa, Dina Lisboa e Ho-

nório Martins completaram o elenco. ***Dina Lisboa***, fazendo a ama, foi a que mais se sobressaiu.

Por Manoel Carlos

Na novela *Santo Mestiço*, da TV Globo, Dina trabalhou com Sérgio Cardoso, o amigo, o colega e o grande ator da sua admiração.

Como atriz, Dina Lisboa trabalhou sob a direção dos melhores diretores, mas confessa, nas novelas de Geraldo Vietri, *O Mestre*, como o chamava e sob a sua direção é que teve suas maiores oportunidades, como em *A Fábrica*, *Meu Rico Português*, *Vitória Bonelli* e *Nino, o Italianinho*.

Quanto a sua participação em *Vitória Bonelli*, Dina, assim se expressa:

Na novela *Vitória Bonelli* sou Esmeralda. Minha adorada Esmeralda! Tão simples, tão pura, tão gente! Nascida da capacidade de um gênio, Esmeralda só podia ser grande demais – desafio – para qualquer atriz. Fui contemplada. Aceitei o desafio. Feia de doer, velha, machucada pelos desenganos. Esmeralda, que poderia ser toda fel, tristeza e amargura, se agiganta em

A TV Globo reúne seus artistas para uma novela baseada numa perseguição religiosa.

Mais uma superprodução da Central Globo de Novelas. Reunindo mais uma vez Sérgio Cardoso e Rosa Maria Murtinho, nos papéis do Padre Ramiro e Isabel.

Adaptação de Glória Magadan, que se baseou na fé religiosa. A história desenvolve-se em qualquer lugar da América, onde a mudança de um govêrno tem como meta principal exterminar a fé e seus pregadores. Mesmo assim, aqueles que exerciam o Santo Ofício mantiveram viva a chama divina no coração daqueles homens e mulheres assustados. Defenderam com suas próprias vidas a crença em Deus e o culto segundo lhes ordenava suas consciências.

O personagem vivido por Sérgio Cardoso, o Padre Ramiro, é um fugitivo por causa de seu mister. Suas dificuldades aumentam dia a dia; o vinho para a consagração torna-se escasso e é perigoso compô-lo, porque imediatamente desperta suspeitas, visto que naquela região os homens consumiam bebidas muito fortes, e vinho é apenas para alguns privilegiados da Nova Ordem.

O Padre Ramiro luta contra os soldados da Nova Ordem e consigo mesmo; pois êle não é um santo, no sentido exato da palavra: nos bons tempos foi um sacerdote comum, sem grandes virtudes, sem muita vontade de sacrificar seu confôrto em função dos fiéis, mas quando tudo se volta contra êle, o Padre Ramiro começa sentindo a importância e a verdade de seu Santo Ofício.

O Padre Ramiro é perseguido implacàvelmente pelo Tenente Miranda, adepto ferrenho da Nova Ordem, e que usa de todos os meios para aprisionar o padre, papel êste vivido por Carlos Marques.

Em O **Santo Mestiço**, Sérgio Cardoso vive três papéis diferentes. Vá vê-lo diàriamente de segunda a sábado na TV Globo Canal 4. Superprodução da Central Globo de Produções. Adaptação e supervisão de Glória Magadan. Direção de David Grimberg. Elenco: Sérgio Cardoso, Rosa Maria Murtinho, [illegible] Reis, Dary Lisboa, Edney Giovenazzi, Carlos Marques e Tamara [illegible]. Figurinos: Arlindo Rodrigues e cenários de Campello Neto.

Matéria sobre O Santo Mestiço

Vitória Bonelli*: matéria sobre a novela*

EVOCAÇÕES DE DONA ESMERALDA
(capítulo n.º 174, págs. 7/8)

LUCAS (EXAMINANDO A CARA DELA) — Mas agora não tem pêlo nenhum, na cara da senhora!

ESMERALDA — Usei o método dos índios! Conforme iam nascendo eu ia arrancando com uma pinça...! até que sumiram todos. — (T) Foram sumindo um por um...! e aos poucos foram sumindo os dias... os meses... os anos... (MUDANDO) — Lucas, se eu tivesse dezoito anos, com esta cara, com barba e bigode... — Você, com dezoito anos, namorava comigo?

ESMERALDA (SEMPRE SORRINDO. ELA ENCARA A COISA ROMANTICAMENTE) — Foi o que fizeram todos os rapazes de dezoito anos na minha época. — Nenhum deles se aproximou de mim. — Ao contrário! Fugiam, como o diabo da cruz! (T) Só um se aproximou de mim. Um argentino. Chegamos a ficar noivos... — Papai era garimpeiro lá em Minas — como vovô também foi garimpeiro — e papai tinha encontrado, naqueles dias, um diamante muito grande! — A notícia logo correu! Se espalhou! — (MUDANDO) Naqueles dias faleceu uma grande amiga da vovô, a dona Fustalina, e nós todos fomos ao velório. — E lá no velório, por entre as chamas das velas, e as flôres das coroas... fiquei conhecendo Arthuro. — Seus olhos negros me fitavam... como os olhos de uma serpente fitam um pássaro! — Fiquei hipnotizada! — (T) Na missa de sétimo dia da dona Fustalina, começamos a namorar. — Na missa de um mês, ficamos noivos... — Chegamos a marcar casamento! — Eu fazia barba e bigode todos os dias! — E todos os dias Arthuro vinha à minha casa! Ele me ensinava castelhano e eu ensinava a êle português. — (T) Um dia, — ou melhor, uma noite, quando êle estava em casa — eu e mamãe Safira fomos para a cozinha e êle ficou na sala. — Quando voltamos êle não estava mais na sala. Estava no quarto de mamãe Safira, com uma navalha nas mãos, retalhando o colchão de cima abaixo, procurando o diamante de papai! — Quando eu o expulsei de casa êle me respondeu: "Nem com todos os diamantes do mundo eu me casava com você"!

LUCAS (SÓ A CARA DE NERVOSO) — Isso não é coisa que se faz!

ESMERALDA — ... depois disso eu adoeci, Lucas. — (T) Não queria comer... beber. (T) Na verdade, eu queria morrer, Lucas. — Só morrer. — Fiquei trancada no meu quarto dias, semanas, meses... — Eu, um gramofone, e uns discos de Carlos Gardel... (PAUSA E CONTINUA) E sozinha, eu comecei a criar um mundo só prá mim... um mundo onde eu era muito bonita... Um mundo onde todos os rapazes me cortejavam... Um mundo onde eu namorei, fiquei noiva, me casei... — (T) Mas "acordei" quando vi que... que nunca poderia ser mãe...

LUCAS (SÓ A REAÇÃO, CHATEADO)

ESMERALDA (UMA PAUSA, **SEMPRE** SORRINDO) — ... Depois viemos morar aqui em São Paulo. Mamãe Safira e eu... — Compramos esta casa e... nesta casa estamos até hoje. — Pérola veio morar conosco quando resolveu vir estudar aqui em São Paulo. Foi bom, porque trouxe aqui prá dentro um mundo de juventude e de alegria! — (T) Mas o maior premio que Deus nos deu, foi quando dona Vitória Bonelli alugou a casa aí em frente e abriu a cantina!... — Com as "noites" que o senhor Divino organiza, é que eu tenho voltado a viver um pouco no "meu mundo". — Aquele mundo que eu criei só prá mim, já fazem tantos anos! (T) E foi isso que aconteceu esta noite Lucas... "voltei muitos anos atrás..." — Se você pudesse me perdoar... (LEVANTA-SE E TOMA OUTRA POSIÇÃO, CHORANDO...)

LUCAS (VAI PARA ELA) — Sou eu que tenho que pedir perdão, dona Esmeralda. Não a senhora.

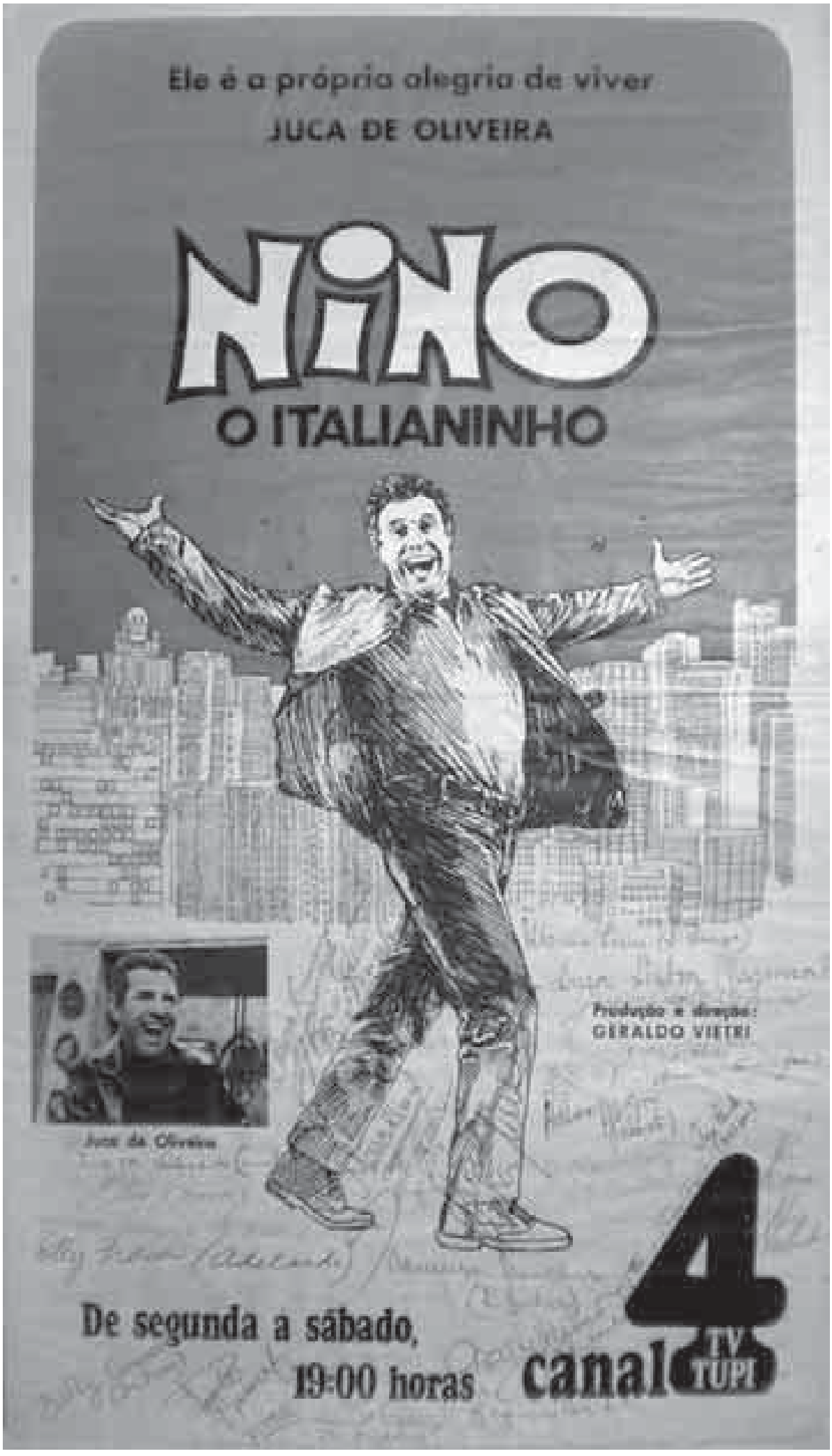
Vitória Bonelli*: matéria sobre a novela*

> beleza interior, com sua espontaneidade, sua jovialidade quase infantil, sua alegria, seu bom humor, alertando-nos para a sabedoria do *savoir-vivre*. Se o mundo estivesse cheio de Esmeralda, por certo, tudo seria menos violento e agressivo. Entendê-la é fácil. Vivê-la... faço o possível...

Em *Nino, o Italianinho*, fez o papel de *Virgínia*, uma grã-fina, com um elenco fantástico: Aracy Balabanian, Juca de Oliveira, Wilson Fragoso, Paulo Figueiredo, Tony Ramos, Bibi Vogel, Marcos Plonka, Olivia Camargo, Etty Fraser, Myrian Muniz, Chico Martins, Annamaria Dias, Dennis Carvalho.

A novela foi um sucesso. Durou mais de um ano e percorreu também vários lugares do Brasil.

A passagem de Dina Lisboa pelo teatro, cinema e televisão produziu marcas profundas na sua sensibilidade de atriz. Os problemas, as ocorrências indesejáveis do cotidiano artístico, possibilitaram interagir, mais que no plano de sentir. Dina expôs as verdades humanas por meio das produções artísticas, e, justamente, a franqueza que tem poder de encantar, de atrair e mesmo de perturbar, e isso ela os registrava também em cartas.



Cartaz de Nino, o Italianinho

Foto do elenco de Nino, o Italianinho

5ª feira, 9 de agôsto de 1962

A propósito da minha recusa de fazer a peça no Canal 9, no dia 14.

Antunes querido,

ontem desconheci você. Não imagina como saí daí arrasada. Mas o Antunes!!! O Antunes que eu prezo, que eu respeito!!! O Antunes!!!"

Era só o que eu pensava.

Que "êsse" sr. Lúcio Guimarães (só pode ser pseudônimo) cometa a bar-ba-ri-da-de!!! de deturpar um texto como "The Glass Menagerie", admite-se porque deve ser algum coitado analfabeto metido a intelectual (não entendeu nécas do que leu); mas que você que é honesto, que combate, que esperneia, que recusa, que é sensível, que ama a Verdade acima de tudo, que é inteligente e esteta, endosse êsse crime (porque é um crime, Antunes.) é de se espantar!!!

Só você não conhecendo o original, o que não posso admitir.

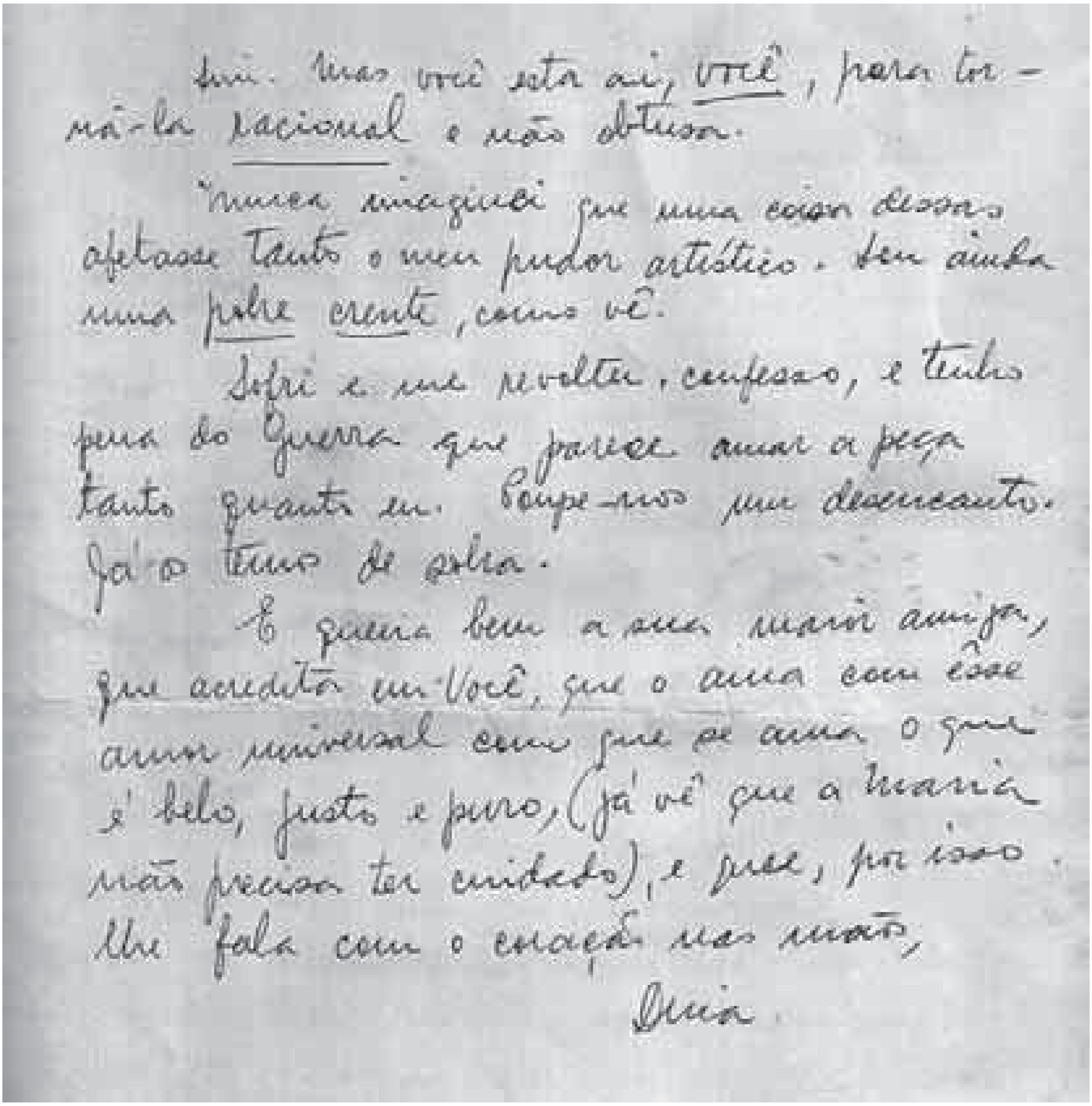
O homem é humano e pode errar.

Mas nós artistas, temos que salvaguardar pelo menos um pouco, um mínimo da nossa dignidade e zelar por ela. Sobretudo nós, Antunes, você e eu, que ainda somos puros, temos não só a obrigação, mas o dever de assim proceder.

Senti que a minha recusa o alertou para com consciência. E é por isso que venho apelar para que você não leve êsse texto como está, isto é, essa adaptação infame e indigna, ou pelo menos não lhe chame "Algemas de Cristal", nem se atribua a autoria ao muito amado Tennessee.

Você disse que a "Televisão é uma máquina"

Carta a Antunes Filho



tuir. Mas você está aí, VOCÊ, para torná-la racional e não obtusa.

"Nunca imaginei que uma coisa dessas afetasse tanto o meu pudor artístico. Sou ainda uma pobre crente, como vê.

Sofri e me revoltei, confesso, e tenho pena do Guerra que parece amar a peça tanto quanto eu. Poupe-nos um desencanto. Já o temos de sobra.

E queira bem a sua Maria amiga, que acredita em Você, que o ama com êsse amor universal com que se ama o que é belo, justo e puro, (já vê que a Maria não precisa ter cuidado), e quer, por isso lhe falar com o coração nas mãos,

Maria

Carta a Antunes Filho

Carta à Folha de S. Paulo

S. Paulo, 2 de julho de 1963.

Ilmos. Srs.
Dr. Otávio Frias de Oliveira, MD. Presidente
da Emprêsa "FOLHAS DE SÃO PAULO".
Dr. Carlos Caldeira, Superintendente;
Dr. Francisco Cruz Maldonado,
Dr. Francisco Mangel Pestana,
Dr. José Reis, DD. Diretores da mesma Emprêsa.

Tomo a liberdade de vir à presença de VV.SS. afim de testemunhar-lhes a minha repulsa pela maneira leviana com que se conduz o menino A.C.Carvalhaes, usando e abusando da coluna de teatro que lhe foi confiada nesse grande jornal que é a "FOLHA DE SÃO PAULO", não para exaltar o teatro paulista como arte e cultura, mas para promover intrigas e mentiras, com as quais êle pactua, dando-nos a impressão de estar mais a serviço de uma propaganda particular de amigos seus (e que propaganda torpe, meu Deus!).

Venho referir-me às suas notícias truncadas e capciosas sôbre a última assembléia da classe teatral, realizada no dia 27 pp., onde êle, propositadamente omitiu a defesa brilhante e categórica do snr. Nagib Elchmer, acusado vil e repugnantemente, e da maneira mais desleal e mais desonesta inaceitável, pelo snr. Sábato Magaldi. E, na edição de hoje, transcreve tópicos do depoimento mentiroso de um tal Ferreira Leite, que se diz representante do Sindicato dos Atôres do Rio de Janeiro (pobre Sindicato) e ator da Cia. Nídia Lícia, a quem o menino Carvalhaes muito deve através de sua coluna. Chamo-o mentiroso, coisa pouco decente numa criatura da sua idade, porque, pactuando o a aquela farsa que enegreceu o teatro paulista, mentiu vil e desavergonhadamente, que a classe teatral do Rio já havia estado em assembléia, etc., etc., quando todos os jornais testemunham que só na madrugada de domingo é que ela foi realizada, lançando confusão num momento tão grave, com o único propósito de anarquisar a nossa assembléia do dia 27.

Não importa que o menino Carvalhaes esteja dêste ou daquêle lado, é um direito que lhe assiste, mas por que não foi honesto, constatando os fatos como realmente se passaram, como é do seu dever de repórter? Se êle dispõe de uma coluna tão importante, num jornal íntegro como a "FOLHA", por que não usá-la dignamente, para enobrecer o teatro, que, já está moribundo, também por culpa dêsses meninos que teem sêde de se projetarem a qualquer custo, e o fazem da maneira mais errada, com a única preocupação envaidecedora da "PRIMEIRA MÃO", do "EU QUE DISSE", "EU QUE FIZ", numa disputa inexpressiva ao primeiro lugar da fofoca.

Pela pública e notória integridade moral de VV.SS., atestada pela imparcialidade dêsse jornal, tenho a certeza de que desconhecem o fato e a má intenção infiltradora do menino Carvalhaes, senão já teriam providênciado a seu respeito, como o fizeram, e, permitam-me lamentar, com os críticos C. Von Schimidt, dos mais competentes que temos, e Oliveira Ribeiro Neto, o mais honesto de todos. Não será, pois, um menino tendencioso que pondo em jôgo o alto critério da nossa querida "FOLHA".

Aproveito a oportunidade para, como membro da Comissão Estadual de Teatro, reiterar a VV.SS. a proposta que a ela apresentei, entre outras também valiosas para o reerguimento moral do nosso teatro, no sentido de que a CET se dirija aos Snrs. Diretores de jornais, solicitando-lhes a contribuição da imprensa para a boa divulgação do teatro paulista, pedindo ou obrigando seus auxiliares da secção de teatro a tomarem com mais seriedade e mais respeito êsses assuntos que lhe são afetos, tornando suas notícias e informações mais educativas e mais saudáveis.

Não me nega a um colunista o direito de ser simpatizante ou individualista, desde que êle não perca o sentido de honestidade que é obrigado a ter perante sua consciência profissional, perante o fato que deseja expôr e perante a comunidade, sobretudo se êsse colunista é do corpo de um jornal digno e honrado.

Dirijo-me a VV.SS. como cidadã, como assinante da "FOLHA" (jornal que leio desde que me conheço por gente), e como ATRIZ cem por cento profissional, para quem o teatro é ainda arte e cultura, num apêlo angustioso, para que a coluna de teatro dêsse jornal seja entregue à pessoa competente, que faça dela órgão sadio da divulgação teatral.

Grata pela atenção,

Sou de VV.SS. grande admiradora

D.L. endereço

Capítulo XIII

O Cinema: *Como Arte, Como Indústria e Como Divertimento*

Dina sabia, finalmente, do seu real valor; trabalhara para conquistar a posição que ocupava; tinha conquistado o seu espaço, reconhecida pelo mundo artístico, pelo público e também o buscou como referência na arte cinematográfica.

A respeito do cinema, Dina afirmou:

Encaro o cinema sob três aspectos: como arte, como indústria e como divertimento. Como arte: visando mais a arte coletiva, a arte de colaboração entre técnicos e atores. Se soubessem o que é fazer um filme! Se a paciência fosse arte, eu diria que o cinema é a arte da paciência. É a primeira condição para se realizar um filme. O cinema tem que ser uma indústria, porque o que se despende para fazer um filme, só mesmo os produtores é que sabem. O divertimento, numa filmagem é o que menos existe, em todo caso, não deixa de estar presente. Há sempre do que se achar graça numa filmagem, mesmo que se esteja quase morta de cansaço.

O que mais me impressiona é como se faz cinema. É incrível a diferença do que se faz com o

que se vê depois. A técnica cinematográfica é uma coisa assombrosa.

Acredito no cinema nacional. Da maneira como se vai encaminhando e evoluindo, dentro em pouco será uma das grandes indústrias do Brasil. O público já compreende o nosso cinema e parece aceitar mais do que o cinema estrangeiro.

Iniciei-me nessa arte quando aluna do 2º ano da Escola de Arte Dramática de São Paulo, Ruggero Jacobbi, grande diretor de teatro e cinema e professor na nossa escola, me convidou para trabalhar em *Presença de Anita*, num papel de certa importância, como o de Augusta, a guardiã das tradições da família. Isso era em 1951, na Companhia Cinematográfica Maristela. Nesse mesmo ano, também participei em Suzana e o Presidente.

Fiz, em 1952, em *Appassionata*, da Vera Cruz, com Anselmo Duarte, Tônia Carrero, Ziembinsky, Alberto Ruschel e outros grandes elementos do cinema nacional.

Participei, também, de: *Esquina da Ilusão*, em 1953, da Vera Cruz e está passando na televisão; *Rebelião em Vila Rica*, *Meus Amores no Rio*, *A Arte de Amar Bem*, de Fernando de Barros; *Yayá Garcia* (1975 – 1976), de Geraldo Vietri; e dois filmes com Mazzaropi: *Betão ronca ferro* e *Portugal minha saudade*.

CINEMA

PRESENÇA DE ANITA

Ao considerar "Presença de Anita" como produção classe B não estaríamos emitindo nenhum juízo de valor sobre a fita, mas apenas situando-a, dentro de uma determinada categoria, no conjunto da produção nacional. O valor de uma obra de cinema não pode ser aferido pelo seu maior ou menor custo. Não é, pois, pelo fato de ser menos ambiciosa que as duas produções já lançadas da Cia. Cinematográfica Vera Cruz, que esta primeira película da Maristela nos parece passível de reparos.

A sua realização mesma é que nos parece falha, independentemente do seu nível de produção. É falha, em primeiro lugar, como vimos acima, pela aceitação de um assunto que lhe retirou toda importância como documentário psicológico e dramático. Falha, em segundo lugar, pelos seus numerosos senões de natureza técnica, todos perfeitamente evitáveis dentro do estágio atingido pela indústria paulista. Podem haver razões que justifiquem ou esclareçam esses defeitos, mas eles estão na fita e é esta que deve ser julgada. Falha, em terceiro lugar, pela interpretação do elenco (este ainda o grande problema não resolvido pelo cinema nacional, a não ser em escala muito pequena). Excetuando-se Antonieta Morineau e Vera Nunes (a esta não manteve na fita inteira um mesmo padrão interpretativo), os demais estão aquém das exigências de um plano médio de desempenho, inclusive Orlando Vilar, dotado de bom tipo, mas relegado a uma participação mais expressiva no papel [illegible].

De qualquer forma, porém, temos que convir que já é possível fazer "correr" uma fita no Brasil, sustentar uma película, empurrá-la para a frente. Conseguimos superar o estágio do mero teatro filmado, aquele tipo de estrutura de películas com sequências apenas justapostas, arrastando por trancos e barrancos um enredo que se pretendia capaz de interessar o espectador. Para o desenvolvimento do cinema brasileiro isso é tão importante quanto o embasamento técnico, este fruto de aparelhamento e de pessoal competente, e de uma compreensão mais superior das imposições da linguagem cinematográfica.

E o grande mérito de "Presença de Anita" está nisso, na forma por que foi narrada a história, no ritmo que Jacobbi lhe imprimiu, garantindo uma progressão razoável ao desenvolvimento da trama. A fita anda, indiscutivelmente, avança em direção ao seu desenlace não artificialmente, mas organicamente, ganhando sempre alguma coisa em cada passo, não perdendo de vista em cada sequência as necessidades do desdobramento do assunto. E quando se verifica que essa progressão foi obtida, tendo contra si o peso morto dos defeitos apontados, então cresce mais ainda a nossa simpatia e o nosso interesse pelo trabalho do jovem diretor italiano.

A importância de "Presença de Anita" é a revelação das possibilidades de Ruggero Jacobbi na direção cinematográfica. Embora nesta película não se possa apontar nenhum recurso original e criador (e nem isto devemos pretender tão cedo na esfera do cinema industrial), sente-se que a plasticidade da inteligência de Jacobbi, a sua capacidade de participação viva no processo artístico poderá levá-lo a grandes resultados.

A sequência final da alucinação de Eduardo, com a atmosfera densa sendo preparada pela visualização dos objetos que evocavam a presença de Anita, é inteligentemente conduzida.

A montagem da película que parece de autoria de Carla Civelli, secundou, em grande parte, a obra do diretor, utilizando-se de processos de ligação bem funcionais com as necessidades do ritmo da obra.

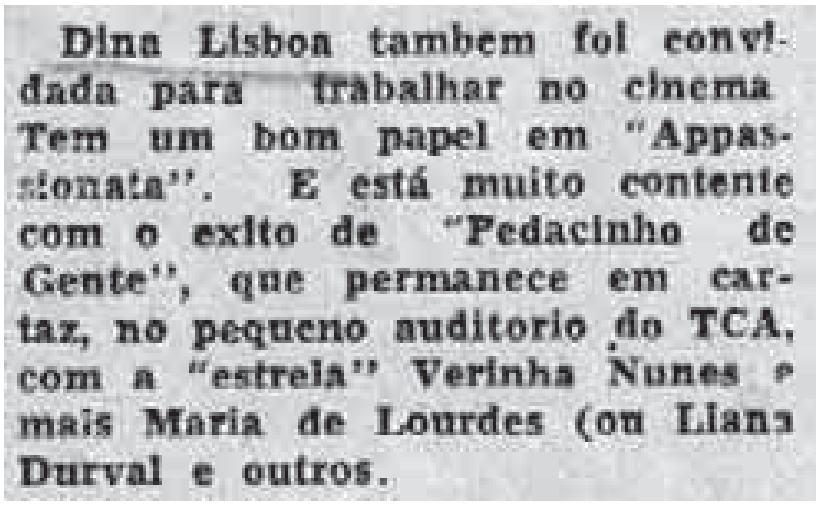
Caberia assinalar a parte de confecção dos "sets", principalmente no que se refere aos tetos baixos, que afligiam e oprimiam as cenas interiores, e a música de Simonetti que acompanha quase toda a película, a qual, embora melódica, está sobreposta à fita, como um comentário independente, sem nenhuma relação atmosférica com o tema a exprimir.

ORLANDO VILAR, que aparece na fotografia numa cena com Dina Lisboa, do filme "Suzana e o presidente", foi o galã brasileiro escolhido pelo diretor italiano Camilo Mastrocinque para a película "Areião", que está sendo rodada na cidade de Rio Claro

Nota sobre o filme Areião

O PRIMEIRO FILME DA MARISTELA — O primeiro filme da Cinematografica Maristela, novel empresa produtora de filmes, já tem em vias de conclusão seu primeiro filme. Trata-se de "A PRESENÇA DE ANITA" — extraido do celebre romance do escritor Mario Donato. "A Presença de Anita" tem nos principais papeis, Orlando Villar, Vera Nunes, Antonieta Morineau e Armando Couto. Será uma das maiores atrações nacionais. No cliché Orlando Villar e Dina Lisbôa

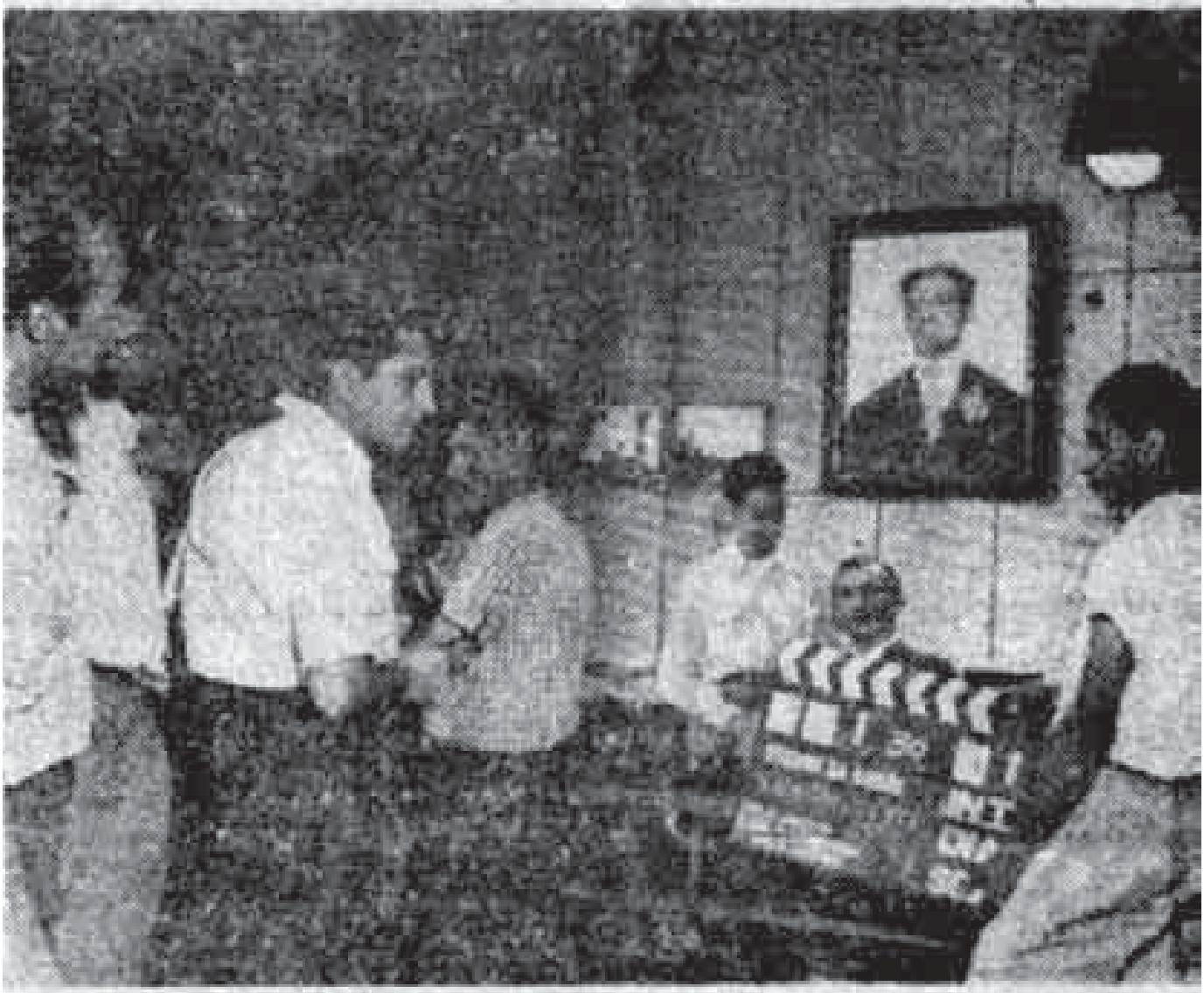
Nota sobre o filme Presença de Anita



Dina Lisboa tambem foi convidada para trabalhar no cinema Tem um bom papel em "Appassionata". E está muito contente com o exito de "Pedacinho de Gente", que permanece em cartaz, no pequeno auditorio do TCA, com a "estrela" Verinha Nunes e mais Maria de Lourdes (ou Liana Durval e outros.

Nota sobre o filme Appassionata

MAIS UM FILME PARA O CINEMA NACIONAL



Nos estudios de São Bernardo, dentro do programa da Vera Cruz, começou a rodagem de mais um filme brasileiro. Trata-se de "Esquina da Ilusão", dirigido por Ruggero Jacobbi, com Calderaro, Ilka Soares, Alberto Ruschel, Renato Consorte, Dina Lisboa e muitos outros artistas do teatro, radio e cinema.

A fotografia que marca a primeira volta de manivela, mostra-nos Renato Consorte, o grande diretor de produção de "Appassionata" que agora no teatro e no cinema continua uma brilhante carreira. Agostinho Martins Pereira, diretor-assistente; Ruggero Jacobbi, diretor; Hugo Lombardi, diretor de fotografia e Grezori, decorador, durante a preparação da primeira tomada.

Nota sobre o filme Esquina da Ilusão

Dois novos valores do cinema nacional, que também aparecem em "Esquina da Ilusão"

Nota sobre o filme Esquina da Ilusão

Lista do elenco do filme Yayá Garcia

"Yayá Garcia"
uma co-produção de
Geraldo Vietri e Cassiano Esteves

ELENCO

ESTELA	Berta Zemell
JORGE	Paulo Figueiredo
IAIÁ	Ilmarge Teodoro
LUIZ GARCIA	Wilson Fragoso
VALÉRIA	Dina Lisboa
RAIMUNDA	Jacira Sampaio
ANTUNES	Sadi Cabral
PROCÓPIO DIAS	Benjamin Cattan
MARIA DAS DORES	Liana Navarro
EULÁLIA	Márcia Maria
DONA JOANA	Sidneia Rossi
ESCRAVO MORDOMO DE VALÉRIA	J. França
ESCRAVO THOMAZ	
PADRE	David Teixeira
MÉDICO	
CAPELÃO DO EXÉRCITO	
FIGURANTES PARA A FESTA	
~~PARENTES DOS CONVIDADOS~~ Fotografo	Francisco Carlos Roan
SOLDADOS DA GUERRA	
SOLDADO COM FALA	
O DESEMBARGADOR (a foto)	
ESCRAVOS VÁRIOS	
** GENERAL CÂMARA **	Jonas Mello
MAQUIADOR	LAZINHO
CABELEREIRO	ARNALDO MOSCARDINI
Camareiro	AMÉRICO DOS SANTOS JR

-:0:-:0:-

São Paulo, novembro-dezembro 1975

Dina, em Yayá Garcia

Capítulo XIV

Primeiro Festival Paulista de Teatro Infantil: *um Sonho a ser Realizado*

A experiência e amadurecimento que Dina Lisboa adquiriu como atriz e mulher aguerrida, combativa, lhe serviram para que nos bastidores e fora deles pudesse lutar pela importância e desenvolvimento do Teatro Nacional, quer expondo seus pontos de vista, quer, sobretudo, como membro da Comissão Estadual de Teatro – CET, nos primeiros anos de 1960.

Passados tantos anos, aflorou-lhe muito do que não fora possível realizar no curto tempo em que exerceu a profissão de professora primária, por intermédio da sua moderna prática pedagógica de tornar o aluno agente de transformação; então, trabalhando o Teatro Infantil poderia praticar tudo que acreditava ser útil ao desenvolvimento da criança e do adolescente.

Teve a oportunidade de focalizar o Teatro Infantil, tentando atender os seus problemas e, incentivá-lo de maneira digna e eficiente.

Acreditava que trabalhando pelo seu desenvolvimento, muito se estava fazendo pelo teatro de

São Paulo, 22 de março de 1961.

À M.D. Comissão Estadual de Teatro.

Ilmos. Snrs.,

Mais amante do teatro do que pensei ser, tomando conhecimento da democrática resolução da C.E.T. de receber sugestões para aplicação da verba de trinta milhões solicitada ao Govêrno do Estado para socorrer às necessidades do Teatro Paulista, tomo a liberdade de expôr-lhes um modesto ponto de vista:

Acho que com os trinta milhões devia se fortalecer mais as Cias. teatrais e não extinguí-las ou monopolizá-las sob um só controle como absurdamente se pensou. Todo mercado de trabalho tem por base a livre concorrência, e uma vez surpinida esta, é obvio descair o nível da promoção.

Sabemos, pelos exemplos das grandes Cias. estrangeiras que o seu forte, antes de mais nada, se baseia num elenco estável, com diretores cultos e eficientes, e, sobretudo, numa segura organização técnico-administrativa.

Qual foi o auge do T.B.C.? Quando se sustentou nessa base.

Por que, atualmente, as Cias. "Tônia-Celi-Autran", "Cacilda Becker" e "Os Sete", superam suas dificuldades? Não são elas as que mais preenchem tais requisitos?

O nosso mal é a pressa, é a bossa, é a aventura. As Cias. pululam nesta base e daí o seu descrédito perante o público.

Antes de mais nada, creio que se deve operar um balanço nas Cias. teatrais e que só possam funcionar as que se organizarem solidamente, administrativa, técnica e culturalmente e que contem com alguma garantia própria para que possam também fazer jus ao auxílio do Estado, e o qual auxílio, evidentemente será distribuido proporcionalmente às necessidades de cada Cia..

Que se aplique parte desses trinta milhões numa propaganda fértil e eficiente para a educação das massas. Devemos fazer teatro para todos. Para tôdas as classes.

Não é só com um anúncio (carissimo por sinal) num grande jornal que se despertará o interêsse do público para um espetáculo. Aliás, podia-se pleitear dos jornais um abatimento no preço desses anúncios.

Carta à Comissão Estadual de Teatro

Nossos hotéis (todos), estações ferroviárias e rodoviárias, restaurantes públicos e particulares, casas comerciais, clubes, fábricas, veículos, praças públicas e outros pontos mais, não contam com nenhuma indicação nesse sentido. Um cartaz programa, digamos assim, como vimos na Europa, com indicações completas de cada Cia. ou sejam: nome da Cia., do Teatro em que funciona, endereço, peça em cartaz, nome do autor, do tradutor, do diretor, dos atores (todos), horário, preço, etc., que fosse afixado nesses lugares e sempre renovado, já seria de alguma contribuição, a mais primitiva talvez, para se iniciar um movimento de interêsse pelo teatro.

Isso, sòzinha, uma Cia. não pode fazer, é claro. Mas a C.E.T. ou a U.P.C.T. poderia se encarregar do assunto.

O lançamento de uma peça estaria a cargo da própria Cia, se possível auxiliada pelo fundo de reserva dessas duas entidades.

Êste é o meu despretencioso lemorete ao muito que se pode sugerir em prol do reerguimento do prestígio do nosso teatro.

Aproveito a oportunidade para apresentar-lhes, em anexo, uma cópia de uma sugestão de outra ordem, que submeto também à apreciação da C.E.T., pois que a encaminhei à U.P.C.T., crente ainda que sou de que ela pode subsistir para os grandes fins em benefício da classe teatral.

Agradecendo pela atenção que a esta dispensarem, subscrevo-me atenciosamente,

Dina Lisboa
Rua Rosa e Silva, 190, apt. 4
Telefone: 52-1620

São Paulo, 22 de março de 1951.

À M.D. Diretoria da União Paulista da Classe Teatral.

Prezados colegas,

Aproveitando o momento em que a U.P.C.T. está em entendimentos com os poderes públicos, concernentes ao interêsse pelo aperfeiçoamento do teatro brasileiro, tomo a liberdade de apresentar à sua digna Diretoria as seguintes sugestões:

a) empenhar-se junto ao Govêrno do Estado para a criação de um órgão de divulgação teatral junto à Secretaria da Educação, encarregado de promover nas escolas secundárias e primárias a obrigatoriedade do ensino sôbre noções de teatro;

b) A U.P.C.T., fazendo jus à subvenção, se prontificaria, na Capital, a ilustrar o referido ensino, a título de matéria prática, entrando em entendimentos com as Cias. teatrais para que estas realizem um espetáculo semanal para as escolas, com a peça em cartaz, ou com uma peça preparada para tal fim;

c) Pleitear a organização de uma ou mais Cias. volantes que percorram o interior com a finalidade acima mencionada. Esta medida servirá também de orientação aos grupos amadores das localidades que os possuirem;

d) Pleitear a criação de um teatro infantil especializado. A propósito, empenhar-se com as Cias. para que, enquanto tais medidas não vierem a ser adotadas, mantenham com seu elenco um teatro infantil, como primeiro passo para o desenvolvimento de tal programa.

A meu ver, constituindo tais sugestões a base fundamental da preparação do futuro espectador, e, crente ainda, de que a nossa entidade é a União da classe teatral e que objetiva fins culturais e de reivindicação, submeto-as à Diretoria da U.P.C.T. para que, assim que se organizarem os seus trabalhos e se iniciarem as suas reais atividades, possam tais sugestões serem apreciadas e encaminhadas se assim determinarem.

Pela atenção que a este dispensarem, antecipadamente agradeço.

Carta à União Paulista da Classe Teatral

março de 1963

SUGESTÕES JÁ APRESENTADAS pelo SINDICATO DOS ATORES.

1 - Festivais ao ar livre, tais como os que são realizados nos mais importantes centros europeus, congregando espetáculos previamente preparados para esse fim propósito e escolhidos dentre as Cias. mais representativas.

2 - Festivais na Capital e nas principais cidades-chaves do interior do Estado de S. Paulo. Dessa maneira, na Capital poder-se-iam apresentar no Teatro Municipal todas as Cias. de teatro, proporcionando aos paulistanos a oportunidade de assistirem aos espetáculos mais importantes do ano. No interior os mesmos espetáculos seriam apresentados nas cidades-chaves, mobilizando-se as populações vizinhas. Tais festivais seriam de preferência apresentados durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro.

3 - Subvenção para excursões ao interior, à Cia. que promova temporada longa pelo interior do Estado.

4 - Sugerir às autoridades competentes a utilização de curriculum escolar afeto à Cadeira de Português, bem como representações ao final de cada ano letivo, com o auxílio e a supervisão de elementos profissionais, incentivando dessa maneira o hábito pelo teatro.

5 - Incentivar a impressão de livros técnicos, didáticos, peças de teatro nacionais e estrangeiras a baixo custo.

6 - Realização de cursos de iniciação teatral, expressão corporal e dicção para atores profissionais e amadores.

7 - Incentivar a criação de consolidação de novas Cias. profissionais.*

SUGESTÕES AVULSAS

1 - Assistir o Teatro Infantil, moral e pecuniàriamente, solicitando das Cias profissionais maior interêsse pela sua realização, uma vez que a criança de hoje é o espectador de amanhã.

2 - Interessar-se junto à Censura para a maior liberação de espetáculos, afim de que a infância e a juventude possam frequentar o teatro.

3 - Providenciar o levantamento dos Teatro da Capital, bem como de Auditórios públicos e particulares, com capacidade para espetáculos, afim de que as Cias. interessadas possam usufruir dos mesmos.

4 - Que as conferências feitas sôbre Teatro sejam, o mais possível, ilustradas com cenas, ou mesmo espetáculos, se for o caso, mediante remuneração, também, aos atores que participarem dos mesmos.

5 - Pleitear junto aos empresários de Cias. estrangeiras que se exibam nesta Capital, o acesso livre dos atores (sindicalizados?) aos espetáculos apresentados, ou, pelo menos, conseguir aos mesmos atores, um desconto razoável no preço dos ingressos. A C A T ou o SINDICATO se encarregaria da aquisição desses ingressos, desde que o ator interessado lhe faça o pedido verbal ou por escrito.

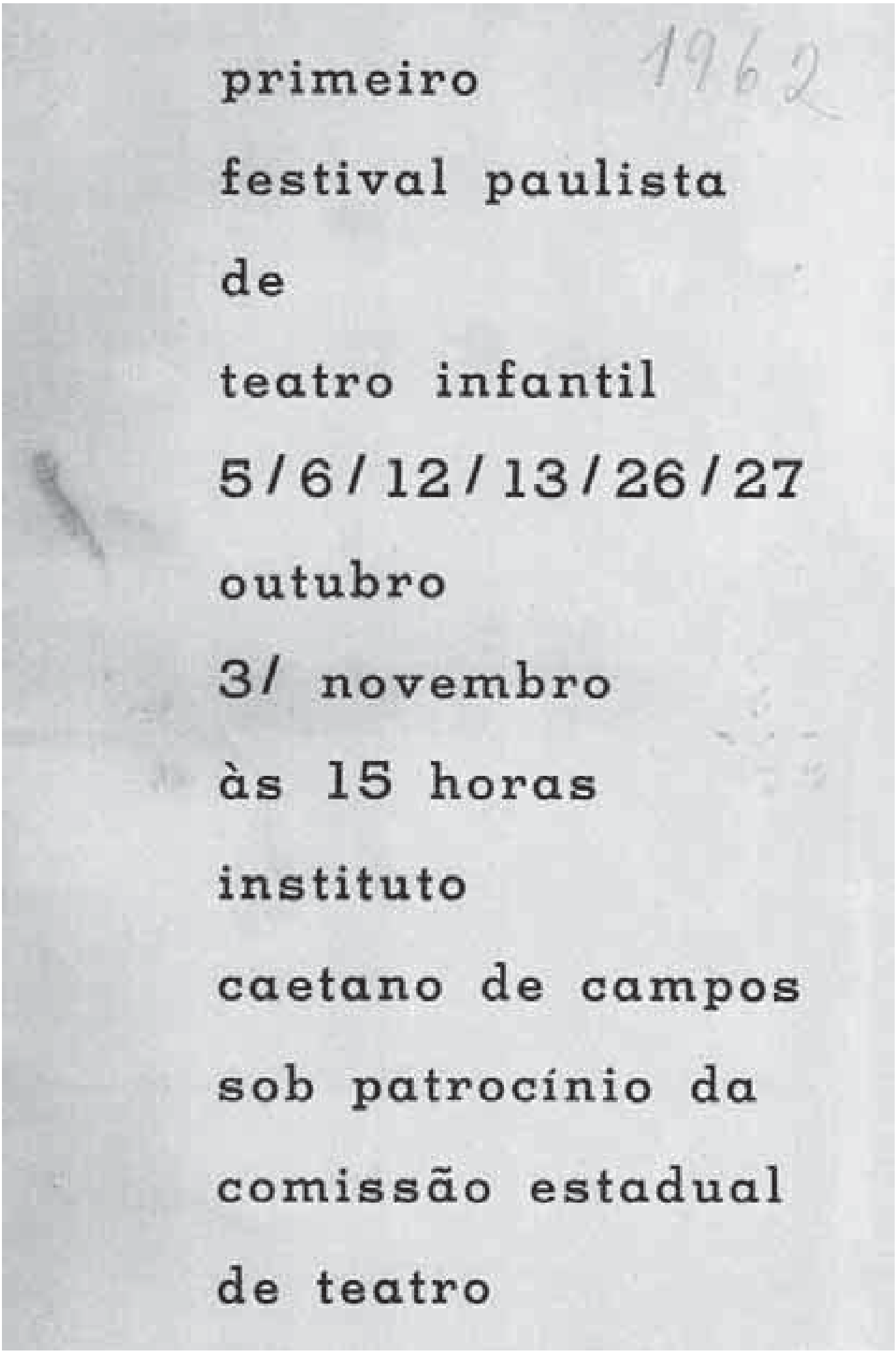
amanhã. Dizia também que *sendo o teatro um dos maiores veículos para a formação cultural do povo, procurando-se despertar na criança o amor e o interesse por ele, habituando-a a frequentá-lo, ao se tornar adulta, sem dúvida, ela será o seu consciente e assíduo espectador*.

O Festival de Teatro Infantil foi um sucesso e Dina falou sobre o evento:

Comecei a pensar seriamente em teatro infantil quando se agravou a crise do teatro. Para mim, são dois os fatores preponderantes da crise: falta de uma propaganda popular de teatro e falta de preparo da classe popular para esse tipo de cultura. Então pensei que estimulando, desenvolvendo e elevando o nível do teatro infantil, teremos uma base mais sólida de cultura e assiduidade do espectador de amanhã.

E, o Festival surgiu então, para dar início ao cumprimento do *Plano de Desenvolvimento do Teatro Infantil de São Paulo*, que elaboramos para a Comissão Estadual de Teatro, aproveitando as festividades do dia da criança, no mês de outubro. Sendo o primeiro, está cheio de imperfeições, que esperamos corrigir no futuro.

A finalidade do Festival é formar o futuro espectador em base sólida de cultura e gosto pelo



Cartaz do 1º Festival Paulista de Teatro Infantil

COM ORGULHO E EMOÇÃO, ANUNCIAMOS, HOJE, QUE O TEATRO INFANTIL DE SÃO PAULO, PODERA RESPONDER "PRESENTE", QUANDO SE LHE FIZER A CHAMADA NA HISTÓRIA DO TEATRO PAULISTA.

Nossos sinceros agradecimentos
Ao Exmo. Snr. Governador do Estado, Dr. Ademar de Barros
Ao Exmo. Snr. Secretário do Govêrno, Dr. Juvenal Rodrigues de Moraes
Ao Ilmo. Snr. Secretário do Conselho Estadual de Cultura, Dr. Hélio Silveira
Aos snrs. membros da Comissão Estadual de Teatro — Benjamim Cattan, Maria José de Carvalho, Horácio de Andrade, Oliveira Ribeiro Neto, Sandro Polloni, João Rios, Evaristo Ribeiro, Proença Filho e, muito especialmente, a seu Presidente, snr. NAGIB ELCHMER, que, numa demonstração de conhecimento e de grande amor ao teatro, tudo fêz para dar êste merecido "LUGAR AO SOL" ao Teatro Infantil, alicerce em que se erguerá o teatro do futuro.

A SUB-COMISSÃO

Dina Lisboa — Presidente
Jorge G. Ovalle — Repr. das Cias. de Teatro Infantil
Jurandyr Pereira — Repr. dos Autôres de Teatro Infantil
Dra. Carmen Ferreira Kuckembuch — Orientadora Educacional
Dr. Tércio Sampaio Ferraz — Repr. do Juizado de Menores
Terezinha Piese — Coordenadora de Propaganda

Relação de agradecimentos

PRIMEIRO PASSO

A Comissão Estadual de Teatro, entendo que a base dêste está no TEATRO INFANTIL, resolveu assisti-lo com maior dedicação, organizando uma SUB-COMISSÃO de Teatro Infantil, para melhor atender os seus problemas e incentivá-lo de maneira digna e eficiente.

Encarregou-me, como membro da Comissão e grande entusiasta de tal medida, de organizar e presidir a Sub-Comissão.

Aceitamos a incumbência, mesmo não sendo especialista no assunto, crente de que, trabalhando pela existência do TEATRO INFANTIL e pelo seu desenvolvimento, muito se fará pelo teatro de amanhã.

Entendemos que uma das razões da crise que vem abalando o nosso teatro é a falta de formação cultural do povo.

Ora, sendo o teatro o maior veículo para essa formação — procurando-se despertar na criança o interêsse e o amor pelo teatro, e habituando-a a frequentá-lo — ao se tornar adulta, sem dúvida, ela será o seu consciente e assíduo espectador.

O 1º FESTIVAL PAULISTA DE TEATRO INFANTIL, nada mais é que o PRIMEIRO PASSO para tão alta finalidade.

O espetáculo infantil é muito delicado e dêle dependerá o interêsse da criança pelo teatro. Merece, portanto, melhor assistência, não só das autoridades governamentais, como dos profissionais de teatro, que devem colaborar mais para o alto nível cultural e educacional dos espetáculos infantis.

Vejo o TEATRO — como reflexo do mundo, com todos os seus contrastes, porém, com a mensagem das experiências já vividas.

Para mim, TEATRO é escola e terapêutica.

Como atriz, aprendi pois, o bastante para amar e definir o TEATRO, mas não ainda o suficiente para dar-lhe o que devo e o que posso.

Tentando cumprir esta alta missão que me foi confiada, talvez eu possa encontrar, em parte, a lição que procuro.

DINA LISBOA

Instituição da Sub-comissão de Teatro Infantil

PARTICIPAM DO
Iº FESTIVAL PAULISTA DE TEATRO INFANTIL
AS SEGUINTES COMPANHIAS

DIA 5 DE OUTUBRO

1 — TEATRO PARA A INFANCIA — Diretor, Jorge G. Ovalle — "O CIRCO BIM BAM BUM" — de sua autoria.

DIA 6 DE OUTUBRO

2 — PEQUENOS CANTORES DO LICEU CORAÇÃO DE JESUS — Diretor, Padre Anderson Paes — "O REIZINHO" — de Felipe Alcântara.

DIA 12 DE OUTUBRO

3 — TEATRO INFANTIL DO ARENA — Diretor, Silney Siqueira — "JOAOZINHO ANDA PRA TRÁS" de Lúcio Benedetti.

DIA 13 DE OUTUBRO

4 — TEATRO DE GRUPO — Diretor, Roberto Vignati — "UM LÔBO NA CARTOLA" — de Oscar Von Pfuhl.

DIA 26 DE OUTUBRO

5 — TEATRO INFANTIL IVONE HIRATA — Diretora, Ivone Hirata — "URASHIMA TARO" (A Princesa e o Pescador) lenda japonesa.

DIA 27 DE OUTUBRO

6 — TEATRO DE ENSAIO — Diretor, Paulo Alberto Aloise — "A MENINA DOS CABELOS DE OURO" — de Jurandyr Pereira.

DIA 3 DE NOVEMBRO

7 — ESCOLA DE ARTE DRAMATICA — Diretor, Alfredo Mesquita — "ARTIMANHAS DE SCAPINO" — De Molière — Direção de Maurice Vaneau.

ABRILHANTARAO O Iº FESTIVAL PAULISTA DE TEATRO INFANTIL A BANDA DE MUSICA DO INSTITUTO MODELO DE MENORES E A FANFARRA DO LICEU CORAÇAO DE JESUS.

Participantes do Festival

teatro. ***Divertir, instruir e educar***. Servirá como teste e observação para os festivais futuros. Deveríamos manter contato com a criança e formar debates em torno dos espetáculos, mas, como o auditório do Instituto de Educação Caetano de Campos é muito solicitado, não nos sobra tempo para tal. Em todo caso, vamos tentar aos domingos, contando já com grupos interessados na experiência.

Fizemos ingressos gratuitos para que fossem propositadamente retirados, a fim de testarmos o interesse pela procura. Solicitamos, também, do adulto, que desse a mais possível oportunidade à criança para ela mesma adquirir e entregar o seu ingresso. Muitos acompanhantes permitiram até que ao receber o programa, o espectadorzinho depositasse uns cruzeirinhos na bandeja. O espetáculo de abertura foi *O Circo Bim Bam Bum*, de Jorge Ovalle, na direção de Kleber Afonso, com participação de adultos. Um lindo espetáculo que teve a colaboração ativa da criançada. Só vendo! Parecia um bando de pardais. O segundo, uma peça social, o *Reizinho*, da autoria do padre espanhol salesiano Felipe Alcântara, na direção do Padre Anderson Paes, do Liceu Coração de Jesus, com a participação de seus alunos, entre 11 e 15 anos. Por este fato, ela será repetida no dia 9 de novembro, por ocasião do encerramento

do Festival, que terá lugar no Teatro Leopoldo Fróes. Aos espetáculos que se seguirão haverá a participação mista por adultos e por crianças.

O Festival está correspondendo ao objetivo traçado mais do que pensei. O movimento está muito mais sério e muito mais importante do que se podia imaginar. A criança adora teatro. Quer teatro. Pelas respostas aos questionários, sente-se perfeitamente que ela entende e aprecia o que vê. Daí, concluirmos que os espetáculos para a infância devem ter muito cuidado e muito bem escolhidos. Para o ano, essa parte terá um estudo especial, bem como, toda a organização do Festival será mais completa.

Todo o mérito do nosso trabalho deve-se à Comissão Estadual de Teatro e, muito especialmente, a seu presidente, o nosso amigo Nagib Elchmer, que graças a Deus ficou em São Paulo para desenvolver com dedicação, surpreendente conhecimento de causa, os problemas do teatro.

A CET, por sua vez, tem contado com o apoio integral do Governo, por intermédio da Secretaria dos Negócios de Estado e da presidência do Conselho Estadual de Cultura, nas pessoas do Dr. Juvenal Rodrigues de Moraes e Hélio Silveira.

Por ocasião da entrega dos prêmios *Governador do Estado*, tive a oportunidade de fazer sentir a sua Excelência, o senhor Dr. Ademar de Barros, que o seu Governo deve orgulhar-se do empreendimento inédito que está realizando no setor teatral, dando à criança o que ela necessita para complemento da sua formação artística e cultural. Fiz sentir, também, que São Paulo já comporta o seu ***Teatro para a infância*** e é urgente que ele seja construído. E que se deste Festival puder erguer-se tão importante obra, o seu Governo terá cumprido um dos mais sérios tópicos do seu programa cultural.

Prestigiando o teatro infantil o Governo estará colaborando para a educação do povo em sólida base cultural, moral e educacional.

Por meio desta reportagem quero agradecer aos que comigo colaboraram para a efetivação deste Festival, de maneira especial aos membros da Subcomissão de Teatro Infantil da CET; Jorge Ovale, representante das Cias. de Teatro Infantil; Jurandir Pereira, representante dos autores de dramaturgia infantil; Carmem Kuckembuch, Orientadora Educacional; Tércio Sampaio Ferraz, representante do Juizado de Menores e Terezinha Plese, Coordenadora de Propaganda.

Que o povo paulista compreenda a nossa obra e colabore com ela, prestigiando com sua presença o I Festival Paulista de Teatro Infantil.

Pelas palavras de um repórter, pode-se perceber o êxito do Festival: – *Dina, pelo visto, a sua realização está cem por cento e você merece todo o apoio da classe, do público e dos órgãos governamentais*.

De fato, Dina aceitou o desafio de promover o I Festival Paulista de Teatro Infantil e no ano seguinte, 1963, em contato com o Sindicato dos Atores, apresentou sugestões para melhorar e ampliar sua iniciativa.

maio de 1963

SUGESTÕES JÁ APRESENTADAS também AO SINDICATO DOS ATORES.

1 - Festivais ao ar livre, tais como os que são realizados nos mais importantes centros europeus, congregando espetáculos previamente preparados para esse fim proposito e escolhidos dentre as Cias. mais representativas.

2 - Festivais na Capital e nas principais cidades-chaves do interior do Estado de S. Paulo. Dessa maneira, na Capital poder-se-iam apresentar no Teatro Municipal tôdas as Cias. de teatro, proporcionando aos paulistanos a oportunidade de assistirem aos espetáculos mais importantes do ano. No interior os mesmos espetáculos seriam apresentados nas cidades-chaves, mobilizando-se as populações vizinhas. Tais festivais seriam de preferência apresentados durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro.

3 - Subvenção para excursões ao interior, à Cia. que promova temporada longa pelo interior do Estado.

4 - Sugerir às autoridades competentes a utilização de curriculum escolar afeto à Cadeira de Portuguêsa, bem como representações ao final de cada ano letivo, com o auxílio e a supervisão de elementos profissionais, incentivando dessa maneira o hábito pelo teatro.

5 - Incentivar a impressão de livros técnicos, didáticos, peças de teatro nacionais e estrangeiras a baixo custo.

6 - Realização de cursos de iniciação teatral, expressão corporal e dicção para atores profissionais e amadores.

7 - Incentivar a criação de consolidação de novas Cias. profissionais."

SUGESTÕES AVULSAS

1 - Assistir o Teatro Infantil, moral e pecuniàriamente, solicitando das Cias profissionais maior interêsse pela sua realização, uma vez que a criança de hoje é o espectador de amanhã.

2 - Interessar-se junto à Censura para a maior liberação de espetáculos, afim de que a infância e a juventude possam frequentar o teatro.

3 - Providenciar o levantamento dos Teatro da Capital, bem como de Auditórios públicos e particulares, com capacidade para espetáculos, afim de que as Cias. interessadas possam usufruir dos mesmos.

4 - Que as conferências feitas sôbre Teatro sejam, o mais possível, ilustradas com cenas, ou mesmo espetáculos, se for o caso, mediante remuneração, também, aos atores que participarem dos mesmos.

5 - Pleitear junto aos empresários de Cias. estrangeiras que se exibam nesta Capital, o acesso livre dos atores (sindicalizados?) aos espetáculos apresentados, ou, pelo menos, conseguir aos mesmos atores, um desconto razoável no preço dos ingressos. A C I T ou o SINDICATO se encarregaria da aquisição desses ingressos, desde que o ator interessado lhe faça o pedido verbal ou por escrito.

Sugestões para melhoria do Festival

Capítulo XV

Gran Finale! Apagou-se a Ribalta

Se não fosse o que sou, gostaria de ser o que sou.

Dina Lisboa

Gostei muito de flores. Plantas. Campo. Praia. Música. Pontualidade. Jogar buraco. Andar. Rezar. Pensar (aliás, se pensamento fizesse barulho, eu andava silvando por aí mais do que sirene de bombeiro).

Detestei tomar providências. Esperar (e não fiz outra coisa). Barulho. Escândalo. Sujeira. Desordem. Torneira pingando. Fumaça de cigarro. Ouvir falar em cobra. Gente burra.

Apreciei o arco-íris como cores preferidas. Vibrei com a seleção brasileira de futebol. Joguei tênis e fui campeã no Colégio. Cavalguei.

Veneza foi o lugar do mundo que mais apreciei, é fora de série! Conheci o Uruguai, a Argentina, o Chile e 12 países europeus. Cada um tem seus encantos típicos, todos lindos de morrer! Mas, bom mesmo é o Brasil. Sem demagogia e sem bairrismo. O brasileiro é o povo mais inteligente do mundo.

Dina com o prêmio Saci e, ao fundo, os prêmios Governador do Estado

Habituamo-nos aos caprichos da moda. Se pudesse, me vestiria com Clodovil. Gostei muito da moda Império.

Fui católica praticante e exercitei a sinceridade, a compreensão e a justiça.

Gostei da música romântica e não apreciei muito o jazz.

Amei a poesia. E da Bíblia a Dostoiévsky e a Joyce, Gabriela Mistral a Cassiano Ricardo.

Fui quituteira de mão-cheia. Recebi meus amigos, meus colegas no meu lar doce lar. Dediquei-me aos meus parentes. Amei... amei loucamente, apaixonadamente. Ô vida!

Fui atriz...

O teatro sempre foi para mim escola e terapia. Sem dúvida. Por força de se viver personagens tão variados, a gente vai extravasando as emoções, os recalques e chega até a curar-se de certas neuroses (quando não se fica *lelé da cuca*).

Em geral, temos sempre uma afinidade com os personagens. São arestas da nossa personalidade que, de repente, se salientam mesmo sem a gente querer.

O ator é como um instrumento musical. Só que com gamas emocionais. Em qualquer parte do texto deve haver um momento, uma frase, uma palavra que lhe dê o fio da trama, aí então, se estabelece a afinidade. Às vezes, custa tanto, tanto que a gente se desespera. Mas quando acontece... Ah! Se soubessem o que é ser ator!

Hoje, é muito comum o ator fazer *laboratório*. Eu nunca fiz. O próprio texto sempre me deu a dica.

Não tive preferências por um determinado autor. São todos tão importantes na dramaturgia universal... Talvez Tennessee Williams, pela força e pela riqueza de potencial humano de suas personagens femininas.

Tive, porém, uma afinidade muito grande com Jorge Andrade. Seus textos, apesar de tratarem de temas brasileiros, têm dimensão universal. Sua linguagem teatral tem a força trágica dos clássicos, e, embora, focalizem acontecimentos do passado, são atuais.

Excetuando os clássicos que conheci e estudei na Escola de Arte Dramática, representei peças de: Pirandello, Brecht, Arthur Miller, Lorca, Jean Anouilh, Ugo Betti Audiberti, Camus, Agatha Christie, Dougall, Jorge Andrade, Abílio Pereira de Almeida e muitos outros.

Tive a felicidade e a sorte de ser dirigida pelos melhores diretores da época: Alfredo Mesquita, Ruggero Jacobbi, Adolfo Celi, Ziembinsky, Alberto D'Aversa, Maurice Vaneau, Antunes Filho, Haydée Bittencourt, José Renato, Flávio Rangel, Antonio Abujamra, Egídio Eccio e Geraldo Vietri. Com Ruggero, D'Aversa e Geraldo Vietri a afinidade era maior.

O saudoso TBC (Teatro Brasileiro de Comédia) foi a minha casa! Antes dele, atuei em quase todas as Companhias existentes na época, fazendo uma ou duas peças em cada uma. Entre outras Companhias, havia a Cia. Nydia Lícia —Sérgio Cardoso, Teatro de Arena, Teatro Ruth Escobar, Teatro Maria Della Costa, para citar as mais conhecidas.

E a vida de artista, então, ao contrário do que muita gente pensa, é uma vida árdua, dura, cheia de sacrifícios. Para começar, o ator não tem direitos; só tem deveres. Tem de cumprir o seu dever cada dia melhor. O público não quer saber se ele está doente, indisposto, de luto ou com problemas. Tem que ser disciplinado, humilde, sem o que não aguenta a barra.

A estréia é a coisa mais angustiante deste mundo. Numa estréia o ator gasta pelo menos uns cinco anos de sua vida, porque, embora tudo esteja pronto, bem elaborado, há a grande in-

cógnita da reação e da aceitação do público e da crítica que não custa a arrasar, numa penada, um trabalho intenso e tão sério.

Representei drama e comédia. Não tive preferências... É tão fácil fazer rir, quanto fazer chorar. Fiz os dois gêneros. Acertei ambos.

Entreguei-me ao trabalho de corpo e alma.

Sofri, me torturei. Fui um domador, domesticando a fera. Fiquei indócil. E, como dizia, em verdadeiro estado de gestação. Absorvi-me até com certo exagero. Falei sozinha, em casa, na rua, no ônibus. Quantas vezes me surpreendi com pessoas me olhando curiosas, e, pra disfarçar, eu cantarolava. Às vezes, no táxi, eu avisava o motorista que não se assustasse, que era uma peça de teatro que estava estudando.

Era uma loucura.

Interessante, era deitada que eu elaborava melhor o texto. Gostaria de que o diretor virasse travesseiro pra testemunhar a criação. Digo isso, porque quando ia ensaiar, dava impressão de que não houve progresso. Até que um dia dá o estalo e a massa sovada fica maciinha. Vê que complicação? Que misto esquisito de domar fera e de padeiro?

Só eu mesma...

Phaedra era a personagem que eu queria viver, porque soube amar desinteressada e destemerosamente.

Atuei mais ou menos em 40 peças. Todas foram divinas, mas a que me deu mais oportunidades como atriz foi ***Os Fuzis da Senhora Carrar***, de Brecht. A novela ***Vitória Bonelli***, me deu a oportunidade de criar uma linda personagem, *Esmeralda*, que foi considerada Chapliniano e ***Meu Rico Português***, que foi a minha maior oportunidade em televisão.

Ganhei prêmios...

Sempre vi o teatro como sendo o reflexo do mundo, com todos os seus contrastes, porém com a mensagem das experiências já vividas.

Passei por várias situações marcantes no Teatro.

No dia da estreia de ***Santa Marta Fabril***, no Rio de Janeiro, eu ia com uma amiga, à Rua do Catete, comprar uma cama de campanha para o meu camarim, quando, em plena Praça Paris, a céu aberto, me cai na cabeça uma caquinha branca de passarinho. Olhei ao alto e exclamei, como na anedota: *Ai! Se vaca fosse!...* E à noite,

fui simplesmente ***ovacionada*** em cena aberta. De Cambrone tinha razão. Só que não foi a palavra... mas a própria substância.

Quando fizemos ***Os Fuzis da Senhora Carrar***, era muito comum receber cumprimentos após o espetáculo (A Colônia Espanhola muito gentilmente me prestou simpática homenagem). Uma noite, porém, depois de muitos cumprimentos tão afetivos, entra no meu camarim um casal de espanhóis, mudos de emoção. Sentam-se. Olham-me, olham-me, olham-me. Beijam-me a mão. Eu já estava a ponto de estourar de emoção. De repente, o marido, num esforço incrível, quase que sussurrando, me pergunta se sou espanhola. À minha negativa, diz não acreditar: ***Só uma espanhola que tivesse vivido a guerra civil poderia ter sido, naquela noite, a senhora Carrar***. E, daí, foi só choradeira nossa e amanhecemos conversando. Foi então que amadureceu em mim, ainda mais, a consciência da responsabilidade.

Colegas! Meditemos, meditemos! Como é séria a nossa arte: que responsabilidade a nossa!

Quando ***Os Ossos do Barão*** ia longe em número de representações, um belo dia resolveram limpar os refletores. O jato de luz que me iluminava ficou tão forte, mas tão forte que me incomo-

dava os olhos. Reclamei uma, duas, várias vezes. Afinal Ismália (era a personagem), protótipo da estirpe paulista, porém muito pra frente, ameaçou entrar em cena de óculos escuros. As providências não foram tomadas, e, Ismália não teve dúvida, entrou de óculos escuros. Quase precisou fechar o pano: os colegas morriam de rir. Sim. Afinaram as luzes.

Depois de tantos anos na vida artística, sem dúvida tirei uma grande lição de amor, de humanidade. Pela vivência que o teatro nos dá por meio de convívios, experiências e, sobretudo, pela circunstância de vivermos tantas personagens psicologicamente tão diferentes, nós nos purgamos de nossos pesadelos e, sem fanatismo, sem demagogia, chegamos à conclusão honesta e consciente, de que a grandeza do Homem está realmente na simplicidade do seu viver, na prática de sua fé, na sua caridade e no seu amor ao próximo.

Acho que nós por sermos artistas, temos o privilégio de estarmos mais próximos de Deus – o Artista Supremo – e, por conseguinte, temos maiores obrigações para com Ele.

Aposentei-me. Saber parar é sabedoria!

Como *o bom filho à casa torna*, Dina Lisboa voltou à Angatuba, seu *primeiro e virginal abrigo*.

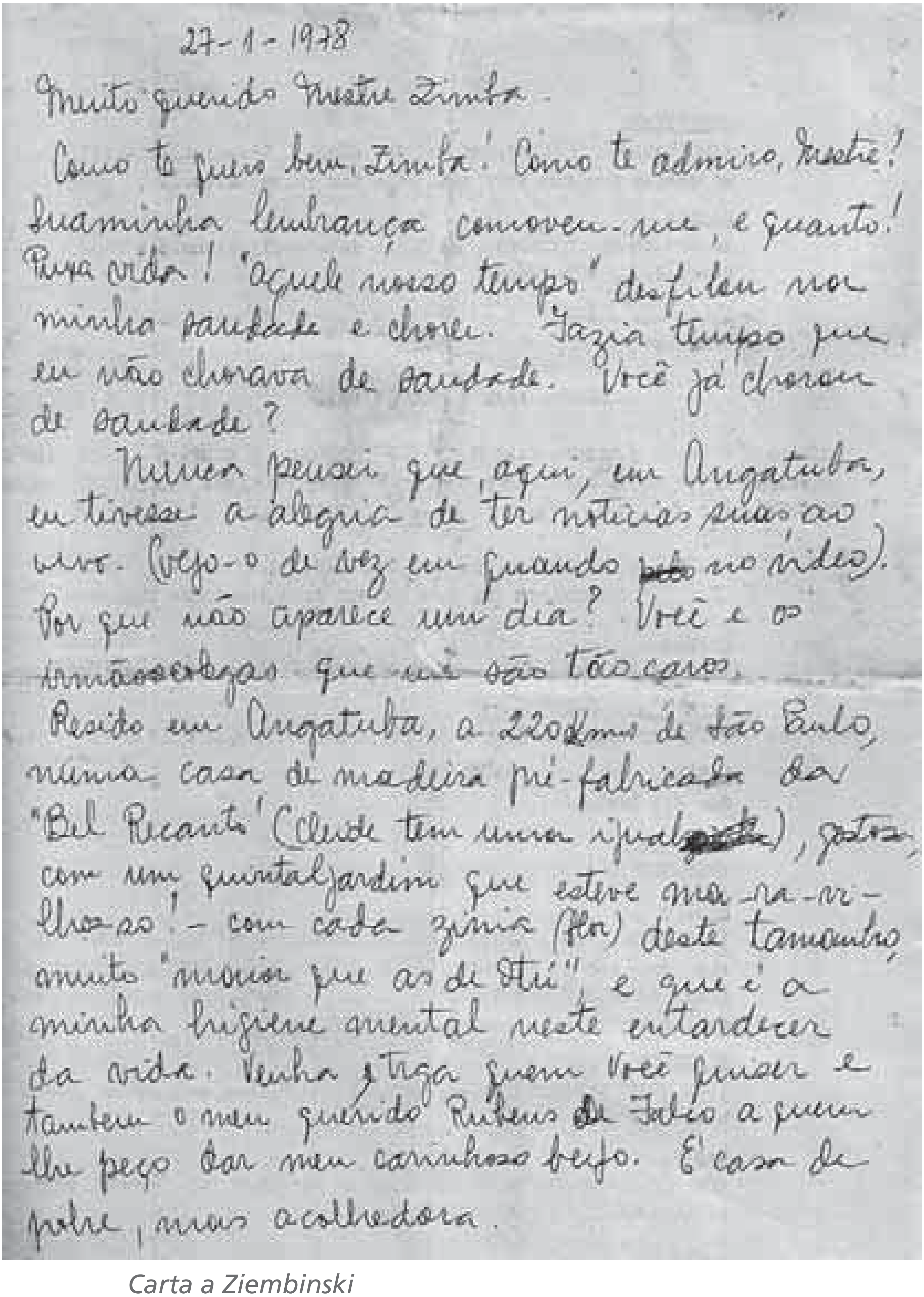
Retornando ao *ninho antigo*, seria uma forma de preparar a velhice e arrumar a proteção.

Distante de tudo: Teatro, Cinema, Televisão... a atriz, no seu refúgio, sobreviveu ao tempo imbuída de saudade, de frustrações, de mágoas, de melancolia, nem propriamente tristeza, também de resignação, apesar do convívio gratificante dos seus familiares e dos poucos amigos que restaram.

Ao colega Ziembinsky, Dina registrou seus sentimentos num rascunho de correspondência.

E, chegou o momento da morte, a agonia da perda. A separação, a ausência, a lágrima, a dor, a saudade... Não pudemos afastar de nós a fragilidade e a finitude.

A atriz deixou um imenso vazio no meio da noite! Era 4 de agosto de 1987.



27-1-1978

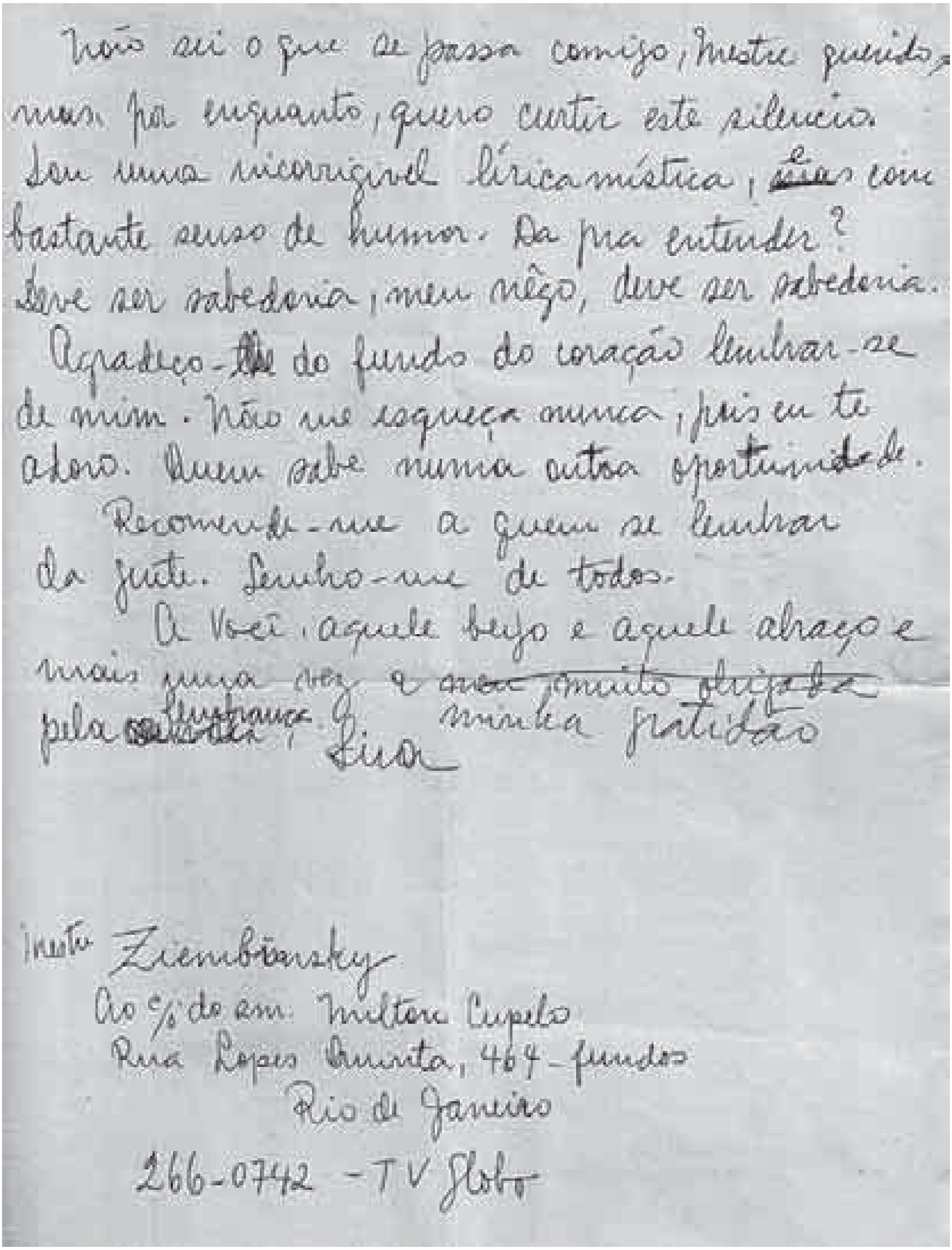
Muito querido Mestre Zimba.

Como te quero bem, Zimba! Como te admiro, Mestre! Sua minha lembrança comoveu-me, e quanto! Pura vida! "aquele nosso tempo" desfilou na minha saudade e chorei. Fazia tempo que eu não chorava de saudade. Você já chorou de saudade?

Nunca pensei que, aqui, em Angatuba, eu tivesse a alegria de ter notícias suas, ao vivo. (Vejo-o de vez em quando ~~pela~~ no vídeo). Por que não aparece um dia? Você e os ~~irmãos colegas que me são tão caros.~~

Resido em Angatuba, a 220 kms de São Paulo, numa casa de madeira pré-fabricada da "Bel Recanto" (Cleide tem uma igual), gostosa, com um quintal jardim que esteve ma-ra-vi-lho-so! – com cada zínia (flor) deste tamanho, muito "maior que as de Itu", e que é a minha higiene mental neste entardecer da vida. Venha e traga quem Você quiser e também o meu querido Rubens De Falco a quem lhe peço dar meu carinhoso beijo. É casa de pobre, mas acolhedora.

Carta a Ziembinski



Não sei o que se passa comigo, Mestre querido,
mas por enquanto, quero curtir este silêncio.
Sou uma incorrigível lírica mística, ~~mas~~ e com
bastante senso de humor. Da pra entender?
Deve ser sabedoria, meu nêgo, deve ser sabedoria.
Agradeço-~~lhe~~ do fundo do coração lembrar-se
de mim. Não me esqueça nunca, pois eu te
adoro. Quem sabe numa outra oportunidade.
Recomende-me a quem se lembrar
da gente. Lembro-me de todos.
A Você, aquele beijo e aquele abraço e
mais uma vez ~~e muito obrigada~~
pela lembrança, minha gratidão
Lisa

Mestre Ziembinsky
Ao c/o do am. Milton Cupelo
Rua Lopes Quintas, 464 - fundos
Rio de Janeiro
266-0742 - TV Globo

Carta a Ziembinski

Dina Lisboa partiu brigada com a tevê

Atriz preferida de Geraldo Vietri nas novelas da extinta TV Tupi, Dina Lisboa, 74 anos, se despediu da vida, no último dia 4, vítima de câncer no intestino. Há mais de 5 anos, Dina vivia numa belíssima casa em Angatuba, sua terra natal, no interior de São Paulo, cercada de plantas e flores, suas paixões. Solteira, sem filhos, mudou-se para lá depois de uma série de desilusões com a tevê, que, segundo ela, humilhava os artistas mais velhos, preteridos pelos jovens e que, em conseqüência, sofriam injustiças salariais. Seu maior orgulho, nos últimos anos, era rejeitar qualquer convite para voltar ao vídeo, onde brilhou nas novelas *Nino, o Italianinho*, *Meu Rico Português* e *Vitoria Bonelli*.

Revista Contigo nº 621, agosto de 1987

Capítulo XVI

O que dizem sobre a atriz Dina Lisboa

Dina construiu sua trajetória artística, ocupou espaços sociais e culturais pouco comuns a membros do sexo feminino em Angatuba e São Paulo. Representava na década de 1940, uma mulher com perspectiva profissional, dona de si, de sua vida, de sua sexualidade. Como atriz, mais exposta à modernização e sujeita a pressões, enfrentou críticas e incompreensões. É o que rememorou sua amiga angatubense, Senhora Ilídia Floriza Maciel Manfredini.

(...) Ela vinha aqui para Angatuba e eu e minha irmã Emília (Emília Maciel Branco) íamos a São Paulo. Conheci toda aquela grande turma de artista. Ela nos levava, toda noite, ao Teatro Municipal e até nos apresentou à grande pianista Guiomar Novaes, o grande violinista Leônidas Autuori. Fomos durante 12 noites, estava reservado pra nós lugar na frisa, junto com o maestro Hernani Braga.

Em São Paulo só os grandões, os atores, as atrizes. E eu fiquei conhecendo uma porção, até trouxe autógrafos de todos eles. Ela me apresentava pra aquele pessoal lá e dizia que eu era irmã dela, porque éramos muito amigas.

(...) Ela era muito inteligente, culta e glamourosa. Tinha muita amizade com o poeta Cassiano Ricardo, que foi a grande paixão dela. Guilherme de Almeida também gostava dela (...). Quando ela vinha de férias pra Angatuba era um chamarisco, os rapazes ficavam babando por causa dela, até os rapazes de fora e sabe, também os de São Paulo, às vezes, vinham aqui por causa dela. Eu acredito que era também a inteligência, cantava músicas lindas, tocava violão muito bem, mas era uma grande mulher! E como se vestia bem, ela era tão chique!

Ah! Ela jogava baralho, gostava de jogar ba-

ralho no Clube Piratininga, lá em São Paulo, Quando ela vinha aqui pra Angatuba, também ia no clube, aqui no nosso Centro Literário Júlio Prestes *e amanhecia jogando com a* homarada *e as esposas morriam de inveja e ela nem ligava, pois não estava fazendo nada de errado. E, olhe que ela era boa num carteado, viu!*

Pra época ela era uma mulher diferente, diferente das moças, das colegas que ficaram aqui em Angatuba, ela sobressaía. E todas morriam de inveja dela. Tinham inveja por ser uma mulher inteligente, devido a ela ser pessoa famosa, certo? Era assim, um ciúme louco que tinham.

Havia muito comentário por ela ir a São Paulo, ser atriz. Tinham certeza de que ela pintava e bordava*, falavam sim e muito, sabe, cidade pequena...*

Mas ela era uma mulher que nunca... toda vida andou de cabeça erguida, levantada... nunca deu confiança pros comentários (...). Agora, em São Paulo, no teatro, o meio dela, as amizades que ela tinha, só com gente importantíssima! (...).

E como ela cantava bem e encantava também! Bom, uma coisa ela teve, os namoros fora de série, prá época, bastante avançado, ela despertou muitas paixões...

(...) Sabe de uma coisa, ela foi uma pessoa completamente diferente de todo mundo. Foi uma mulher espetacular, uma mulher formosíssima, por isso era muito invejada.

Eu me lembro, lembro bem mesmo, olhe que eu... bem dizer, morava aqui na casa dela, eu nunca vi uma discussão com o Sr. Antonio (o pai Antonio Lisboa), com os irmãos, eles aceitavam a maneira dela, tinham orgulho por ela ser atriz!

(...) Ela tinha uma paixão incomum pelo teatro (...) Não era com todo mundo que ela tinha amizade, mas as pessoas que eram amigas dela,

consideravam ela muito culta, muito importante aqui pra Angatuba. Ela foi muito importante pra Angatuba! [Angatuba, 1999, p. 4-5/13 (Dissertação de Mestrado: Viver na Intersecção de Culturas: famílias imigrantes italianas em Angatuba/SP (1881 – 1982). Unicamp, 2001]

Dr. Hamílcar Turelli, outro depoente, rememorou a atriz:

Dina perdeu a mãe muito cedo, nossa prima Marica (Maria Domênica Benedetti). Então, Dina foi educada pela Angelina (Angelina Turelli), sua madrinha, e em Colégio de freiras. Dina sempre tinha élan *intelectual. (...) Eu a considerava muito e ela também. Foram muitos os cursos que ela fez, para se manter no nível que ela tinha... era muito inteligente. Ela não tinha o acanhamento que quase todos nós tínhamos... ela era atriz! [Depoente Dr. Hamílcar Turelli, São Paulo, 1999, p. 40 (Dissertação de Mestrado: Viver na Intersecção de Culturas: famílias imigrantes italianas em Angatuba/SP (1881 – 1982). Unicamp, 2001]*

O grande amigo e conterrâneo, Frei Marcelino, frade franciscano, manteve sempre fiel a amizade com Dina, como revelam suas dezenas de correspondências, entre as quais:

VERIDIANA

p/. a mesma

FMA
Manaus, fev.
1979.

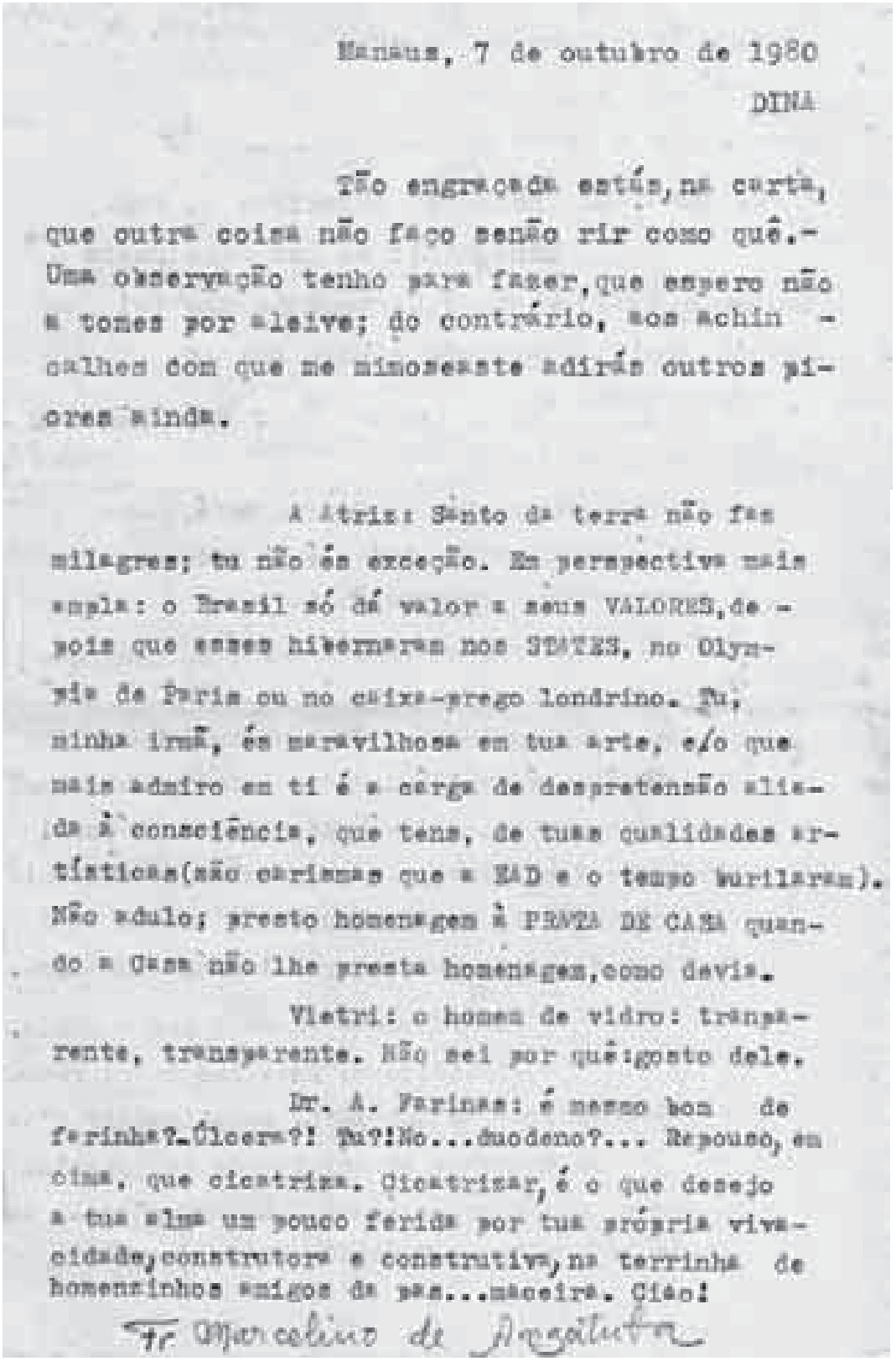
Tu que uma pérgola adoras,
prenhe de rústicos vasos
"assim" de flores olentes
e samambaias-de-metro;
que por um chalé te morres,
feito de tabua luzente
exposta à fúria do sol
ninador de tua sesta;

tu que a ribalta adoraste,
a luminosa gambiarra,
dos aplausos o retumbo,
corbelhas no camarim;
que viste reconhecidas
por diplomas e um Saci
tua arte maravilhosa
e a artística vocação,

foges como a Lavallière!...
"Aonde foi? Por que some?
questionam-te os amigos
que te buscam, sem saber
que uma pérgola fizeste
prenhe de rústicos vasos
e edificaste um chalé
exposto à fúria do sol.

Puseste máscara ao tédio,
Veridiana "Malazarte".
Da tua te libertaste;
és TU, sem tirte nem guarte!

Frei Marcelino também registra o descaso, o não reconhecimento que Angatuba, o berço, e o universo artístico tiveram com a amiga Dina.



Manaus, 7 de outubro de 1980

DINA

Tão engraçada estás, na carta, que outra coisa não faço senão rir como quê.- Uma observação tenho para fazer, que espero não a tomes por deslize; do contrário, nos achin - calhos com que me mimoseaste adirás outros pi- ores ainda.

A Atriz: Santo da terra não faz milagres; tu não és exceção. Em perspectiva mais ampla: o Brasil só dá valor a seus VALORES, de - pois que esses hibernaram nos STATES, no Olym- pio de Paris ou no caixe-prego londrino. Tu, minha irmã, és maravilhosa em tua arte, e/o que mais admiro em ti é a carga de despretensão alia- da à consciência, que tens, de tuas qualidades ar- tísticas(não carismas que a MAD e o tempo murilarem). Não adulo; presto homenagem à PRATA DE CASA quan- do a Casa não lhe presta homenagem, como devia.

Vietri: o homem de vidro: trans- rente, transparente. Não sei por quê:gosto dele.

Dr. A. Farinas: é nosso bom de farinha?-Úlcera?! Tu?!No...duodeno?... Repouso, en cima, que cicatriza. Cicatrizar, é o que desejo a tua alma um pouco ferida por tua própria viva- cidade, construtora e construtiva, na terrinha de homenzinhos amigos da paz...maceira. Ciao!

Fr Marcelino de Angatuba

A gente não se afasta dos lugares. São as pessoas que nos esquecem.

Osmar? reconheceu o valor da amizade e a trajetória da atriz.

S. Paulo, 18.6.70

Dinissima

Aí vai uma fotografia que me diz muitas coisas. A primeira delas, seu poema (lembra-se?), sob cujo signo nossa firme amizade tem vindo em alegria e esperança.

Outra: sua esplêndida vitória artística. Lembro-me da professorinha de Bragança e de sua lucidez, sua tenacidade, sua devoção à Arte, sua decisão de vencer, limpamente, no Teatro.

A rosa com que v. honrou minha alegria daquela noite deve ter sido escrita pela poetisa que se fez grande artista do teatro brasileiro.

Deus lhe pague, Dina, pela rosa e pela amizade.

Afetuosamente, o

Ell Jr.

Após a morte de Dina Lisboa, dois grandes amigos angatubenses afirmaram:

A atriz Dina Lisboa foi uma criadora de beleza, pois teve:

– sensibilidade de percepção;

– originalidade criadora;

– conhecimento das teorias estéticas.

(Dr. Renato Carvalho Ribeiro, médico)

Angatuba teve sua expressão maior no teatro com o trabalho de Dina Lisboa, integrante do grupo que lhe deu maior dimensão à interpretação, revolucionando a arte cênica brasileira.

(Sr. Bruno Pucci, professor)

Os colegas de trabalho também prestam suas homenagens a Dina Lisboa:

Num dia qualquer de 1969... Faz tempo, muito tempo. Nunca me esqueci, parece que foi ontem.

Dina e eu tivemos uma amizade, um carinho muito especial...

Logo que comecei a trabalhar na TV Tupi, especificamente nas novelas do Geraldo Vietri – eu era assistente dele – isso me colocava em meio a muitos atores, entre eles a Dina.

Travamos, de imediato, uma relação explosiva, rápida, me encantei imediatamente por ela, pelo seu carisma, sua disposição, pelo cuidado e seriedade que se preparava para entrar nos estúdios e gravar suas cenas. Eu a observava muito, via uma grandeza em seus gestos, sua dicção perfeita, seu português correto, a sua elegância, seu andar, sem olhar, suas mãos que gesticulavam ao falar – imprimindo um tom especial e único em cada palavra... Sua fala era uma verdadeira melodia, sempre num tom envolvente, sereno e sofisticado. Dina era glamourosa, uma verdadeira dama!

Durante um dos intervalos das gravações, ela chegou até mim e perguntou se era eu que gostaria de cursar a EAD... Eu disse sim, sou eu. Bastou para ela me dar uma verdadeira aula, improvisada, sobre a escola do Dr. Mesquita: os cursos, as matérias estudadas, etc...

Quem comentou com Dina sobre mim foi a atriz Lúcia Mello, que também foi aluna da EAD... Assim começou uma dedicação da Dina para

comigo... Ela falou, falou e ao final, qual não foi a minha surpresa, ela se prontificou em me preparar para o vestibular da escola. Claro, a partir daí iniciou uma aproximação bem maior entre nós.

Todos os dias terminávamos as gravações por volta das 19 horas. O Mauro Gianfrancesco, também da Tupi, prestaria o mesmo vestibular, e ela, gentil como sempre, se propôs a preparar os dois... Dávamos carona para ela até a sua casa na Rua Rosa Silva e depois de nos servir algumas comidinhas, começávamos os estudos... Ela quase nos arrancava a alma de tanto puxar as nossas emoções, o entendimento das personagens, a compreensão do texto. Não foi fácil, o resultado foi incrível! Até hoje me lembro desses ensaios, do Teteriev da peça Os Pequenos Burgueses, de Máximo Gorki. Foi inesquecível!

Até hoje me pergunto: de onde ela tirou tanta verdade, tanta emoção, tanta força para me fazer interpretar a personagem que não era nada fácil, principalmente pela minha inexperiência, já que minha vivência era pequena, eu era apenas um jovem com muita vontade de estudar teatro. Foi um período muito importante na minha vida, um aprendizado sem fim, vivências e mais vivências...

Graças a Dina, muitos ensinamentos dela, até hoje, me servem como modelo.

Bem, o tempo que não perdoa, passou e passou, a quantas cenas inesquecíveis eu assisti da Dina ali, ao vivinho, na minha cara, era um banho de arte a cada cena... A Dina era exigente, ela lutava, se empenhava para o resultado final. Ela não queria apenas o bem, se entregava de corpo e alma e o resultado tinha que ser excelente, e era. Nunca se regravou uma cena dela por problema de interpretação.

Em 1971, ela juntou dois trabalhos, novela na TV Tupi e peça de teatro A Ratoeira*, de Agatha Christie... Que belo trabalho, exaustivo, mas com resultado excelente. Era preciso fibra para dar conta dos dois. Dina tinha. Íamos, nós dois, da Tupi para o Teatro Gazeta – de terça a domingo – para a apresentação do espetáculo. Eu a acompanhava sempre que podia. Eu ficava encantado com o ritual que presenciava. Ela chegava ao teatro sempre, uma hora ou uma hora e meia, antes do início da função. Arrumava seu camarim, dispunha, numa mesa, alguns objetos da personagem. Ficávamos conversando, enquanto ela, já se transformando, começava os preparativos para se vestir, se maquiar e tudo mais. Era uma verdadeira cerimônia!*

O espetáculo era sucesso. Estava muito bem cotado pelos críticos e pelo público. Os aplausos para a Dina eram maiores, dada a distinção do seu trabalho. Assim foi por um bom tempo. Estive muitas vezes presente nesse momento.

Um dia, um belo dia, eu lá estava junto, no teatro, ela em seu ritual costumeiro, preparando-se, sentada, diante do espelho rodeado de lâmpadas. Olhava para si própria, virava de um lado, de outro, e eu via em seu olhar algo muito esquisito... Aquele jeito como ela se mirava me indicava apenas um laboratório que estava exercitando. Já quase pronta, ela se levanta da cadeira, ainda diante do espelho, muito decidida e me diz: Ernesto, com este trabalho aqui, eu paro. Tão logo termine a temporada, pretendo não mais fazer teatro. Chega! A mesma coisa pretendo fazer com a TV. Chegou a hora de me retirar.

Jamais eu poderia entender aquilo, contestei muito e nos exaltamos no tom de voz. Eu argumentava: Mas Dina, você não pode fazer isso, você não tem o direito de fazer isso. Onde já se viu, você está no melhor momento da sua carreira, uma vida inteira, sua experiência, sua maturidade de atriz, uma carreira brilhante e de grandes trabalhos... Deixa disso, você está cansada, eu

sei, fazer televisão e enfrentar o palco à noite, é exaustivo sim, mas sua atitude é drástica demais.

Contestei, contestei muito, falei da importância dela no teatro, na televisão, dos colegas que a respeitavam e a queriam muito, mas foi tudo em vão. Ela resumiu numa única frase: Ernesto, estou decidida a parar com tudo. E este é o momento. Vou voltar para a minha gente, a minha terra, a minha Angatuba*. Até hoje, tenho na memória, o tom como foi dita essa frase.*

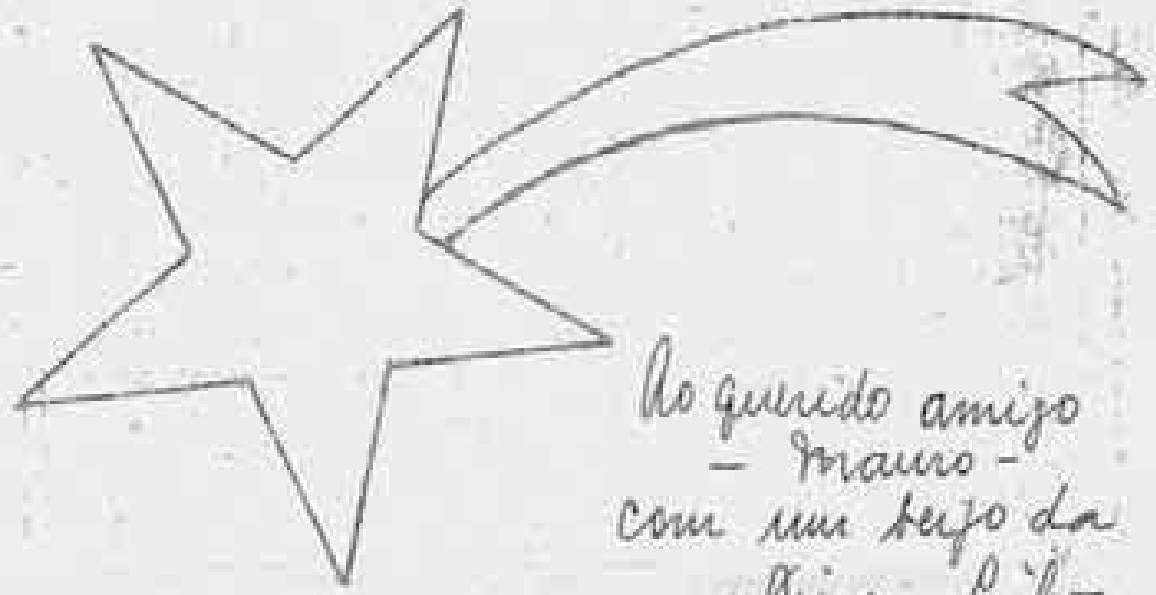
Ainda, firmemente, diante do espelho do camarim, eu sentado ao seu lado, tinha como certeza, uma despedida sem volta. A saída de cena, literalmente. Fiquei destroçado. O meu interior gritava, e sem entender, chorava em silêncio. Ela virou e apanhou o meu rosto com as duas mãos e disse: Meu querido Ernesto, você é muito jovem para entender isso. Lá na frente, bem lá na frente, você irá compreender que tudo na vida tem um começo, um meio e um fim.

Ela tinha razão. Hoje eu compreendo, diante dos meus 63 anos... Estou vivendo exatamente o que eu vi nessa atitude da grande Dina Lisboa.

Ernesto Hypólito, ator e diretor teatral

Houve um tempo que, na TV Tupi/SP, na década de 1960, onde eu trabalhava, no Tráfego, distribuíamos os scripts *de novelas para os atores e equipe. O movimento de vai-vem era grande. Os* scripts*, quentinhos, saídos do mimeógrafo, eram disputados. Uma voz me chamou a atenção...* ***Por favor, queira-me fornecer o 12 de Estrelas no Chão...*** *Levantei os olhos e me deparei com uma senhora de modo fino, aparência discreta, dicção perfeita, postura simpática e, principalmente, um jeito elegante de pronunciar as palavras, de forma clara, sobressaindo todos os* érres *e os* ésses*. O seu rosto não era estranho, mas não era nenhuma das atrizes que eu reconhecia... Entreguei o* script*, a lista para assinar e identifiquei: Dina Lisboa. Liguei os fatos, eu a tinha visto, em cena, no espetáculo* ***As Fúrias****, de Rafael Alberti, há um tempo atrás... Foi o Abujamra, o diretor, que mandou eu assistir e me deu o ingresso.*

Daí para frente não a perdi de vista... O próprio Abu, com quem eu tinha amizade, foi dirigir, um tempo depois, uma nova série de TV, ***O Estranho Mundo do Zé do Caixão****, com José Mojica Marins. Qual não foi a minha surpresa, no primeiro dia de gravação, ao entrar no estúdio A ela estava lá, vestida, maquilada, pronta para entrar em cena. Tentei me aproximar, mas não ousei.*



Ao querido amigo
— Mauro —
com um beijo da
Dina Silva

NATAL
79

Mauro querido.

Vai aí minha "obra de Natal". Espero que goste. Foi um sucesso! Realmente comovente! Eu também me enfiei num camisolão branco (a toga), para dar o exemplo, e cumprimos nossa missão. O encerramento foi divino! O local era o próprio presépio. Foi no paiol que serve de casa para uma família que nos recebeu com o maior amor do mundo. Chorei feito dilúvio. O povo, também, parece que gostou. A estrela ia à frente, e pousava na casa indicada. Só então nos aproximávamos. Vale a pena envelhecer para gozar desses privilégios. Deus que nos ajude sempre. Não deixa de ser uma espécie de teatro. Mas foi devoção, no duro. Queria que V. visse as crianças, na hora da oração. Que belezinha, se concentravam e repetiam com convicção. Umas até imitaram os meus x x x pra falar. Quando nos encontrarmos, lhe contarei melhor.

Se Você vir a Fernandinha, pergunte-lhe

se poderemos fazer já a declaração do imposto de renda, mesmo que seja entregue em março, assim não precisarei voltar aí naquele mês. Por favor, avise-me e em caso positivo, combine o dia com ele, assim decidirei o dia da minha ida por aí. Preciso cortar meu cabelo, assim aproveito resolver esse problema.

Lembranças ao Ernesto, Nassef, Vietri e Cia. Ltda. Aos seus um abraço e ótimo 1980.

A você, Deus lhe pague e o meu beijo.

Lina Lisboa

8/1/80

Rua Sergipe, 242

18240 - Angatuba - S.P.

0152 - 55 - 1284

Iria atrapalhar o ensaio, a movimentação das câmeras, da luz e de todo o cenário. Aguardei o ensaio iniciar e presenciei, atento, a concentração e a disponibilidade da atriz em despejar todos os arquétipos que havia composto para dar vida àquela sogra enjeitada. Por um tempo eu a admirei...

Nesta época, não era muito natural, para mim, travar amizade com atores. Eu os tinha como ídolos e queria, um dia, chegar lá...

Outras vezes nos cruzamos pelos corredores ou na entrega de scripts*. Sempre a mesma elegância, a mesma postura, a mesma gentileza...*

Na Tupi havia uma falta enorme de espaço, estúdios e equipamento. Por isso alguns programas e algumas novelas eram gravadas, ainda, pelas madrugadas... Perdi o contato com pequena parte do elenco e, por consequência, a Dina. Fiz amizade com a Patrícia Mayo e ela me ofereceu ingresso para a peça ***Lisístrata****, de Aristófanes, da qual participava. Fui e me deparei com a Dina em cena. Achei! Que satisfação a minha! Falei com a Patrícia no final do espetáculo, mas não tive coragem de ir até a Dina. Eu a idolatrei em cena. Ela estava toda carismática, representou como ninguém, e eu a admirei novamente, muito!*

Não tive dúvida, foi só encontrar, algum tempo depois, lá mesmo na Tupi, fui até ela. Falei que a tinha visto nos dois espetáculos e, tímido, diante do meu pouco conhecimento, teci alguns comentários. Ela ficou muito contente e daí em diante fomos nos cumprimentando, nos aproximando, conversando um pouco...

Mais tarde, já com outras tarefas específicas da teledramaturgia, estava eu mais familiarizado com as equipes de estúdio, permanecia mais tempo por lá e fazia mais amizades. Gravávamos a novela **Nino, o Italianinho***, de Geraldo Vietri. Foi aí que, com o Ernesto Hypólito, companheiro do Tráfego, tivemos o privilégio de desfrutar mais a companhia e os ensinamentos da Dina. Ela nos prepararia para o vestibular da EAD (Escola de Arte Dramática). Foi um* prato cheio*. Toda a admiração, o carinho que eu sentia por ela, iria aflorar. Como de hábito, ela em nada titubeou, arregaçou as mangas e nos colocou na luta. Mandou ler, pesquisar, observar muito... seu tom professoral veio à tona. Ela conseguiu tirar de nós o* leite de pedra *que estava embutido. Quanta emoção! A alegria dela era imensa por nos ver dentro da Escola.*

Evidentemente, isso nos aproximou muito. Constantemente saíamos juntos. Conversávamos

muito. Trocávamos idéias. Enfim, nossa amizade prosperou. Ela sempre generosa. Eu a enxergava como minha mestra, sabia tudo, era muito emotiva, contava histórias – com pormenores – como ninguém... e estudava, estudava sempre, lia e relia os seus adoráveis manuscritos, as obras queridas, os documentos, todo o seu acervo, que não era pequeno. E escrevia, escrevia bastante. Procurava sempre sanar as minhas dúvidas existenciais, de ofício, e sempre encontrava a maneira especial, carinhosa, de bom tato, para se fazer entender, sem entrar, demasiadamente, no mérito da questão.

Espirituosa, vivia de bem com o seu mundo. Adorava a natureza, suas plantas, se entregava de corpo e alma aos seus queridos. Sempre tinha uma palavra, um alento para com tudo e com todos. Amava conversar com suas flores, amava a lua, o sol, as estrelas... vibrava intensamente, vibrava em sintonia com o Universo. Um ser nada comum. Era especial. Personalíssima.

Em nossos passeios, assuntos não faltavam. Contemplávamos e analisávamos o belo, em conteúdo e forma. Viajávamos para o seu sítio em Angatuba e íamos tagarelando o tempo todo. Às vezes, nem tudo eram flores. Curtíamos um problema aqui, outro ali, mas não nos entregávamos, sempre havia esperança e

solução. Era só chegar no sítio, ao ver as ruas de flores lindas, viçosas, espalhadas por todo lado, ela se transformava, era como que, invadida pela emoção, a vida a tivesse presenteado da mais tênue e sincera homenagem. O cheiro, o perfume, a embriagava, e ela, ficava em estado de total lirismo. Não havia palavras. Era puro sentimento.

Quanta coisa aprendi com a Dina Lisboa!

Outras vezes ríamos e nos emocionávamos até as tampas, para valer, quando, não raro, ela contava seus sonhos com o poeta amado. Ah, o poeta... Ela o queria tanto! Outros momentos agradáveis eram no Supermercado... geralmente íamos no Eldorado da Av. Rebouças... ela fazia questão do azeite Bertolli*, e, quando, aos sábados, numa Cantina na Alameda Barros, perto da sua casa, para um almoço... eu aproveitava, e levava para ela, os* scripts quentinhos *que tinham acabado de sair... Saudade... Lembro-me da Pizzaria Speranza... Ela pedia, sempre, para o garçom:* **O senhor não esqueça de colocar umas azeitoninhas por cima...** *fazendo o gesto com as mãos como se espalhando as azeitonas em cima do círculo que seria a pizza.*

Gestos simples, delicados, sempre solícita com todos. De vez em quando alguém a reconhecia

e ela, feliz com a pessoa, tratava-a com esmero e simpatia. Como era de seu feitio, bastante gentil.

Eu a acompanhei, algumas vezes, até a casa da amiga Floramy Pinheiro que estava doente. A casa ficava na Av. Lins de Vasconcellos, na Vila Mariana. Solidária, a Dina não esquecia dos seus verdadeiros amigos. Preocupava-se com eles e se fazia presente em atos de doação permanente.

Eu a vi, de certa maneira – em meio a conversas comigo, construir a sua personagem em **A Ratoeira** *de Agatha Christie. O Egídio Éccio deu a linha que queria imprimir ao espetáculo e, antes dos ensaios, ela foi, devagar, como se andasse pelas veredas, pesquisar, vasculhar e, puxar, puxar de lá do fundinho, o detalhe, a forma que poderia enriquecer a composição do seu trabalho. Ela era assim, minuciosa, construtora dos desejos, das emoções, da ação. Que pena, foi o seu último trabalho em teatro!*

Durante o Sesquicentenário da Independência (1972), participei, como ator, do espetáculo **Independência ou Morte**, *de Abílio Pereira de Almeida, dirigido por Fredi Kleemann, contemporâneos da Dina no TBC... Ela assistiu, me parabenizou, e disse para o Fredi que eu era seu pupilo. Isso me agradou profundamente e*

me deixou muito feliz. Neste mesmo ano, Dina participou de um evento no Monumento do Ipiranga, numa gravação, na leitura de um texto. Fui acompanhá-la e, emocionado, me derreti em lágrimas o tempo todo. Nossa amizade não era por acaso, tínhamos grande afinidade.

O cachê, por esse trabalho, foi pago numa das secretarias de Estado, na Av. Paulista, num andar alto do prédio. Fui seu procurador e recebi. Dina tinha pavor da altura e de lugares fechados como o elevador. Muitas vezes isso a incomodava. Não podia visitar todos os amigos que queria, pois a maioria, residia em prédios.

O apartamento que ela morava na Rua Rosa e Silva, na cidade de São Paulo, era no térreo. Aconchegante e muito bem decorado. Lá, passamos bons momentos. Inesquecíveis.

Já de volta para Angatuba, anos depois, morando em sua casa pré-fabricada, o Ernesto, eu e o amigo Nasser, fomos visitá-la. Ela não deixou por menos, nos surpreendeu a todos pela maneira que dispôs os cômodos, de forma que tivesse varanda em volta e, muitas, muitas flores espalhadas pelos jardins, delineados e muito bem arrumados por ela própria. A casa está lá, super bem cuidada pelos familiares. Havia um quarto reservado para nós, e, como disse, era

preocupada com todos. Fazia questão de nos oferecer o melhor, e, com o carinho costumeiro, ela mesma preparava o jantar. Uma delícia! Dizia-se uma cozinheira de mão-cheia *e, de fato, era. Gostávamos muito do que ela nos oferecia. Agradecidos por tamanha recepção.*

Dina amava Angatuba. A emoção, a eloqüência que ela descreve nesta carta e no roteiro desta magnífica festa de natal (de 1979), elaborados por ela, (guardo-os com muito afeto em minha casa), fica claro o quanto ela amava as pessoas, a cidade de Angatuba, a família e os seus amigos, sempre reverenciando o nome do Criador.

Mauro Gianfrancesco, ator

A primeira vez que trabalhei com Dina foi na peça **As Feiticeiras de Salem**, *de Arthur Miller, dirigida por Antunes Filho, em 1961, no Teatro Maria Della Costa. Foi também durante esta peça que conheci meu esposo, Chico Martins, com quem tive uma vida maravilhosa, cheia de amor e carinho por 41 anos. Ficamos amigas de cara, pois Dina, além de ser uma atriz excelente, era também um ser humano muito especial.*

Ela era muito engraçada, muito carismática e com muitas manias. Uma delas era colocar num

jardinzinho que tinha no seu pequeno apartamento da Rua Rosa e Silva, flores plásticas que ela costumava aguar. Depois, quando ela desistiu da carreira, por motivos financeiros – ofereciam pouco cachet *nos trabalhos que ela fazia – ela construiu a linda casinha pré-fabricada, em Angatuba. Aí sim, ela pode plantar montes e montes de flores verdadeiras... o jardim era deslumbrante quando cheio de flores.*

Certa vez fomos passar, Chico e eu, um fim de semana na casa dela e lá pelas 11 horas da noite, ela nos disse: **Olha vou aguar minhas plantas no jardim, e demoro uns 45 minutos... vocês estejam à vontade, viu!** *Chico e eu quase morremos de rir com a indireta dela! Essa era, a nossa Dina.*

Uma vez o Ziembinski, que estava meio surdo, me telefonou do Rio que queria falar com a Dina. É claro que eu não disse que ela não queria mais trabalhar na Globo, pois a maior vingança dela era ser convidada, para poder dizer: **NÃO!**

Etty Fraser, atriz

Era o ano de 1954, A colônia italiana queria oferecer um espetáculo ao público paulista em homenagem ao Quarto Centenário da fundação da cidade.

Ruggero Jacobbi, o diretor, escolheu **A Filha de Iorio** *de Gabriele DAnnunzio, texto que exigia uma grande montagem com muitos atores. Cacilda Becker, Sérgio Cardoso, eu, Leonardo Vilar, Carlos Zara, Wanda Kosmo, mais uma dúzia de atores e quase 20 figurantes, além do Coral Paulistano em peso.*

Na hora de escolher a atriz para o papel da mãe, as opiniões foram unânimes: ***Dina Lisboa****.*

Ninguém mais teria aquela presença em cena – mistura de autoridade de matriarca com coração materno – que Dina sabia tão bem dosar.

Ela tinha o culto da autenticidade. Lembro bem que na estreia, não quis utilizar o pão de papier-maché*, especialmente confeccionado nas oficinas do Teatro Municipal para a cena da benção ao filho. Chegou carregando uma bisnaga enorme, comprada na padaria da esquina, que esmigalhou na cabeça do Sérgio – ajoelhado a seus pés – enchendo-lhe os cabelos de migalhas e pedacinhos da crosta que entravam pelo colarinho da camisa aberta no peito.*

No mesmo ano estreamos a Cia. Nydia Licia – Sergio Cardoso, no extinto Teatro Leopoldo Fróes, em Higienópolis. A peça a que me refiro é **Sinhá Moça Chorou***, de Ernani Fornari.*

Dina foi a primeira atriz em quem pensamos. Convidada para viver o papel da velha avó gaúcha durante a Guerra dos Farrapos defendeu com garra e talento mais uma matriarca em suas interpretações.

Daí em diante sua carreira deslanchou. Com merecido sucesso tanto em teatro como na televisão, respeitada e admirada por colegas e público.

Nydia Lícia, atriz, diretora e produtora teatral

Como eu também fazia teatro, poucas vezes a vi no palco, mas me lembro de **Os Ossos do Barão** *e* **Vereda da Salvação** *no TBC.*

Presença forte, voz marcante, talento indiscutível. Mesmo não sendo protagonista, sempre se destacava.

Depois tive o privilégio de, com ela, dividir o palco em **Lisístrata***, no Teatro Ruth Escobar. Porém pediu substituição e veio Lélia Abramo, outro ícone! Maior, contudo, foi minha alegria, quando fomos escaladas, na extinta TV Tupi, para a novela* **Nino, o Italianinho***, de Geraldo Vietri, nos papéis de mãe e filha. Uma novela a longo prazo, uma convivência super agradável. Foi quando a conheci em suas várias fases.*

Quase sempre alegre, brincalhona e, claro, muito disciplinada. A princípio, por educação e postura, temia o Vietri com suas eventuais crises de gritaria. Aos poucos foi relaxando e, como a maioria de nós, não levando isso a ferro e fogo, tornaram-se grandes amigos.

Como não respeitar, admirar e querer bem a Dina Lisboa? Entre uma cena e outra conversávamos muito, e trocamos, até, algumas confidências. Depois vieram outros trabalhos. A última vez em que contracenamos foi em **Meu Rico Português***. Fui para o Rio de Janeiro fazer alguns trabalhos por lá e, quando retornei, soube que ela havia se retirado para Angatuba, se desligado completamente de qualquer atividade artística em São Paulo, infelizmente magoada. Não a vi mais. Ficou a lembrança de ter tido a minha vida artística enriquecida pelo imenso prazer de conviver com uma grande atriz, exemplo de talento, dignidade e honestidade, não só na área artística, mas, principalmente, na vida. Uma mestra!*

Resta a saudade e a doce lembrança de quem brilhou nos nossos palcos.

Hoje, com certeza, é uma estrela a brilhar em outro firmamento!

Elisabeth Hartmann, atriz

É madrugada, estou em casa, o telefone toca: Ernesto, Ernesto, você nem imagina... olhando não posso acreditar, é simplesmente obra divina, inacreditável! Angatuba e eu estamos embriagados de tanto perfume... Ernesto, querido, corra para cá, mas vem correndo, o tempo de duração é curto, venha já, correndo!

Eu, atônito, tentei em vão, desesperadamente, entender o que estava acontecendo... As palavras ditas, não me davam noção do que, de fato, ocorria. Claro que também entrei em transe! Dina, Dina, por que este desespero?... Você está bem? Por mais que eu insistisse, falando alto também, ela não parava de pronunciar as mesmas palavras... Venha, venha correndo, estou em êxtase, estamos embriagados de tanto perfume! *Não tive alternativa senão subir o meu tom de voz novamente...* Dina, pelo amor de Deus, o que está acontecendo aí?... Ernesto, Ernesto, meu vaso de damas da noite está florido, que lindas, elas estão completamente abertas, brancas, puras, cada uma, imagine você, com mais de trinta centímetros de diâmetro... Nem penso em dormir, como são belas, vou ficar me deliciando com as minhas damas da noite... *Por mais que eu insistisse chamando por seu nome, ela não me respondia... Claro que fui entendendo... A beleza e o forte perfume das flores a tinham*

embriagado mesmo... Mais calmo, fui tentando explicar para ela que eu também, por aqui, participei de tamanha emoção... Passei a sentir o mesmo fortíssimo perfume e enxerguei, embriagado também, a pureza daquelas lindas flores... A sensibilidade, a emoção e a felicidade tinham que ser divididas com alguém... Felizmente esse alguém fui eu... Privilégio puro...

Ela continuou me contando algumas coisas mais de suas flores, de seu jardim... Agora já mais tranquila... Olha, Ernesto meu querido, você e o Mauro precisam vir logo para cá... Faço questão absoluta que vocês vejam as margaridas da minha terra... São brancas, brancas, enormes, só aqui temos margaridas tão brancas e tão grandes... Lindas! Lindas! Vou até colher algumas e colocar num vaso que enfeitará o nosso almoço! Venham logo, estou esperando! Um beijo, durma bem e boa noite...

Duas semanas depois fomos visitá-la... Dina tinha razão, o vaso das damas da noite era lindo, mesmo sem as flores e as margaridas deslumbrantemente grandes e alvas... O prometido vaso estava lá, com outras flores, é claro, enfeitando a mesa muito bem posta... Eu enxerguei no vaso aquelas mesmas flores daquela noite, senti o forte perfume, e novamente fiquei emocionado...

Saboreamos um maravilhoso espaguete com sardinhas portuguesas...

Assim era a nossa saudosa Dina!

Ernesto Hypólito, ator e diretor teatral

Conheci Dina Lisboa na Escola de Arte Dramática. Eu acabara de me formar e ela estava entrando na EAD. Me chamou a atenção porque ela era mais velha que todos nós. Eu achei ótimo porque, pensei, agora teríamos atrizes para fazer as mães, sempre personagens que eram feitos por mocinhas cobertas de maquilagem; Dina tinha um tipo de voz muito especial, forte, mas com um timbre metálico característico; seu temperamento também era especial: tinha humor para provocar os mais jovens, tinha humor para encerrar uma gozação, tinha humor para ficar em silêncio quando convinha. Eu acredito que desde que nos conhecemos, nos demos bem. Cheguei a merecer convites para jantares em sua casa, no bairro de Santa Cecilia, onde conversamos muito, e o assunto era sempre o mesmo, a nossa paixão comum: o teatro; entre umas estranhas plantas artificiais que ela cultivava falamos muito sobre nossos amigos comuns e sobre a Escola; sua grande paixão era o Alfredo Mesquita, o diretor e fundador da EAD; comentávamos, entre um gole

e outro de vinho, as fraquezas e as fortalezas do mestre. O Alfredo, com seu jeitão, despertava paixão em muitas alunas naquele tempo. É claro que nos divertíamos com a acidez normal dos comentários, mas, no final, o caldo que restava era sempre o de um respeito e de um reconhecimento pelo que ele nos proporcionara, aos dois.

Depois, ela seguiu uma carreira brilhante que eu acompanhei sempre atento e curioso; fizemos alguns trabalhos juntos, conversamos sobre muitas peças e personagens, e agora, depois de tantos anos, minha memória é capaz de me trair se eu tentar puxar demais. Creio que me lembro, sem muito esforço, de dois grandes trabalhos que compartilhamos: na peça **A margem da vida**, *de Tennessee Wiliams, sua* Amanda *foi inesquecível. Uma criação densa, profunda, intensa e dolorosa como raramente se via no teatro brasileiro. Mas, em 1961, 1962, eu encenei no Arena, uma versão de um Brecht,* ***Os fuzis da senhora Carrar****, que eu encenara no Rio, com a Tereza Raquel, no ano anterior; procurei a Dina para a personagem; ela se entusiasmou desde logo e o seu trabalho foi primoroso; contracenando com Lima Duarte e Paulo José ela me entusiasmou. Comparei o seu desempenho com o de grandes atrizes européias que eu assistira naquele tempo em Paris e Milão; fizemos a montagem muito rapidamente e o sucesso foi empolgante. Um dos trabalhos*

mais gratificantes de que participei; esse não se apagará da minha memória tão facilmente. A expressão da obsessão da personagem era forte e profunda. Raramente foi alcançada uma identificação tão emocionante entre atriz e personagem. Hoje, pensando nisso, me pergunto: Será que eu ainda não conhecia a Dina, em 1957, quando procurei uma atriz mais velha pra fazer a Romana de **Eles não usam Black-tie***? Naquele momento, eu tive a sorte de encontrar a Lélia Abramo, que foi ótima e perfeita! Mas a Lélia tinha sotaque!... Não, decididamente, naquele momento eu ainda não conhecia a Dina.*

Enfim, Dina Lisboa continua viva e vibrante na minha memória; não a atriz brilhante em que ela se transformou, em várias aparições no TBC e nas novelas, mas aquela mulher irônica, inteligente, algumas vezes debochada, desbocada, outras vezes provocadora, agressiva, e outras vezes, profundamente terna, amiga e compreensiva. Que ouvia e falava. Falava e ouvia.

José Renato, diretor teatral

Dina Lisboa

Agradecimentos

Sou especialmente grata ao Ernesto Hypólito e Mauro Gianfrancesco, pelo envolvimento e empenho a fim de reabilitar a memória da atriz Dina Lisboa, acreditando que uma publicação lhe garantirá ter sua atuação partilhada pelas pessoas que não a conheceram e estas possam atribuir-lhe o justo reconhecimento. Por isso, foi fundamental o papel de Ernesto Hypólito em me aproximar daqueles que poderiam viabilizar o alcance sócio-histórico cultural que o presente livro encerra.

Conjugando-se a essa contribuição, agradeço ao crítico de cinema Rubens Ewald Filho pela oportunidade e credibilidade a mim depositada para que esta obra pudesse ser concretizada, apesar dos difíceis desafios enfrentados para a execução dessa tarefa.

Devoto sincera gratidão ao Centro de Memória – CMU/Unicamp, na pessoa da professora Dra. Olga Rodrigues de Moraes Von Simson, em cujo período que esteve como coordenadora dessa instituição, acolheu parte do acervo da produção artística da atriz Dina Lisboa, valorizando o seu conhecimento e contribuindo para a sua divulgação.

A autora

Maria Aparecida Morais Lisboa

Índice

No Passado Está a História do Futuro – Alberto Goldman 5

Coleção Aplauso – Hubert Alquéres 7

Prefácio – Antônio Abujamra 13

Introdução 17

Começo de uma História, num Mundo Cheio de Artes 21

Na Partilha dos Sentimentos, a Acuidade das Mestras Amigas 49

A Escola de Arte Dramática de São Paulo – EAD: o Canteiro está Preparado, Esperando a Germinação 73

Teatro Brasileiro de Comédia – TBC: A minha Casa 137

Pequeno Teatro de Comédia no Teatro Maria Della Costa 197

Cia. Brasileira de Comédia 209

Teatro de Arena: DINA: a Força do Talento em Os Fuzis da Senhora Carrar 213

Cia. Ruth Escobar: um Elenco de Primeira Grandeza 225

Cia. Maria Della Costa: Um Ninho Acolhedor dos Novos Atores 235

Grupo Teatral de Comédia – GTC: um Trabalho com Sucesso em A Ratoeira 241

Cia. Nydia Lícia – Sérgio Cardoso: a Homenagem pelo IV Centenário da Cidade de São Paulo 245

A Televisão e os Trabalhos de Dina Lisboa em suas Novelas 257

O Cinema: Como Arte, Como Indústria e Como Divertimento 273

Primeiro Festival Paulista de Teatro Infantil: um Sonho a ser Realizado 283

Gran Finale! Apagou-se a Ribalta 299

O que dizem sobre a atriz Dina Lisboa 313

Agradecimentos 348

Crédito das Fotografias

Alexandre Milani 22, 23, 24, 26

D. Raos 130

Freddy Kleeman 140, 144

Foto de cena 157

As demais fotografias pertencem ao acervo da família de Dina Lisboa.

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores.
Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa à autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que sejam devidamente creditados.

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma
Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista
Máximo Barro

Alfredo Sternheim – Um Insólito Destino
Alfredo Sternheim

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias
Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro
Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma
Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História
Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha
Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue
Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados
Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma Vida
Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega
Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes
Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro
Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver
Marcelo Lyra

A Cartomante
Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas
Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves
Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely
Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade
Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens
Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor
Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias
Roteiro de Luiz Villaça, Mariana Veríssimo, Maurício Arruda e José Roberto Torero

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade
Luiz Antonio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade
Org. Luiz Carlos Merten

Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção: Os Anos do São Paulo Shimbun
Org. Alessandro Gamo

Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão – Analisando Cinema: Críticas de LG
Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Ruben Biáfora – A Coragem de Ser
Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem
Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo
Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador
Marcel Nadale

Dogma Feijoada: O Cinema Negro Brasileiro
Jeferson De

Dois Córregos
Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História
Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos
Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago
Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Feliz Natal
Roteiro de Selton Mello e Marcelo Vindicatto

Fernando Meirelles – Biografia Prematura
Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha
Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil
Luiz Zanin Oricchio

Francisco Ramalho Jr. – Éramos Apenas Paulistas
Celso Sabadin

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior
Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo
Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas
Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco
Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir
Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias
Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera
Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina
Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada
Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção
Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema
Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica
Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme
Sheila Schvarzman

Máximo Barro – Talento e Altruísmo
Alfredo Sternheim

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra
Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso
Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski
e Eugênio Puppo

Narradores de Javé
Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Olhos Azuis
Argumento de José Joffily e Jorge Duran
Roteiro de Jorge Duran e Melanie Dimantas

Onde Andará Dulce Veiga
Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha
Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela
Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo
Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar
Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente
Neusa Barbosa

Salve Geral
Roteiro de Sergio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade
Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto
Rosane Pavam

Viva-Voz
Roteiro de Márcio Alemão

Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto
Carlos Alberto Mattos

Vlado – 30 Anos Depois
Roteiro de João Batista de Andrade

Zuzu Angel
Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema
Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?
Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual
Luiz Gonzaga Assis De Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças
Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal
Sérgio Rodrigo Reis

Série Música

Maestro Diogo Pacheco – Um Maestro para Todos
Alfredo Sternheim

Rogério Duprat – Ecletismo Musical
Máximo Barro

Sérgio Ricardo – Canto Vadio
Eliana Pace

Wagner Tiso – Som, Imagem, Ação
Beatriz Coelho Silva

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim
Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia
Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral
Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Oficio
Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão
Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico Garcia Lorca – Pequeno Poema Infinito
Antonio Gilberto e José Mauro Brant

Ilo Krugli – Poesia Rasgada
Ieda de Abreu

João Bethencourt – O Locatário da Comédia
Rodrigo Murat

José Renato – Energia Eterna
Hersch Basbaum

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher
Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílaba
Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo
Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem
Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC
Nydia Licia

O Teatro de Abílio Pereira de Almeida
Abílio Pereira de Almeida

O Teatro de Aimar Labaki
Aimar Labaki

O Teatro de Alberto Guzik
Alberto Guzik

O Teatro de Antonio Rocco
Antonio Rocco

O Teatro de Cordel de Chico de Assis
Chico de Assis

O Teatro de Emílio Boechat
Emílio Boechat

O Teatro de Germano Pereira – Reescrevendo Clássicos
Germano Pereira

O Teatro de José Saffioti Filho
José Saffioti Filho

O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso – Pólvora e Poesia
Alcides Nogueira

O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um teatro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro
Ivam Cabral

O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma
Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar
Neyde Veneziano

O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista – O Fingidor – A Terra Prometida
Samir Yazbek

O Teatro de Sérgio Roveri
Sérgio Roveri

Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas em Cena
Ariane Porto

Série Perfil

Analy Alvarez – De Corpo e Alma
Nicolau Radamés Creti

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo
Tania Carvalho

Arllete Montenegro – Fé, Amor e Emoção
Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros
Rogério Menezes

Berta Zemel – A Alma das Pedras
Rodrigo Antunes Corrêa

Bete Mendes – O Cão e a Rosa
Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza
Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural
Carlos Alberto Mattos

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício
Tania Carvalho

Celso Nunes – Sem Amarras
Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta
Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão
Alfredo Sternheim

Débora Duarte – Filha da Televisão
Laura Malin

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua
Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas
Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida
Maria Leticia

Emilio Di Biasi – O Tempo e a Vida de um Aprendiz
Erika Riedel

Etty Fraser – Virada Pra Lua
Vilmar Ledesma

Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte: Memória e Poética
Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério
Neusa Barbosa

Fernando Peixoto – Em Cena Aberta
Marília Balbi

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira
Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar
Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema
Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela
Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções
Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia
Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada
Luis Sergio Lima e Silva

Isolda Cresta – Zozô Vulcão
Luis Sérgio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão
Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida
Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão
Nilu Lebert

Jorge Loredo – O Perigote do Brasil
Cláudio Fragata

José Dumont – Do Cordel às Telas
Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão
Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrindo Lília Cabral
Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso
Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa
Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado
Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária
Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério
Luiz Carlos Lisboa

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição
Renato Sérgio

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão
Vilmar Ledesma

Naum Alves de Souza: Imagem, Cena, Palavra
Alberto Guzik

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família
Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real
Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras
Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador
Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas
Tania Carvalho

Paulo Hesse – A Vida Fez de Mim um Livro e Eu Não Sei Ler
Eliana Pace

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado
Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado
Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto
Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir
Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista
Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole
Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil
Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia
Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro
Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra
Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema
Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes
Nilu Lebert

Silnei Siqueira – A Palavra em Cena
Ieda de Abreu

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte
Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco
Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro
Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodriguiana?
Maria Thereza Vargas

Stênio Garcia – Força da Natureza
Wagner Assis

Suely Franco – A Alegria de Representar
Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra
Sérgio Roveri

Theresa Amayo – Ficção e Realidade
Theresa Amayo

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza
Tania Carvalho

Umberto Magnani – Um Rio de Memórias
Adélia Nicolete

Vera Holtz – O Gosto da Vera
Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento
Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios
Rogério Menezes

Walter George Durst – Doce Guerreiro
Nilu Lebert

Zezé Motta – Muito Prazer
Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso
Wagner de Assis

Av. Paulista, 900 – a História da TV Gazeta
Elmo Francfort

Beatriz Segall – Além das Aparências
Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos
Tania Carvalho

Célia Helena – Uma Atriz Visceral
Nydia Licia

Charles Möeller e Claudio Botelho – Os Reis dos Musicais
Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores
Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira
Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida
Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida
Edla van Steen

Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do Maior Sucesso da Televisão Brasileira
Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood
Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida
Warde Marx

Mazzaropi – Uma Antologia de Risos
Paulo Duarte

Ney Latorraca – Uma Celebração
Tania Carvalho

Odorico Paraguaçu: O Bem-amado de Dias Gomes – História de um Personagem Larapista e Maquiavelento
José Dias

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor
Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História
Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte
Nydia Licia

Tônia Carrero – Movida pela Paixão
Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor
Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces
Tania Carvalho

Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem Indignado
Djalma Limongi Batista

© imprensaoficial 2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Lisboa, Maria Aparecida
Dina Lisboa: moldando emoções ... A vida me fez assim ... atriz, mulher de teatro / Maria aparecida Lisboa – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.
372p. : il. – (Coleção aplauso. Série perfil / Coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 978-85-7060-957-1

1. Atores e atrizes cinema – Brasil - Biografia 2. Atores e atrizes de teatro – Brasil - biografia 3. Atores e atrizes de televisão – Brasil - Biografia 4. Lisboa, dina, 1912-1987 I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Série.

CDD 791.092

Índice para catálogo sistemático:
1. Atores e atrizes brasileiros : Biografia : Representações públicas : Artes 791.092

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização prévia do autor ou dos editores
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2010

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
SAC 0800 01234 01
sac@imprensaoficial.com.br

Coleção Aplauso Série Perfil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Claudio Erlichman
Assistente	Charles Bandeira
Editoração	Fátima Consales
	Sandra Regina Brazão
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Jose Vieira de Aquino

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m^2

Papel capa: Triplex 250 g/m^2

Número de páginas: 372

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

imprensaoficial

Uma das propostas da **Coleção Aplauso** da **Imprensa Oficial do Estado de São Paulo** é resgatar figuras importantes da nossa história cultural e que estão um pouco esquecidas. É o caso da atriz **Dina Lisboa** (1912-87), que teve uma notável carreira no teatro, na televisão e no cinema. Um resgate que parte de seus amigos e parentes na cidadezinha do interior de São Paulo, Angatuba, onde ela nasceu e morreu.

Dina foi aluna de uma das primeiras turmas da Escola de Arte Dramática de São Paulo e integrou o elenco do lendário TBC, Teatro Brasileiro de Comédia.

No cinema, estreou em 1951, com *Suzana e o Presidente*, seguido por *Presença de Anita*. Trabalhou na Vera Cruz em *Appassionata* e *Esquina da Ilusão*. Esteve com frequência nos filmes de Mazzaropi (*Betão Ronca Ferro*, *Portugal Minha Saudade*), Fernando de Barros (*A Arte de Amar Bem*), Christensen (*Meus Amores no Rio*). Na televisão era uma das atrizes preferidas de Geraldo Vietri com quem fez *Vitoria Bonelli*, *A Fabrica*, *Nino o Italianinho*, *Meu Rico Português* e o filme *Que Estranha Forma de amar*.

ISBN 978-85-7060-957-1

9 788570 609571